

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,**  
**EXTENSÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Márcio José Andrade da Silva**

**NARRATIVAS, CRIAÇÃO, LUTA E RESISTÊNCIA:**  
**A presença da pedagogia freireana nos cotidianos escolares**

**Sorocaba/SP**

**2020**

**Márcio José Andrade da Silva**

**NARRATIVAS, CRIAÇÃO, LUTA E RESISTÊNCIA:  
A presença da pedagogia freireana nos cotidianos escolares**

**v. 1**

Tese apresentada para Exame de Defesa à Banca de Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota

**Sorocaba/SP**

**2020**

### Ficha Catalográfica

S581n Silva, Márcio José Andrade da  
Narrativas, criação, luta e resistência : a presença da pedagogia freireana nos cotidianos escolares / Márcio José Andrade da Silva. -- 2020.  
2 v. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota  
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

1. Educação – Filosofia. 2. Prática de ensino. 3. Freire, Paulo, 1921-1997.  
I. Reigota, Marcos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

**Folha de aprovação**

**Márcio José Andrade da Silva**

**NARRATIVAS, CRIAÇÃO, LUTA E RESISTÊNCIA:**

**A presença da pedagogia freireana nos cotidianos escolares**

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba.

Aprovado em 10 / 02 / 2020.

---

**Pres: Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota**  
**Universidade de Sorocaba – Uniso**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alda Regina Tognini Romaguera**  
**Universidade de Sorocaba – Uniso**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Aparecida de Oliveira**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliete Jussara Nogueira**  
**Universidade de Sorocaba – Uniso**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Gianolla Miranda**  
**Universidade de Sorocaba – Uniso**

## DEDICATÓRIA

Esta tese é dedicada a pessoas importante para sua existência.

Aos meus pais, Derossy Araújo da Silva e Maria Lúcia Andrade da Silva, pela minha existência e por não mediram esforços para que meus estudos sempre avançassem, me incentivando nas sendas escolhidas. Esta tese é uma pequena mostra deste empenho.

Esta tese também é dedicada àquele a quem tive o prazer de conhecer quando em busca de um caminho acadêmico para continuar minha formação, meu orientador Professor Doutor. Marcos Reigota, a ele é dedicado todo o meu esforço para que este trabalho viesse à luz, pois, há muito mais para além da tese, há uma vida pulsante, que, sem as percepções por ele lançadas, não me perceberia como um sujeito de minha história. Sou grato pelo apoio em momentos críticos e pela compreensão.

Ao Paulo e Nita Freire, pela amorosidade e pelos ensinamentos em nossos (des)encontros.

Ao professor Lúcio Packter, cujo trabalho ao construir uma nova proposta de olhar para o outro, possibilitou meu transitar diferenciado pela vida.

## AGRADECIMENTO

A todos que durante a construção de minha história me tornaram o que sou, e em especial: aos meus avós paternos Raymundo Araújo da Silva e Maria Araújo da Silva; avós maternos Armando Limeira de Andrade e Emília Del Castilo Andrade; meus tios e tias Maria Emília, Asdrúbal, Paulo Armando, Ana Bárbara, Vitória Régia e Moema; meus primos e primas, aos meus irmãos Augusto César, Fábio Vinícius, Débora Lúcia, Glauber Júlio; meus sobrinhos Rafaela, Pedro Augusto, Ayara, Ayane, Gabriel e quem mais vier.

A uma nova família que se tornou parte da minha e eu parte dela, Bárbara Cristina Martins, Dinorá Aparecida Martins e Francisco Teixeira Martins Júnior.

Registro também meu agradecimento às pessoas que contribuíram, de uma forma ou outra, ao meu crescimento como ser humano: Simone Cabrera Walker; Claudia Aparecida Domingos, Renata Domingos Volpato e Zildo Gallo; Bira Dantas; Osny e Marlene; Suze Elias; Elias Elliot; Wilson Fonseca; Aton Fon Filho; Helena Margaret Novo, Maira e Érico; Olga Cristina Hack, Ana, Aline, Nathalia e Marina; Henrique Packter; Bruno Packter; Pedro de Freitas Júnior e Tainara Oliveira; Ivo José Triches; Antônio Vidal; José Gabriel de Oliveira Lima, Maria de Fátima, Clara e Tales; Benedito Cirino; Mila Lopes; Santinha Lopes; Gilberto Sendtko; Adilson Zardo; Zélia Oliveira; Francesco Ianitti; Titan de Lima, Mário Camargo, Genésio Mesquita; Jerry de Oliveira e os colegas da Rádio Comunitária Noroeste FM; João Savedra, Edson Rosseto Rios, pela partilha no transitar pela vida.

Sou grato aos professores de minha graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em especial aos professores Gabriel Lomba Santiago; Vera Irma Furlan, minha primeira orientadora; Paulo de Tarso Gomes; Antônio Martinazzo; Ruy Machado, Tarcísio Moura; Régis de Moraes e Padre Álvaro Ambiel.

Aos amigos do curso de filosofia, em especial ao Eduardo Leite e Marcelo Previatelli, companheiros de aventuras, Luciana Aggio e Eliana Lisboa pela amizade.

Aos amigos do DCE da PUCC, das gestões *Vai Ser Diferente* (1991/1992), *Agora Só Falta Você* (1992/1993) e *Precisa Perder o Medo* (1993/1994), em especial ao Arilson Favareto, Cláudia Ribeiro, Dario DJ Carvalho, Jonas Tolocka, Anfrisio Neto, Jayça Santana, Samantha Moreira, Dito, Tatá, Luis Fernando “Bixo” Aggio, um agradecimento especial à Roberta Santana, responsável por grande parte das imagens desse período.

Ao professor Dr. Luiz Alberto Cerqueira, meu orientador no mestrado, pela amizade e ao auxiliar-me no descobrir a filosofia brasileira.

Um agradecimento fraterno à Marta Claus Magalhães, Claudio Fernandes, Glaucia Tittanegro, Paulo Grandisioli e Izabel Pereira.

Às professoras e amigas que participaram comigo no PIBID/Aníbal/PUCC, Leila Graziela e Leyla Gratão e ao Coordenador de Filosofia no PIBID/PUCC professor e amigo Sergio Farzanaro. Um agradecimento especial a turma de estudantes, da PUCC e da Escola Aníbal de Freitas, que participaram do projeto e me mostraram outras formas de interação e aprendizagem.

A todas as alunas e alunos que participaram dos projetos: *Como vejo o mundo*, *Visitando o mundo do outro* e *Olho d'água*, um agradecimento especial à turma da curadoria: Mayumi Butturi, Daniel Leão, Louie Ferreira e Luana Mantovani; ao Samwell Woods pelos registros fotográficos, a Luana Mizuki por sua arte e amizade.

Às mulheres participantes da elaboração da Revista em Quadrinhos *Mulheres cientistas que não estão no gibi*; as artistas: Danielly Saori, Julia Andreoti, Lívia Brandão, Luana Mizuki e Rafaela Signori; a artista Ana Livia Vidal; às professoras Laura Freitas e Débora Sabino, que tornaram parte dessa tese possível.

Às amigas e amigos feitos durante o período de pós-graduação na Uniso e que foram importantes no desenvolvimento desta tese.

Um agradecimento especial a todo pessoal da Escola Nacional Florestan Fernandes; pela recepção e acolhimento sou muito grato a Manoela Huck e Rosana Cebalho Fernandes.

Ao Bené Fonteles pela amizade.

Meu agradecimento a Beatriz Fernandes, Daniela Rosa, Claudia Neres e Regina Boaventura, pelo apoio nos trâmites acadêmicos e pela amizade.

A John, Paul, George e Ringo por me acompanharem a cada passo.

Agradecimento à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Gomes, por me acompanhar desde minha graduação, sua amizade, conselhos e ensinamentos são inestimáveis.

Por fim, agradeço também aos membros da banca, nomeadamente, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alda Regina Tognini Romaguera, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Aparecida de Oliveira, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliete Jussara Nogueira Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Gianolla Miranda, por aceitarem gentilmente ao convite.

*A uns trezentos ou quatrocentos metros da pirâmide, inclinei-me, apanhei um punhado de terra, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais longe e disse em voz baixa: “Estou modificando o Saara”. O fato era mínimo, mas as não-engenhosas palavras eram exatas e pensei que tinha sido necessária toda a minha vida para que eu pudesse dizê-las. A memória daquele momento é uma das mais significativas de minha estada no Egito.*

Jorge Luis Borges

*Não se mede o estudo pelo número de páginas lidas numa noite ou pela quantidade de livros lidos num semestre. Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las.*

Paulo Freire

## RESUMO

O cotidiano escolar é o espaço do diálogo. É aprendendo e dialogando com a própria história que se percebe o caminho percorrido e esboça-se uma possível caminhada. Todo esse caminhar não teria um sentido, uma significância, se não houvesse as influências da pedagogia de Paulo Freire e mais recentemente da Filosofia Clínica de Lúcio Packter. O educador vem me acompanhando desde o início de minha vida como militante, daquele momento ingênuo no ensino médio, passando pelo sindicato, faculdade e partidário, até o atual, como resultante, mas não síntese, destes todos. O filósofo mostrou-me que ao percorrer um caminho único, singular, é possível perceber também a importância do outro com quem dialogo, principalmente em meu cotidiano escolar, e, ao instigar meus alunos no exercício de realizar a sua percepção de mundo; uma alteridade de forma verdadeira, permitindo que o outro se expresse em sua verdade. Foi possível trazer, para orientar essas leituras, as ideias e práxis do educador Paulo Freire. Desta forma este trabalho reflete sobre a prática docente no ensino médio e no ensino superior, provocando nos estudantes a fala de suas percepções de mundo, exercitando a alteridade; em outro instante, a percepção do autor como sujeito da história, de suas construções relacionais e existenciais, e através desses movimentos, em seu atuar docente, perceber a presença da pedagogia freireana.

Palavras-chave: Narrativas. Pedagogia Freireana. Cotidiano Escolar, Prática Docente

## **ABSTRACT**

The school environment is the ideal space for dialogue. It is by learning and thinking about one's own history that the path taken is perceived and a possible journey is outlined. All this journeying would have no meaning, no significance, if there were no influences from Paulo Freire's pedagogy and, more recently, from Lúcio Packter's Clinical Philosophy. The pedagogue has been accompanying me since the beginning of my life as an activist, from that naive moment in high school, through the union, college and political party, until the present; I am a result, but not a synthesis, of all of them. The philosopher showed me that by taking a single, singular path, it is also possible to appreciate the importance of the others with whom I converse, especially in my school environment, and, by stimulating my students in the exercise of realizing their perception of the world; an alterity in a true way, allowing the other to express himself in his own belief. It was possible to bring, to guide these readings, the ideas and praxis of the educator, Paulo Freire. In this way, this work reflects on teaching practices in high school and higher education, provoking students to talk about their perceptions of the world, exercising alterity; also, the perception of the author as a subject of history, of his relational and existential constructions, and through these movements, in his teaching performance, perceive the presence of Freire's pedagogy.

**Key words:** Narratives; Paulo Freire pedagogy; School Daily Life; Teaching Practice

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1 EU ESTOU AQUI</b>	21
1.1 Eu vim de lá....	21
1.2 Alguém me avisou para pisar neste chão devagarinho...	24
1.3 Eu estou aqui, o que é que há....	29
<b>2 MEUS (DES)ENCONTROS COM PAULO FREIRE – PROCEDÊNCIAS DE UMA PESQUISA</b>	57
2.1 Conscientização	58
2.2 Cláudia, os livros e Paulo Freire	59
2.3 Biblioteca Popular Paulo Freire	64
2.4 Pedagogia na Universidade Brasil - Uniesp	73
2.5 Pré-proposta a fundamentação filosófica do pensamento de Paulo Freire	74
2.6 Aulas de cultura, meio ambiente e cotidiano escolar	75
2.7 O doutorado	76
2.8 Mosaico para adiar o fim do mundo	82
2.8.1 Outras pedrinhas do mosaico	89
2.8.2 O ano para adiar o fim do mundo	90
2.8.3 Ocupa São Roque	93
2.8.4 Nita Freire na OcaTaperaTerreiro	93
2.8.5 Joseph Handerson e o Haiti	94
2.8.6 Imagens e cotidianos escolares – Grupo Ritmos no SESC Sorocaba (2017)	97
2.8.7 Vivência artística – Rosa dos Ventos (2017)	97
2.8.8 “Literatura e vida cotidiana por uma educação com envolvimento” com Milton Hatoun e Marcos Reigota – SESC Sorocaba (2018)	98
2.8.9 Quando alguém se torna aquilo que é – uma fala reverbera em um artigo	99

<b>2.9 Dialogicidade, cotidiano escolar e narrativas: acessando a experiência</b>	100
2.9.1 Visita de José Pacheco, o idealizador da Escola da Ponte	119
2.9.2 A escola imaginada	121
2.9.3 Em cada canto da cidade há um motivo	124
<b>3 EXERCITANDO A ALTERIDADE</b>	130
<b>3.1 Meus olhos, teu mundo. Teus olhos, meu mundo</b>	130
<b>3.2 Sê-los (2014)</b>	131
3.2.1 Mundo, vasto mundo	137
3.2.2 O motor inicial	139
<b>3.3 Olhos d'alma (2016)</b>	144
<b>3.4 Como vejo o mundo (2017)</b>	146
<b>3.5 Visitando o mundo do outro (2018)</b>	154
<b>3.6 Exposição fotopoética 3 em 1 (2018)</b>	163
<b>3.7 Lama sem Alma – Brumadinho (2019)</b>	164
<b>3.8 Olho d'água (2019)</b>	171
<b>3.9 H.Q. M.A.F.A.L.D.A. (2019)</b>	183
<b>4 VIZINHANÇAS COM O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST</b>	197
<b>4.1 Preâmbulo</b>	197
<b>4.2 Elias Elliot</b>	197
<b>4.3 Márcio Barreto e Diolinda Alves de Souza no Carandiru</b>	198
<b>4.4 Registros de Teodoro Sampaio/SP</b>	201
<b>4.5 Outras experiências com o MST</b>	202
4.5.1 Rede dos Advogados Populares – proteção jurídica do povo da terra	202
4.5.2 Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo	204
4.5.3 Informe sobre a exposição de fotos Sebastião Salgado	204
4.5.4 Eleições para prefeitura de Campinas 2004	205
<b>5 PEDAGOGIA DO MST</b>	207
<b>5.1 Origem do MST</b>	207

5.1.1 Por uma educação do Movimento	207
<b>5.2 Proposta pedagógica do MST</b>	209
<b>5.3 Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)</b>	214
5.3.1 Visita à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) – 27 de abril de 2019 - preparando a viagem	217
5.3.2 Na Escola Nacional Florestan Fernandes	218
5.3.3 Caminhando pela Escola Nacional Florestan Fernandes	226
5.3.4 Segunda visita à ENFF – 25 de maio de 2019 - preparativos	232
<b>6 PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS DE EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS</b>	237
<b>7 PERCORRENDO O FIO DE ARIADNE – CONSIDERAÇÕES</b>	240
<b>7.1 Criação – meu mundo</b>	240
<b>7.2 Luta – olhar para o mundo do outro</b>	241
<b>7.3 Conceitos</b>	243
<b>7.4 Últimas exposições</b>	245
<b>7.5 No doutorado (caminhando, cantando, seguindo a canção)</b>	246
<b>7.6 O fio de Ariadne – considerações finais?</b>	248
<b>REFERÊNCIAS</b>	250
<b>ANEXO – NÃO ME APRESSE</b>	258

## INTRODUÇÃO

Os primeiros passos sempre são os mais difíceis. Não temos equilíbrio suficiente para nos mantermos em pé. Não sabemos o que fazer, como fazer. Mas queremos andar. É nossa sina bípede. Começamos, em casa, nossa caminhada. O caminho é feito pelas minhas pegadas e nada mais, vaticinava o poeta espanhol Antônio Machado em *Cantares*. E dessa forma vai se constituindo um trecho do meu caminhar nesta narrativa em forma de tese.

Um dos papéis existenciais<sup>1</sup> com o qual me identifico atualmente é o de professor. Já tive outros, como sindicalista, militante (partidário, ambiental, estudantil), e embora agora não sejam utilizados, não foram esquecidos, estão impregnados; novos surgiram, filósofo clínico, terapeuta, e mesmo o atual, professor. Todos esses modos de ser no mundo vão, como uma bússola, orientando-me neste mar denominado vida.

Dessa forma, o atuar no movimento sindical me aproximou do pensamento de Paulo Freire por meio de relações de amizade estabelecidas e das buscas. Considero como um ponto de aprofundamento a elaboração da proposta da Biblioteca Popular Paulo Freire, e, para tanto, um entranhar-me na proposta freireana fez-se (e faz-se sempre) necessário. Um primeiro conhecimento sobre o Paulo Freire dos livros monológicos, estes foram os que tive contato, pois minha formação em filosofia me levava a esta leitura; o segundo momento, em que se vislumbrou novas perspectivas, foram os livros dialogais, ou como Paulo Freire diz, “livros falados”, resultantes de diálogos dele com coautores, onde relata suas experiências, analisa e reflete sobre sua práxis; estes mostraram, para mim, a viabilidade da sua proposta. E abriram a possibilidade de minhas aulas, no Ensino Médio e no Superior, serem de uma forma diferente, de escutar aqueles que se sentavam à minha frente e, juntos, construirmos o aprendizado.

Ainda no campo da militância, há um movimento que me cativa em seu *modus operandi*: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que acompanho à distância, mas sempre em plena interação. Antes, por militar em sindicatos, movimentos estudantis, o apoio era mais material do que presencial. Recentemente, conheci a sua proposta pedagógica, suas influências e construções.

---

<sup>1</sup> Papel Existencial é como me identifico, me denomino em determinado contexto, em determinada relação. Packter assim o define: “Papel Existencial é o que a pessoa é, nomeada por si mesma, no momento da interseção!” (CADERNO E, 1998, p. 194).

Para essa caminhada com meus próprios passos, sapatos são necessários. Como saber se o solo é firme ou arenoso? Se a direção tomada não é um equívoco?

Ora, como indicado no título do trabalho, a proposta basilar deste escrito são as narrativas. Rastros, imagens, objetos, todos narram a história de quem os utilizou:

O homem, ao instaurar-se na terra e ao longo de sua vida, vai deixando seus rastros como um retrato de sua herança cultural, imprimindo os cravos de suas conquistas junto a um espaço em que se promoveu em natureza. Ao retratar ângulos de sua realidade, deixa marcas de suas pegadas sobre o solo, do meio em que vive, em seus utensílios; na realização de rituais, sua necessidade de entendimento e, em seus objetivos adversos, a garantia da sobrevivência com a noção de estar no mundo e dele fazer parte. (HACK; SILVA, 2014, p. 29).

Walter Benjamin, um dos autores aqui presentes, acrescentaria sua concepção da narrativa como aquilo que torna a memória possível. “Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte” (BENJAMIN, 1987:205), e acrescenta que assim o ouvinte apropria-se da experiência, e provavelmente ele não terá como resistir à possibilidade de recontá-la mais adiante.

Nilda Alves, outra autora importante dos estudos com os cotidianos, foi uma grata surpresa, ao trazer a possibilidade de dialogar com seu pensamento, principalmente a propósito da narrativa no cotidiano escolar, sendo inclusive de grande valia em minha atuação como professor e como pesquisador. Em relação à maneira de nos conduzirmos no uso da narrativa em nossa atuação, Alves (2000, p. 1) destaca:

Ao trazer a narrativa para o centro da discussão, não deixo de ter preocupação com as questões teórico-metodológicas centrais de toda a pesquisa histórica, melhor seria dizer, daqueles que trabalham com metodologias qualitativas em história, em especial a história oral: a validade do relato como fonte; as questões éticas ligadas à identificação daqueles com quem conversamos bem como à utilização do conteúdo de suas falas; a necessária relação do que é dito com outras fontes e depoimentos; a utilização da análise dos processos subjetivos de memória, bem como, das múltiplas relações entre memória, narrativa e identidade; as contradições existentes entre memória individual e memória coletiva; a importância de confronto entre fonte oral e fonte escrita; a importância do momento e dos processos de afloramento da memória; a influência do entrevistador durante todo o processo – da decisão de com quem e como conversar aos métodos de análise e aos processos de síntese.

Apesar de a autora tratar, primeiramente, dos relatos orais, a coleta que realizei no grupo de meus alunos para as exposições é composta por narrativas escritas e imagéticas saídas das fronteiras escolares, ou seja, ultrapassam os muros da escola; a questão de como apresentar essas *narrativas de criação, luta e resistência nos cotidianos escolares*,

sem infringir *as questões éticas ligadas à identificação daqueles com quem conversamos bem como à utilização do conteúdo de suas falas*, como alerta Alves, estava posta.

Nesse sentido, vali-me dos trabalhos organizados por Mary Jane Spink, partindo do princípio de que, como pesquisador no cotidiano, sou participante das ações que se desenrolam em espaços de convivência públicos. Nas palavras da autora, “Fazemos parte do fluxo de ações; somos parte dessa comunidade e compartilhamos de normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações” (SPINK, M. J., 2007, p. 34).

No caso específico dos trabalhos elaborados e apresentados em exposições pelos discentes, aqueles se tornam documentos públicos, no sentido em que Peter Spink argumenta:

Os documentos de domínio público refletem duas práticas discursivas: como gênero de circulação, como artefatos do sentido de tornar público, e como conteúdo, em relação àquilo que está impresso em suas páginas. São produtos em tempo e componentes significativos do cotidiano; complementam, completam e competem com a narrativa e a memória. Os documentos de domínio público, enquanto registros, são documentos tornados públicos, sua intersubjetividade é produto da interação com um outro desconhecido, porém significativo e frequentemente coletivo. São documentos que estão à disposição, simultaneamente traços de ação social e a própria ação social. São públicos porque não são privados. Sua presença reflete o adensamento e ressignificação do tornar-se público e do manter-se privado; processo que tem como seu foco recente a própria construção social do espaço público. (SPINK, P., 2013, p. 102-103).

Outro autor a trabalhar dois conceitos que me auxiliaram sobremaneira na compreensão e elaboração do trabalho executado foi Marcos Reigota e sua caracterização das narrativas ficcionais como

[...] memória disponível sobre os eventos e as suas repercussões, portanto estão próximas da ficção. Isso não significa que a narrativa, ao se aproximar da ficção corre o risco de necessariamente expressar de forma incorreta e deturpada os fatos, mas sim, a disposição como esses fatos são interpretados, recebidos, vivenciados e “sequenciados” por cada pessoa. (REIGOTA, 2003, p. 79).

Somando-se às narrativas ficcionais, temos o conceito de *Bio:grafia*. Nas palavras do autor

[...] uma tentativa de narrar nossa presença no mundo (grafia) e relações existenciais, profissionais e políticas (bio) em busca de mudanças radicais que possibilitem a construção, através de práticas sociais e pedagógicas cotidianas, de uma sociedade justa, sustentável e democrática e que nos (auto)identificamos como sujeitos da história (Paulo Freire). (REIGOTA, 2008, p. 12).

A narrativa, como parte essencial deste trabalho, busca explicitar a existência de uma percepção de sujeito da própria história por parte do educando, mediante os diálogos estabelecidos e do que deles resulta. Busca-se, com isso, perceber como o aluno “lê o mundo”, pois é a partir deste aprendizado da “leitura da realidade” que ele pode reescrever essa realidade, ou seja, transformá-la. É apenas rompendo com a “cultura do silêncio”, como diz Freire (1981) e transformando a realidade que é possível tornar-se sujeito de sua própria história.

A somatória destas interpretações não dissonantes está bem caracterizada nos trabalhos apresentados pelos alunos da Escola Aníbal de Freitas, em Campinas/SP.

Outro termo caro ao trabalho desenvolvido na Escola foi o conceito e a percepção da alteridade. Para este conceito, trabalhei com as definições de Emmanuel Levinas, Martin Buber e Lucio Packter.

Packter, de onde parto, ao trabalhar com um conceito chave para a filosofia clínica, a *historicidade*, ou seja, a história de vida da pessoa contada por ela mesma, adverte que o terapeuta deve buscar no partilhante um relato evitando saltos lógicos (de assunto) e temporais, busca-se uma narrativa cronologia “retilínea”. O objetivo é

[...] reunir os dados de maneira que as situações vivenciadas pela pessoa ganhem um contexto, uma perspectiva, alicerces que tornem o conteúdo compreensível. Assim, as vivências perdem a identidade aleatória, de isolamento, e se juntam aos elos que lhe dão nascimento, identidade e continuação. (PACKTER, 1998, p. 355).

E, respeitar aquele ser humano de quem tudo, em princípio, desconheço e que se apresenta em busca de meus préstimos.

Como coloca Packter em relação à importância do pensamento de Martin Buber para o trabalho em Filosofia Clínica,

Por si somente, a relação Eu-Tu anuncia, adverte, posiciona um convite a reflexões sobre humanismo, coisificação, experiência. O Eu-Isso se expandiu com a tecnologia nas últimas décadas e fez recuar o Eu-Tu, segundo Buber. De certo modo, este evento muito se manifesta nas relações humanas, nas famílias, nas culturas, em muitos aspectos que chegam ao consultório. Quantas vezes tornamos a pessoa uma coisa? Quantas vezes nos tornamos coisa? Será que enquanto ganhamos em experiência, em conhecimento, em compreensão dos fenômenos estamos afastando o Tu de nós? O que podemos fazer? Como auxiliar este encontro presencial, face com face, este diálogo no qual o outro é um eu que me habita? Buber antecipou em décadas muitas preocupações dos nossos dias. Convidou a fazermos uma profilaxia possível. Este convite é atual, permanece.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Carta enviada aos alunos que participaram do Seminário de Pós-Graduação *A Filosofia Dialógica de Martin Buber e a Filosofia Clínica*, na Universidade Hebraica, em Jerusalém, Israel. Em setembro de 2017. Disponível em:

Levinas é outro filósofo da alteridade indicado por Packter:

[...] ao invés de imaginarmos as coisas do mundo dos outros, ele convida, num ato de coragem, a irmos de fato lá. Levinas fala que um dos empecilhos para que isso ocorra é a linguagem. Quando uma pessoa se expressa, nos temos uma parte dessa pessoa, mas ela é muito mais que isso, ela é muito maior. E ele fala também que o nosso rosto é um portal, uma espécie de portal para o infinito. Para os horizontes muitos amplos. Quando a gente entra em contato com uma pessoa, a gente entra em contato com uma parte dela, avaliar uma pessoa por uma atitude, por um momento, por uma consequência momentânea, é tornar muito pobre a existência dessa pessoa.<sup>3</sup>

Tais conceitos foram por mim utilizados para trabalhar em meu cotidiano escolar, resultando nas exposições: Como vejo o mundo (2017), Visitando o mundo do outro (2018), Lama sem Alma (2019) e Olhos d'água (2019). Nelas, busco perceber aquele outro que se apresenta diante de mim; não números, mas sujeitos com sua história única e singular.

Todo esse caminhar não teria um sentido, uma significância, se não houvesse a influência de Paulo Freire, que vem me acompanhando desde o início de minha vida como militante, desde aquele momento ingênuo no ensino médio, passando pelo sindicato, faculdade e partidário, até o atual, como resultante destes todos.. A cada passo dado na vida, uma leitura de Paulo Freire vinha complementar. E na vida docente não poderia ser diferente. Seja numa leitura direta, como a de *Pedagogia da Autonomia* realizada com minhas alunas da Pedagogia da Uniesp, com a finalidade de compreenderem o pensamento do mestre, ou indireta, com os alunos do Ensino Médio, na elaboração das exposições e projetos interdisciplinares, bem como no cotidiano escolar.

Nesse livro, com o qual dialoguei com minhas alunas, me referendo no meu dia a dia. Paulo Freire ali nos diz: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 1997, p. 12). Nesse processo dialético, nós como sujeitos inacabados vamos nos construindo.

Com esta pequena bagagem, retomei meus contatos com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para uma compreensão melhor da práxis freireana na formação dos sem terrinhas, na alfabetização dos acampados. E essa retomada, essa busca junto à Escola Nacional Florestan Fernandes, partiu da leitura de um artigo de Ademar Bogo, professor e uma das lideranças do MST, que, em seu artigo

---

<<http://www.institutopackter.com.br/viagens%20de%20estudos/UniversidadeHebraica/Carta%20de%20L%C3%BAcio%20Packter%20explicando%20a%20viagem%20de%20estudos.html>>.

<sup>3</sup> PACKTER, Lúcio. Uma leitura em Levinas. Programa de Rádio Som Maior Premium, de 22/01/2009.

*O pedagogo da esperança e da liberdade*, destaca a importância de Paulo Freire para pensar educação do Movimento.

Dessa forma, ao percorrer um caminho único, singular, com a percepção destes tantos outros educadores, pude perceber a importância destes com quem dialogo, principalmente em meu cotidiano escolar, e instigar meus alunos no exercício de realizar a alteridade de forma verdadeira, permitindo que o outro se expresse em sua verdade. Pude trazer, para complementar essas leituras, as ideias e práxis do educador Paulo Freire.

Há um texto de Freire, de 1968, *A alfabetização de adultos – crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica* (1982), escrito durante seu exílio no Chile, no qual ele analisa criticamente o processo de alfabetização dos trabalhadores que neles “deposita” palavras e textos oriundos do educador com a finalidade de que os alfabetizados escrevam. No entanto – cabe ressaltar –, não utilizam o conhecimento prévio, o linguajar, o conhecimento que aquele sujeito, diante do educador, traz.

É este olhar para o outro, no empenho de que ele se mostre para que se estabeleça um diálogo, que pretendo demonstrar neste texto, resultado de uma caminhada pelas searas da educação, da alteridade, da vivência cotidiana ao longo de minha atuação como professor e como sujeito da história.

Como disse o poeta Antonio Machado, o caminho se faz ao caminhar. Olho para trás e vejo a estrada percorrida, não a percorrerei novamente, concordo com Machado; no entanto, o re-olhar o caminho percorrido, agora na memória, o transforma, transmuta, transmigra-me, permitindo, em um *velhonovo* caminho, desnudar-me.

CANTARES<sup>4</sup> (Antonio Machado)

Tudo passa e tudo fica  
 porém o nosso é passar,  
 passar fazendo caminhos  
 caminhos sobre o mar

Nunca persegui a glória  
 nem deixar na memória  
 dos homens minha canção  
 eu amo os mundos sutis  
 leves e gentis,  
 como bolhas de sabão

Gosto de ver-los pintar-se  
 de sol e graná voar  
 abaixo o céu azul, tremer  
 subitamente e quebrar-se...

Nunca persegui a glória

Caminhante, são tuas pegadas  
 o caminho e nada mais;  
 caminhante, não há caminho,  
 se faz caminho ao andar

Ao andar se faz caminho  
 e ao voltar a vista atrás  
 se vê a senda que nunca  
 se há de voltar a pisar

Caminhante não há caminho  
 senão há marcas no mar...

Faz algum tempo neste lugar  
 onde hoje os bosques se vestem de espinhos  
 se ouviu a voz de um poeta gritar  
 "Caminhante não há caminho,  
 se faz caminho ao andar"...

Golpe a golpe, verso a verso...

Morreu o poeta longe do lar  
 cobre-lhe o pó de um país vizinho.  
 Ao afastar-se lhe vieram chorar  
 "Caminhante não há caminho,  
 se faz caminho ao andar..."

Golpe a golpe, verso a verso...

Quando o pintassilgo não pode cantar.  
 Quando o poeta é um peregrino.  
 Quando de nada nos serve rezar.  
 "Caminhante não há caminho,  
 se faz caminho ao andar..."  
 Golpe a golpe, verso a verso.

---

<sup>4</sup> Antonio Cipriano José María y Francisco de Santa Ana Machado Ruiz (1875-1939), conhecido como Antonio Machado, era um poeta espanhol. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/10543/cantares>>.

## 1 EU ESTOU AQUI

### 1.1 Eu vim de lá...

Antes, bem antes de vir de lá, eu fui pequenininho.

Antecipando minha chegada a este mundo ocorreram vários preparativos, muitos cuidados, excessivos cuidados, afinal, era o primogênito, desta forma, iniciando a experiência de *pater et* maternidade de meus pais, recém-casados. Todo cuidado era pouco.

Meus pais moravam em Macapá, no ainda Território Federal do Amapá, uma capital recente, ainda tinha por volta de seus 20 anos quando nasci. Tudo era muito precário, segundo o cuidado precavido materno, receosa de como estariam as condições hospitalares para a vinda de seu primeiro filho.

Diante deste quadro assustador, fomos voando, eu na barriga da mãe, para Belém. Já contava com oito meses de gestação, não deveria, pelas normas da aviação, uma gestante em adiantado estado de gravidez realizar uma viagem aérea. Minha mãe, ludibriando as regras e os regradores, embarcou rumo à capital paraense, que seria a minha cidade natal.

Pouco tempo após a nossa chegada, minha mãe entrou em trabalho de parto. Havia sido indicado um médico, renomado e muito bom profissional, de acordo com uma parente que tinha sido atendida por ele, certamente quando este médico era bem mais jovem do que aquele senhor com óculos fundo de garrafa e cabelos brancos que se encontrava diante de minha mãe.

Não posso reclamar, afinal, poucos tem a oportunidade de vir ao mundo de forma tão patriótica quanto eu. Começando que o bebê aqui não queria nascer, ou melhor, não queria sair daquela zona de conforto – alimentação, piscina aquecida, tudo de graça – chamada útero. O médico precisou me mostrar a realidade, e cheguei ao mundo pela força do fórceps. Em dado momento do parto, aqueles olhos de vidro foram ao chão, e aquele senhor mergulhou na sala de parto a procurar seu instrumento de ver o mundo. Achando-os, colocou. Enquanto me carregava para a pesagem ia assoviado o Hino Nacional. Assim, ouviram da maternidade, às margens do Guamá, de um garoto o brado retumbante. Pronto! Cheguei à Belém com toda pompa e circunstância.

Quatorze dias após o nascimento, outra ludibriação nas regras aéreas, e retornávamos à Macapá, minha mãe e eu. Cidade onde fiquei pelos próximos nove anos.

Anos macapaenses que estão impregnados com pequenas grandes lembranças. Pedrinhas deste mosaico chamado Vida.

Uma delas carrega a lembrança da ida à fazenda de minha bisavó Marocas, onde brincávamos no armazém do saudoso bisavô Noé. Havia o mostruário de linhas Corrente, calendários e tantas outras coisas a encantar uma criança. Nesta fazenda fui picado nos olhos por cabas, também conhecida por marimbondos, além da dor, eles ficaram fechados por uns dias. Nesse período, já com os olhos abertos, ocorreu um passeio na montaria, um barco chato utilizado como meio de transporte entre a população daquela localidade, com minha mãe conduzindo seus três filhos e o quarto na barriga. Retornando do passeio quase não conseguimos vencer o barranco, pois chovia muito e o barro molhado tornava impossível a subida. A pesca de piranhas foi outra aventura que ocorreu naquela fazenda. Minha mãe nos conduziu a um local em que ela havia vivido sua infância, e sabia que havia bastante peixe, preparou a isca, acontece que ela a fez com carne de peixe, desta forma só piranha caía naquele chamariz. Lembro também que o acesso a este local de pescaria era muito difícil, para andarmos a lama chegava à minha cintura, quase impossibilitando o caminhar. Bem, mas tem que se levar em conta que eu era muito pequeno e o mundo muito grande. Tudo era imenso para aquele garotinho.

Outra pedrinha é o contato com o cinema. Meu pai, um dos fundadores do primeiro cineclube de Macapá me levou para assistir *Luzes da Cidade*, meu primeiro contato com Carlitos, no lugar sagrado em que deveria ser, a sala de projeção de um cinema. Lembro-me de outros filmes naquelas imensas telas, como *Independência ou Morte, Os dez mandamentos...*

Vem à memória ouvir *Asa Branca* cantada por Luiz Gonzaga, no rádio de casa, à tardinha. Ouvir, na avenida FAB, vinda de alguma casa, a música *Sebastiana*, com Jackson do Pandeiro – até hoje é inevitável ouvir a música e ser remetido a essa avenida –, e *Ela deu o rádio* com Genival Lacerda tocando na casa de meu avô materno. Por falar em rádio, meus pais tinham um programa, *Um homem, uma mulher*, na Rádio Educadora, uma estação católica. O rádio ficava sobre a mesa da sala e eu subia na cadeira, me aproximava dele e falava pelo rádio, esperando que eles me ouvissem do outro lado. Uma outra lembrança radiofônica foi minha ida a esta estação de rádio e ficar admirando tudo aquilo: milhares de discos, toca-discos imensos e o programador, dentro da cabine de transmissão, colocando um compacto para tocar, aquele furo imenso no centro do disco de rotação 45, e se ouviu a música de um compositor que veio a se tornar uma pedrinha

especial em meu mosaico. A música era *Saudosa Maloca*, interpretada pelos *Demônios da Garoa*, o compositor, *Adoniran Barbosa*.

A presença de Adoniran foi um marco. Ouvir *Iracema*, ainda hoje, me remete ao Círculo Militar que ficava aos pés da Fortaleza de São José. Me perguntava como alguém conseguia ficar só com o sapato como lembrança de um amor?

Retornando à minha infância, uma lembrança marcante foi meu avô paterno me ensinando a construir um arco para que eu pudesse atirar flechas. Ele, de origem indígena, da Ilha do Marajó, tinha em seu quartinho, que meu pai construiu para que ele viesse morar conosco, um quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de quem era devoto, afirmava ele: *o pedido feito à mãe não tem como o filho negar!* Em uma prateleira, ele guardava seus unguentos e eu, curioso, fui cutucar com uma vara e o vidro veio direto em minha cabeça, lá fui eu mais uma vez para o pronto-socorro. Já havia estado lá por enfiar uma pedra de naftalina no nariz e outra vez por tentar pegar uma lata de leite ninho que meu irmão jogou e eu deixei escapar, atingindo minha cabeça. Desse meu avô herdei, entre outras coisas, o gosto por molhar o pão com manteiga no café com leite.

Acredito ser desse período a primeira vez que ouvi falar dos Beatles. Eu e meu pai passeávamos pela cidade de Belém, quando ele resolveu adentrar numa loja de discos. Lembro-me dele perguntando se eles tinham o LP *Submarino Amarelo* do conjunto britânico. Não tinham. Mas aquela busca paterna ficou num cantinho da memória.

Uma última lembrança para fechar essa narrativa é da junção de TV com sorvete. Em Macapá existe a Sorveteria Jesus de Nazaré, do casal Winter e Maria. À tardinha, quando meu pai voltava do trabalho, pegava a família e levava para tomarmos um sorvete ali. Uma característica era a existência de uma TV grande que transmitia a série *Columbo*, um detetive anti-herói, desleixado, com seu charuto a caminhar por todo o cenário e, por meio da lógica e sem disparar um único tiro, solucionava os crimes, e todos os telespectadores sabiam quem era o assassino – isso aparecia no início do programa. Mas o caminho do raciocínio prendia nossa atenção. Será que o criminoso conseguirá escapar?

A TV começava a dar seus primeiros passos em Macapá enquanto nós partíamos para o sul maravilha.

## 1.2 Alguém me avisou para pisar nesse chão devagarinho...

“Não fiquem soltando fumaça pela boca! Senão vão morrer de frio!” O alerta partiu de minha mãe.

1975. Acabávamos de descer na rodoviária de Poços de Caldas, em Minas Gerais. Família de nortistas chegando no dia mais frio daquele ano. Sem saber o que era aquilo – o frio – e porque saía fumaça da boca quando soprávamos. Todos empacotados em cobertores; eu, o mais velho, contava com nove anos, o caçula, quatro. Éramos cinco irmãos desembarcando naquela cidade, rodeada de montanhas, “na boca do vulcão”, soubemos, e empacotados em cobertores. Meus pais, sempre preocupados com a educação dos filhos, haviam escolhido aquela cidade por não ser muito grande e, desta forma, os filhos poderiam se desenvolver com uma maior tranquilidade por parte deles.

Assim a cidade sulfurada nos recebia. E ali passei parte da infância e início da adolescência. Chegamos e fomos morar os primeiros meses no apartamento do tio Asdrúbal, irmão da minha mãe. Lá tive contato com o famoso *Catecismo*<sup>5</sup>, do Carlos Zéfiro, apresentado pelo cunhado desse tio, um adolescente que vivia com eles.

Após um curto período no apartamento do meu tio, papai alugou uma casa na rua Agostinho Souza Lima, onde, no início, ia assistir TV na casa de um vizinho. Essa casa era uma garagem: toda casa em um cubículo. Depois, chegou a TV em casa, e lembro de assistir os filmes clássicos (ou nem tanto) na televisão, com aquelas barras em cima e em baixo, porque os filmes eram em formato cinemascopo e essa era a adaptação feita para a transmissão. Tempos depois, meu pai comprou a casa na rua São Francisco, 93, onde passei a infância e adolescência, e de lá, nossa base, partíamos para nossas aventuras com a turma da rua. Subimos o morro do Cristo várias vezes; tínhamos um time, *San Francesco Street*, de futebol, vôlei, basquete, montado por meu pai; o que pintasse jogávamos. Construímos até uma quadra de vôlei na garagem, e quando a porta da garagem era aberta, tínhamos um campo de futebol. Sem contar a cesta improvisada amarrada na grade, acima da garagem. Recentemente, um amigo daquela época, Du Ornelas, falou-me que papai foi uma referência para ele, pois seus pais haviam acabado de se separar e ele foi acolhido por nós e pela turma da rua, e papai sempre o aconselhava,

---

<sup>5</sup> “Em seus chamados *Catecismos*, Zéfiro narra situações que culminavam em práticas sexuais explícitas, ilustradas pelos desenhos do autor e pelas narrações e caixas de diálogo presentes nos quadros”. (NAVARRO, 2011, p.1-6).

e ele via ali uma representação de família sólida. O bonito foi ele poder falar dessa importância para o meu pai quando se encontraram.

Se em Macapá a escola não havia deixado tantas lembranças em minha vida, em Poços de Caldas surgiriam, de forma mais incisiva, as primeiras marcas.

Assim que cheguei, fui matriculado na 3ª série no Colégio Jesus, Maria e José, mas logo tive que ir para a 2ª série: segundo os professores, o que eu havia aprendido em Macapá não era suficiente para ficar na 3ª série. Foi ali, no ano seguinte, que comecei os primeiros rascunhos poéticos; em 1976, escrevi *A primavera está no ar*, porque estávamos nessa época do ano. Não me lembro quem, mas duvidaram que eu tivesse escrito essa poesia, então fiz outra com o mesmo tema, chamada *Primavera*. Mas a veia poética logo secou. Pelo menos naquele colégio.

No colégio tinha os colegas e as brincadeiras de pique, que me rendeu o primeiro apelido, *Maverick*, acredito que seja porque nas brincadeiras de pique eu corria muito e pegava todos os colegas. Ali, pela primeira vez, ouvi falar na *loira do banheiro*, hoje penso ser uma forma de, na época, evitar que os alunos fossem tanto ao banheiro.

Uma lembrança que me é muito cara é a do dono da banca, que ficava na Praça dos Macacos, no centro da cidade, no caminho entre minha casa e a escola. Lá reatei meu contato com os gibis. O senhor, que infelizmente não me vem à memória o nome, me presenteava com revistas de quadrinhos sem capas, pois, justificava ele, precisava devolvê-las às editoras. Como tudo na infância, a banca era enorme; milhares de revistas e jornais, milhares de gibis...

Lembro agora dessa minha relação com gibis, ela vem de Macapá. Tia Ana, quando eu ia à casa de meus avós, me emprestava seus Tio Patinhas, Pererês e outros, eu ainda folheava as fotonovelas da Grande Hotel. Ali, acredito, fui mordido pelo mosquito do gibi.

Na 5ª série fui para a Escola Estadual “Prof. Arlindo Pereira” – Polivalente. Se o Colégio Jesus, Maria e José era próximo de casa, uns 800 metros, o Polivalente ficava a uns 4 quilômetros, que fazia a pé, muitas vezes. Nessa escola, percebi uma forma diferente de aprender. Pelo menos via assim. Além das aulas normais de português, matemática, inglês, história, etc., havia as aulas de técnicas: agrícola, comerciais, industriais e educação para o lar; na primeira, aprendíamos a plantar e cuidar de uma horta, métodos para plantio, conhecendo as ferramentas; nas técnicas comerciais, existia uma loja, um departamento pessoal e um banco, todo o funcionamento comercial de uma sociedade estava ali em uma sala de aula, lembro que, ingenuamente, durante essa aula,

era sobre mercado consumidor masculino e feminino, perguntei: e o terceiro setor? O professor se alterou! *Não existe isso!* Afirmou. Nas industriais, aprendíamos a mexer em maquinário como serra tico-tico e ferramentas de entalhe em madeira. Nessa aula, aconteceu um acidente com a professora – eu já estava cursando outra matéria –, ela perdeu alguns dedos na serra. E a última disciplina foi Educação para o Lar, ali aprendíamos como gerenciar uma casa, cuidar de bebês, fazer shampoo, costurar – até hoje ainda sei fazer ponto cego.

No Polivalente retomei minha veia poética. Primeiro com um exercício de língua portuguesa, onde, por meio de palavras, criava-se a imagem. Escrevi sobre o futebol. Cada palavra equivalia a uma imagem e a ideia era transmitir ao leitor, com poucas palavras, a mensagem. Depois, criei dois poemas baseado no quadro do Jô Soares, “*ser ou não ser*”. Na minha formatura da 8ª série, ela foi declamada por uma amiga, Carla, juntaram as duas poesias em uma. O engraçado foi a repercussão imediata, durante a declamação havia um burburinho, algumas risadas, e um alvoroço quando tecia crítica às aulas de religião e o professor quis saber o porquê. Hoje, não lembro os argumentos utilizados, mas na verdade acho que era mais pela rima (ão) do que pelo conteúdo da matéria. A poesia questionava de Deus, presidente Reagan, Ministro Delfin Neto, Técnico da Seleção, Professores, a aula de religião, os pedestres, até chegar em mim.

#### **Ser ou não ser, eis a questão (I e II)**

Ser ou não ser  
Deus,  
Criar o povo  
Dar-lhe o pecado  
E ele faz em seu nome guerra, morte ao milhão,  
Fome, falta de pão  
Onde está a salvação?  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Presidente,  
Levar tiro no pulmão  
Comer jujuba de montão  
Com o dólar subindo na escada  
Da fama e do bilhão,  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Ministro,  
Ser ou estar?  
Fazer o cruzeiro cair  
E subir a inflação,  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Professor,  
Dar aula,  
Tirar nota,  
Ganhar pouco dinheiro  
Que nem nota,  
Pois a inflação  
É pior que a aula de religião...  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Pedestre,  
Andar a pé,  
Ser atropelado por caminhão,  
Carro, moto, avião  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Técnico,  
Ensinar Zico,  
Sócrates e Leão  
A ganhar a seleção  
De francês, português,  
Bretão e alemão  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Brasileiro,  
Aguentar argentino,  
Paraguaio, uruguaio, jamaicano,  
Haja saco no fim do ano.  
Aguentar o gordo louco  
Tomando dinheiro do alemão  
Por causa da inflação (?)  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Aluno,  
Assistir às aulas  
De matemática,  
Comunicação, geografia  
E aguentar Religião...  
Tirar pouca nota  
Que nem se importa  
Ser inteligente ou bobão  
Eis a questão!

Ser ou não ser  
Eu,  
Ler o livro, estudar,  
Fazer prova, pelejar  
E tirar um zero  
Eis a questão!

Havia um concurso de poesia no estado de Minas, que reunia as produções feitas nas escolas estaduais, isso era pelo início dos anos 80, e me lembro de uma professora vir me falar, justificando, que acharam melhor não inscrever a minha poesia, pois ela era

muito crítica. Fui atingido pela censura e só fui tomar ciência disso muito tempo depois. O medo, apesar da abertura, lenta e gradual, ainda pairava no ar.

Ainda nessa escola, na época de campeonato interno, dividia-se os alunos em time azul e time laranja (as cores da escola). Baseado no hino *Cisne Branco*, fiz a letra para um dos times. Também, por ser baseado em hino militar, acharam melhor não aceitar. Eu era revolucionário e não sabia.

Havia outras incursões poéticas também, o bom e velho bullying (naquela época não tinha esse nome). Eu e outros colegas fizemos uma poesia baseada na música “Perdidos na Selva” da Gang 90 & Absurdettes, usando como personagens os e as colegas da classe, colocando cada personagem em uma situação constrangedora.

Em 1979 conheci, finalmente, os Beatles, eles vinham me cercando, me cercando, até que pimba! Encontrei dois LPs da minha madrinha Vitória, que havia deixado em casa, *Let it be* e *Wild Life*, este último do Paul McCartney. Eu andava sempre com um gravador National, onde ouvia as músicas do Beatles, e gravava algumas coisas. Mas como tudo movido à pilha, uma hora elas fraquejavam e as vozes de agudas tornavam-se graves e lentas, assim criei um subterfúgio. Gravei uma fita K7 em rotação 45, desta forma, quando ia perdendo a força, a música, gravada acelerada, entrava em velocidade normal.

Em 1980, assistia no *Jornal Nacional* a notícia sobre o assassinato de John Lennon. Isso me abalou. Tempos depois, numa discussão com meu pai, a represa poética arrebentou e fiz várias poesias baseadas nessa notícia fatídica.

Gravava tudo, por exemplo, tenho a declamação de minha poesia na formatura e a risada da turma quando citava a aula de religião. Gravei e depois apaguei a minha primeira tentativa de cantada. Eu e a turma da escola, passeávamos pela praça quando vimos uma mulher mais velha que nós, devíamos ter por volta de 15 anos, e qualquer adulto era mais velho; fizemos um sorteio, e, para variar, perdi. Lá fui eu, com o gravador ligado, tentar cantar a mulher, sem sucesso. Lógico, nem sabia o que e como se fazia.

Desse período, trago um amigo, Carlos Eduardo Loro, até os dias de hoje. Não nos falamos muito, em virtude da distância e das dinâmicas da vida, mas sabemos que podemos contar um com o outro; exemplo disso foi um telefonema inesperado, para mim, quando do falecimento do meu pai. Loro estava do outro lado da linha com palavras de conforto.

Depois de formado na 8ª série, fui para o ensino médio. Como gostava de desmontar os rádios, fui fazer um curso técnico de eletrônica no Colégio São João da

Escócia, fiquei um ano. Aprendi a mexer na parte tecnológica e saber (hoje não sei mais) a função de cada diodo, capacitor, os valores de cada cor das listas do resistor etc., e a usar o ferro de solda (esse eu ainda sei usar). O que me lembro desse período e a amizade com o Teleco, depois das aulas voltávamos para casa, e no caminho parávamos nas lojas de vitaminas para um lanche. Nessa época também me reunia com os amigos do Polivalente, que tinham ido para lá e, na frente do local de trabalho do pai do meu amigo Loro, usando um carro como rede, jogávamos vôlei com bola de papel.

No final de 1983, enquanto fazíamos uma viagem de confraternização familiar em Macapá, papai recebeu a notícia: transferência para Campinas.

### **1.3 Eu estou aqui, o que é que há...**

Fazer um mapa de onde morava até a escola! Esse era o exercício de Educação Artística do Colégio Culto à Ciência.

Todos os meus colegas queriam fazer o meu mapa. Afinal, eu morava na mesma rua do colégio, em uma pensão, eu, meu pai e o meu irmão Augusto. Erámos a “cabeça de ponte” da família em Campinas, enquanto o restante da família, minha mãe e irmãos menores, ficaram em Poços de Caldas para concluir os estudos enquanto íamos acertando a vida para a vinda deles para a cidade, no ano seguinte, 1985.

Alguns anos antes, em 1983, estávamos em Macapá para passar o Natal e o ano novo em família, quando, em um almoço, papai informa que recebeu a notícia da transferência de Poços de Caldas para Campinas. Foi uma comoção e convulsão. Meus irmãos menores não queriam mudar, eu não me lembro qual foi minha reação, pois tinha ouvido falar de Campinas uma vez, ainda no Polivalente, quando era apontada como a cidade para onde se dirigiam os poçoscaldenses em busca de melhores empregos.

Meu pai conseguiu uma pensão em Campinas, na rua Culto à Ciência, a um quarteirão da escola. Ficávamos no que apelidei de cela 222. Virou até poema. Mas não era uma cela no sentido de estarmos presos, mas em virtude do tamanho. Em uma pensão, meu pai alugou um quarto, composto por dois beliches e um armário embutido, uma mesa onde deixávamos um som que meu pai comprara para que o ambiente não fosse tão silencioso. Toda sexta-feira saíamos para Poços de Caldas, retornando no domingo à noite.

Enquanto isso, na escola, muitas aventuras. Nesse período, de 1983 a 1985, (repeti um ano) a relação com os amigos era das mais enriquecedoras. Participava de um grupo

que se autodenominou ASA – Associação dos Sobreiros Anônimos, sobreiro era aquele que sempre ficava sobrando, nunca conseguia namorar. Alguns colegas, eu não, faziam uns desenhos estilo Robert Crumb, havia a figura do Patokase, o pato kamikaze, aquele (representando qualquer um de nós) que tentava namorar e era sempre abatido pela menina em sua primeira investida. Nunca sobrevivia. Essa turma, mais especificamente, eu, Olivério e Reinaldo, produzíamos poesias. Para mim, um exercício muito bom para iniciar o jogo das palavras.

Participei por dois anos do campeonato interno de vôlei. No primeiro ano, fomos campeões da escola com o time *Caatinga*, no ano seguinte, outro time e fomos vice-campeões.

Havia um grupo de alunos que gostava de ciências, montamos um grupo, com o Afrânio, amigo de classe, à frente; ele conseguiu junto à Unicamp, com o professor Arguello, a restauração do telescópio para podermos observar o Cometa Halley. O cometa foi um fiasco, mas, com o apoio da direção, pudemos atravessar uma madrugada na escola, aberta à comunidade, para quem quisesse observar o cometa e outros planetas, foi a primeira e única vez que observei os anéis de Saturno.

Esse mesmo grupo participou de uma comissão de acompanhamento da restauração do prédio do Colégio Culto à Ciência, pois ele havia sido tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e a restauração visava recompor as características do prédio segundo uma determinada data estabelecida pelos técnicos. Ele fora tombado como patrimônio histórico e lá estávamos nós, tentando fiscalizar aonde ia a verba destinada à restauração da escola. Uma das últimas aventuras escolares foi montar uma chapa para concorrer ao grêmio. Na verdade, ela existiu mais para tirar a turma do MR-8<sup>6</sup> que estava grudada na agremiação e nada fazia pela escola. Vencemos, mas não pudemos estar muito tempo à frente do grêmio, pois nos formamos logo em seguida.

Não prestei vestibular imediatamente, me dei um ano de férias, e no ano seguinte, 1988, entrei em Administração de Empresas na PUC de Campinas. Não sabia o que fazer,

---

<sup>6</sup> Nome adotado sucessivamente por dois grupos revolucionários que pretendiam derrubar, através da luta armada, o regime militar instaurado no Brasil em abril de 1964. O dia 8 de outubro corresponde à data da morte de Ernesto “Che” Guevara, líder da Revolução Cubana assassinado na Bolívia em 1967, quando preparava núcleos guerrilheiros para dar início à revolução socialista nesse país. O primeiro MR-8, formado por dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no estado do Rio de Janeiro, atuou no centro-oeste do Paraná e foi praticamente dizimado pela polícia em agosto de 1969. O segundo MR-8, criado nesse ano também por antigos membros do PCB, integrantes da chamada Dissidência da Guanabara, persiste até os dias atuais. Cf. ABREU; MASCARENHAS, .s/d.

pensei: meus pais fizeram administração de empresas em Poços de Caldas, desta forma havia muita literatura em casa sobre o tema, eu trabalhava na parte de Recursos Humanos na Unicamp, então resolvi cursar. Percebi que não me dava bem com a área de exatas e me dava muito bem na área de humanas, busquei saber qual era a raiz fundamental desta área e descobri a Filosofia. Novo vestibular e, em 1991, ingressei na PUCC, em Filosofia.

Nessa época, atuava no Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp. Por estar em uma universidade pública, o diálogo era praticamente impossível, visto as classes em conflitos serem trabalhadores e patrão; na universidade particular, havia momentos conversáveis e conquistas, talvez porque as classes fossem outras: estudantes e reitoria. Afirmo que foi na PUCC que aprendi a dialogar, me posicionar com minhas ideias e ouvir o outro lado. Na Unicamp, era impossível. Situando um pouco na história. Em 1991, entrei na Faculdade de Filosofia na PUC-Campinas e de saída me envolvi com os movimentos estudantis, as articulações com os centros e diretórios acadêmicos dos cursos da Universidade, as reuniões do Conselho de Estudantes de Base (CEB), da qual participavam todos os estudantes da PUCC; todo esse movimento com o intuito de retirar o MR-8 (eles, de novo) do Diretório Central dos Estudantes. Nesse grupo, havia militantes de várias matizes políticas: PSDB, PT, PCdoB e independentes. Intento alcançado, agora como representantes dos alunos, devidamente eleitos, iniciamos as negociações do que chamávamos de aumentos abusivos das mensalidades; as negociações tratadas diretamente com o reitor, no início o professor Eduardo Coelho, em final de mandato, depois com o professor Gilberto Selber. Os diálogos sempre ponderados e bem argumentados, por meio da linguagem que eles conheciam, planilhas e números; quando a conversa tensionava, a ocupação do gabinete do reitor levava-nos à mesa de negociações.

Enquanto na Unicamp, éramos uma união de partidos da esquerda (PT, PCdoB e PSTU) em oposição à reitoria, na figura do professor Carlos Vogt. Havíamos ganho a eleição da Assuc, como era conhecida a Associação dos Servidores da Universidade Estadual de Campinas, e caminhávamos para a fundação do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp – STU, objetivando reunir, sob uma única entidade, todos os trabalhadores da Unicamp, as duas classes de trabalhadores: administrativos e docentes, e essa era uma de nossas maiores bandeiras. Apesar de vencermos o embate interno com o que denominamos ser a direita da Unicamp (aqueles que não estavam conosco – a esquerda), o reitor abriu um processo por difamação contra nós, a chapa vencedora, argumentando que a charge o caluniava. Nela, ele via uma suposta bota colocada em seu braço direito –

ele não possui a mão direita. Em uma conversa particular, meu pai indagou: nunca soube que trípode era difamação, se fosse quadrúpede, ainda vá lá!

A primeira charge (Figura 1) retratava o reitor Carlos Vogt como um titereiro da chapa que representava a reitoria. Além das características de “rei”, havia colocado traços do “Sargento Tainha”, personagem de Mort Walker que sempre massacrava o “Recruta Zero”. A segunda charge (Figura 2) foi motivo para que a reitoria movesse um processo contra a chapa vencedora (Figura 3), sem sucesso. Em 2015, apresentei estas e outras charges que fiz para o STU na 8ª Mostra Luta, organizada pelo Coletivo de Comunicadores Populares, uma organização que reúne diversos coletivos e associações voltados para a criação de canais de comunicação ligados aos movimentos populares, uma forma de romper a hegemonia dos grandes meios de comunicação.<sup>7</sup> O traço, imitando o do Maurício de Sousa, tinha o intuito de conquistar a afeição dos filhos de funcionários e, desta forma, ao ficarem com o boletim, os pais acabariam lendo.

Figuras 1 – primeira charge da campanha eleitoral. Boletim Proibido Proibir, novembro/1990



Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>7</sup> Sobre a 8ª Mostra Luta <https://cartacampinas.com.br/2015/09/mostra-luta-chega-a-sua-oitava-edicao-com-atividades-artisticas-por-toda-cidade/>

Figuras 2 – Segunda charge da Campanha eleitoral. Boletim Proibido Proibir, dezembro/1990



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3 – Verso Boletim STU nº 230 de 28/12/1993

**Charge é a mais recente tentativa de Vogt para atingir o STU**

O Jornal Correio Popular publicou na sua edição do dia 21 de dezembro de 1993 uma matéria dizendo que o diretor do STU, Jefferson Lee Souza Ruiz, foi condenado pela justiça por ter desenhado, há três anos, uma charge do reitor Carlos Vogt caracterizado como monarca, trazendo no lugar da mão esquerda um desenho, que na interpretação do reitor, seria uma bota. Por isso, Vogt o processou por injúria e Jefferson terá de pagar uma multa de CR\$ 6 mil.

Mas a verdade dos fatos é que Jefferson nem sequer desenhou a charge. Seu autor foi o ex-funcionário da Unicamp, Márcio Andrade da Silva e atual diretor do STU, demitido por perseguição política, que nunca teve a intenção de explorar o defeito físico do reitor em uma caricatura.

Márcio, que nem é desenhista, apenas colaborou com a campanha da chapa "É proibido proibir" nas eleições para a ASSUC em 1990, produzindo um sombreado na caricatura que Vogt interpretou como injúria.

A retórica em mais uma tentativa de manchar a imagem do STU, usa o dinheiro público, para enviar através de uma direta, cópias da reportagem do Correio Popular, para os trabalhadores da Unicamp.

Essa atitude mediocre mostra que o reitor, desesperado, quer eleger seu sucessor a todo custo, para isso se utiliza de todos os métodos. Mas os trabalhadores conscientes desta universidade sabem com quem estão lidando. Já estão cansados de autoritarismo e de ver cada vez mais esta universidade afastada dos interesses dos trabalhadores e do nosso país.

O Judiciário do STU está recorrendo da sentença.

Fonte: Arquivo pessoal.

As disputas internas entre tendências e partidos no STU era quase uma constante. Por exemplo, do Partido dos Trabalhadores, existia a tendência majoritária Fórum do Interior, ligada à Igreja Católica e às Comunidade Eclesiais de Base, abrangendo Campinas e região; a tendência Articulação, com grande representatividade fora da esfera campineira, ligada aos sindicalistas do ABC, com pouquíssima representatividade no meio sindical da Unicamp; a Convergência Socialista, de tradição trotskista e que logo estaria fora do PT, fundando o seu próprio partido, o PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados. Havia o PCdoB – Partido Comunista do Brasil e os independentes, mas que concordavam com o posicionamento da oposição, geralmente estavam ou próximo do PT ou do PCdoB. Em virtude dessas brigas, optamos por nos separar daquele grupo do PT e montamos o nosso grupo, o Odara<sup>8</sup>, onde o que importava era a felicidade do trabalhador e, muito mais, a nossa. Felicidade de poder trabalhar sem amarras. Éramos um grupo pequeno, mas pensante, isso é um problema.

Os membros da direção do sindicato não podiam dialogar com a reitoria, todas as conquistas – caso conseguíssemos – seriam frutos da “luta do trabalhador e derrota do patrão explorador!”. Quase um mantra na época. Qualquer possibilidade de diálogo não era vista com bons olhos pela diretoria do STU. Isso ocorreu de forma emblemática quando o sindicato foi procurado pelos trabalhadores da marcenaria. Formamos uma comissão com os trabalhadores, o sindicato e a reitoria, e conseguimos, por meio do diálogo, a melhoria da condição de trabalho daquele setor. Uma outra estratégia aprendida foi utilizar o próprio meio acadêmico para as denúncias contra o que acreditávamos ser posturas equivocadas da reitoria, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foi uma de nossas frentes. É o que chamo de usar a estratégia do judô, usar a força/peso do adversário contra ele mesmo, em busca do *ippon*, o golpe perfeito, aquele que traga a vitória. Assim, o primeiro movimento que fiz foi levar à diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que estaria reunida em sua 45ª Reunião Anual, em Recife/PE (1993), a denúncia de plágio de trabalho científico realizado pelo candidato da

---

<sup>8</sup> Adotamos o nome Odara, que era o estado de espírito que buscávamos, como na canção homônima de Caetano Veloso, e também cantávamos “Deixa eu dançar pro meu corpo ficar odara/ Minha cara minha cuca ficar odara/ Deixa eu cantar que é pro mundo ficar odara/ Pra ficar tudo joia rara/ Qualquer coisa que se sonhara/ Canto e danço que dará.” Era nossa oposição ao sentido da militância amargurada, dura, amarga que vivíamos. Citei um trecho do livro *Convite à leitura de Paulo Freire* (1991, p. 140), onde Moacir Gadotti comenta uma afirmação de Paulo Freire, a seguir: “Eu te confesso: não acredito em revolução que negue o amor, que coloque o amor entre parênteses. Nisso sou guevariano, che-guevariano. O amor e a revolução estão casados.” Gadotti argumenta: “Paulo, o que tem sido transmitido aos jovens, sobretudo pelos meios de comunicação, é que ser revolucionário é ser sisudo, feio, chato, mofado. É essa ideia de revolução que é transmitida, que revolucionário..”. Paulo completa: “faz amor de camisola.” Esse trecho era o mote do Odara: Não somos sisudos, feios, chatos, mofados e não fazemos amor de camisola.

reitoria à sucessão do Carlos Vogt, prof. Cesar Ciacco, na época Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitário da Unicamp. Recebi a informação do próprio professor Ahmed, que fora a vítima do plágio, ao mesmo tempo.

Por que levar à reunião da SBPC? Alguns fatores pesaram. A entidade sempre esteve aberta à discussão do que se referia à produção científica; o denunciado, prof. Ciacco, era membro da instituição; o reitor Carlos Vogt também estaria na reunião da diretoria. O prof. Aziz Ab'Saber estava tomando posse, dessa forma entregamos a ele um dossiê sobre o caso. Nossa intenção era que chegasse ao conhecimento da sociedade científica o que ocorria atrás dos muros internos da Unicamp. Nosso intento foi alcançado e Ciacco, o candidato da reitoria, retirou a sua candidatura abrindo caminho para outro candidato que não era do círculo do Vogt: José Martins Filho. Na ocasião, ao mesmo tempo que atuávamos em Recife, divulgávamos na Unicamp o caso do plágio, (Figuras 4 a 7), de forma detalhada e na linguagem acadêmica, explicitando porque se tratava de uma cópia e não de um trabalho original.

Figura 4 – Boletim STU Especial Denúncia, de outubro/1993, p. 1



## Denúncia de plágio na FEA envolve pró-reitor

Quando temos uma idéia ou um pensamento sobre alguma coisa, isso é nosso, nos pertence. Com relação à produção intelectual de uma universidade, as idéias têm de ser protegidas enquanto são trabalhadas. Foi durante esse período de trabalho que se percebeu, na FEA, em 1979, dois planos de estudo muito parecidos: um projeto de uma doutoranda orientada pelo professor Ahmed El Dash e o de um mestrando orientado pelo professor e atual pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, César Francisco Ciacco.

Ao duvidar da originalidade do projeto do professor Ciacco, Ahmed enviou carta ao Conselho do Departamento de Tecnologia de Alimentos pedindo averiguação do caso. Após análise, o departamento de fato detectou a duplicidade e solicitou ao professor Ciacco uma mudança no plano de trabalho. Em 1984, quando a aluna do professor Ahmed apresenta a tese, Ciacco publica um artigo semelhante numa revista especializada.

### Pedido de providências

Em 1986, Ahmed pede providências ao reitor sobre o caso. Cansado de esperar soluções da reitoria, o docente envia carta à Procuradoria Geral da Unicamp em 1988, pedindo a instalação de sindicância administrativa a fim de apurar o caso.

Somente depois de dois anos, em 1990, a comissão de sindicância se reúne para tomar o depoimento do professor Ahmed, que critica a postura de Ciacco em relação a ele na faculdade.

A assessoria da Procuradoria Geral da Unicamp, em resposta ao pedido de soluções feito em carta este ano, emite parecer sobre a condenação do professor Ciacco dia 25 de junho último. Para a Procuradoria, a universidade não deve tomar qualquer medida legal sobre o assunto porque entende como pessoal o conflito entre os docentes, considerando que a situação não os envolve enquanto servidores da Unicamp.

### Sem aprofundamento

Diante de uma denúncia de furto de idéia de trabalho, a Unicamp deveria procurar se aprofundar ao máximo as investigações, pois é colocado em dúvida o respeito à propriedade intelectual. O problema põe em risco a confiança na produção de conhecimento da Unicamp e nos próprios profissionais da universidade.

### *Ciacco foi condenado à prisão e se livrou da pena*

*O pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, César Francisco Ciacco, foi condenado a quatro meses de prisão mais pagamento de uma multa, em 23 de março de 1992, pela 2ª Vara criminal de São Paulo, por difamar o professor titular da FEA (Faculdade de Engenharia de Alimentos), Ahmed El Dash. Depois de pronunciada a sentença, Ciacco se livrou da pena porque transcoreram-se mais de dois anos entre a data do recebimento de denúncia (7 de agosto de 1989) e a da publicação da sentença (26 de março de 1992), o que caracteriza prescrição da pena, ou seja, perda de validade da punição. A extinção da pena de Ciacco foi conseguida através da Câmara do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, em 16 de dezembro do ano passado.*

### O Conflito

*O conflito entre os docentes acirrou-se em agosto de 1988, quando Ciacco, então candidato a diretor da FEA, disse publicamente, no âmbito da faculdade, que Ahmed usava a universidade para receber comissão por fora de empresas ligadas à Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). Ahmed trabalhou na Embrapa até janeiro de 1988, período no qual se manteve afastado da universidade. Diante da acusação de suborno, um representante do Ministério Público denunciou Ciacco por ofensa da honra em agosto de 1989. Feitas as investigações necessárias e confirmada a veracidade da denúncia, Ciacco foi condenado a quatro meses de prisão, conseguindo posteriormente se livrar da punição por prescrição da pena.*

Figura 5 – Boletim STU Especial Denúncia, de outubro/1993, p. 2.

2

Especial Denúncia

## Entenda melhor a denúncia

*Veja, abaixo, um relatório cronológico do caso*

**1979** - Ao duvidar da originalidade de um projeto do professor César Francisco Ciacco, o docente Ahmed El Dash - ambos da FEA - envia carta ao Conselho do Departamento de Tecnologia de Alimentos pedindo averiguação do caso.

(03 de outubro) - Em reunião, na FEA, da Subcomissão de Pós-Graduação, é detectada a duplicidade no plano de trabalho apresentado pela doutoranda orientada pelo professor Ahmed e no do mestrando orientado pelo professor Ciacco. Foi sugerido a este último que modificasse seu plano de trabalho.

**1984** (outubro) - A aluna de Ahmed apresenta a tese para obtenção do título de doutor junto à banca da FEA.

\* César Ciacco publica texto, em revista especializada, onde fica comprovada a duplicidade dos trabalhos.

**1986** (15 de agosto) - Ahmed encaminha carta ao então reitor da Unicamp, professor Paulo Renato Costa Souza, solicitando averiguação e providências.

**1988** (agosto) - Ciacco acusa Ahmed de usar a universidade para receber comissão de empresas ligadas à Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

\* (14 de dezembro) - Ahmed envia carta ao procurador-geral da Unicamp, solicitando instalação de sindicância administrativa.

\* Parecer da Procuradoria Geral em resposta à carta de Ahmed, solicita que a denúncia passe pelas "instâncias institucionais competentes" (departamento/diretoria da faculdade e reitoria).

Obs: A data da expedição do parecer é justamente a data-prazo em que a testemunha de defesa do professor Ahmed deixaria o país.

**1989** (7 de agosto) - Um representante do Ministério Público denuncia Ciacco na Justiça por ofensa da honra de Ahmed.

**1990** (12 de janeiro) - Reunião da Comissão de Sindicância. É tomado o depoimento de Ahmed, no qual ele confirma as acusações contra o professor Ciacco e relata as perseguições sofridas.

(15 de janeiro) - A Comissão de Sindicância arquiva o processo 5968/88, aberto a pedido do professor Ahmed. A comissão considerou que: "Nem a integridade física, nem a honra pessoal, nem a qualificação científica

### *Ciacco não atende à imprensa do STU*

*Com o objetivo de ouvir a versão do professor Ciacco sobre a denúncia feita por Ahmed, a imprensa do STU fez sete contatos telefônicos para a FEA, em diferentes horários e dias, sem ter qualquer resposta do docente. Em nenhum dos contatos o professor foi encontrado. Na última terça-feira, foi enviado um ofício a Ciacco solicitando formalmente sua opinião sobre o assunto. Não houve qualquer resposta até o fechamento desta edição especial, ocorrida na noite de quarta-feira.*

ca e técnica do professor Ahmed, plenamente reconhecida por todos, não foram objeto de qualquer ataque que tenha sido testemunhado por depoentes outros que não o próprio."

**1992** (23 de março) - Expedida a sentença da 2ª Vara Criminal condenando o professor Ciacco a cumprir pena detentiva de 4 meses e a pagar multa por difamar o professor Ahmed.

\* (16 de dezembro) - Acórdão da 2ª Vara Criminal prescrevendo a pena do professor Ciacco.

**1993** (04 de junho) - Encaminhada carta do professor Ahmed ao Departamento de Tecnologia de Alimentos/FEA para que se tomassem as medidas cabíveis a este caso. O departamento passa o pedido à Procuradoria Geral da Unicamp.

\* (25 de junho) - Professor Ahmed recebe o parecer da Procuradoria Geral dizendo que o caso não envolve a universidade e, portanto, não há medidas a serem tomadas.

\* (julho) - Entregue uma cópia do dossiê do caso ao presidente do SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) em Recife/PE.

\* (29 de setembro) - Em resposta ao parecer da Procuradoria Geral, Ahmed envia carta ao Departamento de Tecnologia de Alimentos, pedindo providências à Congregação da FEA e ao Conselho Universitário da Unicamp. (Veja pág. 3)

**O primeiro pedido de averiguações foi feito em 1979**

Figura 6 – Boletim STU Especial Denúncia, de outubro/1993, p. 3

## Unicamp lava as mãos diante do caso

*Inconformado com a atitude da Unicamp de se eximir de qualquer medida sobre a condenação do professor Ciacco, Ahmed emitiu uma carta à chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos, em 29 de setembro deste ano, discordando do parecer da Procuradoria Geral da Universidade e apresentando os argumentos necessários. Abaixo, veja a carta na íntegra.*

Ilma. Profª. Drª.  
Hilary C. Menezes  
Chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos  
UNICAMP

REF: Carta do Prof. Ahmed de 04/06/93 e Parecer Pg N°  
654/93

Com relação ao parecer emitido pela Srª Maria Hortência Ceglia Fontão Teixeira, assessora da procuradoria da Unicamp, sobre minha carta de 04/06/93, venho pela presente discordar totalmente da abordagem apresentada pelos seguintes motivos:

a) Senhora Maria Hortência não representa legalmente a Unicamp. A causa de minha carta exige resposta da Unicamp, via seu reitor e seu Conselho Universitário.

b) Senhora Maria Hortência tratou o assunto como sendo um problema pessoal, "tratar de ação pessoal direta unicamente entre os senhores El Dash e Ciacco, como cidadãos, não envolvendo, pois, a condição de servidores que os mesmos detém perante a Universidade...". Não se trata de mera questão particular, visto que:

1 - Réu é vítima são professores da Unicamp, portanto, funcionários públicos do Estado de São Paulo, ao qual pertence a Unicamp.

2 - A causa ocorreu dentro das dependências da FEA, Unicamp.

3 - Todas as testemunhas eram professores e alunos da Unicamp.

4 - O réu acusa a vítima de, como funcionários do Estado de São Paulo e da Unicamp, ter se aproveitado de sua situação profissional como professor da Unicamp e como consultor para obter benefícios próprios.

5 - A ação judicial contra o Senhor Ciacco foi promovida pelo governo do Estado de São Paulo, através de sua Procuradoria, e não pelo professor atingido.

6 - Os fatos da difamação ficaram absolutamente comprovados pela Justiça, o que decretou a condenação do réu. Na apelação, somente a pena prescreveu, em função de haver decorrido mais do que dois anos entre o início do processo e a condenação, e não o mérito da questão, já que os fatos que geraram a condenação ficaram plenamente comprovados.

7 - Tal difamação não atinge só o campo pessoal, mas também o campo profissional de um professor da Unicamp, causando danos irreparáveis para sua imagem e também à imagem da Unicamp como entidade pública.

c) Uma vez que houve a confirmação judicial da difamação,

ocorrendo evidente prejuízo da imagem profissional de um professor por outro, não é possível que a Unicamp/FEA se eximam de tomar as providências cabíveis. A falta de providências seria uma carta branca à impunidade, abrindo caminho para o domínio de grupos políticos e para a desintegração ética da comunidade, por cuja defesa a Unicamp sempre primou.

d) Mais uma vez, o Senhor Ciacco está sendo protegido politicamente em detrimento da ética profissional, como já ocorrido anteriormente, tomando-se como exemplos as seguintes situações:

1) Meu pedido de sindicância (processo 5969/88) onde meu depoimento de 12/01/90 mostrou claramente o desrespeito de autoria na elaboração de pesquisa científica pelo Senhor Ciacco, até o momento não fui informado das medidas tomadas.

2) Minha solicitação de formação de inquérito administrativo para apurar as irregularidades do Senhor Ciacco, com relação à questão de propriedade intelectual (carta enviada ao Exmo. reitor - 15/08/86) não foi respondida até o momento.

e) A resposta da Senhora Maria Hortência levanta duas sérias questões que precisam esclarecimento urgente.

1) Como pode uma pessoa condenada pela justiça a cumprir pena detentiva de quatro meses num processo promovido pelo próprio Estado ocupar cargo de confiança dentro de uma universidade do Estado?

2) Como pode uma pessoa que sua ética profissional não respeita a autoria na elaboração de pesquisa científica ocupar cargo de confiança dentro de um dos maiores centros de pesquisa científica do Estado?

Num momento onde a instituição promove o movimento do comportamento ético dentro da política, deve ser a primeira a assegurar a manutenção da ética dentro do comportamento profissional de seus membros, em especial daqueles que ocupam cargos de confiança.

Caso não haja regulamentos prevendo situações como esta, o assunto deve ser estudado e tais regulamentos criados e aplicados. O que não pode ocorrer é a omissão da responsabilidade diante de um precedente tão grave como este.

Portanto, venho, por meio desta, solicitar a tomada de providências no nível de:

1) Congregação da FEA

2) Conselho Universitário da Unicamp.

Sem mais para o momento, agradeço.

Campinas, 29 de setembro de 1993

Prof. Dr. Ahmed A. M. El-Dash

Prof. Titular MS-6

Departamento de Tecnologia de  
Alimentos FEA/UNICAMP

Figura 7 – Boletim STU Especial Denúncia, de outubro/1993, p. 4

4

Especial Denúncia

# Compare os estudos de Ahmed e Ciacco

Veja as semelhanças entre os dois trabalhos, o orientado pelo professor Ahmed El Dash e o do pró-reitor César Francisco Ciacco

## EDITORIAL

### Denúncia merece apuração rigorosa

Numa universidade do porte e da importância da Unicamp, não se pode admitir negligência, omissão e muito menos favoritismo por parte da instituição em relação a determinados grupos ou indivíduos. O clientelismo é característica típica dos incompetentes. A denúncia de plágio de trabalho científico feita pelo professor Ahmed El Dash contra o também docente César Francisco Ciacco (ambos da FEA) é muito séria e vem a por em dúvida - talvez de forma irreversível - até a confiança de outros profissionais da universidade, se o caso não for investigado com o devido rigor.

Dessa forma, torna-se fundamental à Unicamp apurar profunda e imparcialmente os fatos que envolvem o caso, o que não foi realizado pela comissão de sindicância aberta em 90. Para garantir a insenção do processo de investigação, seria interessante inclusive que o trabalho fosse realizado por uma bancada de especialistas externos à Unicamp. É imprescindível que o trabalho se inicie o mais rápido possível, principalmente porque a dúvida sobre a originalidade de um projeto de estudo do professor Ciacco existe há mais de dez anos. Caso seja confirmada, após as averiguações, a cópia de trabalho por parte de Ciacco, que este seja substituído em suas funções rapidamente, já que não seria

	AHMED	CIACCO
<b>Objetivo</b>	Usar as beneficiadoras de arroz no período de entressafra do produto, quando ficam ociosas, para moagem de sorgo. O sorgo pode ser usado na produção de pão, barateando seu custo.	Não foi fornecido
<b>Processo</b>	Decorticação (descascamento, retirada da cortiça)	Decorticação
<b>Máquina</b>	Beneficiadora de arroz	Beneficiadora de arroz
<b>Material</b>	Sorgo	Sorgo
<b>Variabilidade</b>	A pesquisa serve para qualquer variedade de sorgo	A pesquisa serve para qualquer variedade de sorgo
<b>Tratamento Tecnológico</b>	Condicionamento com água	Condicionamento com água
<b>Nível</b>	14% - 17%	15% - 19%
<b>Tempo</b>	6 - 24 hs	18 hs
<b>Moagem de grãos decortificados</b>	Sistema de rolos	Sistema de rolos
<b>Tipo de trabalho</b>	Tese de doutorado	Publicação científica
<b>Início do trabalho</b>	1977	1979
<b>Data da publicação</b>	1984	Outubro/84 - resumo Dezembro/84 - total
<b>Local da publicação do trabalho</b>	Unicamp - tese de doutorado	Revista da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos

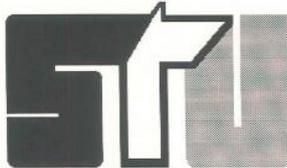
compatível esse tipo de conduta de um pró-reitor.

Um caso como esse deve ser debatido cuidadosamente, principalmente pelo Consu, que então apontaria as medidas cabíveis; medidas essas que visassem à proteção da propriedade intelectual.

Se a Unicamp lavar as mãos diante dessa situação, há o risco de amanhã a instituição perder completamente o crédito junto à população em geral e à comunidade científica em particular, o que seria lamentável. A denúncia merece apuração rigorosa.

Em nosso grupo político, Odara, diante das inúmeras demandas sindicais e reduzido número de militantes, optamos por nos dedicar prioritariamente à Coordenação de Meio Ambiente e Saúde do Trabalhador do STU, pois, por falta de diretores que conhecessem o assunto, o departamento era deixado de lado. Começamos a vitalizá-lo. Um dos primeiros movimentos foi a denúncia de um irradiador de sangue, contendo uma cápsula de Césio-137, deixado no estacionamento da Faculdade de Ciências Médicas— ainda era fresca a notícia do acidente radiológico com o Césio-137 ocorrido em Goiânia, em 1987. (Figura 8)

Figura 8 – Boletim STU nº 343 – de 06/12/94 - frente



**SINDICATO DOS TRABALHADORES  
DA UNICAMP**

Nº 343 DATA 06/12/94

UM SINDICATO DE LUTA E INDEPENDENTE  
DA REITORIA

FILIADO À CUT/FASUBRA Ramais: 8162 - 8694 - 8347

## O CONGRESSO

O III Congresso dos Trabalhadores da Unicamp, realizado no último fim de semana, na Fonte Sônia em Valinhos, reafirmou várias lutas encampadas pelo STU, como por exemplo:

- luta contra o Projeto Neo-Liberal;

- oposição aos governos Covas/ FHC;
- participação na luta contra as privatizações, no sentido de garantir os direitos sociais conquistados pelos trabalhadores;
- luta pela reestruturação da carreira;
- luta por condições salubres e seguras de trabalho.

Nos próximos boletins você confere a avaliação do Congresso feita pelos diretores do STU e também suas principais resoluções.

Fique atento!

### Irradiador de sangue é deixado em estacionamento da FCM

Desde a última quinta-feira, 01.12.94, um Irradiador de Sangue, que será utilizado no Hemocentro, está no estacionamento da Faculdade de Ciências Médicas.

O maior problema desse aparelho estar ao relento é que ele contém uma cápsula de Césio 137 - o mesmo que causou o acidente de Goiânia.

No dia 02.12.94, o STU entrou em contato com a Dra. Ana Maria Xavier, da Comissão Nacional de Energia Nuclear (licenciamento e controle), que disse que cobraria da Unicamp explicações sobre o episódio.

Ontem, foram colocados cavaletes e uma corda de isolamento em torno no container, como se isso

resolvesse o problema.

O STU levou a problemática ao curso de Mapa de Risco do Núcleo de Meio Ambiente da Unicamp (Nepam) no último dia três. Além disso, registrou um Boletim de Ocorrência no 4º DP.

No III Congresso dos Trabalhadores da Unicamp votou-se uma moção de repúdio ao desleixo com que a Unicamp vem tratando a questão.

Ontem, o STU protocolou um pedido de cópia do Plano de Radioproteção para transporte e guarda do Irradiador de Sangue.

O vereador, Cesar Nunes (PT), protocolou ontem um requerimento ao prefeito de Campinas, no sen-

tido de que a prefeitura exija da Unicamp o Plano Global de Radioproteção. O requerimento ainda, cobra providências no sentido de esclarecer a presença do Irradiador de Césio-137 no estacionamento da FCM.

O vereador Sérgio Benassi (PCdoB) está propondo a Câmara Municipal uma Moção de Apelo para esclarecimento do episódio.

Na intenção de colocar as entidades ambientalistas e as pessoas interessadas a par do assunto, o STU está convocando para hoje, às 19:00h uma reunião para discutir o problema. Ela será realizada na Casa de Formação do sindicato, que fica na R. Luzitana, 1667.

Informações: 39.4242

### Hoje é dia de discutir carreira

Plano de Carreira é um dos assuntos da Pauta Específica dos Trabalhadores da Unicamp. Hoje, às 12:00h, no Ciclo Básico, o tema será discutido. As resoluções da Plenária serão encaminhadas à reitoria, que estará discutindo o assunto com o STU amanhã.

Aproveitando a Plenária, serão escolhidos os delegados que participarão do Encontro das Universidades Estaduais Brasileiras que será realizado entre os dias nove e dez de dezembro, na Universidade Estadual da Bahia, em Salvador. Participe!

No início do ano de 1995, dois boletins especiais dedicado ao meio ambiente e à saúde do trabalhador (Figuras 9 a 14) trazia lemas não muito comum no meio sindical, “Transformar nosso ambiente em um lugar saudável, bonito e prazeroso é a nossa META!”,, nosso em várias campanhas envolvendo a questão ambiental e laborativa.

Figuras 9 e 10 – Boletim STU Especial, de Janeiro/1995<sup>9</sup> - frente e verso

**SINDICATO DOS TRABALHADORES DA UNICAMP**  
Boletim Especial - 10/01/94  
UM SINDICATO DE LUTA E INDEPENDENTE DA REITORIA  
Ramal: 8162 - 8694 - 8347

**PENSANDO EM SAÚDE**

Saúde não se resume apenas a ausência de doença. Todos os aspectos da nossa vida devem estar equilibrados, bem como devemos ter acesso a alimentação de qualidade, transporte, habitação e educação decentes. Enfim, devemos ter todas nossas necessidades básicas satisfeitas, com qualidade. É aí então que teremos um resultado saudável, o que poderemos chamar de saúde.

Neste ano queremos contribuir para o equilíbrio do nosso ambiente de trabalho, onde passamos a maior parte de nossas vidas. Será uma das principais tarefas, e um compromisso do nosso sindicato em 1995: dar um fim aos ambientes que impossibilitam o desenvolvimento de nossas potencialidades, muitas vezes comprometidas por doenças profissionais e acidentes de trabalho, que nos lesam, oprimem e, em muitos casos, nos incapacitam, podendo até causar a morte.

**Transformar nosso ambiente em um lugar saudável, bonito e prazeroso é a nossa META!**

Denuncie as más condições do seu ambiente de trabalho.  
Ligue para o ramal 8694 (24h) ou ligue para (0192) 39.8694.

**O STU adverte:  
o amianto provoca câncer**

**A Unicamp cumpre normas de proteção radiológica?**

O caso de irradiador de sangue (Bomba de Césio-137 - Atividade 1700 Ci) desado em 21/11/94, ao releto no estacionamento da Faculdade de Ciências Médicas, mostra que a Unicamp não cumpre as normas de segurança para o manuseio de fontes radioativas.

O STU leve que agir com bastante força para que as normas internacionais de radioproteção fossem obedecidas. Estas normas são elaboradas pela Agência Internacional de Energia Atômica como recomendações, por exemplo: Safeti séries nº 102 - Recommendations for the Safe Use and regulation of Radiation Sources in Industry, Medicine, Research and Teaching.

O radiador só foi retirado do local em 06/12/94, porque a Coordenadoria do Jurídico do STU conseguiu uma liminar exigindo o armazenamento em local seguro, com vigilância 24h e com sinalização.

Resolvido o caso do irradiador de sangue, algumas perguntas ficam sem respostas:

- 1) Como e onde estão as outras fontes radioativas que a Unicamp possui?
- 2) Por que a Unicamp optou pela compra de uma fonte de Césio-137? A fonte de Césio-137 é mais barata, mas apresenta o inconveniente de necessitar a guarda por mais de 200 anos (a meia-vida de Césio-137 é aproximadamente 30 anos); assim, mesmo que a irradiação de sangue caia em desuso devemos guardar a fonte até o ano 2194?
- 3) A Unicamp analisou o custo de armazenagem na hora da compra?
- 4) Por que estão ocorrendo acidentes de trabalho envolvendo a irradiação de trabalhadores e pacientes no setor de Oncologia do Caim?
- 5) Para onde estão indo os resíduos da utilização de compostos marcados com radioisótopos (por exemplo: líquido de cintilação, compostos triciados, etc.)?

Todas estas perguntas, indeluzmente, estão sem respostas. O STU solicitou por dois ofícios a cópia do Plano Global de Radioproteção e Mapa de Risco e até agora não foi atendido.

Caso a Unicamp não forneça ou tenha o Plano Global de Radioproteção, o STU fará uma denúncia à Comissão Nacional de Energia Nuclear para que sejam suspensas as atividades nucleares na Unicamp.

**Amianto**

O STU participou da Plenária Inter-sindical pelo banimento do Amianto. Esta discussão é importante, pois a Unicamp usa divisórias de amianto em larga escala.

**Ruído**

Foi lançado no mês de dezembro em Campinas a nova Norma de Ruído em ambiente de trabalho. Ela foi elaborada pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. O STU possui exemplares da norma à disposição dos interessados.

**CIPA**

A Unicamp vai constituir CIPAS setoriais por unidade. As eleições deverão ocorrer agora no início do ano. O STU irá promover um seminário de formação para os candidatos que concorrerão a essas eleições.

**CIPA II**

O STU está pesquisando junto à Secretaria de Higiene e Segurança, da Delegacia Regional do Trabalho, a possibilidade da implantação de CIPAS nos setores com serviços terceirizados. (Limpadoras, Funcamp, etc.)

**Indenização**

O STU estará promovendo ações civis de indenização para os acidentados no trabalho e portadores de doença profissional e, em caso de negligência, ações criminais. Procure a coordenação do Jurídico para maiores informações.

**Meio-ambiente**

A Comissão do Meio-ambiente da Câmara Municipal de Campinas está aberta para denúncias das agressões ao meio-ambiente, incluindo o ambiente de trabalho. O telefone da Comissão é 32-7318 (gabinete do vereador César Nunes, no PT).

**Boas práticas de laboratório**

O STU possui uma cópia do ante-projeto "Princípios das Boas Práticas de Laboratório". Esse documento está aberto a sugestões de emendas até o dia 15.03.95. A segurança do pessoal (técnicos, docentes e alunos) envolvido é imprescindível para uma boa prática de laboratório.

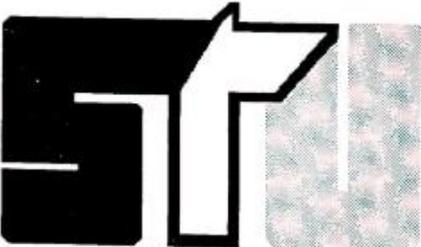
**QUARTA-FEIRA TEM ASSEMBLÉIA**

Pauta: 1) Participação ou não dos representantes dos funcionários no CONSU, nas comissões de estudo dos subsídios (alimentação e transporte); 2) Questão Salarial (divisão do Cispag, atraso do pagamento, situação do funcionalismo).

Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>9</sup> Apesar de constar o ano de 1994, o boletim foi lançado em 1995, sendo possível constatar pela notícia sobre o Irradiador de Césio-137 no boletim anteriormente citado.

Figura 11 – Boletim STU Especial Meio Ambiente, de Julho/1995, p. 1



**SINDICATO DOS TRABALHADORES  
DA UNICAMP**  
Boletim Especial  
Meio Ambiente - Julho/95  
UM SINDICATO DE LUTA E INDEPENDENTE  
DA REITORIA  
Ramais: 8162 - 8694 - 8347

FILIADO À CUT/FASUBRA

# MEIO AMBIENTE



Papel reciclável

*A Coordenação de Meio Ambiente e Saúde do  
Trabalhador do STU coloca em circulação este boletim  
especial com artigos, denúncias e busca maior participação  
dos companheiros neste assunto tão importante  
para a vida humana.*

**Sindicalismo  
e meio ambiente  
página 02**

**CAISM  
página 03**

**Mega-incinerador  
página 04**



**Saúde do  
Trabalhador  
página 02**

**Lixão ao lado  
do CEMEQ  
página 03**

**Gestão das  
águas  
página 04**

Equipamento irradiador de Césio 137 no estacionamento da FCM

No dia 05 de junho comemorou-se o Dia Internacional do Meio Ambiente. Tivemos muito pouco a comemorar porque os problemas ambientais são inúmeros, mas a luta também é intensa e o desafio permanece. Somente a reflexão e a conscientização das pessoas poderão reverter o estado de deterioração em que se encontra o planeta Terra.

## Sindicalismo e meio ambiente

A causa ecológica não deve ficar restrita aos ambientalistas e ecologistas, principalmente no que diz respeito à saúde do trabalhador devemos ampliar as forças.

O que vemos em Congressos e eventos sindicais e políticos é o tema meio ambiente tratado no bojo das questões, nos finais dos eventos e com plenária esvaziada. É hora de avançar.

está na hora de jogarmos mais peso neste tema, de suma importância para a sobrevivência humana e das espécies.

## Saúde do Trabalhador

Foi realizado nos dias 08 e 09 de abril deste ano o 1º Encontro dos Trabalhadores da Área de Saúde e no dia 30 de junho, o Seminário sobre Saúde do Trabalhador da Unicamp.

Entre vários temas, foram debatidas as condições de trabalho e L.E.R. (Lesões por Esforços Repetitivos), principalmente na área hospitalar.

Na Unicamp tem acontecido um grande número de doenças ocupacionais. Somente no ano de 1.994 foram 358 casos (conforme informações do Programa de Saúde do Trabalhador), sendo que 70% destes ocorreram dentro do local de trabalho. A maior parte dos acidentes estavam relacionados a perfurações com instrumentos médicos e hospitalares.

São vários fatores que levam a esse triste quadro na vida dos trabalhadores: sobrecarga de trabalho, arrocho salarial (fazendo com que vários trabalhadores tenham de 2 a 3 empregos), poucos funcionários, excesso de horas extras (existem áreas no hospital movidas a horas extras), pressão de chefias, equipamentos obsoletos, falta de treinamento de pessoal e contratações irregulares (pela Funcamp, bolsa de empregos e firmas terciárias).

No período da greve, a Unicamp contratou, para substituir os grevistas e quebrar o movimento da data-base, cinco funcionários para a Nutrição/HC. Estes estavam sem registro em carteira, sem exame admissional, sem treinamento e foram demitidos um mês depois, sem que todos os seus direitos exigidos por lei fossem pagos.

Em todas as contratações terciárias e irregulares os trabalhadores estão enfrentando uma brutal exploração e péssimas condições de trabalho.

Não podemos admitir que a Unicamp conviva com situações deste tipo, colocando em risco a saúde de milhares de trabalhadores e usuários.

A Universidade deveria combater e prevenir acidentes de trabalho, colocar o ensino e a pesquisa a serviço do bem estar social interno e externo, introduzir novas formas e equipamentos de trabalho, que evitassem os inúmeros acidentes aqui registrados e principalmente, respeitasse os direitos dos trabalhadores já consagrados na Constituição Federal de 1.988.

No Seminário da Saúde, foram apresentados painéis com fotos comprovando as péssimas condições de trabalho, num projeto de mapeamento dos setores mais problemáticos. Continuaremos a fazer denúncias.



Piso molhado é um dos maiores causadores de acidentes de trabalho na Unicamp

*"Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida (...)" Artigo 225 da Constituição Federal.*

### Para ajudar a natureza

- Recicle o lixo,
- não jogue lixo na rua,
- use produtos biodegradáveis,
- economize energia elétrica e água,
- evite queimadas, principalmente de materiais plásticos e pneus.

# CAISM

Sete bebês foram a óbito no CAISM no mês de junho.

Todas as crianças infectadas (11 ao todo) foram contaminadas pelo mesmo tipo de bactéria, encontrada no soro de alimentação endovenosa. O estoque de 15.000 frascos existente foi interdito, as investigações continuam e novos exames estão sendo realizados.

O acontecimento fez com que sete Deputados Estaduais visitassem o Caism, na sexta-feira, dia 23/06. Entre eles, quatro integrantes da Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa e o presidente da Comissão de Saúde da Câmara de Vereadores de Campinas. A visita teve caráter oficial.

Abriu-se uma sindicância administrativa e a C.C.I.H. está trabalhando no caso.

O Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp esteve presente na visita dos parlamentares. O CAISM e

todo complexo hospitalar da Unicamp vive o problema da sobrecarga de pacientes vindos de Campinas e região, sendo que esta situação caótica foi colocada em público no Ato em Defesa da Saúde, no dia 1º de junho em frente ao APA. Naquele dia o Caism estava com pacientes acima de sua capacidade. Os trabalhadores também são vítimas desta política de superlotação hospitalar, sem a infraestrutura necessária, com más condições de trabalho, ocasionando elevado número de acidentes e doenças ocupacionais.

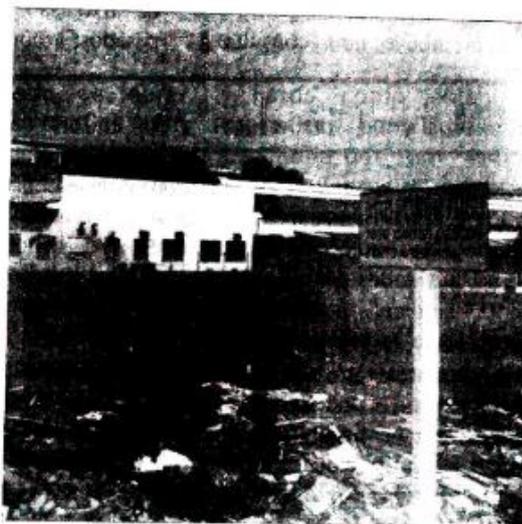
Isso reforça a tese de que os assuntos "Hospitais Universitários" e "SUS" devem ser debatidos o mais rápido possível para não caírem em estrangulamento, como ocorreu. E ter nestas discussões a participação de trabalhadores e usuários como prevêem as regras do SUS (Sistema Único de Saúde).

## Lixão ao lado do CEMEQ

O STU vem há muito tempo cobrando uma posição da reitoria sobre a situação do lixão, criado pela administração da universidade, localizado ao lado de CEMEQ.

Segundo o relatório da "Operação Arrastão", organizado pela equipe da VED (Vigilância Entomológica da Dengue), os materiais encontrados no acúmulo de entulho, principalmente latas, podem ficar vários meses no ambiente, servindo perfeitamente como criadouros dos mosquitos da dengue. Isso não pode acontecer de maneira alguma!

É lamentável que uma Universidade do porte da Unicamp trate o meio ambiente com tanto desrespeito. Além disso, a placa colocada no lixão pedindo para não colocar fogo no local não vem sendo respeitada. E como a placa mesmo informa: isto causa desconforto ambiental.



Martins, queremos o fim dessa vergonha!

## GOVERNO FRANCÊS VAI RETOMAR TESTES NUCLEARES

O novo presidente da França, Jacques Chirac, extrema direita anunciou que irá retomar em setembro deste ano seus testes de armas nucleares e realizará oito deles no Pacífico Sul até maio de 96.

Vários países estão protestando, esperamos que o Brasil também se manifeste contra esta iniciativa retrógrada!

**Os ecologistas do mundo inteiro estão fazendo atos de protesto contra mais esse desrespeito a natureza.**

## Mega-incinerador

De todas as maneiras a prefeitura tenta instalar em Campinas um mega-incinerador na região do Hospital da PUCC. Vejam que absurdo, esse incinerador queimaria lixo residencial, industrial e hospitalar, não só de Campinas, mas de toda a região.

A instalação desse incinerador é polêmica por vários motivos:

1) a prefeitura não apresentou o projeto ao COMDEMA - Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente -, conforme manda a Lei Orgânica do Município. Esse órgão tem por objetivo apreciar os projetos que podem causar danos ao meio-ambiente (ou impacto ambiental);

2) não houve uma consulta à

população, que se encontra anestesiada pelos problemas graves que o país vive e por isso se torna presa fácil dos políticos inescrupulosos, que estão mais preocupados com os lucros que podem advir de projetos nefastos, do que propriamente com a saúde da população;

3) esse projeto foi praticamente abolido da Europa por seus efeitos cancerígenos. O mega-incinerador lança na atmosfera uma substância que se chama dioxina e é altamente danosa aos seres vivos.

De acordo com o químico norte-americano Paul Connet, em palestra na Unicamp, as cinzas geradas pela incineração de lixo são ricas em metais pesados, como mercúrio e

chumbo, que não podem ser destruídos durante a queima.

Ele, uma das principais autoridades neste assunto, afirmou que não existe ainda em todo o mundo um sistema adequado para a destinação das cinzas de um incinerador. E ainda existe o perigo de um acidente grave na usina de incineração, colocando em risco toda a área mais próxima.

Ambientalistas, Sindicalistas e Entidades Populares estarão apontando, para a população de Campinas, os perigos da incineração para a saúde e meio ambiente e tentando buscar soluções para mais esse problema, criado pelo prefeito Magalhães Teixeira.

## Gestão das Águas

Estivemos presentes no I Encontro Nacional dos Trabalhadores na Gestão da Água, realizado em São Paulo, em março de 95. Além de várias entidades ambientalistas, estiveram presentes sindicalistas, parlamentares e o secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

O encontro teve um saldo positivo. Os temas principais dos debates foram a Bacia Rio Piracicaba, os problemas decorrentes do consórcio e a atuação dos sindicatos e movimentos populares.

O STU distribuiu uma carta aberta aos participantes do evento, denunciando a situação do meio ambiente na UNICAMP, o descaso com que a reitoria trata várias questões, como a falta de tratamento de esgoto da universidade.

Denunciamos verbalmente e através de fotos, o absurdo de se ter um lixão ao lado do CEMEQ, a poluição do lago do Ciclo Básico, o armazenamento de produtos químicos no Instituto de Biologia e a falta de controle sobre equipamentos radioativos, como o equipamento que continha Césio e que ficou ilegalmente exposto no estacionamento da F.C.M.

## SIVAM

A empresa norte-americana Raytheon foi quem venceu a licitação para a compra e instalação de equipamentos de informações via satélite do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia).

Existem indícios de que esta empresa esteve envolvida em casos de superfaturamento nos anos 80, nos Estados Unidos.

A Esca, empresa que gerenciava o SIVAM, também está envolvida em sonegação do INSS.

O contrato com a empresa Raytheon foi estimado em US\$1,4 bilhão. Um absurdo! Esse valor é suficiente para construir 70 mil casas populares ou comprar 46 milhões de Cestas Básicas.

Além do mais, os equipamentos como 6 radares são caríssimos e existe a questão da soberania nacional. Deixar uma empresa norte-americana fazer a vigilância da Amazônia é suspeito. É como entregar o ouro ao bandido. Por isso os Parlamentares de esquerda querem a anulação de todo o processo.

## PRIVATIZAÇÃO DE PARQUES

Após três anos da Conferência Internacional do Meio-Ambiente, no Rio de Janeiro, a ECO-92, onde os sete países mais ricos do mundo se comprometeram a investir US\$ 1,6 bilhão em programas florestais tropicais, nenhum centavo entrou nos cofres brasileiros e F.H.C. agora quer também privatizar os Parques Nacionais, com a desculpa que o G-7 não está colaborando. *Boletim*

Em 1995, mantendo a estratégia além-muro, apresentamos o painel *Acidentes de Trabalho na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)* na 47ª Reunião Anual da SBPC, em São Luis/MA (1995). Com esse trabalho, buscamos comprovar a conexão entre as condições de trabalho na Unicamp e o número crescente de acidentes de trabalho nela ocorridos (Figura 15). Todos os dados eram frutos da atuação no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – CRST, órgão da Prefeitura Municipal de Campinas, onde utilizamos o Sistema de Informação para Acidente e Doença do Trabalho (Siscat), com a finalidade de, em nosso trabalho sindical, obtermos dados para corroborar nossas reivindicações de melhoria nas condições laborais.

Figuras 15 – Trabalho apresentado na 47ª Reunião Anual da SBPC (1995)



Fonte: Arquivo pessoal.

Ainda no ano de 1995 houve uma conquista significativa para nós do Odara, em particular, e para os trabalhadores da marcenaria da Unicamp. No início do ano, recebemos uma comissão de trabalhadores do setor de Marcenaria da Unicamp. (Figura 16) Eles traziam uma preocupação em relação a uma máquina de corte de madeira, com o sugestivo nome de “Maria Louca”, constituída apenas de uma serra de aço grande para o corte e o apoio para madeira, sem nenhuma proteção para quem a manuseava. A serra já havia causado alguns acidentes e, acreditavam eles, ela também provocava problemas respiratórios, em virtude da serragem produzida. Realizamos a interdição da máquina em conjunto com a comissão e iniciamos a conversação com a administração da Unicamp, intermediada pelo Procuradoria Regional do Trabalho e o CRST. Uma vitória que fez a direção do STU ter outros olhos para aquele pequeno grupo.

Figura 16 – Boletim STU nº 468, 20 de dezembro/1995



**SINDICATO DOS TRABALHADORES DA UNICAMP**

Nº 468 DATA 20/12/95

UM SINDICATO DE LUTA E INDEPENDENTE DA REITORIA

**Marcenaria**

## Mudanças na Maria Louca

**Trabalhadores da Marcenaria e Sindicato conseguem melhorias para a Maria Louca. Os outros 55 pontos do relatório do sindicato serão discutidos em janeiro.**

No dia sete deste mês o Sindicato e representantes da Unicamp participaram de audiência na Procuradoria Regional do Trabalho para tratar da interdição da máquina apelidada de Maria Louca, que até a paralisação funcionava na Marcenaria.

**Confira o resultado**

O resultado dessa audiência foi de que a máquina só voltaria a funcionar após a implantação de mecanismos de proteção, os quais serão avaliados tanto pelo Serviço de Segurança do Trabalho da Unicamp, pelos técnicos do Sindicato e pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CRST).

Na audiência ficou acertado também que sobre outros tópicos relativos a segurança e medicina do trabalho seriam realizadas reuniões entre a Unicamp, Sindicato e o CRST com a presença de um representante dos trabalhadores do setor. A finalidade da reunião seria a criação de um cronograma de atividades para solucionar os problemas apontados no relatório

feito pelo Sindicato.

**Melhorias são realizadas**

Ontem, o STU, a Procuradoria Regional do Trabalho, o CRST, representantes dos marceneiros e a Unicamp realizaram vitória na Maria Louca. A máquina recebeu algumas proteções e com elas o CRST disse que a Maria Louca não tem mais risco grave iminente para a vida dos trabalhadores. Mesmo assim, foram sugeridas algumas mudanças de caráter preventivo antes que a máquina volte a funcionar. A Unicamp está se responsabilizando pelo funcionamento da máquina.

Foi firmado acordo ainda para que a portaria 176 da Unicamp e

o ofício ameaçando punir os trabalhadores que não utilizassem Equipamentos de Proteção Individual (EPI), que estavam fixados no setor, sejam substituídos por cartazes de orientação sobre a importância da utilização correta dos EPI's.

O Sindicato continua com a posição de que é melhor substituir a Maria Louca por equipamento mais moderno. A Unicamp reconhece isso e disse que está buscando recursos externos para uma solução definitiva para o caso.

É sempre bom lembrar que a interdição da Maria Louca e as melhorias realizadas só foram possíveis porque os trabalhadores quiseram e lutaram por isso.

**Próximo passo**

Foi agendada reunião para o dia 16 de janeiro para discutir os outros 55 pontos levantados pelo relatório do STU. Nessa reunião estarão presentes o Ministério Público do Trabalho, CRST, DGA, SST, Cecom e STU. Algo que será reivindicado nessa reunião será o acompanhamento médico para o setor de Marcenaria.

Fonte: Arquivo pessoal

Realizamos mais duas idas à SBPC. Em 1999, levamos a discussão sobre as *Alterações Estatutárias na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): Adesismo Legal ou Inovação* (1999) para 51ª Reunião Anual da SBPC, em Porto Alegre/RS. Nossa premissa era de que se perdia o momento histórico de realizar um verdadeiro debate sobre a Universidade que queríamos, por a comunidade, ao apenas adequar o estatuto da Unicamp à Lei de Diretrizes e Bases.

Nosso último trabalho apresentado, *Última Página: análise da transformação ocorrida na última sessão dos boletins do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp* (2000), na 52ª Reunião Anual da SBPC, em Brasília/DF, retratava a proposta de imprensa sindical implementada no STU, a criação do Jornal *InformAção*, distribuído às segundas-feiras e o Boletim, distribuído às quintas-feiras. O primeiro com a característica de ir para além do cotidiano da universidade, cuja última página, tema do trabalho, apresentava entrevistas e reportagens sobre o contexto nacional ou internacional.

O trabalho, com sucesso, levava a muita discussão interna, muita ciúmeira entre as várias forças existentes na diretoria do sindicato, e, principalmente, dentro da tendência do PT na qual militávamos, chamada Fórum do Interior, mais ligada à Igreja Católica.

#### Enquanto isso, na PUCC...

Retornando brevemente a 1991, na PUC de Campinas. Lá, tiramos mais uma vez o MR-8 da direção do Diretório Central dos Estudantes e permanecemos por três anos à frente dela. Na graduação, tínhamos grandes professores que nos mostravam os caminhos do pensar, aliás, foi num desses anos que coincidiu uma escolha que cada disciplina fez e permitiu uma compreensão melhor do tema. Em *História da Filosofia Antiga e Medieval*, aprendíamos sobre o período grego, com o prof. Gabriel Lomba Santiago; na *História Geral*, com o prof. Ruy Machado, aprendíamos sobre a Grécia antiga e em *LPT – Leitura e produção de textos*, com a prof.<sup>a</sup> Graciema Pires Therezo, aprendíamos sobre textos dos filósofos antigos. Era um mosaico, cada um em sua disciplina que culminava num todo, o pensamento grego. Esse momento único, nos outros anos não foi assim, me faz pensar, ao montar o roteiro de minha disciplina, em acompanhar, em alguns momentos, as disciplinas de outros colegas.

À frente do Centro Acadêmico, provocamos algumas boas manifestações; fosse com o cadeiraço, onde colocamos, em conjunto com os outros Centros Acadêmicos e Diretórios Acadêmicos, todas as carteiras da faculdade fechando a principal avenida de Campinas, em protesto pelo não diálogo da reitoria sobre o aumento da mensalidade; seja

convidando o Leonardo Boff para vir palestrar para os alunos da filosofia (em sua maioria seminaristas) logo que Boff saiu da Igreja. Na época, ele foi proibido de entrar na PUCC por Dom Gilberto, então Bispo de Campinas e responsável pela universidade. Como eu era o único leigo, portanto não devia obediência ao Bispo, fui para o jornal – único momento em que foi possível unificar o PT em Campinas – com uma moção de repúdio ao Bispo. Conseguimos o espaço do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas para a palestra de Boff. (Volume 2, pg. 11). Nunca antes, na história da filosofia de Campinas, uma semana de estudo teve uma plateia gigante. Calouradas unificadas com o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Unicamp, trouxe Titãs, Cidade Negra, Jorge Ben Jor, Hermeto Paschoal, Jorge Mautner e Jards Macalé. (Volume 2, págs. 7 a 10). Um dos focos do DCE da PUCC era trabalhar a parte cultural, assim realizamos o II Seminário Nacional de Extensão e Movimento Estudantil, onde contamos com a presença de Vitor Negrette (que veio a falecer em 2006, quando escalava o Everest) e Igor Alexandre Walter relatando sua viagem de bicicleta, percorrendo a Transamazônica (Volume 2, pg. 11), um esquete utilizando os poemas de Brecht, com um Cristo pregado em uma cruz de dólares, uma prostituta, um padre e transeunte, com um trilha sono de Blues interpretada por Jorge e seu violão. (Volume 2, pg. 10). Passávamos tempos reunidos planejando e executando, havia projetos que foram engavetados, esses eram bons também, como trazer Tim Maia ou criar uma praia no Centro de Convivência de Campinas.

Iniciei meus últimos anos de estudos com um TCC, que, ao entrar na PUCC, pensava em trabalhar uma relação entre Pixinguinha e Adoniran Barbosa, suas criações como resultado de suas vivências, buscando conhecer e comparar a realidade do Rio de Janeiro e de São Paulo a partir da análise das letras e/ou músicas de ambos. Fui desmotivado pela minha orientadora, professora Vera Irma Furlan, e concordei com ela, era muita coisa para uma monografia. Optei por abordar apenas Adoniran Barbosa, agora não mais o compositor de minha infância, mas um autor de músicas que expressavam a vida, o cotidiano dos paulistanos. Com a pesquisa, vim a saber que ele nascera perto de Campinas, onde resido. A cidade era Valinhos, que sua família deixara em busca de melhores condições de vida. Mudou-se então para Jundiaí, onde entregava marmita, e depois, aos 14 anos, para Santo André, onde continuou trabalhando como entregador. Mas sua busca maior era pelos palcos, queria ser ator. A música foi a forma que encontrou de estar no palco, pois ele não tinha padrinhos ou amigos atores, era sempre rejeitado.

Minha orientadora novamente colocou: “mas não tem filosofia aí”. Vali-me de Marilena Chauí, e dessa forma Adoniran entrou para a filosofia: *O conformismo e a*

*resistência na obra de João Rubinato*. Analisando suas letras e comprovando a proposta apresentada, havia um conformismo diante da vida em suas letras, na famosa *Saudosa Maloca* ele o explicita:

Mato Grosso quis gritá  
 Mas em cima eu falei  
 Os homis tão cá razão  
 Nós arranja outro lugar  
 Só se conformemos quando o Joca falou  
 Deus dá o frio conforme o cobertor (Adoniran Barbosa, 1951).

Assim como em *Iracema* (1956), quando, diante da morte, só resta ter paciência; *Trem das Onze*, em que a distância e a responsabilidade de filho dificulta o relacionamento; *Prova de carinho* (1960), em que sacrificou as serenatas pois seu instrumento, o cavaquinho, cedeu a corda Mi para fazer uma aliança como prova de carinho; *Aguenta a mão, João* (1965), na qual, após o temporal que arrasou o barraco de João, ele pede que se conforme, pois com o Cibide foi bem pior; *Despejo na favela* (1969), diante da ordem de despejo, Narciso constata que sua mudança cabe toda no bolso de trás, mas ele indaga ao oficial de justiça: *E essa gente aí, como é que faz?* E tantas outras letras que se tornaram clássicas do cancionário, em que se apresenta o conformismo de Adoniran diante da realidade e a sua resistência para continuar na vida. Assim concluía minha monografia. Finalizei com uma entrevista de Fernando Faro, produtor do último LP de Adoniran. Por ele ser o produtor do programa *Ensaio*, da TV Cultura, fiz a filmagem nos mesmos moldes<sup>10</sup>.

Em 2010, nas comemorações do centenário de Adoniran Barbosa, apresentei um painel no Encontro Mineiro de Filosofia Clínica, analisando a leitura e expressão de mundo feita por Adoniran Barbosa por meio de suas letras de música. (Figura 17).

Nesse interim, no Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU), conversava com o diretor Genésio Mesquita que buscava um apoio para sua biblioteca popular, no Jardim Santa Rosa, onde militava na Associação de Moradores, na periferia de Campinas, acredito que foi por volta de 1995 ou 96. Resolvemos batizá-la de “Biblioteca Popular Paulo Freire”, e criamos, juntamente com uma colega da Pedagogia da PUCC, Benta Lopes, todo um projeto para que a Biblioteca fosse mais que um local cheio de livros, que ela permitisse o crescimento da pessoa, da comunidade. Recentemente, recebi o livro

---

<sup>10</sup> Atualmente estou recuperando a fita VHS para poder digitalizar e disponibilizar.

Paulo Freire, uma história de vida, de Ana Maria Araújo Freire (Nita), e encontro uma referência a esta biblioteca na página 451.

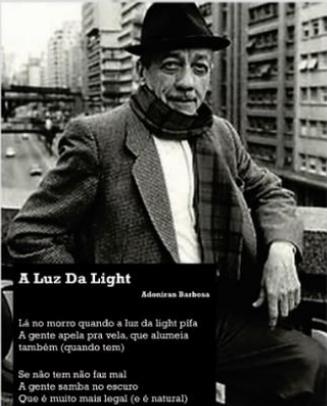
Figura 17 – Painel: Assim o mundo me parece, disse João Rubinato



# ASSIM O MUNDO ME PARECE, DISSE JOÃO RUBINATO

Márcio José Andrade da Silva  
Centro de Filosofia Clínica Campinas/SP

**A representação do mundo é construção pessoal numa relação com os fenômenos que a faz única, pois a pessoa vê o mundo com os elementos de sua vida e história. (Carvalho 28: 2005)**



**A Luz Da Light**  
Adoniran Barbosa

Lá no morro quando a luz da light pifa  
A gente apela pra vela, que alumina  
também (quando tem)

Se não tem não faz mal  
A gente samba no escuro  
Que é muito mais legal (o é natural)

A partir da frase do prof. José Maurício de Carvalho, onde nos lembra que a visão do mundo de uma pessoa passa pela lente singular feita por elementos vivenciados, podemos compreender assim o primeiro tópico da Estrutura de Pensamento - Como o Mundo me Parece. Reportamo-nos a Protágoras e Schopenhauer quando, respectivamente, afirmam que "o homem é a medida de todas as coisas" e que "o mundo é representação"; assim devemos considerar que quem expressa algo está somente manifestando seus limites, seu sistema métrico com o qual faz a mensuração dos dados que se lhe apresentam no mundo onde vive. Sabendo-se desse preceito para vamos conhecer um pouco da história de vida de Adoniran Barbosa, acreditando que tornará fácil a compreensão das letras de suas composições e, conforme pretendemos, a identificação do Tópico 1.

João Rubinato nasceu em 06 de agosto de 1910, em Valinhos, SP. Filho de imigrantes italianos, de família pobre, abandonou a escola muito cedo, pois não gostava de estudar. Teve que trabalhar, em Jundiaí foi entregador de marmitta, conforme relato, legitimamente, surgindo alguns bolinhos pelo caminho. "A matemática da vida lhe dá o que a escola deus de ensinar uma lógica irrefutável. De havia fome e, na marmitta, oito bolinhos, dois lhe saciariam a fome e seis a dos clientes; se quatro, um a três se dois, um a um". Depois foi varredor em uma fábrica de tecidos, carregador de vagões de trem suburbanos, foi tocador, encanador, pintor, garçom, metalúrgico e vendedor de roupas, antes de se tornar humorista de rádio e um dos maiores sambistas do Brasil.

Do cotidiano retirou as ideias e os personagens de suas músicas. Por exemplo, *Brasuca* nasceu de uma notícia de jornal - quando uma mulher havia sido atropelada na Avenida São João. Adoniran através da transposição do linguajar popular paulistano para as suas letras, conseguiu retratar a sua percepção de mundo, com os habituais característicos: favelados, o assalariado, o solitário, o pai de família, todos desceitos com a veia tragicômica de Adoniran.

Nos últimos anos de vida, com o enfimesma avançando, e a impossibilidade de sair de casa pela noite, Adoniran dedicava-se, através da fabricação de misturas e recitar alguns dos espaços que percorreu na vida, com pedregal velhos de lata, de madeira, mordidas e eletrificadas. São rodas-gigantes, trens de ferro, carroceiras. Fiel ao fim à sua escolha, as observações que colhe do cotidiano. Quando recebia alguma visita em casa, que se admirava com os objetos criados pelo sambista, corria dele que "alguns chamavam aquilo de ligante mental, mas que não passava de ligante de dúbil mental...". Como se vê, cultiva o humor como marca registrada. Marca aliás, que aliada à observação da linguagem e dos fatos trágicos do cotidiano, faz dele um sambista tradicional e inovador. Adoniran Barbosa morreu em 1982, aos 72 anos de idade.



**No Morro da Casa Verde**  
Adoniran Barbosa

Silêncio, é madrugada,  
No morro da casa verde  
A raça dorme em paz  
E lá sambato  
Meus colegas de maloca  
Quando começa a sambá não pára mais  
silêncio



**Saudosa Maloca**  
Adoniran Barbosa

Si o sambor não está lembrado  
Dá licença de contá  
Que aqui onde agora está  
Esse edifício alto  
Era uma casa velha  
Um palacet abandonado  
Foi aqui seu moço  
Que eu, Mano Gressao e o Joca  
Construímos nossa maloca  
Mais, um dia  
Nem quem me lembrará  
Vou os homens cas ferrentados  
O dono mandô derrubá  
Pequeno tudo é coisas coisas  
E fumaço pro meio da rua  
Aprecia a demolição  
Que trazeira que eu sentia  
Cada lábia que cria  
Daí ao criação  
Mano Gressao quis gritá  
Mas em cima eu falei:  
Os homis tá cá rasão  
Nós arranja outro lugar  
Só se contentamos quando o Joca falou:  
"Deus dá o fizo conformo o cobertor"  
E hoje não pega a pua na grama do  
jardim  
E prá esquecer nós cantamos assim:  
Saudosa maloca, maloca querida,  
Que dim donde nós passamos dias feliz  
de nossa vida



**Despojo na Favela**  
Adoniran Barbosa

Quando o oficial de justiça  
Chegou,  
Lá na favela  
E contra era despojo  
estrapajo pra seu trapajo  
um erro pra uma ordem  
de despojo

Amarrada seu destino,  
semim dita e pontado  
dentro do dez diaz rpiro a  
favela vinda e se  
lançada todos no chão  
E uma ordem apertar,  
Vila tem nada não seu  
doutor, tá lá nada não  
Amarrá mesmo tem  
dentar rra barracão

Não tem nada não seu  
dentar seu mir diano pra  
não ouvir o rreco do trazar  
Pra não tá tem presenças  
em qualquer canto me  
arrimo de qualquer jeito  
me jeito  
Depois o que eu tembo e  
lá pouco mála mantaça  
é Me parapan que cabo no  
boto do traço

Mas esta gente tá beat  
como é que faz?

**DISCO-BIBLIO-VIDEOGRAFIA**

ADONIRAN BARBOSA - Adoniran Barbosa (Odeon - 1974)

ADONIRAN BARBOSA - Adoniran Barbosa (Odeon - 1975)

DOCUMENTO INÉDITO - Adoniran Barbosa - (Edição - 1984)

MPB COMPOSITORES: ADONIRAN BARBOSA - Adoniran Barbosa, Elis Regina, Diemônio da Garos, Grupo Talismã, Gonzaginha, Jards Macalé, Beth Carvalho, Maysa, Grupo Fundo de Quintal e Marlene

ÚLTIMO SHOW GRAVADO AO VIVO - Adoniran Barbosa (Kuarup - 2000)

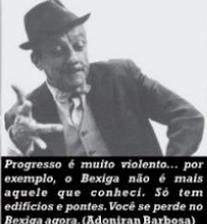
PASSOCA CANTA INÉDITOS DE ADONIRAN - Passoca (Arte Viva - 2000)

O CONFORMISMO E A RESISTÊNCIA NA OBRA DE JOÃO RUBINATO - Márcio José Andrade da Silva - Monografia Cradhação em Filosofia (PUCC - 1996)

Filosofia Clínica, ESTUDOS DE FUNDAMENTAÇÃO - José Maurício de Carvalho (UFJ - 2003)

CADERNOS DE FILOSOFIA CLÍNICA - Lúcio Paqueton (IP - 2000)

MOSAICOS: a arte de Adoniran Barbosa - TV Cultura - 2010



**Progresso é muito violento... por exemplo, o Bexiga não é mais aquele que conheci. Só tem edifícios e pontes. Você se perde no Bexiga agora. (Adoniran Barbosa)**



**Adoniran fez samba contando toda São Paulo. Você vê o samba desde Vila Esperança até o Viaduto Santa Efigênia (Fernando Faro)**

Fonte: Arquivo pessoal.

Um pouco desta aventura apresentei em um texto ao prof. Marcos, chamado: “Meu (não) encontro com Paulo Freire”. Nele, relato, além da criação da Biblioteca, a ida a São Paulo, onde eu não me encontrei com Paulo Freire, mas conversei com ele ao telefone, perguntando como chegaria à casa dele. Lembro-me que o primeiro livro de Paulo Freire que ganhei foi *Educação como prática de liberdade*, e comprei no Instituto Cajamar (Inca)<sup>11</sup> o livro *Conscientização*, pensava em “conscientizar” os outros, ledô engano, conscientizei-me dessa impossibilidade pela leitura de Paulo Freire. Claudia Domingos, que me apresentara com *Educação como prática de liberdade*, me relatou a vivência com Paulo Freire em um curso que ele ministrou na Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, assim que voltou do exílio. O relato que ouvi de Claudia Domingos e transcrevi ao prof. Marcos reforçou como acertada a escolha feita pela obra do educador.

Após concluir meus estudos de graduação, buscava algo que pudesse dialogar com o outro, pensei em fazer psicologia. Uma colega, que há tempos não encontrava, disse que Lucio Packter, da Filosofia Clínica, iria fazer uma palestra na PUCC, a convite da direção, na época era o prof. Paulo de Tarso Gomes, uma pessoa aberta ao conhecimento.

No dia marcado, estava eu lá. A possibilidade de a filosofia escutar o outro e não ser apenas monólogo acadêmico me convenceu a fazer o curso. Nesse período, iniciei o mestrado na PUCC, a convite do professor Luis Alberto Peluso, iria pesquisar sobre Henry Sidgwick, filósofo inglês ligado à escola utilitarista, na leitura do Peluso, que se tornou meu orientador, Sidgwick fazia uma ponte entre o utilitarismo e o socialismo. Aceitei o desafio e me coloquei a pesquisar, mas na época não havia muito sobre o autor inglês aqui no Brasil, na verdade existia uma fotocópia de uma obra dele na biblioteca da USP, mas ela não abordava a ideia que fora proposta pelo meu orientador. Sugeri a compra, ao Peluso, por parte da PUCC, mas nada. Durante o período do mestrado, conheci, por meio de dois colegas da filosofia clínica, Olga Hack e Antônio Vidal, a obra do filósofo brasileiro Raymundo de Farias Brito, que trabalhava com uma proposta de psicologia transcendental. Voltada ao indivíduo (mundo interior) e contrária às ideias positivistas vigentes, nas quais a ciência tinha a resposta para tudo e de forma universal. Isso estava mais perto de meu interesse em aproximar alguns conceitos, neste caso, o

---

<sup>11</sup> Criado na década de 1980 pela CUT, numa parceria com entidades internacionais, o Instituto Cajamar foi, na época, o grande centro de formação e capacitação política das principais lideranças sindicais, partidárias e de movimentos sociais da esquerda brasileira. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/retomada-do-instituto-cajamar-fortalece-a-formacao-de-novas-liderancas-sindicais-bd69>>. Acesso em: 1º jan. 2019.

método proposto pelo filósofo cearense e a filosofia clínica, visto que a filosofia clínica tem por princípio a análise do indivíduo.

Mas como apresentar essa proposta de um filósofo brasileiro, uma vez que o programa de pós-graduação era utilitarista, isto é, voltado à escola utilitarista inglesa? Lendo as letras miúdas do programa, lá estava escrito que seriam aceitos projetos que fossem críticos à escola utilitarista. Em *Farias Brito: o homem e a obra* (1939), de Jonathas Serrano, encontrei em suas páginas a seguinte passagem que havia me despertado para a possibilidade de alterar a pesquisa:

O resto do livro é consagrado à história e à crítica dos principais sistemas da filosofia moderna dogmática e associacionista. [...] O empirismo baconiano, o sensualismo de Locke, o idealismo de Berkeley, o cepticismo de Hume, o racionalismo cartesiano, o dogmatismo de Spinoza – o seu predileto –, as teorias associacionistas de Bain, Stuart Mill e Herbert Spencer. (SERRANO, 1939, p. 134).

Farias Brito se encaixava neste perfil, ele lera Stuart Mill e o utilizara para o método da psicologia transcendental. Apresentei a proposta e ela foi aceita. Mas por manobras políticas, a linha adotada pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia era a utilitarista, contrária à linha social adotada pela PUCC; esse embate ideológico levou a pós-graduação da PUCC a ser fechada, e, por indicação da professora Constança Marcondes César, fui buscar auxílio na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação do professor Luiz Alberto Cerqueira Batista. Em conversa com o meu futuro orientador, apresentei-lhe meu esboço de dissertação, *O Pensamento de Raymundo de Farias Brito e o aporte filosófico de John Stuart Mill*. O professor Cerqueira leu e achou interessante, mas não necessária a utilização do utilitarismo como justificativa. Dessa forma, seguindo sua sugestão e sob sua orientação realizei a pesquisa que resultou na dissertação *A introspecção como método da filosofia: Farias Brito* (2010).

Enquanto pesquisava na PUCC sobre Farias Brito, Olga Hack me apresentou Jorge Brito, bibliófilo que estava em tratativas no Senado Federal para o relançamento de toda a obra do filósofo cearense. Jorge ficou muito feliz por ter alguém estudando Farias Brito, falei sobre meu tema e o levantamento bibliográfico sobre o filósofo que havia realizado, e ele me convidou para colaborar com ele. Cedi minha pesquisa que foi publicada no livro *A verdade como regra das ações* (2005). Os três volumes de *Finalidade do mundo* foram publicados em 2012, onde consegui um artigo dos professores Luiz Alberto Cerqueira e Leonardo Almada, *Farias Brito: filósofo da liberdade*, no qual realizam uma análise

filosófica das seis obras publicadas pelo filósofo, sua coerência no pensar e sua distinção do pensamento de Auguste Comte, o positivismo, que estava em plena vigência nos anos iniciais da República. Para essa edição, refiz o levantamento bibliográfico, organizando-o em seis seções: Livros: obras que tratam especificamente do pensamento de Farias Brito; Opúsculos: impressos de conferências e palestras; Artigos: trabalhos publicados em anais, revistas especializadas e jornais; Verbetes: em dicionários e enciclopédias; Monografias, dissertações e teses: trabalhos acadêmicos e Citações: obras citam ou fazem menções significativas a Farias Brito, acrescida de um pequeno texto de apresentação onde explicitava:

Esta lista de obras sobre Farias Brito vem atender a uma nota do livro *Filosofia Brasileira – Ontogênese da consciência de si*, onde o autor comenta já existir uma biografia recomendável de Farias Brito realizada por Jonathas Serrano em 1939, no entanto *a bibliografia sobre o pensamento do autor [Farias Brito] está por organizar* (CERQUEIRA, 2002 apud BRITO, 2012, p. 330).

Dessa forma, consegui concluir o mestrado, participar e colaborar na reedição de toda a obra de Farias Brito pelo Senado Federal (Figura 18).

Figura 18 – Obras de Farias Brito relançadas pelo Senado Federal (2006-2012)



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2011 comecei a ministrar aulas na Pedagogia, na Organização Paulistana Educacional e Cultural (OPEC), que alterou seu nome para Faculdade de Educação e Ciências Gerenciais de Sumaré (FECGS), posteriormente adquirida pela União das Instituições Educacionais de São Paulo (Uniesp), tudo isso em um prazo curto de dois anos. Lá retomei o contato com as ideias de Paulo Freire, e a leitura me fez pensar em um projeto de doutorado, *A fundamentação filosófica de Paulo Freire*. Conversei novamente com Vidal, que me deu algumas dicas de leitura. E conversando com um amigo da Uniso,

Benedito Cirino, ele me disse: “*Na Uniso há um professor que é o cara certo para te orientar, Marcos Reigota*”.

Assim, já com a proposta reformulada, e aproximando, mais uma vez, da filosofia clínica, busquei Paulo Freire, agora com a ideia de alteridade por ele elaborada. Ainda era parca a bibliografia que eu possuía na época: *Conscientização* (1980), *Educação como prática da liberdade* (1983), *Ação cultural para a liberdade* (1987), *Convite à leitura de Paulo Freire* (1991), *Pedagogia da autonomia* (2005), *Paulo Freire Vive!* (2007).

Trazia na memória um trecho sobre como Paulo Freire havia sido alfabetizado pelos seus pais e que ali, na sua infância, é que estava a gênese do que viria a ser seu método.

Paulo Freire aprendeu a ler com os pais, à sombra das árvores do quintal da casa em que nasceu. Sua alfabetização partiu de suas próprias palavras, palavras de sua infância, palavras de sua prática como criança, de sua experiência, e não da experiência dos pais. (GADOTTI, 1991, p. 20).

Da infância para a o período adulto, Freire desenvolveu a metodologia que respeitava o outro em sua singularidade existencial, a coleta de suas palavras e interpretação de mundo.

O alfabetizador começava o seu trabalho saindo a campo com um caderno ou, se possível, com um gravador, atento a tudo o que via e ouvia. Misturava-se às pessoas da comunidade local de forma mais íntima possível. Não havia questionário nem roteiros a seguir: fazia perguntas sobre a vida das pessoas e seu modo de perceber o mundo. [...] Tudo devia ser explorado: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de falar, de compor versos, de contar o mundo. [...] Esse trabalho preliminar do alfabetizador visava revelar o mundo vivido pelo analfabeto. (GADOTTI, 1991, p. 35).

E a devolutiva, a alfabetização, ultrapassava as letras, incluía o perceber-se sujeito no mundo e sujeito da própria história.

Mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos. (FREIRE, 1982, p. 16).

Assim, ir ao mundo do outro, conhecer esse mundo, e desta forma poder ensinar a arte dos sinais gráficos, alfabetizar com o conhecimento da pessoa.

Um primeiro rascunho do exercitar a alteridade foi realizado por mim e por Gabriel Lima, quando éramos professores no curso de Pedagogia da OPEC; após passarmos o documentário *Olhos Azuis* (1996), que trata da oficina sobre racismo ministrada pela

professora Jane Elliot, onde as pessoas são separadas pela cor dos olhos, as pessoas possuidoras de olhos marrons ou verdes são consideradas superiores às de olhos azuis. O exercício proposto por nós era, ao final do filme, que as futuras professoras, algumas já exerciam a profissão, buscassem conhecer os alunos que estavam diante delas, quem eram, como aprendiam, uma busca por superar aquela padronização, normatização administrativa em busca de resultados quantitativos, disfarçados de qualificativos.

De forma mais elaborada, comecei a exercitar essa possibilidade de alteridade com meus alunos do ensino médio, solicitando que me descrevessem suas leituras de mundo por meio de poesias e fotos; ano seguinte solicitei que essa leitura fosse feita no mundo de outras pessoas, com as mesmas ferramentas, só que agora havia a característica da tradução, que iria descrever teria que ouvir com a maior imparcialidade possível, evitando deturpar o discurso daquela pessoa que estava à sua frente, para conseguir transcrever, em forma de imagens e poesia, o que o outro lhe relatara. No ano subsequente, o mote do trabalho era o que motivava a caminhar, a ir a diante, o que denominei: busca, cuja referência utilizada é oriunda da Filosofia Clínica.

## 2 MEUS (DES)ENCONTROS COM PAULO FREIRE: PROCEDÊNCIAS DE UMA PESQUISA

“Nita! Como faz para chegar aqui?” Essa foi a frase que ouvi do outro lado do telefone. Havia ligado da Rodoviária do Tietê para a casa do professor Paulo Freire. Tinha combinado de me encontrar lá com colegas do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, entre eles o Genésio Mesquita, com quem, juntamente com Benta Lopes, rascunhara o projeto da Biblioteca Popular “Paulo Freire”. A ideia era apresentar a ele o projeto da biblioteca, no bairro Jardim Santa Rosa, em Campinas, que recebera o seu nome. Genésio já se encontrava na casa de Paulo Freire, e eu, por algum motivo que não me recordo, fui de ônibus de Campinas a São Paulo. Com o endereço dele rascunhado na agenda, liguei para Paulo Freire para saber como chegar à sua casa. Mas em virtude da hora, acabei retornando do Terminal Tietê sem poder desfrutar da presença do casal Freire. Esse foi o mais próximo do encontro físico que tive com o mestre. Isso aconteceu pelos idos de 1996.

Vinte e um anos mais tarde, recebo das mãos do professor Marcos Reigota o livro *Paulo Freire: uma história de vida*, com uma dedicatória da professora Ana Maria Araújo Freire: *Para Márcio, com carinho, Nita, 17/10/17*. Corro os olhos pelas páginas e encontro, lá na página 451, a referência à Biblioteca Popular Paulo Freire, em Campinas.

Em um exercício solicitado nas aulas do Marcos Reigota – escrever sobre Paulo Freire –, comecei a rememorar. Além da conversa citada, houve outros momentos em que ele perpassou minha vida, antes e depois do telefonema. Assim denominei estes eventos de: “*des*” *encontros*. Ora, como falar que alguém não passa por nossa vida (dependendo da intensidade, até se aninham em nosso ser), que não nos encontramos, e que esses eventos só seriam possíveis com a presença física do outro? Como não considerar uma boa leitura, uma boa música, uma pintura, como um (des) encontro?

Para ilustrar, trago uma lembrança, daquelas indelévels: estava no escritório do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, que cuidava do meu processo trabalhista contra a Unicamp. Após terminarmos a consulta, retornaríamos para Campinas, quando então um advogado do escritório pediu uma carona até o Carandiru, pois lá estavam presos dois militantes do MST, Diolinda, no presídio feminino, e Márcio Barreto, na parte masculina. Durante o percurso, o advogado caroneiro nos contou que havia sido preso político na época da ditadura militar, e uma obra literária o salvou: *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Para Aton Fon, o advogado, aquela obra era a mais linda que já tinha

passado por suas mãos, ao ponto de ele se recusar a terminar a leitura do último capítulo, até que outra obra fosse melhor do que aquela. Um encontro não físico entre Gabriel e Aton, que permitiu a este transpor aquele momento.

Daí a importância de meus “não” encontros como Paulo Freire, que se iniciaram pelo livro *Conscientização*, uma busca, no início equivocada, de minha parte (procurava e achava que poderia conscientizar o outro, ledô engano); seguiram pelos presentes da Claudia Domingos: *Educação e mudança* e *Educação como prática de liberdade*, e um relato do curso de pós-graduação que fez com Paulo Freire na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), assim que ele retornou do exílio; pela Biblioteca Popular Paulo Freire; as aulas ministradas no curso de Pedagogia, finalizando com a ideia de compreender a fundamentação filosófica do pensamento do Paulo Freire, para entender o movimento de alteridade proposto por ele, e, posteriormente, o seu desdobrar no projeto de doutorado.

## 2.1 Conscientização

Quando era diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp – STU, pelos idos de 1990, tinha uma preocupação em como “conscientizar” os trabalhadores de que eram explorados (minha verdade na época). Essa noção, “conscientizar o outro”, ou “dar-lhe” consciência de classe, era algo forte, eu vivenciava essa perspectiva de o outro me informar e formar para que eu me tornasse “consciente” da minha condição, era o mote dos cursos de formação política que frequentava. Acreditava que o mesmo deveria ocorrer a partir do momento que eu me encontrasse “conscientizado”: reproduzir este mesmo movimento no outro.

Durante um curso no Instituto Cajamar (Inca), encontrei o livro *Conscientização – teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Pensei ter descoberto a pedra filosofal. Agora sim poderia conscientizar todos os trabalhadores. Em verdade, fui desvelado, começava meus primeiros passos para conhecer o verdadeiro significado do termo “conscientização” e o que propunha Paulo Freire.

Ao folhear o livro, duas passagens me chamaram atenção:

No nosso método, a codificação, a princípio, toma a forma de fotografia ou de um desenho que representa uma situação existencial real ou uma situação existencial construída pelos alunos. Quando se projeta esta representação, os alunos fazem uma operação que se encontra na base do ato de conhecimento; se distanciam do objeto cognoscível. Desta maneira os educadores fazem a

experiência de distanciação, de forma que educadores e alunos possam refletir juntos, de modo crítico, sobre o objeto que os mediatiza. O fim da decodificação é chegar a um nível crítico de conhecimento, começando pela experiência que o aluno tem de sua situação em seu “contexto real. (FREIRE, 1980, p. 31).

A relação educador/aluno se mostrou distinta do que eu conhecia e enriqueceu-se mais com indicação que a metodologia é também um instrumento do educando, não só do educador.

Procurávamos uma metodologia que fosse um instrumento do educando, e não somente do educador, e que identificasse – como fazia notar acertadamente um sociólogo brasileiro – o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo de aprender. (FREIRE, 1980, p. 41).

A percepção de que não sou eu a levar a consciência ao outro começou a se tornar mais clara. A chave e a possibilidade estão no outro, a mim caberia apenas dizer-lhe isso – guardada as devidas proporções do que me apresentava Paulo Freire para o que eu imaginava realizar como sindicalista.

## 2.2 Claudia, os livros e Paulo Freire

Claudia Domingos é uma amiga que conheci no Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU), ela também foi diretora e, juntamente com Celso Ribeiro, outro diretor, montamos o grupo Odara, que procurava uma outra forma, mais leve, sem dogmas e doutrinação – o que vivíamos naquela tendência; mais independente para promover a melhoria em nossa prática sindical. Buscávamos ouvir as necessidades dos trabalhadores, ao invés de trazê-los ao que achávamos ser suas necessidades. Claudia, ao saber do projeto da Biblioteca Popular, me presenteou com dois livros de Paulo Freire: *Educação e Mudança* (1983) e *Educação como prática de liberdade* (1983), para que eu pudesse conhecer e aprender mais sobre a proposta dele. Era meu segundo contato com o pensamento de Paulo Freire. Agora mais direcionado, afinal, de certa forma, Claudia havia aprendido com Paulo e agora me indicava leituras introdutórias. Em conta-gotas, ia aprendendo sobre Paulo Freire. No primeiro livro, *Educação e Mudança*, fiquei surpreso logo no começo com a frase *O compromisso do profissional com a sociedade*. Ela dá título ao primeiro capítulo, e é dissecada, palavra por palavra, sentido por sentido; a frase não apenas nomeia o capítulo, mas o suleia<sup>12</sup>, e vai nos fazendo

---

<sup>12</sup> “Marcio Campos afirma que “em qualquer referencial local de observação, o Sol nascente do lado do oriente permite a orientação. No hemisfério norte, a Estrela Polar, Polaris, permite o norteamento. No

entender que não basta ‘estar no mundo’, é preciso ‘saber-se nele’. Destaquei, naquele momento, dois trechos que me auxiliariam em minha postura sindical. O primeiro deles diz: “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em ‘coisas’” (FREIRE, 1983, p. 19).

A percepção do outro não reduzido a “objeto” veio a ser um referencial para minha atuação sindical e, posteriormente, na vida docente. Quem estava/está diante de mim é uma pessoa, não um objeto, ficando sempre alerta para a dinâmica e a velocidade que a vida/luta nos cobrava, e que tendia a nos fazer levar os outros como “massa”. E por isso a importância do segundo trecho que destaco:

Comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também.

Esta é a razão pela qual o verdadeiro compromisso, que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tão pouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho comprometido e aquele com quem se compromete a incidência de seu compromisso. Isto seria anular a essência do compromisso, que, sendo encontro dinâmico de homens solidários, ao alcançar aqueles com os quais alguém se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. (FREIRE, 1983, p. 19).

Mal sabia, naquela época, o quanto ficaria envolvido com a educação e com a proposta de Paulo Freire.

Conversando com Claudia, ela me contou sobre um curso que fez, de pós-graduação, promovido pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), no ano de 1983. Fazia então três anos que Paulo Freire retornara do exílio. A ideia, segundo o relato, era que o curso fosse destinado apenas aos professores e alunos de pós-graduação da instituição. Paulo Freire indagou sobre a ausência de representantes dos movimentos sociais. Após conversações, o curso foi aberto à participação de lideranças populares. Um dos momentos destacado pela Claudia foi o encontro em que discutiram o silêncio. Na ocasião, Paulo Freire adentrou no auditório com uma *nécessaire*, e, diante de todos, abriu e retirou um ovo cozido; pacientemente, foi quebrando a casca e retirando os pedacinhos, feito isso, adicionou um pouco de sal e começou a degustar o ovo, atividade que durou

---

hemisfério sul, o Cruzeiro do Sul permite o ‘suleamento’”. E problematiza: “Apesar disto, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do norte, ou seja, com a mão direita para o lado do nascente (leste), tem-se à esquerda o oeste, na frente o norte e atrás o sul, com essa pseudo-regra-prática dispomos de um esquema corporal que, à noite, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul, a constelação fundamental para o ato de ‘sulear-se’. Não seria melhor usarmos a mão esquerda apontada para o lado do Oriente?”. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/noticia/origem-do-sulear>. Acesso em: 15 dez. 2019.

longos minutos, até que uma moça, na plateia, reclamou que era insuportável aquele silêncio, que ela estava se sentindo oprimida. A partir deste mote, Paulo começou a ministrar aquela aula, discutindo a opressão do silêncio.

O Ciclo de Estudos era uma proposta da Unimep que buscava sistematizar as experiências com educação popular realizadas com a participação da universidade.

A reunião para organizar o Ciclo ocorreu em 4 de agosto de 1983, abrangendo um leque muito maior de interessados do que havia se pensado, uma vez que Paulo Freire exigiu a presença dos movimentos populares<sup>13</sup>. Dessa forma, os grupos participantes foram:

(01) Centro de Ciências Exatas; (02) Centro de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde; (03) Centro de Ciências Aplicadas; (04) Centro de Ciências humanas; (4.1) Psicologia Social; (4.2) Grupo de Estudo do Perfil do psicólogo; (4.3) Grupo de Estudo para a Reconstrução do Curso de Pedagogia; (4.4) Grupo de Estudo de Prática de ensino; (05) Centro de filosofia e Teologia; (5.1) Projeto de Curso de formação teológica; (5.2) Cadernos de Teologia; (5.3) Curso de filosofia; (06) Centro de Pós-graduação; (07) Associação dos Funcionários do IEP (AFIEP); (08) Funcionários da UNIMEP; (09) Associação de docentes da UNIMEP; (10) Diretório Central dos Estudantes; (11) Pastoral universitária; (12) Núcleo de Ação Cultural; (13) Projeto Periferia- pré-escola; (13.1) Programa de Educação de Adultos; (13.2) Programa de Saúde; (13.3) Ação Cultural e Teologia Aplicada (ACTA); (14) Associação dos Favelados; (15) Movimento Negro; (16) Centro Comunitário Santa Terezinha; (17) Serviço Social da Prefeitura; (18) Colégio Piracicabano; (19) Faculdade de Serviço Social; (20) Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz (MORENO, 2012, p. 83-84).

Os encontros foram realizados durante todo o ano de 1983, com datas previamente agendadas e temas que surgiriam conforme os diálogos fossem ocorrendo no encontro. Dessa forma, no dia 11 de agosto de 1983, realizou-se o primeiro encontro com Paulo Freire, tendo por tema o significado da Educação Popular. O segundo encontro, no dia 18 de agosto, abordou a questão do Autoritarismo, tema surgido de conversas onde concluiu-se que “uma prática autoritária acontece quando a decisão final sai de uma pessoa e os demais têm que aceitá-la” (MORENO, 2012, p. 88). O tema sobre o autoritarismo foi significativo para o grupo, que o desdobrou no encontro seguinte, o terceiro, ocorrido em 25 de agosto, onde foram abordadas as práticas autoritárias oriundas daqueles que julgam “saberem mais” do que os demais, ocasionando tomadas de decisões não coletivas. Em 1º de setembro, ocorreu o quarto encontro, denominado Romper o Silêncio. Na dinâmica do curso, fez-se o silêncio que Claudia havia relatado de forma instigante e que Moreno assim descreve:

---

<sup>13</sup> Este detalhe foi me passado pela Claudia Domingos, que estava, na qualidade de aluna de pós-graduação, auxiliando na organização do evento.

[...] houve um silêncio ao ser proposto que o grupo discutisse a própria prática, até que foi proposto que se discutisse sobre o significado daquele próprio silêncio. A timidez, o medo existente – caracterizado pelo contexto autoritário até então vivenciado pela população, no qual o indivíduo pensa não saber e acaba se intimidando ao acreditar que o outro sabe mais, podendo discordar ou questioná-lo em suas colocações –, acabam fazendo com que ninguém se manifeste em atividades grupais. [...] De acordo com o grupo, a história e o contexto que vivenciado, decorrente de repressões, acabam sendo as consequências do silenciamento; “Somos formados para assumir a questão de imposição e submissão nas relações diárias” (FLEURI, 2008, p. 32). (MORENO, 2012, p. 94-94).

O silêncio, em princípio, impede o diálogo. Numa conexão com os encontros anteriores, é possível constatar que o silenciar-se era uma atitude de sobrevivência no período da ditadura; o ano era 1983, em pleno governo do General Figueiredo, o último militar presidente.

Paulo Freire não pôde participar do quinto encontro, em 15 de setembro, em virtude de problemas de saúde, e o grupo optou por assistir um debate sobre o movimento operário e o anarquismo, ali mesmo, na Unimep.

No sexto encontro, em 22 de novembro, Paulo Freire ainda não pôde participar; mesmo assim, o grupo se reuniu e discutiu as práticas cotidianas e institucionais: com o que vinham aprendendo, estavam revendo seus modos de agir e questionar. Um destaque ficou para o representante do grupo da Associação de Favelados. Ele

[...] afirmou que, ao conversar com as pessoas de sua comunidade, procurou mostrar-lhes que “[...] não devem esperar que ninguém faça o que querem, mas que cada um faça de acordo com seu alcance”, levantando o questionamento sobre a autoridade e a liberdade “legais” que a família possui. Em sua opinião, “[...] a liberdade vai se dando aos poucos, quando é demais se torna libertinagem, o mesmo ocorre com a autoridade e o autoritarismo” (MORENO, 2012, p. 97).

Em 29 de setembro, ocorreu o sétimo encontro, este já com a presença de Paulo Freire; o tema foi *Dialogar sem medo de se expor*. Paulo Freire disse que o silêncio era decorrente de o povo brasileiro viver por um longo período na submissão, e que isso pode ser um dos fatores de ele ter tanto medo de se expressar. Para Freire, era necessário romper o silêncio imposto, falando, agindo, praticando e refletindo sobre os fatos.

O modo de buscar esse rompimento foi o tema do oitavo encontro, em 6 de outubro de 1983, denominado *Nós e Eles*. Além da busca em romper o silêncio, a ideia é construir a própria palavra. Um pensamento que surgiu no grupo, diante da presença de

outras vozes, vozes das comunidades, vozes dos movimentos populares, assim se explicitou:

A gente não aprendeu a viver em democracia; é difícil essa convivência com grupos antagônicos, ou não, a raiz toda é a discussão política, não se houve falar aqui no grupo em luta de classes, o cerne é escamoteado, a participação da comunidade nunca é analisada de forma ideológica; de fato não vemos a estrutura que oprime e que precisa ser quebrada. (MORENO, 2017, p. 99-100).

Naquele encontro, ocorreu uma fala ilustrativa sobre o que foi anteriormente destacado. O representante do grupo da Associação dos Favelados colocou que

[...] algumas questões – que segundo ele passavam despercebidas – que o levaram a refletir, como a relação capataz da fazenda e trabalhador ou a relação entre os policiais e o povo, ou ainda o fato do exército com tanto armamento dizer que age de forma pacífica. (MORENO, 2007, p. 99).

O silêncio começava a ser desnudo, a ser percebido, ou melhor, a ser explicitado.

O Ciclo de Estudos caminhava para o seu encerramento, o nono encontro, no dia 20 de outubro, teve por tema *Prática sobre a prática e elaboração do Fórum de Debates*. O grupo foi dividido em três subgrupos para elaborarem a avaliação da proposta de “Fórum de Debates”. Paulo Freire relatou sua expectativa sobre os encontros, que “[...] era de vir humildemente se engajar num processo em que as pessoas tomam distância de sua prática para refletir sobre ela”; e esperava que os participantes do Ciclo pudessem “[...] tomar a prática na mão, para melhor entendê-la e aí melhorá-la” (MORENO, 2012, p. 102). Avaliou de forma satisfatória os encontros, que trataram de vários assuntos importantes para os avanços dos participantes, e, de forma sintética, explicitou o principal tema abordado, o autoritarismo:

Analisamos o autoritarismo, um dos problemas fundamentais de nosso contexto; verificamos como ele se dá na família, na Universidade, na escola, na sociedade civil; discutimos a questão da linguagem, enquanto linguagem de classe; desenvolvemos uma compreensão mais lúcida do significado de educação popular. Esse trabalho de reflexão não é, com certeza alavanca da transformação da realidade, mas é um momento fundamental – o momento teórico- para o desenvolvimento da nossa prática. (MORENO, 2007, p. 102).

O décimo encontro, em 27 de outubro, foi para avaliação e preparação do relatório de cada grupo participante, concluindo-se que o relatório final deveria ser destinado a outros agentes envolvidos com a educação popular, além daquele grupo. Grupos

populares e a academia deveriam ser também destinatários daquele documento, para estudos, aprofundamentos e prática da educação popular.

O décimo primeiro encontro foi o de encerramento do Ciclo de Estudos, e ocorreu em 3 de novembro, sendo aberto a toda a comunidade e realizado no anfiteatro do *campus* Taquaral. Paulo Freire, na ocasião, destacou o novo sentido acadêmico desenvolvido ali, na Universidade, ao fazer daquele curso um curso aberto a todos os agentes responsáveis pela educação, e que iria levar as discussões das experiências debatidas ali às universidades que visitaria na Suíça, Bélgica e Alemanha. Em seguida, cada grupo apresentou seu relatório final, explicitando a experiência de partir de suas próprias práticas e ressaltando a necessidade de continuar aquele processo que ali estava apenas iniciado.

Dessa forma, foi apresentado, por meio do relato de Elizandra Moreno, o que Claudia havia me contado de modo mais informal, quando me narrou sua experiência com Paulo Freire.

### **2.3 Biblioteca Popular Paulo Freire**

Em meados da década de 1990, se não me falha a memória, conversava com o Genésio Mesquita sobre a biblioteca que ele havia montado no bairro em que morava, Jardim Santa Rosa, um bairro periférico de Campinas. Genésio fazia parte da Associação de Moradores e a biblioteca foi uma forma que ele encontrou de aglutinar as pessoas com o propósito de que elas “tivessem o hábito de ler”, de “incentivar a juventude a ler mais”, de levar o conhecimento àquela população.

Em nossa conversa, ele estava preocupado, pois haveria eleição para a nova direção da associação e ele receava que o trabalho com a biblioteca fosse desarticulado. Sugeri que ele não vinculasse esses dois trabalhos, a biblioteca e a Associação, que fossem independentes. O passo seguinte foi estruturar o que já existia. Por que não homenagear o professor Paulo Freire? – não sei de quem foi essa ideia, se foi minha ou dele, mas pensei, devemos homenageá-lo ainda em vida.

Genésio havia trabalhado com o professor Paulo Freire na Faculdade de Educação da Unicamp, conhecia também o professor Moacir Gadotti, na época nosso contato com Paulo Freire. Genésio escreveu então um bilhete ao professor Gadotti (Figura 19) descrevendo resumidamente o objetivo do nosso projeto e, no verso do bilhete, Gadotti nos passou o contato do Paulo Freire.

Em seguida, atendendo ao pedido do Gadotti (Figura 20), começamos a elaborar, a trazer para o texto a proposta do que pensávamos como sendo o papel que a Biblioteca Popular Paulo Freire deveria cumprir naquela comunidade.

Figura 19 – Recado para Moacir Gadotti

Moacir Gadotti  
 Montei uma biblioteca popular na periferia de  
 Campinas, já está com aproximadamente 1500 títulos  
 Contém gibis, romance, literatura infantil, didáticos etc...  
 Tenho o projeto pronto, e o nome "Biblioteca Popular Paulo Freire"  
 Gostaria de saber se há possibilidade de entrar  
 em contato com o Paulo Freire, pra se é possível, conceder a permissão. Genésio

Fonte: arquivo pessoal.

\* Diz a anotação: "Prof. Moacir Gadotti. Montei uma biblioteca popular na periferia de Campinas, já está com aproximadamente 1.500 títulos. Contém gibis, romance, literatura infantil, didáticos etc.... Tenho o projeto pronto e a minha pretensão é colocar "Biblioteca Popular "Paulo Freire". Gostaria de saber se há possibilidade de entrar em contato com o Paulo Freire, pra se é possível, conceder a permissão. Genésio"



Gadotti queria umas três páginas descrevendo o projeto para que pudesse incluir no livro que estava escrevendo. Conversando com Genésio, pedi a ele que descrevesse o que era e como estava funcionando a biblioteca, e que seu relato contivesse alguns dados. É possível ver, ainda neste esboço, a possibilidade de a Biblioteca chamar-se ou não Paulo Freire. Genésio escrevera “a pensar ou definir” com uma seta apontando para o nome do educador. (Figura 21)

Outros dados como data de fundação, qual a finalidade com que ele montara a biblioteca, qual objetivo imediato e o que ele pensava para o futuro também foram colocados.

Dessa conversa, elaborei um esboço de estratégia, alguns contatos a serem estabelecidos, e rascunhei um possível folder. Entre os contatos estava o Centro de Memória da Unicamp (CMU) para viabilizar doações de filmes e livros para a Biblioteca, contato que não frutificou; conversas com a Raquel, funcionária da Biblioteca Central da Unicamp (BC), e informações sobre um congresso internacional de bibliotecas que iria ocorrer para que pudéssemos apresentar a Biblioteca Paulo Freire, para tanto esbocei um folder que seria dividido em seis partes, na primeira uma frase de Paulo Freire, um histórico de como ela se constituiu, um retrato dela naquele momento e o ansiávamos. (Figura 22). Buscando por um símbolo que identificasse a Biblioteca Popular Paulo Freire, solicitei a agência de propaganda 4F, que trabalhava com a o DCE-PUCC, um logo, me enviaram as duas figuras, onde se vê pessoas construindo, com as próprias mãos a biblioteca. (Figuras 23 e 24)

De posse deste primeiro esboço, sentei-me com Benta Lopes, amiga, estudante de pedagogia da PUC-Campinas e colega do DCE-PUCC, e escrevemos o Projeto e Proposta da Equipe Técnica para a Biblioteca Popular “Paulo Freire”; ao mesmo tempo solicitei a uma equipe de propaganda uns esboços de logo para a Biblioteca.

Figura 21 – Concebendo a Biblioteca Paulo Freire

"BIBLIOTECA POPULAR"  
 "PAULO FREIRE"

a pensar ou definir

FUNDADA 12/10/94 no J. St. Rosa

finalidade - fazer com que a maioria da comunidade Santa Rosa tenha hábito de "ler"

- Incentivar a juventude a serem mais  
 - que na folga, pegasse vários leituras

objetivos

valorizar os livros  
 zelar os livros

"Proposta I" fazer com que este trabalho possa ser realizado em  
 vários Bairros e que chegue perto das bibliotecas de União P  
 - metêr em vários autores famosos, literatura infantil  
 e juvenil.

atualizar os acervos  
 investir em equipamento  
 informatizar os acervos  
 fazer com que os órgãos públicos e políticos  
 entre ou engaje neste projeto.

Proposta II

ampliar este trabalho  
 fazer uma oficina pedagógica  
 fazer uma vez por semana sala de vídeo  
 curso de datilografia - p/ a comunidade.

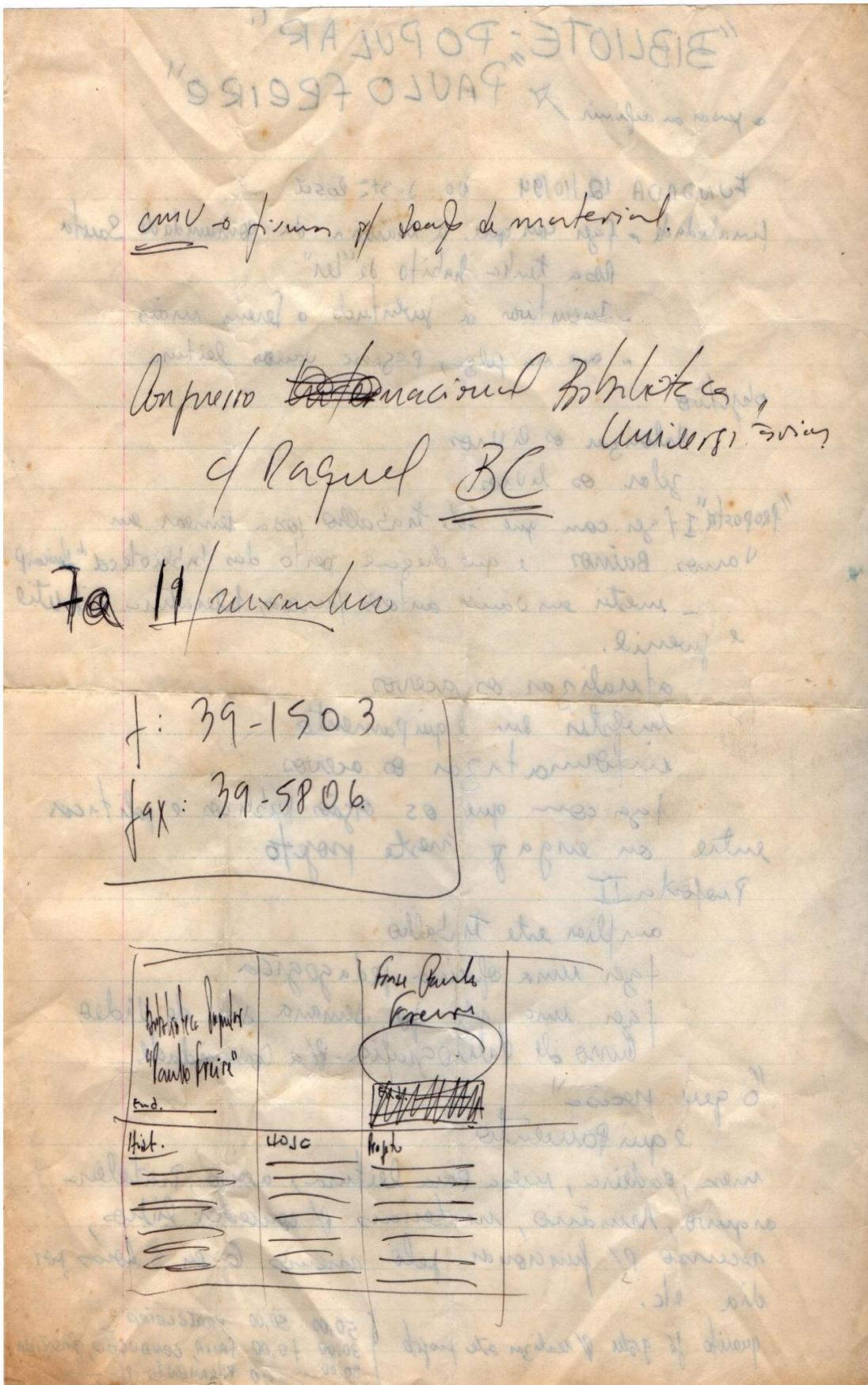
"O que precisa"  
 equipamento  
 mesa, cadeira, mesa para leitura, acervo, prateleira  
 arquivo, Armário, materiais p/ encontrar livros,  
 recurso p/ funcionar pelo menos 6 ou 5 horas por  
 dia etc.

quanto já gasta p/ realizar este projeto

50,00	50,00	PRATELEIRA
30,00	40,00	FAIXA, CONDUÇÃO, GASOLINA
30,00		PAGAMENTO p/ a comunidade
	240	

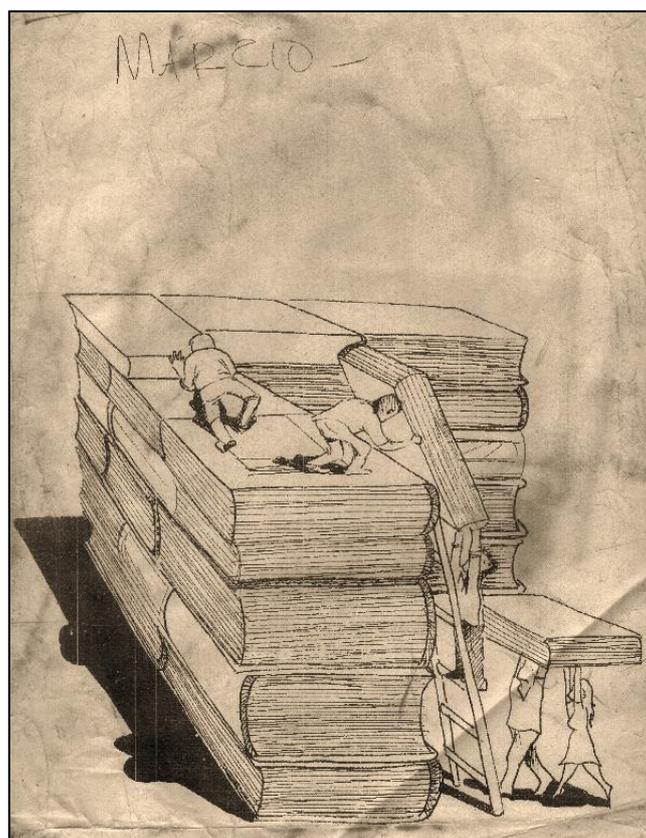
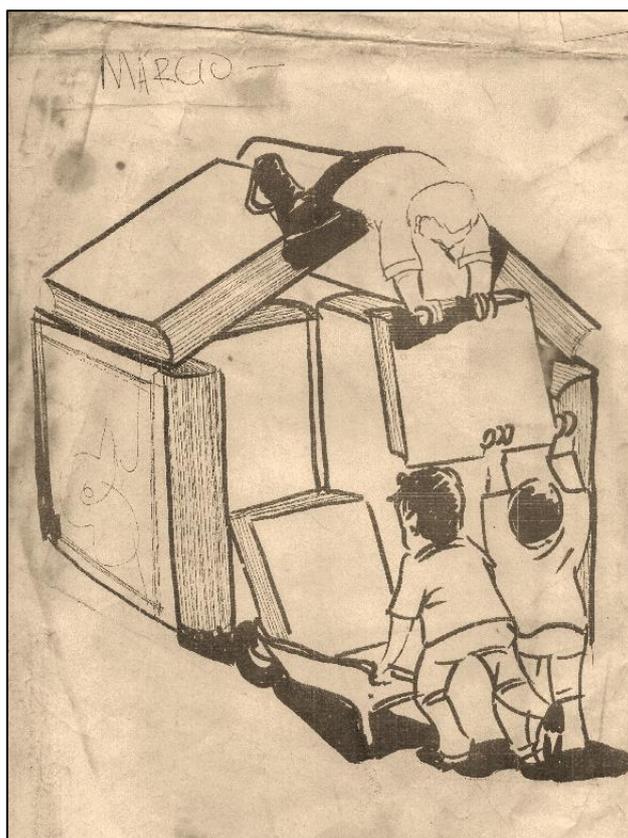
Fonte: arquivo pessoal.

Figuras 22 – Esboços para o folder da Biblioteca Paulo Freire



Fonte: arquivo pessoal.

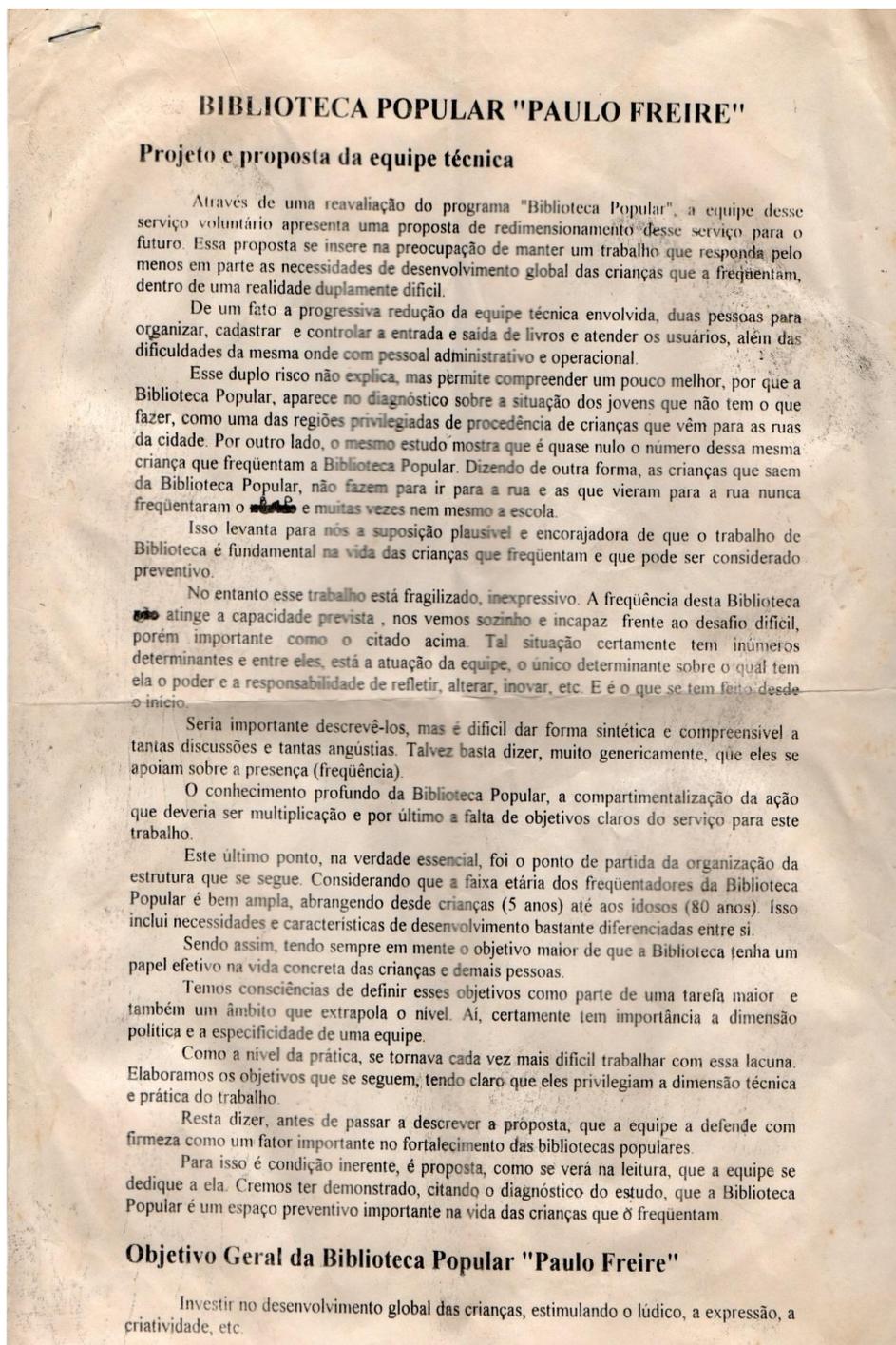
Figura 23 e 24 – Esboço para o logo da Biblioteca Popular Paulo Freire



Fonte: arquivo pessoal.

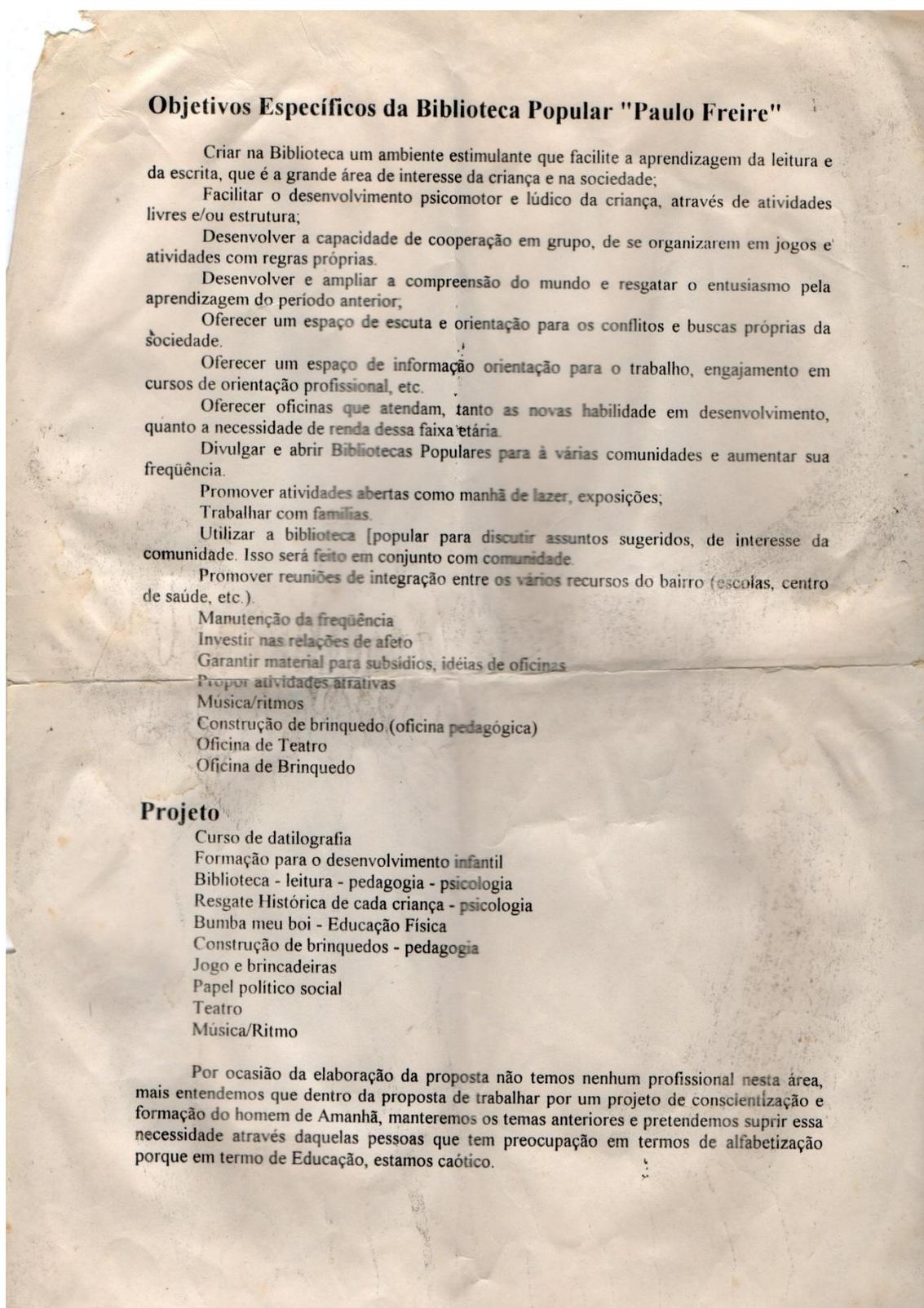
Com a finalidade de atender à solicitação do Gadotti e aproveitando para desenvolver o projeto da Biblioteca, sentei-me com Genésio e, como Sócrates, fomos trazendo à luz a ideia da Biblioteca Popular Paulo Freire: quando foi fundada, o que se pretendia com aquele espaço, quais eram os sonhos de transformação para a Biblioteca, o que ela precisava para ser ampliada, e tantas outras questões práticas, didáticas e políticas. (Figuras 25 e 26).

Figura 25 – Proposta da Biblioteca Paulo Freire



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 26 – Objetivos da Biblioteca Paulo Freire



Fonte: arquivo pessoal.

Desse movimento, surgiu a possibilidade de conversarmos com o professor Paulo Freire, em sua casa, em São Paulo.

## 2.4 Pedagogia na Universidade Brasil - Uniesp

No início da década de 2010, fui convidado para ministrar aula de introdução à filosofia para a turma de Pedagogia, na Organização Paulistana Educacional e Cultural (Opec), interior de São Paulo. No início, a dinâmica da Faculdade era propícia à educação: fundada em 1995, buscava, sob a direção do prof. Paulo Lima, uma qualidade no ensino, material e tecnologia suficiente para a pequena quantidade de alunos, boa remuneração aos docentes, e nos permitia desenvolver bem nossa proposta de ensino.

Tempos depois, após muitos boatos de corredor, fomos surpreendidos com a notícia da venda da faculdade para o conglomerado Uniesp, que chegou de forma surpreendente.

A Uniesp vinha com uma proposta de gratuidade<sup>14</sup>, promessa que advinha do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)<sup>15</sup>, em que a instituição recebia por cada aluno matriculado o total das mensalidades do curso; e, na época, os estudantes do curso de Pedagogia estavam isentos da devolução do montante à União.

Com todas as ressalvas que tenho em relação à forma utilizada, era a possibilidade que elas tinham, e muitas a agarraram. Destaco aqui a postura de uma aluna em particular, beneficiária do Programa Bolsa-Família, que, assim que confirmou seu FIES, fez questão de abrir mão da bolsa-família. Conversando com ela, me disse que fazia isso porque outra pessoa necessitada poderia utilizar-se do benefício e não seria correto ela ficar recebendo duas bolsas. A realidade lhe permitia legalmente possuir as duas bolsas, no entanto, ela não achava correto.

---

<sup>14</sup> BRASIL. Lei nº 12.202, de 14 de janeiro de 2010. Altera a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior - FIES (permite abatimento de saldo devedor do FIES aos profissionais do magistério público e médicos dos programas de saúde da família; utilização de débitos com o INSS como crédito do FIES pelas instituições de ensino; e dá outras providências). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 jan. 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/Lei/L12202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Lei/L12202.htm). Acesso em: 22fev. 2019.

<sup>15</sup> “O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) é um programa do Ministério da Educação do Brasil destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. [...] O programa foi criado em 1999 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e ampliado no governo seguinte de Luis Inácio da Silva (Lula), sendo sucessor do Crédito Educativo, criado em 1976 pelo regime militar. Em 2014, 26% dos estudantes matriculados nas Instituições de Ensino Superior privadas foram beneficiados pelo Fies. Isso significa um dispêndio de R\$ 13 bilhões por parte do governo. Esse percentual é ainda mais relevante quando se considera o fato de que 74% das vagas do ensino superior são ofertadas nas instituições particulares”. (CARDIN, Paulo. A polêmica em torno do Programa de Financiamento Estudantil – Fies. 25/5/2015. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/diretoreitoria/artigos/a-polemica-em-torno-do-programa-de-financiamento-estudantil-fies>>. Acesso em: 22fev. 2019.

Lembro-me da dificuldade que as alunas sentiam nas leituras dos textos, em especial na *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, livro adotado por todas as disciplinas do curso como forma de criar certa interdisciplinaridade. A dificuldade era entender o que Paulo Freire queria dizer. Como se joga um autor na sala de aula sem contextualizá-lo? Comecei então a apresentar Paulo Freire: quem era, como pensava, algumas entrevistas, principalmente a última disponibilizada em vídeo, para daí adentrarmos propriamente no livro, resgatando o pouco que havia aprendido anteriormente com ele, e aprendendo muito mais nas pesquisas e com as dificuldades apresentadas.

Uma das principais dificuldades que as alunas me relataram era a forma da escrita de Paulo Freire. “Eu não consigo entender o que ele escreve” era uma das principais “reclamações”. Assim, comecei a apresentar o educador antes de abordar o livro *Pedagogia da Autonomia*, obra adotada na Universidade para ser interdisciplinar. Comecei por apresentá-lo por meio do livro *Convite à leitura de Paulo Freire*, de Moacir Gadotti (1991), onde o autor traça um bom plano biográfico do educador, em seguida o vídeo com a última entrevista de Paulo Freire, realizada por Luciana Burlamarqui em 17 de abril de 1997, e a avaliação de dois trechos de suas obras, o primeiro, *O ato de estudar*, retirado de um trecho escrito por ele, em 1968, no Chile, para um seminário sobre educação e reforma agrária, e *O ato de conhecer*, da obra *Medo e ousadia: o cotidiano do professor* (1987), em coautoria com Ira Shor, concomitantemente à leitura de *Pedagogia da Autonomia*. Resgatava para elas o que meus professores haviam me passado em minha graduação: contextualizar para entender o pensamento do autor, suas influências e porquês.

## **2.5 Pré-proposta A fundamentação filosófica do pensamento de Paulo Freire**

Ministrando aulas na Pedagogia, pensei em continuar meus estudos; havia terminado o mestrado em filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e defendido a dissertação sobre a introspecção como método da filosofia em Farias Brito, buscando aproximar autores que pudessem auxiliar na minha prática terapêutica como filósofo clínico.

Em Filosofia Clínica, um dos movimentos primordiais para um bom exercício da terapia é a alteridade, ou seja, ir ao mundo da outra pessoa, buscar compreender esse

mundo com o mínimo de interferência de quem visita. Assim, em 2012, aprofundamos nossos estudos, na Universidade Hebraica, em Israel, em dois pensadores basilares, Martin Buber (1878-1965) e Emmanuel Levinas (1906-1995). Basicamente, cada um à sua maneira, nos fala da importância do outro e da necessidade dessa compreensão e diálogo.

Aqui no Brasil, com as leituras realizadas, percebi que o movimento de ir ao mundo do outro, compreendê-lo e instaurar o diálogo era realizado por Paulo Freire e seu método de alfabetização de adultos. Pois, resumidamente, deveria compreender o outro por meio da sua visão de mundo, da sua linguagem, para, dessa forma, poder inserir os símbolos gráficos que traduziam o seu conhecimento, e assim auxiliar na alfabetização.

A ideia que me pareceu mais oportuna, considerando meu caminhar, seria estudar a formação filosófica de Paulo Freire, coisa de certa forma fácil de conseguir a partir do momento em que lemos as obras “não faladas”<sup>16</sup> de Freire, pois nelas ele cita os seus influenciadores. Consultei meu amigo Antônio Vidal e ele achou interessante a proposta, indicando algumas leituras, e me disse para começar com Frantz Fanon e sua obra *Os condenados da terra*, citada por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, no capítulo em que trata da situação concreta de opressão e dos oprimidos. (FREIRE, 2017, p. 68).

Para tanto, me dirigi à Universidade de Sorocaba para buscar orientações para o estudo.

## **2.6 Aulas de cultura, meio ambiente e cotidiano escolar**

Solicitei e fui atendido, tornando-me aluno especial nas aulas do professor Marcos Reigota, no segundo semestre de 2014, retornando como aluno regular do doutorado em 2016.

Para mim, que havia ido com um pré-projeto de pesquisa fechado, o mundo das possibilidades se descortinou. Tomei conhecimento de dois termos fundamentais no

---

<sup>16</sup> Ao ser indagado como aproximar as linguagens “cultas” e “populares”, ele respondeu: “Acho que essa é uma experiência que temos que viver. Recentemente ‘falei’ um livro (tenho alguns livros ‘falados’ com outras pessoas, embora não tenha renunciado a escrever livros; mas estou ‘falando’ um montão de livros. No ano passado ‘falei’ cinco livros) em Genebra com um exilado político chileno, o professor Antônio Fagundes, um filósofo” (FREIRE, 1987, p. 55).

pensamento de Reigota: *narrativas*<sup>17</sup> e *bio:grafia*<sup>18</sup>; capitais para alguém como eu que trabalha terapêuticamente com a história de vida da pessoa contada por ela mesma.

Começando a costurar uma nova colcha de retalhos, acrescentei a visão de mundo das crianças dos acampamentos do MST, suas formas de expressão, a pedagogia do MST. Nesse movimento, revisitando minha biblioteca, encontrei uma publicação do mandato do deputado Ivan Valente, quando da homenagem a Paulo Freire, e dentro um artigo do professor Ademar Bogo, *O pedagogo da esperança e da liberdade*, que nos fala: “Aprendemos com Paulo Freire e na luta que a leitura crítica do mundo amplia o próprio mundo. E ao lê-lo conscientemente, evita-se cair em enganos e cometer desatinos”. (BOGO, 2007, p.28)

O projeto estava construído: *Narrativas e a educação nos acampamentos do MST – conhecendo a práxis pedagógica do movimento dos trabalhadores sem terra através do relato de suas crianças*. No entanto, como disse, o caminho se faz ao caminhar e, sem perder este horizonte, um novo caminho se descortinou.

## 2.7 O doutorado

De repente, me vi imerso em minha história de vida. A cada aula assistida, percebia que algumas peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Era como se cada aula resgatasse um pouco de mim, de minha caminhada até o momento atual e, o que considero o mais fantástico, descortinasse um horizonte de possibilidades.

Usando um exercício da Filosofia Clínica chamado *historicidade*, no qual a pessoa relata, com suas próprias palavras, sua história de vida evitando saltos lógicos e temporais começo o relato do que foram esses encontros e desencontros em Sorocaba.

Encontrava-me em pleno trabalho na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, intermediando, como supervisor do Programa Institucional de Bolsas de

---

<sup>17</sup> “Um tipo específico de conhecimento pode fazer (e faz) a diferença entre os sujeitos, da mesma forma com que os distingue a interpretação e ação que têm da e na história. Esse segundo aspecto desestrutura a hierarquia inicial, pautada no conhecimento específico (científico) e penetra no campo da experiência. Nessa seara não há hierarquias: não podemos dizer que a intensidade do vivido de um é maior ou menor que a do outro. Não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa: no entanto, conhece-lo torna-se fundamental na perspectiva da descoberta de uma história construída/vivida cotidianamente pelos sujeitos anônimos”. (REIGOTA, 2003, p. 9).

<sup>18</sup> “Outro aspecto fundamental na definição das bio:grafias são as características do seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos.” (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 129).

Iniciação à Docência (PIBID)<sup>19</sup>, os acadêmicos desta Universidade na Escola Estadual Prof. Aníbal de Freitas, onde ministrou a disciplina de Filosofia. A supervisão ocorria exatamente às terças-feiras, no período da tarde. Ao ser aceito como aluno especial para a disciplina de *Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar II*, na Universidade de Sorocaba, foi-me apresentado o dilema: retornar aos estudos ou continuar com o meu trabalho de supervisão na escola? O desejo de retomar os estudos – não que eu houvesse um dia parado – me fez optar pelas idas à Uniso, abrindo mão do trabalho junto ao PIBID.

Uma busca que vinha alimentando desde o ano anterior, quando, em conversa com um amigo, após lhe apresentar a minha ideia de pesquisa sobre os fundamentos filosóficos da teoria de Paulo Freire, ele me indicou a Uniso para desenvolver o projeto. Afirmava ele, ao indicar-me um professor cuja disciplina deveria cursar, "é o que mais se aproxima do que você pensa...". Segui então as dicas e minha intuição. E, até o momento, elas têm se mostrado acertadas.

Frequentando as aulas da disciplina Meio Ambiente, Cultura e Cotidiano Escolar proferidas pelo professor Marcos Reigota, na Universidade de Sorocaba (Uniso), tive contato com o conceito de *bio:grafia*, que

[...] enfatizam a cultura entendida como produção e expressão de ideias, sentimentos e experiências. Expressam a diversidade e a ecologia como uma proposta política e opção existencial que tem nas relações sociais, na subjetividade e nas diversas interpretações do que seja meio ambiente e seus principais fundamentos [...] as bio:grafias trazem consigo a possibilidade política e cultural de romper no cotidiano das práticas sociais e pessoais com os discursos homogêneos, produzidos e difundidos nos e pelos espaços hegemônicos. (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 130).

Outro conceito apresentado foi o que ele denominou *narrativas*, conceito desenvolvido, principalmente, em seu livro *Ecologistas* (2003),

As narrativas (escrita, oral visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa (depressiva, alegre, positiva, negativa, pessimista, otimista, nostálgica, saudosista, futurista, realista, surrealista, impressionista, fragmentada, barroca, minimalista, redundante, clássica, erudita. Pop etc.) de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas (REIGOTA, 2003, p. 80).

---

<sup>19</sup> Programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

Em outra obra, *Educação ambiental: utopia e práxis* (2008), a questão das narrativas é retomada por meio das histórias de vida dos mestrados em Desenvolvimento Sustentável na Universidade Federal do Amapá (UniFAP). Cada relato é portador de sua vivência única, de venturas e desventuras na construção de si com sua original subjetividade. Isso aguçou mais minhas pretensões aos estudos. Como dito anteriormente, minha formação terapêutica é em Filosofia Clínica, nosso principal instrumento de trabalho é a *historicidade* – a história de vida da pessoa contada por ela mesma, essa “descoberta” – a narrativa – veio subsidiar meus conhecimentos. Foi instigante ler os relatos dos diversos autores, contando-nos suas trajetórias, contextos sociais e singulares vivenciados. Particularmente, foi, para mim, uma volta às minhas origens, minha infância, já relatada, na cidade de Macapá-AP.

Assistimos ao documentário do Pedro César, *Só dez por cento é mentira*, é uma pretensa biografia do poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros, ou como diz o diretor, é uma desbiografia. Contém, além de relato do próprio poeta, depoimentos de pessoas “contaminadas” por ele. Na época, Manoel de Barros contava com 93 anos, tinha cerca de 20 livros publicados e vivia em Campo Grande. Considerado o maior poeta brasileiro, honraria de que Carlos Drummond de Andrade aquiesceu. Uma cena que me chamou atenção foi, logo no início, quando Pedro Cezar, tentando realizar o documentário e Manoel de Barros reticente e relutante à realização; Manoel apresentava argumentos bastante convincentes para a não realização do documentário. Pedro Cezar relata que Manoel “afirmava que o ser biológico Manoel era totalmente sem graça e que eu devia me concentrar no ser letral, somente nos livros. Eu insisti e depois de muitas idas e vindas Manoel encerrou o assunto afirmando que sua arte só se expressava por escrito.”<sup>20</sup>

Diante da recusa, Pedro Cezar desistiu e disse “deixa para lá Manoel, era só um SONHO” então aconteceu o inesperado, Manoel fez um breve silêncio e ordenou que Pedro trouxesse suas “trilhas” no dia seguinte, bem cedinho. Desta feita, podemos desfrutar dos dez por cento de mentira e noventa por cento de invenção.

Já os textos base da disciplina, que me forneceram oxigênio, e, por conseguinte, vida; foram de uma riqueza imensa, além da possibilidade de dialogar com os autores. Lembro, por exemplo, principalmente por estar envolvido com o cinema, do texto da professora Alda Regina Tognini Romaguera, que nos apresentou o seu artigo em coautoria com Pâmela Zacharias Sanches Oda e Antonio Carlos R. Amorim, *Em imagens*,

---

<sup>20</sup> Relato retirado do filme *Só dez por cento é mentira*. Direção Pedro Cezar, de 2009.

*tempo e personagem do cinema pós-moderno* (2010), onde me marcou a apresentação da professora Alba na explicação marcante, para mim, do filme *A Casa Vazia*. A partir da qual comecei a ter uma melhor visão sobre a proposta de pós-modernidade, apresentada pelo professor Reigota, como a voz das “minorias”, dos “diferentes” ganhando espaço e representatividade, que diferenciava do conceito de pós-moderno, fundamentado em Bauman, que utilizamos em nosso capítulo *O PIBID-Filosofia da PUC de Campinas: um relato de experiência pedagógica na escola pública*:

Por pós-moderno compreendemos, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”. Fase em que as organizações sociais, estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável, pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo leva para moldá-las. (SILVA; VIEIRA; DEPIERI, 2016, p. 307-308).

Definições que se complementam, visto que as instituições, já não conseguem ser hegemônicas, sua solidez está se liquefazendo, as minorias, nesse movimento líquido, encontram as brechas para ampliarem suas vozes.

Em outras aulas, compartilhamos ideias e diálogos sobre *Educação e meio ambiente entre a biopolítica e a biopotência*, de Rodrigo Barchi (2011). O autor dirá que

É a partir da normalização que ocorre, então, a ativação dos processos que promovem a segregação e a hierarquização, de forma a garantir dominação e hegemonia. É por isso também que Foucault afirma que esse biopoder teve função fundamental no desenvolvimento do capitalismo, já que ele possibilitou tanto a inserção controlada dos corpos individuais no aparelho de produção (através da escola, da fábrica e da prisão), quanto o ajustamento dos “fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT, 1988, p. 132). (BACHI, 2011, p. 171).

Discutimos ainda o artigo *A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas*, de Guilherme Carlos Corrêa e Ana Maria Hoepers Preve (2011), em que a seguinte questão se coloca:

[...] se você não tivesse que prestar contas a ninguém, nem ensinar nada a ninguém, se pudesse nem mesmo levar em conta a sua área de formação e nem dar conta de algum objetivo, o que você gostaria de estudar? A resposta a essa questão é, na maioria dos casos, um silêncio. Um silêncio de angústia. Sabemos da importância de não interferir nesse silêncio. (CORREA; PREVE (2011, p. 200-201).

Agrupei esses dois artigos porque eles me remeteram à minha prática escolar como docente, fazendo-me refletir tanto sobre minha função de professor, seja no Ensino

Médio, seja no Ensino Superior, quanto sobre os trabalhos realizados como supervisor do PIBID na Escola Aníbal de Freitas, e também que local é aquele onde exerço a docência e como o meu trabalho pode afetar a forma com que os alunos se percebam enquanto sujeitos naquele contexto. Além, claro, da “descoberta” dos sistemas opressores que, às vezes, reproduzimos sem percebermos, e, em outro momento, como os combatemos, o que me remeteu à minha monografia de graduação em filosofia, *O conformismo e a resistência na obra de João Rubinato*. Nesse trabalho, realizado antes de meu ingresso no magistério, trazia à baila o personagem Adoniran Barbosa que me acompanha desde a infância, com *Saudosa Maloca* e *Iracema*, quando as ouvi na Rádio Educadora, em Macapá/AP. Agora, meu olhar era outro. Com uma bagagem maior de vida, fazia uma leitura mais social das letras, no entanto, o olhar de admiração infantil continuava presente: Adoniran narrava as desventuras do cotidiano, dos periféricos, dos sem teto, dos favelados, dos trabalhadores que precisavam atravessar a cidade para chegar à casa. Ali, ele relatava o conformismo com a situação vivida, em que o sistema econômico cobra seu preço ao cidadão, e Adoniran pede calma, afirmando que amanhã será melhor. Desta forma, as poesias e fotos foram a linguagem estética, sintética e singular escolhida.

Um texto analisado, apreciado, degustado, digerido, e também transformador, foi o produzido por Aline Gevaerd Krelling, *Quando a poesia de Manoel de Barros e a fotografia se encontram: o olhar infantil sobre o ambiente* (2013):

Guimarães (2006) afirma que o modo como enxergamos e nos relacionamos com a natureza, com o mundo, é construído historicamente e culturalmente. Sendo assim, obras literárias são portadoras de visões de natureza, de ciência, de mundo, que circulam pela cultura na época em que foram escritas. Diante disso, torna-se necessário atentarmos para as significações de natureza e de meio ambiente que vêm sendo produzidas por artefatos, instâncias e práticas culturais, instituidores de subjetividades, ou seja, de modos de ser e de estar no mundo. (KRELLING, 2013, p. 464-465).

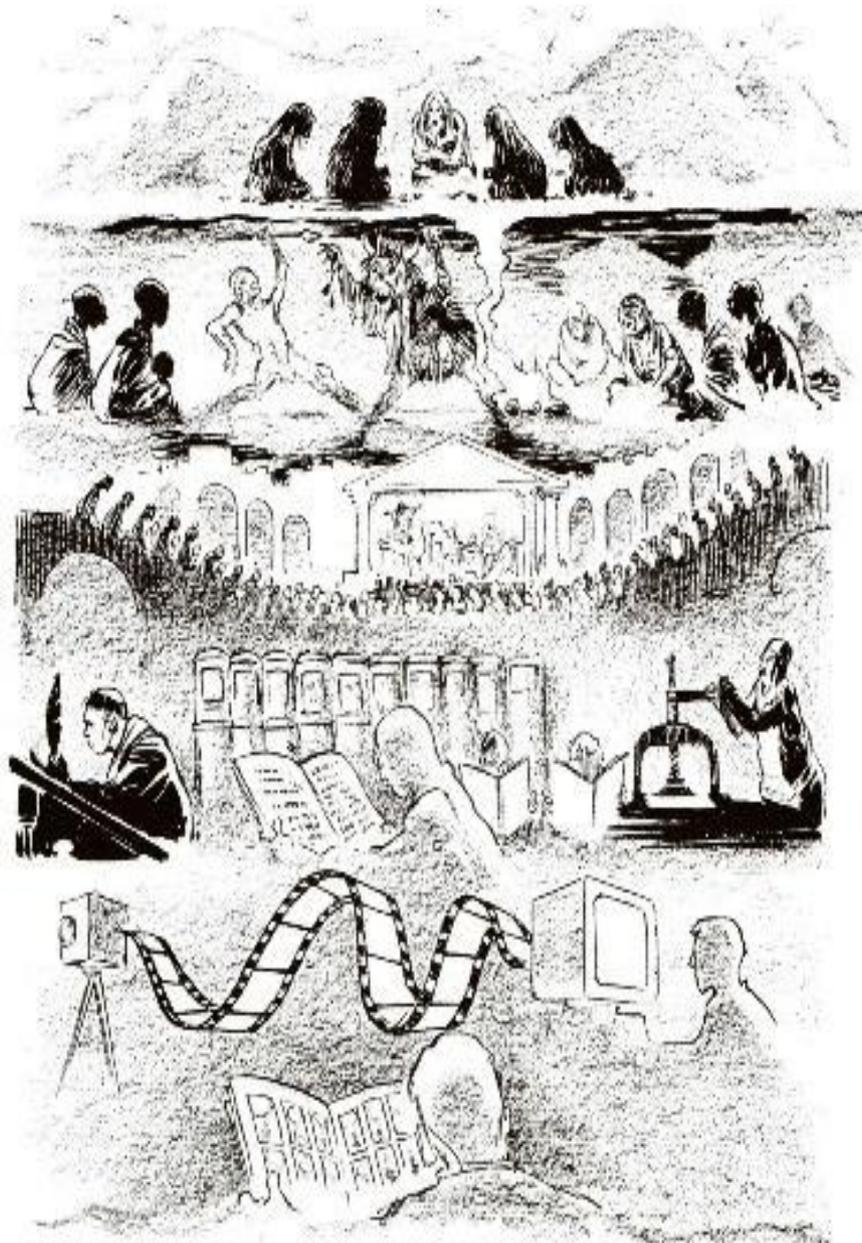
Mais do que uma reflexão sobre uma dissertação de mestrado da autora, foi uma homenagem ao poeta, visto que ele havia falecido naquele período. O texto me fez ver a possibilidade de junção da poesia com a fotografia, alinhavadas pela imaginação infantil, e principalmente a nossa imaginação adormecida.

Ao apresentar o projeto de tese, fui questionado por Marcos Reigota: como pretendia que as crianças das escolas dos assentamentos se percebessem como agentes da própria história? Pensei comigo, pois a questão levantada pelo Reigota ficou maturando em meus pensamentos, que a história contada por uma pessoa retrata a percepção que ela

tem do mundo, ou seja, a história é uma ficção a partir do momento em que percebemos que aquele relato é uma narrativa particular de uma percepção da realidade. Essa indagação também foi o motor para análise dos trabalhos para as exposições dos meus alunos da escola Aníbal de Freitas.

Assim, um desenho de Will Eisner (2005), artista norte-americano, que utilizo em algumas das minhas apresentações, traduz bem essa ideia de formas de contar a história. (Figura 27),

Figura 27 - Desenho de Will Eisner



Fonte: arquivo pessoal.

## 2.8. Mosaico para adiar o fim do mundo

Criar e recriar as ideias, os movimentos freireanos, principalmente a percepção do mundo em que se está inserido, e o quanto cada um se percebe sujeito da própria história, foram os motes que me levaram a elaborar, junto com meus alunos do Ensino Médio, uma maneira para que eles mostrassem a sua representação de mundo por meio da poesia e da fotografia.

Dessa forma, realizei as mostras fotopoéticas *Como o mundo me parece* (2017), *Visitando o mundo do outro – VOMDO* (2018) e *Olho d'água* (2019). Na primeira, uma ida ao seu próprio mundo descrevendo-o; na segunda, uma visita ao mundo do outro e a descrição dessa viagem em alteridade; na terceira, a percepção do que cada um tem como busca existencial, o vir-a-ser. À parte destas exposições, mas também fazendo parte, realizamos a exposição *Lama sem Alma – Brumadinho* (2019), onde, além dos cartunistas e desenhistas de renome nacional, agregamos os trabalhos realizados pelos alunos da escola.

Uma espécie de laboratório para o trabalho com as crianças nos assentamentos.

Qual não foi minha surpresa, folheando a *Revista Sem Terra*, de 2000, ao me deparar com uma entrevista com o agrônomo Leonardo Melgarejo, que distribuiu 40 máquinas fotográficas de 24 poses para as crianças fotografarem “o que bem entendessem”, mas solicitando que registrassem as suas vidas. (Figuras 29 a 33).

A reportagem *Registro do olhar das crianças sem terra*, realizada por Rosina Duarte, entrevistou o agrônomo Leonardo Melgarejo sobre a exposição fotográfica que ele havia realizado em 1999. Ele narra que tudo começou com uma ideia de sua esposa, Liana Guterres, quando ela sugeriu: *Por que não organizar uma exposição com fotos das próprias crianças?* Leonardo achou a ideia ótima, mas como viabilizá-la? Vale lembrar que, naquele período, a máquina digital não era acessível. Ele montou então um projeto e apresentou à Fuji, conseguindo 40 máquinas descartáveis de 24 poses. De posse das máquinas, procurou os professores para que o auxiliassem. Foi solicitado que as crianças registrassem as suas vidas. O resultado foi 800 fotos, dentre as quais selecionou 40 para a Exposição *Criança Terra e Esperança*, que aconteceu no Mercado Público de Porto Alegre.

A entrevista continua, e Leonardo vai detalhando o compromisso e responsabilidade que as crianças tinham. Nenhuma máquina fotográfica foi danificada, e ele comentou o impacto que algumas das fotos causaram nele, como a da mulher lavando

a roupa em cima de um pé de guaratá, planta com espinhos muito grandes, em que a imagem da bacia de roupa sobre a planta parece uma flor desabrochada.

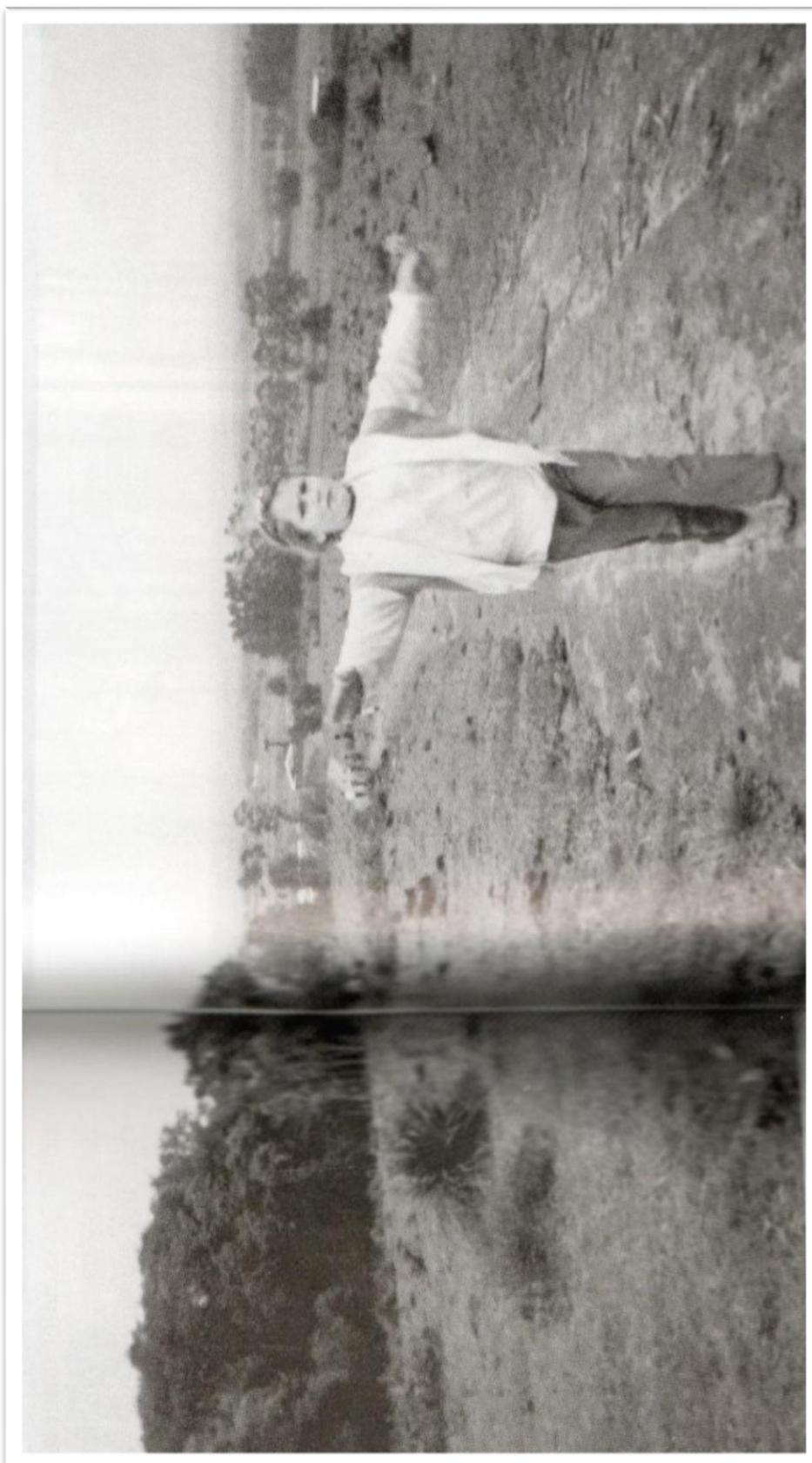
Ao abrir a revista e me deparar com esse trabalho do Leonardo, o primeiro impacto da realidade do acampamento é enorme, ali estão as barracas improvisadas vistas de dentro de uma escola, a escola itinerante, as crianças brincando, o cotidiano retratado sem filtros. Fiquei a pensar o que aconteceu com esses pequenos fotógrafos, quase 20 anos depois. Aqueles foram registros feitos por crianças marginalizadas pela sociedade, mostrando como vivia o povo das barracas pretas, como lutava e mantinha a esperança em 1999, e o quanto daquela realidade ainda hoje existe, com poucas mudanças.

Figura 28 – Fotografia realizada pelas crianças



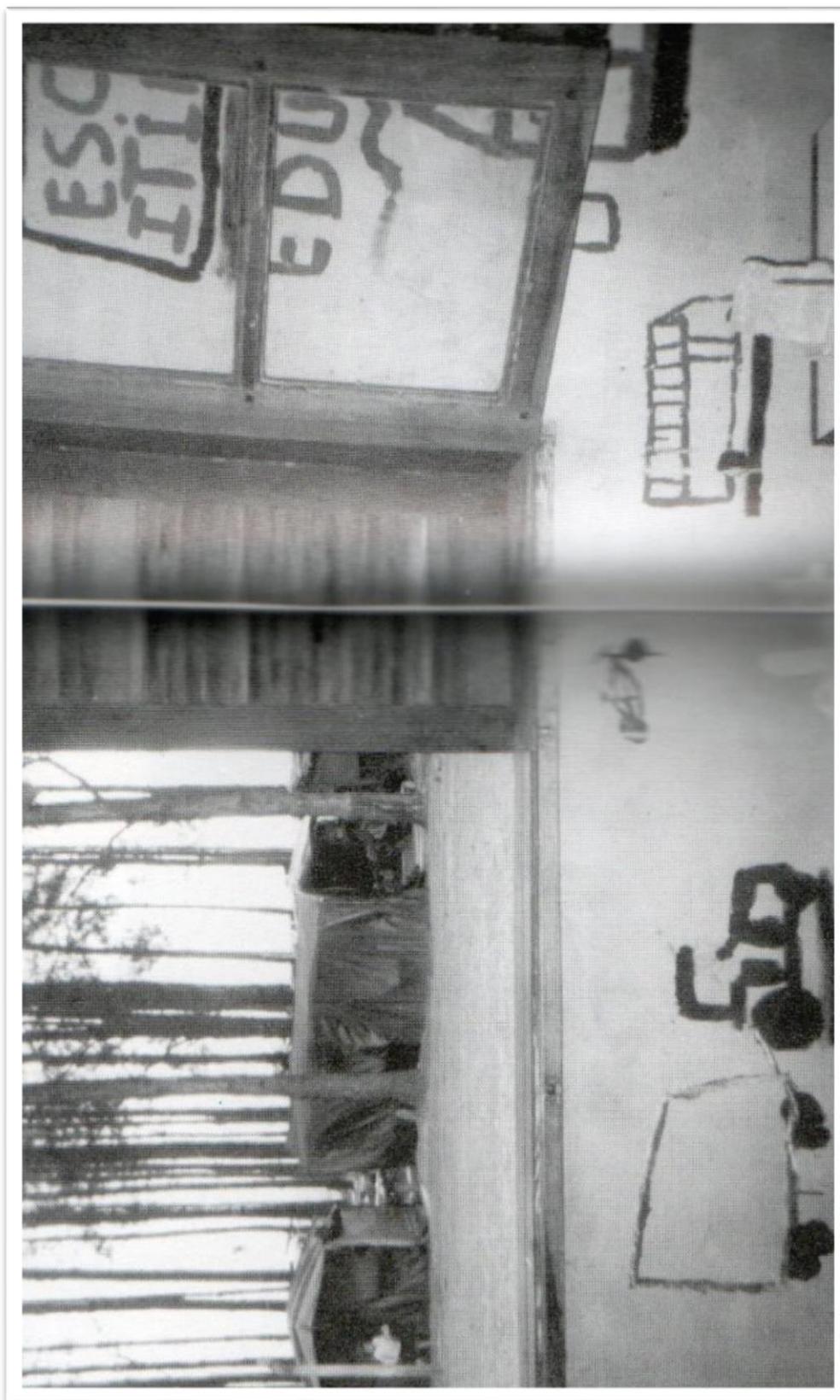
Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

Figura 29 – Fotografia realizada pelas crianças



Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

Figura 30 – Fotografia realizada pelas crianças



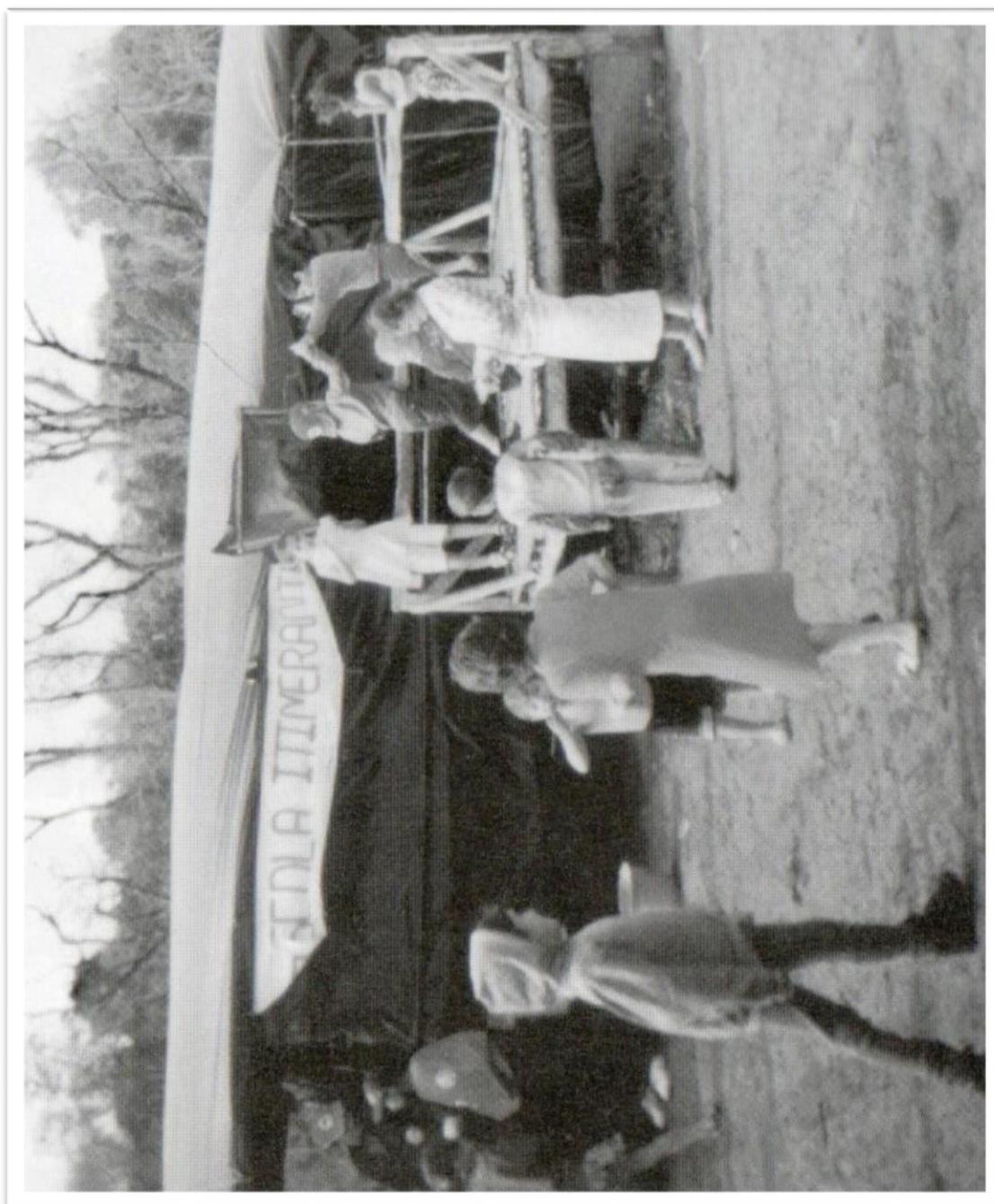
Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

Figura 31 – Fotografia realizada pelas crianças



Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

Figura 32 – Fotografia realizada pelas crianças



Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

Figura 33 – Fotografia realizada pelas crianças



Fonte: Revista Sem Terra, nº10 (2000).

### 2.8.1 Outras pedrinhas do mosaico

Percebo a vida como um grande mosaico, no qual momentos, relações, vivências vêm compor a imagem única. Entrar, em 2016, como aluno especial, no Programa de Pós-graduação em Educação da Uniso foi começar a coletar novas pedrinhas para ampliar a construção. Como todo material que se recolhe, há aquele que serve, tem seu brilho, sua importância e orna, mas há também o que nem com uma boa polida consegue ter uma significância merecedora de destaque.

Como cartas que iniciamos certo dia e terminamos tempos depois, escrevi uma mensagem para o Marcos cujo título era *Olhares, emoções e outras histórias*. Ele havia lido, em sala de aula, a carta de um amigo, e, como eu disse na mensagem, “fiquei emocionado com o relato do seu amigo, cada trecho escolhido por você ia amolecendo a casca/raiva da linha de ônibus que eu vinha carregando”, pois o rapaz do balcão me vendera a passagem errada, para o dia seguinte, e acabei tendo que me dirigir a Itu para prosseguir até Sorocaba; nessa longa e tortuosa estrada, fui relendo textos que me remeteram ao meu passado, “meu período sindical, dos embates, dos amores, das amizades e tudo o que couber nessa vida”, e o presente descortinava para mim, a possibilidade da compreensão de conceitos como *narrativa*, *bio:grafia* e sua influência em minha prática como terapeuta.

Toda essa intensa nova vida acadêmica sintetizei no prazer de frequentar as aulas pedagógico-gustativas da Alda, a descoberta e a possibilidade de movimentar mundos pelo prazer de vê-los rodar, para que um evento pudesse ocorrer. E ver que ainda tenho esse jeito para a coisa. Tudo isso e mais fez-me re-ver minha história de vida e perceber que foi (e é) boa.

Marcos se encontrava no Japão, eu iniciara minha mensagem em maio e concluía em julho, ele justificou a demora em responder e solicitou que eu fizesse com as mensagens que ele postava na rede a mesma coisa que eu havia feito com as mensagens por ele postadas para lembrar os 20 anos de publicação do *Ecologistas*. Nesse “trabalho”, eu havia coletado os depoimentos em que ele referenciava sua obra, as postagens contextualizavam a obra produzida por ele há vinte anos com fotos e uma trilha sonora específica que “davam o tom” da época. Foram 12 “capítulos” de estímulos criativos, de construção lúdica, de “brincar” com a obra *Ecologistas*, 20 anos depois. Até este momento, eu não havia entrado em contato com a obra, pois estava esgotada. Assim, compilar as mensagens e montá-las como um livro foi uma forma de compreender a

gênese daquela obra. Produzir o *Ecologistas 20 anos depois* acarretou em um pedido inusitado: transformar suas narrativas do Japão em algo similar ao *Ecologistas – 20 anos depois – Narrativas*. (Volume 2 – pg. 12)

Passsei a recolher cada narrativa colocada, e por não gostar de repetir uma ideia, fiquei a imaginar o que e como fazer/atender o pedido do Marcos. Como apresentá-la? Na anterior, por ser um “rascunho” do *Ecologistas*, imaginei um tipo de letra que retratasse um projeto, um esboço, algo que viria a ser. Para as narrativas nipônicas, a primeira coisa que me veio à mente era como os japoneses traduziriam o termo “narrativa” para o japonês, e obtive o seguinte ideograma 物語 (Monogatari). Para o título, uma fonte que lembrasse os traços dos pincéis de escrita japonesa, e para o texto interno escolhi uma fonte que lembrasse um manuscrito, especificamente a letra de John Lennon, casado com Yoko Ono, uma japonesa sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, admirada pelo Marcos. Dessa forma, a bandeira japonesa estilizada é a lâmina de apresentação. (Volume 2 – pg. 13)

Após fazer um relato do seu cotidiano no Japão, Marcos, mais por imagens do que texto, vai relatando o ápice da viagem: participar da Cerimônia em honra aos antepassados mortos em decorrência das bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Foram 54 lâminas com a ideia de que cada uma fechasse em si uma história.

Para mim, esse “trabalho” foi uma forma de desenvolver a questão de como apresentar as narrativas, as imagens, que viria a trabalhar com meus alunos nas exposições fotopoéticas.

### 2.8.2 O ano para adiar o fim do mundo

O ano de 2016 foi uma profusão de pedrinhas para o mosaico – uma pedreira que repercute até hoje. Após participar, em 2014, como aluno especial da disciplina de Marcos Reigota, iniciei meus estudos no curso de doutorado em 2016. Participei do Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE<sup>21</sup>), sob a coordenação da professora Alda Regina Tognini Romaguera. A proposta do grupo é, como coletivo, estudar, pesquisar e produzir pensamentos e artefatos culturais. O termo utilizado por Alda, e que me chamou a atenção, foi “mirada”; no plano de ensino, ele aparecia em diversos contextos, *miradas*

---

<sup>21</sup> Mais informações disponíveis em: <<http://uniso.br/noticias/EvCompleta.aspx?noticia=5780>>.

*teóricas*, que se fundamentavam na filosofia, ciência e arte; *miradas metodológicas*, visando uma educação libertadora, aqui a forte presença de Paulo Freire, e *miradas de espreitas*, um trabalho desenvolvido na tríade cinema, literatura e educação.

Foram anos que mexeram com todas as estruturas sociais: desde o abalo sísmico sofrido pela nossa moribunda democracia com o golpe jurídico/legislativo/militar, culminando no *impeachment* da primeira mulher a chegar à presidência, Dilma Rousseff; as ocupações das escolas paulistas por seus estudantes ainda estavam recentes, ocorreram no final de 2015. Nossos olhares, nossa mirada foi deslocada do proposto pelo plano de ensino para a vivência em sala de aula, seja como aluno do doutorado, seja como professor no Ensino Médio.

Dessa forma, foi inevitável assistirmos o documentário de Carlos Pronzato, *Acabou a paz! Isso aqui vai virar o Chile!* (2015), um relato da luta dos estudantes secundaristas contra as medidas do governador Geraldo Alkmin que previa fechar mais de 100 escolas e realocar os estudantes. Os estudantes paulistas tomaram conhecimento do documentário *A revolta dos pinguins*, que relata a luta dos estudantes chilenos em 2006 exigindo melhoras na educação e na estrutura social do país, por meio de seus professores, e, inspirados nas estratégias empregadas pelos chilenos, fizeram a sua luta.

Entrei em contato com o cineasta, primeiro informando-o sobre o que ocorria em nosso curso, e em seguida convidando-o para vir a Sorocaba, a ideia era ter sua presença no 1º Congresso Internacional de Educação que estava sendo organizado pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso. Pronzato participaria da Mesa Redonda 4, cujo tema era Educação, Movimentos políticos-culturais e Descolonização, juntamente com as professoras Míriam Calvillo (UAM-México) e Renata Aspís (UFMG) e o professor Ademir dos Santos (Uniso). Ele não pode comparecer, pois estava finalizando seu documentário *A escola toma partido*, com o depoimento de várias pessoas ligadas à educação, entre elas Nita Freire, mas confirmou que viria à Sorocaba depois. Para o Congresso, me autorizou a realizar uma edição de seus dois documentários, *Acabou a Paz* e *A escola toma partido*, e apresentar com um depoimento seu, representando-o na Mesa.

Ao me dirigir ao Congresso, levando o material do Pronzato, o terminal rodoviário urbano se encontrava cheio de estudantes com cartazes: havia acabado de ocorrer uma manifestação deles. Perguntei se poderia tirar uma foto deles para apresentar no Congresso, prontamente consentiram, e assim o fiz. Curiosamente, muitos participantes do evento (sobre educação) reclamaram do trânsito lento na cidade; dentro de seus carros, não sabiam o que acontecia. A universidade fica à beira da Rodovia Raposo Tavares,

longe da cidade. Assim, aqueles alunos, no transporte público, adentravam no Congresso que discutia o cotidiano escolar.

Nesse congresso, apresentamos, Alice Olivatti, Fernando Santo e eu, o trabalho *Apropriação de espaços e a cultura escolar contemporânea: uma mirada sobre as ocupações escolares*, resultado de nossa pesquisa na disciplina da professora Alda. Buscamos olhar o movimento de ocupações escolares, ocorrido entre 2015 e 2016, amparados na perspectiva libertária de educação, e defendemos as ocupações como um espaço horizontal de ação política, concluindo que estas ações produziram saberes e práticas de uma educação menor, de empoderamento ante os padrões hegemônicos e verticalizantes do modelo da educação maior.<sup>22</sup>

Durante nossa apresentação, contamos com a presença de estudantes do ensino médio, participantes do movimento de ocupação da Escola Estadual Mário Guilherme Notári (Sorocaba/SP) que escreveu a poesia *Inquietude*, lida durante nossa exposição:

INQUIETUDE  
 Boca fechada  
 Língua travada  
 Imaginação congelada  
 Tudo está em silêncio  
 Menos minha alma  
 Que grita por liberdade  
 Que grita por mudança  
 A boca fechada abre  
 A língua travada se solta  
 A imaginação congelada se descongela  
 Nada mais está em silêncio  
 Muito menos minha alma  
 Que dança com a liberdade  
 Que repousa na mudança  
 Ainda há esperança!

Em novembro, conforme havia se comprometido, Pronzato veio à Sorocaba lançar seu documentário *A escola toma partido*. Preparei alguns painéis com paralisações estudantis ocorridas pelo Brasil e um levantamento das escolas, faculdades e universidades paralisadas, para ilustrar, por meio de imagens, o que ocorria. (Volume 2 – pg. 14)

---

<sup>22</sup> “Amparado principalmente em Deleuze e Guattari propõe o maior como o Estado, o gerenciador do processo, menor como sendo a marginalia, o que está à margem deste”. SILVA; OLIVATTI; SANTOS, 2016, p. 872-873).

### 2.8.3 Ocupa São Roque

O ano ainda não havia acabado e fui convidado pela professora Tarina Lenk, colega da pós-graduação da Uniso, para apresentar o documentário de Carlos Pronzato para os alunos que estavam a ocupar o Instituto Federal São Paulo, Campus de São Roque, cidade próxima de Sorocaba. (Volume 2 – pg. 15)

O curioso, ao chegar lá, é que havia ocorrido uma votação para saber se haveria ou não a paralisação, e, ocorrendo, qual seria a característica desta. Venceu a opção “ocupação parcial”. Os votos foram assim computados:

Ocupação Parcial = 157 votos

Ocupação Total = 40 votos

Não Ocupação = 114 votos

Abstenções = 10 votos

Anulados = 5 votos

Uma parede expunha uma explicação passo a passo do motivo de a ocupação ser parcial. Porque estavam parando contra os cortes do orçamento, contra a PEC 55 e contra a Medida Provisória 746; o período de duração da ocupação, de 24 a 29/11; os locais a serem ocupados: diretoria, secretaria e auditório (as salas e laboratórios não seriam ocupados); a utilização das mídias locais, redes sociais e mídias alternativas. Entre as palavras de ordem, uma chamou minha atenção: “ninguém tira o trono do estudar”, parte da letra de Dani Black, compositor e músico que estivera no 1º Congresso Internacional da Educação da Uniso. O trono do estudar foi o hino das paralisações estudantis.

Seguindo o cronograma da paralisação, apresentamos o filme e conversamos com os alunos.

### 2.8.4 Nita Freire na OcaTaperaterreiro

Ainda em 2016, finalmente conheci Nita Freire, viúva de Paulo Freire, que muitos anos antes me havia indicado o caminho para chegar à sua casa quando participei da montagem da Biblioteca Popular Paulo Freire. A encontrei na instalação *Ágora: OcaTaperaterreiro*, do artista Bené Fonteles, na 30ª Bienal de São Paulo. (Volume 2 – pg. 16)

A proposta de Bené era reunir em um só local todas as características multifacetadas da cultura brasileira, e, durante todo o período de exposição, convidar diversas pessoas

para “adiar o fim do mundo”, tema inspirado na obra homônima de seu amigo Ailton Krenak. Uma das convidadas foi Nita, que, em sua fala sobre Paulo Freire, comentou a relação dele com o cinema, assunto que já encontramos em livros, como o cavalo de Tom Mix. Destaco aqui uma abordagem que Freire fez do filme *2001, uma odisseia no espaço* (1968), de Stanley Kubrick, e que comentou com Nita: naquela cena icônica, quando o primata descobre a utilidade do osso para além da alimentação, estava ali o início da educação, a cena sobreposta do osso girando no espaço e a estação espacial. Sem aquele movimento inicial primitivo, o ser humano não chegaria ao espaço. Parafraseando Marcos Reigota, foi um momento único para colocarmos um fim em 2016 e adiarmos o fim do mundo.

#### 2.8.5 Joseph Handerson e o Haiti

O ano finalizava, mas não acabava. No início de novembro, me dirigi à Fundacentro, em São Paulo, para participar do seminário internacional *A imigração Haitiana no Brasil: desafios e perspectivas futuras*, promovido pelo CNPq. Fui me encontrar com o professor Joseph Handerson, de quem já havia lido, por indicação de Reigota, a tese *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Ali estava uma forma de narrativa que eu deveria atentar, indicara Marcos. Na tese, Anderson relata as venturas e desventuras de seu povo.

Cheguei a tempo de assistir à mesa *A inserção dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro: avaliações e perspectivas*. Mediada por Marcelo Torelly, Coordenador do Projeto da Organização Internacional para as Migrações, a mesa era composta por Leonardo Cavalcanti, Coordenador do Observatório das Migrações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB); Tadeu Oliveira, Pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Joseph Handerson, professor da Universidade Federal do Amapá (UniFAP) e Lúcia Barbosa, professora da Universidade Brasília (UnB).

Joseph e Lúcia realizaram as palestras que chamaram minha atenção. Joseph, em virtude de eu ter estudado sua tese no doutorado e estar ali ouvindo seu relato sobre a diáspora haitiana, os caminhos percorridos, a tradição cultural que permeia a onda migratória, as diferenças sociais existentes no Haiti entre os que fizeram a diáspora e o que não fizeram, as rotas migratórias que se acentuam ou não conforme a economia do país; Lúcia explanou sobre a forma e dificuldade do ensino da língua portuguesa aos

estrangeiros que vêm ao Brasil, em particular destacou o ensino aos haitianos, pois, em sua grande maioria, eles já possuem uma graduação superior, e são conhecedores de mais de duas línguas e as prefeituras, geralmente as responsáveis pela alfabetização seja de brasileiros ou estrangeiros, não possuem material apropriado para ensinar imigrantes com grau de instrução superior. Isso me remeteu à lembrança de um evento ocorrido na Câmara Municipal de Campinas, promovida pelo vereador Pedro Tourinho (PT), sobre a questão dos refugiados sírios em Campinas, ocasião em que uma responsável pelas salas de alfabetização informou que, em Campinas, formavam-se salas inteiras só com haitianos<sup>23</sup>.

Minha ida à São Paulo era resultado de uma solicitação do Marcos Reigota, ele estava realizando uma pesquisa sobre o cotidiano dos haitianos em Sorocaba e região, e solicitou o auxílio da classe com informações ou relatos de vivências com haitianos. Minha narrativa sobre os haitianos iniciou com uma tentativa de conhecer o trabalho realizado nas classes de alfabetização da Prefeitura de Campinas. Enquanto aguardava a gestora responsável pelo programa *Consolidando*, conversei com uma estagiária, que me informou ser uma das grandes dificuldades dos haitianos que frequentam as salas de aulas obter os passes circulares urbanos, tendo em vista não possuírem todos os documentos e por utilizarem, geralmente, o mesmo endereço, provocando certa confusão na burocracia da emissão dos passes, cabendo a uma parte do FUMEC solucionar esses problemas. Ao conversar com a gestora, fui informado da necessidade de apresentação de um projeto/proposta sobre a pesquisa a ser desenvolvida, o que, em virtude do tempo escasso, não foi possível providenciar. No entanto, a questioneei sobre a existência ou não de material específico voltado aos estrangeiros<sup>24</sup>, mais especificamente aos haitianos, visto serem, aparentemente, uma classe maior, pois já estão chegando há mais tempo. A resposta foi que não há material específico.

---

<sup>23</sup> Em 2015, ao participar do evento promovido pelo vereador Pedro Tourinho (PT/SP) sobre os refugiados sírios em Campinas, tomei conhecimento de um programa da Prefeitura para acolher estrangeiros denominado *Consolidando a escolaridade*<sup>23</sup>, fruto de uma parceria entre o Centro Público de Apoio ao Trabalhador de Campinas (CPAT) e a Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC) que visa o reforço escolar de matemática, português e redação para aqueles que concluíram no mínimo a antiga 4ª série do Ensino Fundamental (hoje 5º ano). Nesse evento, soube da existência de classes voltadas especificamente aos haitianos que chegaram à Campinas, principalmente após o terremoto de 2010 que atingiu aquele país. (SILVA, 2015 p. 1).

<sup>24</sup> Essa indagação veio de uma provocação da professora Lúcia Barbosa (UnB), coordenadora do NEPPE – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros, ao afirmar que uma das grandes dificuldades dos professores de português é a ausência de material voltado para este público, bem como a percepção, por parte dos professores, de que estes alunos, geralmente, já têm conhecimento de uma ou mais línguas, além de uma formação em nível superior, conforme sua fala no Seminário: “A imigração haitiana no Brasil: desafios e perspectivas futuras”, realizado na Fundacentro, em São Paulo/SP, no dia 04/11/2016.

Diante da inviabilidade, acabei optando por analisar um diálogo provocado por Renato Gama, psicólogo e militante do movimento negro do Rio de Janeiro, que instigava os negros a terem como referência a Revolução pela Independência Haitiana para organização e luta no Brasil.

Figuras 34– Cartaz do evento



Fonte: Arquivo pessoal.

### 2.8.6 Imagens e cotidianos escolares – Grupo Ritmos no SESC Sorocaba (2017)

Em 2017, o Grupo Ritmos foi convidado a ministrar um curso de formação para educadores no SESC-Sorocaba. Com o mote *Ritmos de pensamento: movimentos ecologistas do pensar*, os membros do grupo se dividiram para apresentar oficinas. Adriana Lima e Raquel Fayad apresentaram *Movimentos Ecologistas e Artes Visuais*; Carmem Machado, *Movimentos Ecologistas e Dança*; Alda Romaguera e Rosana Faustimo ofereceram *Poética da Escrita*; Alik Wunder e Thereza Alves ministraram *Poéticas Indígenas*; Marta Catunda e Rodrigo Reis com *Paisagens Sonoras e Vida Cotidiana*; Kátia Regina e Éder Proença apresentaram *Experiências Outras na Educação*; Leandro Jesus, *Cartografias Urbanas*; Verônica Hoffmann e André Yang ministraram *Construção de Subjetividades*; Mauro Tanaka com *Ritmos e Sonoridades Corporais* e Leonardo dos Santos e eu encerramos o curso com a oficina *Imagens e cotidianos escolares* (Volume 2 – pg. 17). Utilizando as filmagens sobre as ocupações, provocamos os participantes a opinarem sobre o que achavam dessa movimentação, depois, num exercício de alteridade, solicitamos que tentassem ver pelos olhos dos estudantes o porquê de eles terem agido daquela forma.

### 2.8.7 Vivência Artística – Rosa do Ventos (2017)

No período de 18 a 20 de agosto, junto a alguns membros do grupo Ritmos, e com outros interessados nos dirigimos à Residência Artística – Ritos de Passagem, com Bené Fonteles, (Volume 2 – págs. 18 e 19), na cidade Pocinhos do Rio Verde, em Minas Gerais, lá encontramos o sítio Rosa dos Ventos, de Carlos Brandão que em suas palavras é

[...] uma casa de acolhida com porteira e portas abertas, à espera de quem chegue e venha estar com a gente por uma noite, um par de dias, um mês, um ano, uma vida. Moram lá algumas pessoas e mais alguns cachorros, galinhas, um galo, uma gata e uma infinidade de animais da floresta entre pássaros, jaguatiricas, cobras (que nunca fizeram mal a ninguém) e macacos (saguís, sauás e bugios). (WUNDER, 2017).<sup>25</sup>

Mochila pronta, *check list* feito, subidas e descidas e estrada de terra e buracos chegamos ao sítio para os Ritos de Passagens, sob a batuta do Bené. Cumprimos todo o cronograma, divisão de tarefas, de quartos, dinâmicas, roda em volta da fogueira etc.

---

<sup>25</sup> *Residência Artística Ritos de Passagens – Bené Fonteles* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <marciojose@hotmail.com> em 13 ago. 2017

Houve um momento interessante: foi solicitado que levássemos algum objeto de lembrança. Levei um pequeno frasco azul de perfume, último presente de minha saudosa avó materna, Emília; após a dinâmica, vieram comentar comigo ser curioso a lembrança de uma mulher importante na minha vida ter a cor azul. Mas, o melhor ocorre fora do estipulado. Lá estava o violeiro João Bá, que nos presenteou com sua música enquanto Bené acompanhava ao vocal; uma prosa com Carlos Brandão; ouvir Marta Catunda e seu violão enquanto nos falava da galáxia que carregava no pulso.

#### 2.8.8 “Literatura e vida cotidiana por uma educação com envolvimento” com Milton Hatoum e Marcos Reigota – SESC-Sorocaba (2018)

Fragments de um encontro amoroso, assim nomei o evento. (Volume 2 – pg. 20). O encontro do mestre com seu aluno. Marcos sempre fala do que aprendeu com Milton Hatoum e de sua importância para desenvolver seus conceitos ecologistas.

O conjunto da obra de Milton Hatoum pesquisada até o momento nos permite afirmar que o autor não faz de seus textos nenhum manifesto explicitamente ecologista no sentido militante. No entanto, não são poucas as passagens e trechos que ressoam ou que são próximas do repertório difundido por conhecidas lideranças ecologistas, especialmente quando Milton Hatoum aborda os modelos de desenvolvimento, a destruição das florestas ou o caos urbano brasileiro. (REIGOTA, 2014, p. 709-710).

*Um solitário à espreita: crônicas* (2013) foi uma obra de Hatoum indicada por Marcos para leitura e percepção da construção da narrativa. Comecei a leitura e a identificação com o autor foi imediata, apesar da distância entre Manaus e Belém, nossas cidades de origem, havia pontos convergentes no jeito de ser nortista. Muito do que ele me falava fazia sentido, e me perguntava: será que os leitores ao sul da nossa região entenderiam nossos termos nortistas? Será que entendemos uns os termos dos outros? Mas, assim como Aton Fon não terminou a leitura de *Cem anos de solidão*, também não concluí a leitura de *Um solitário à espreita*, maravilhado passei-o ao Lucio Packter, indicando a leitura.

Mas era o dia 7 de março, e lá estavam no palco do SESC-Sorocaba Milton e Reigota, no que era para ter sido nossa aula inaugural, mas que, por vicissitudes burocráticas, se tornara uma mesa redonda, longe da universidade. Ali, no palco, nos contou um pouco de sua vida. Da vinda para São Paulo, de sua entrada na USP, dos amigos que estavam sendo mortos – era o período da ditadura militar, inclusive citou o Alexandre Vannucchi, sobrinho do ex-reitor Aldo Vannucchi, que estava presente; falou

de Milton Santos, de quem foi aluno e orientando, e que durante essa curta convivência pôde perceber a grandeza intelectual e a generosidade desse professor; outro intelectual que ele citou foi o filósofo paraense Benedito Nunes, seus desencontros e encontros, culminando em um convite, por parte de Nunes, para uma colaboração, um texto afetivo de Manaus. E a noite transcorreu com relatos e autógrafos.

Estes foram alguns eventos que marcaram minha vida acadêmica; as imagens, às vezes, falam mais que as palavras. Resgatando a fala da Carolina Oliveira, em seu poema *Inquietudes*, diante de tudo e apesar de tudo, *ainda há esperança!*

#### 2.8.9 Quando alguém se torna aquilo que é – uma fala reverbera para além da sala de aula

Nesse transitar pelos meus papéis existenciais, ora sou aluno, ora sou professor, ora orientador de monografia. Assim estava eu, aluno, em uma aula do doutorado, quando Marcos cita Nietzsche, mais especificamente a obra *Ecce Homo*, cujo subtítulo é *como se chega a ser o que se é*. No título da obra, o filósofo alemão traça um paralelo com a fala de Pôncio Pilatos ao apresentar Jesus aos judeus: “Eis o homem!” (Ecce homo!). Em João 19: 5, há este relato do governador da Judéia a entregar Jesus para que seja crucificado. Ao completar 44 anos, Nietzsche faz um balanço de sua vida, escreve uma gênese e síntese de suas obras, suas influências, seus erros, foi o último livro escrito por Nietzsche antes de perder completamente a razão, provavelmente em virtude da sífilis, conforme diagnóstico médico feito em Basel to Jena.

No diálogo em sala de aula, Marcos questiona: *Quando alguém se torna aquilo que é? Quando você se torna aquilo que você é?* Claro que, diante desta instigante questão, a reflexão veio à tona. Quanto sou responsável por eu ser quem sou? Qual o peso, qual a influência de minhas relações em me tornar o que sou? Sou eu, apenas, ou sou eu e minhas circunstâncias, como afirma Ortega y Gasset<sup>26</sup>?

Na época, por volta do final de 2017, estava orientando minha aluna em filosofia clínica, Maria Helena, na elaboração de seu artigo de conclusão de curso, trabalhando sua historicidade, seu caminhar existencial, sua formação acadêmica e terapêutica. Em nosso diálogo de orientação, comentei sobre a provocação filosófica do Reigota, sobre as

---

<sup>26</sup> A circunstância! Circum-stantia! As coisas mudas que estão ao nosso redor, bem próximas! (...) Caminhamos entre elas, cegos para elas, o olhar fixo em coisas remotas, projetados para a conquista de cidades longínquas.(ORTEGA Y GASSET, J. apud SANCHÉZ, Juan E. **Ortega y Gasset**. *Coleção Educadores*, MEC, 2010. p. 111.

questões lançadas a nós. Nisso a epifania se fez presente. Ali estava o título do artigo que o complementava. *Quando você se torna aquilo que é*. Ela percebe-se, sua narrativa de vida, sua constituição enquanto sujeito na sua história, suas referências, suas influências, estava se desanuviando, tudo diante do diálogo entre orientador e orientanda. Não mais uma questão, mas uma afirmação. Ali estava Maria Helena.

## **2.9 Dialogicidade, cotidiano escolar e narrativas: acessando a experiência**

No tempo da minha graduação em filosofia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pelos idos do início dos anos de 1990, governava São Paulo Luiz Antônio Fleury (1991-1995); Fleury havia implementado as “escolas-padrão”, sendo secretário da educação o escritor Fernando Morais. Uma das escolas escolhidas para receber esse projeto foi a Aníbal de Freitas, que, segundo uma colega, se tornou uma boa escola para se dar aula, pois havia muito material disponibilizado para isso, e o professor, pelo salário diferenciado que recebia, podia se dedicar mais tempo a planejar as aulas.

Filosofia ainda não era disciplina obrigatória na rede estadual, mesmo assim fui a uma “escolha de aula” realizada pela secretaria da educação do estado de São Paulo na cidade de Campinas, no Ginásio de Esportes Professor Alberto Krum, na minha antiga escola Culto à Ciência. O quadro, para quem chega pela primeira vez a uma “escolha”, era aterrador. Minha percepção de novato nesse ambiente era de ver um colega “pisando” no outro para conseguir as poucas aulas disponíveis, e uma maioria de recém-formados em filosofia saírem frustrados por não conseguirem aulas. Tomei por resolução só entrar na carreira docente por concurso, para não ficar dependendo de sobras para poder trabalhar.

Com o fim do governo Fleury e início do governo Covas (1995-2001), a educação deu uma guinada. Houve uma medida que, em seu cerne, é o desejável: a progressão continuada, baseada em uma proposta implementada por Paulo Freire quando esteve à frente da Secretaria da Educação no município<sup>27</sup>. No entanto, a proposta do governo Covas não era executar as ideias do educador, era uma resposta à necessidade de manter o auxílio financeiro da Unesco para a melhoria da educação brasileira, pois 1994 era o

---

<sup>27</sup> Segundo Franco (2014, p. 115), “Os ciclos de aprendizagem, da forma que consta no Regimento Comum das Escolas Municipais (RCM) de 1992, objetivavam romper e superar a lógica da seriação, com a “concepção da educação bancária, a linearidade e a fragmentação curricular, a organização rígida do tempo e do espaço escolar, a avaliação etapista, classificatória, a retenção escolar, a dicotomia entre ensinar e aprender”.

prazo final para o Brasil apresentar alguma melhora (que não havia) na educação que mostrasse a necessidade de continuação do investimento. Nessa época, Fernando Henrique Cardoso estava assumindo; ocorria a reorganização das esferas de governo responsáveis pela educação (municipal, estadual e federal), determinadas pela Constituição Federal de 1988; Mário Covas, ao apresentar a sua proposta de *progressão continuada*, utilizava-se do nome de Paulo Freire acrescido de um conceito inovador e humanista, o *Construtivismo*<sup>28</sup>, implantando-o na rede pública de ensino. Uma maquiagem perfeita. Os índices de aprovação subiram milagrosamente, acompanhados de uma quase inexistência de reprovações. Dessa forma, com este relatório apresentado pelo Ministério da Educação (MEC) à Unesco, o órgão internacional continuou a enviar a verba para a erradicação do analfabetismo no País. Ainda observando os estudantes como uma massa – ou são reprovados, ou são aprovados, os números apresentam que... – e não em sua individualidade, sua forma de estar no mundo, não é possível compreender e indicar caminhos para uma superação das dificuldades de aprendizagem.

Mas retornando às aulas de filosofia: No final do ano de 2005, Gabriel Chalita, Secretário da Educação do Estado de São Paulo, lançou o edital para preenchimento de cargo de professor de filosofia. Prestei, mas não estudei para este concurso, pois já havia prestado o da Secretaria de Educação da cidade de Várzea Paulista, o conteúdo era o mesmo, e havia passado naquele concurso, mas não assumi o cargo – a distância e o momento não me permitiam. Já neste do Estado, passei e assumi.

Me dirigi à Secretaria da Educação, situada na Praça da República, na cidade de São Paulo, para tomar posse do cargo. Tive o prazer de reencontrar vários colegas formados e alguns já há mais tempo na lida pedagógica; me informei quais escolas eram as melhores, considerando o quadro de descaso para com as escolas. Com informação em

---

<sup>28</sup> No campo estritamente pedagógico, o *Construtivismo* tem sido usado em três acepções: uma teoria do conhecimento (ou epistemologia); uma teoria sobre o ensino-aprendizagem; um ideário pedagógico ou prática pedagógica alternativa. Essas concepções convergem em um pressuposto: a construção do conhecimento se efetua nas interações entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (sua fonte de conhecimento). [...] Como prática pedagógica direcionada à alfabetização, a concepção construtivista é sustentada por alguns princípios: a) valorização da atividade do aprendiz em sua relação com o objeto de conhecimento (a aquisição da escrita) e seu universo sociocultural (contexto de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, experiências e práticas); b) consideração de hipóteses e erros do sujeito como momentos construtivos do conhecimento; c) ênfase na avaliação processual e na organização flexível e dinâmica de grupos de alunos, para avanços em seus níveis de aprendizagem; d) promoção de contatos intensos com o universo da leitura e da escrita, com foco em contextos interativos e em práticas de letramento; e) estímulo à organização coletiva do contexto pedagógico e à qualificação do professor – também considerado sujeito reflexivo que constrói conhecimento e mediador relevante na aprendizagem dos alunos. BREGUNCI, Maria das Graças de Casto. Verbete no Glossário CEALE/UFMG Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/construtivismo>. 6 nov. 2019.

mãos, fui à escolha. Se bem me lembro, a escolha era feita pela pontuação alcançada, somando-se o resultado da prova e títulos e tempo de exercício da profissão. Dessa forma, acabei escolhendo a Escola Estadual Guido Rosolen, situada na cidade de Hortolândia, uma das indicadas na lista.

Em virtude de a disciplina ter sido incluída na grade curricular para ser implantada em 2006, depois de uma luta por parte de professores e alunos para que ocorresse a inclusão da filosofia, não havia material didático disponível. “Milagrosamente”, no mesmo ano de implantação da disciplina, surgiu o livro adotado pelo Estado, *Vivendo a filosofia*, de quem? De Gabriel Chalita. O livro trazia uma linha histórica da filosofia, apresentando desde a mitologia até a concepção racional da origem do mundo, e percorrendo toda a linha histórica da filosofia, apresentando ainda o pensamento de cada filósofo e contextualizando-o em seu tempo. Era um bom auxílio para nós professores.

A Escola Estadual Guido Rosolen localiza-se no bairro homônimo, logo na entrada de Hortolândia, seguindo pela rodovia estadual 101. De um lado da rodovia, fica o presídio Ataliba Nogueira, do outro, a Escola Guido. Essa proximidade fazia com que os presidiários em regime semiaberto pudessem frequentar a escola e depois retornar.

Ao assumir o cargo como professor de filosofia, verifiquei a inexistência de um material para ministrar as aulas de filosofia. Além de o livro do Chalita não ser distribuído aos alunos regulares, eu também ministrava aulas no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Dessa forma, criei uma apostila de Filosofia da E. E. Guido Rosolen, pensando nesses dois públicos.

Marinheiro de primeira viagem, a princípio sem mapa ou bússola que dissesse “esse é o caminho!”, diante de uma situação nova, desafiante, instigante que é a sala de aula, pensava em como demonstrar que a filosofia está em nosso cotidiano, nas ações, nas atitudes, na forma como as informações chegam até nós, de modo que percebessem e pensassem em tudo que os rodeia. Pensei numa Apostila de Filosofia. No ano seguinte, percebi que a apostila já ficara ultrapassada, em virtude da dinâmica da vida. Um caso que utilizei foi do menino João Hélio (2000-2007), que morreu arrastado no carro de seus pais que os assaltantes de banco roubaram para a fuga. Lembro de um aluno exclamar ao pegar o exercício: “Nossa professor! Mas isso ocorreu outro dia e já está aqui!”. Onze anos depois, a greve dos caminhoneiros vinha participar dos exercícios filosóficos.

Mas vamos à descrição do primeiro apoio pedagógico que criei para fazer meu caminho na docência:

A capa, uma imagem da Grécia Antiga (para lembrar que a disciplina era filosofia), em que é retratada a Ágora, local de diálogo, como na sala de aula; a letra da música *Todo Mundo Explica*, de Raul Seixas, uma primeira leitura para entenderem que nada do que é, é definitivo, da necessidade de questionar e como questionar; por fim uma imagem do famoso quadrinho da Mafalda perguntado ao pai o que é filosofia, (Figuras 35 e 36):

Várias questões me levaram a montar a apostila com conteúdo temático e não com a história do pensamento e dos filósofos. Eu não havia tido a disciplina no meu Ensino Médio, optara pela filosofia após frequentar um ano do curso de administração de empresas, me identificando com as matérias da área de humanas e nada com a de exatas; por essa aproximação com as humanidades, me perguntei qual era a origem dessa área, e conclui ser a filosofia. Dessa forma, iniciei minha caminhada filosófica. Estava despreparado sobre como apresentar uma matéria nova aos alunos, como exercitar o pensamento crítico. Naquele momento, achei que o melhor era aproximar o cotidiano vivenciado com temas que a disciplina abordava. Selecionei alguns temas que fosse possível aplicar, tanto no Ensino Médio quanto no ensino para jovens e adultos – o tempo de duração era muito diferenciado, enquanto no Ensino Médio a duração era de três anos, na EJA durava um ano e meio. Selecionei, então, os seguintes temas:

**Ética:** escolhi um texto da juíza Maria Fernanda de Toledo R. Podval, *Ética esse remédio tão amargo*, onde ela pondera sobre o desrespeito às regras judiciais, “não há justificativa dos meios pelos fins escolhidos”, afirma, e chama atenção para o fato de que, “se não temos noção do que é correto para nós, não podemos aferir o que é incorreto para os outros”. Iniciar a apostila com esse tema, mostrando que em uma esfera superior, que julga a conduta dos cidadãos, se exige uma postura ética. E como seria entre nós? (Figura 37).

**Bioética – Aborto, Clonagem e Eutanásia:** O segundo tema abordado, ainda no campo da ética, carrega subtemas polêmicos. Antes, iniciava explicando a origem da Bioética, após a descoberta dos experimentos científicos nazistas em seres humanos. Adentrando no primeiro subtema, aborto, como é no Brasil e em outros países. A clonagem da Dolly (1997) ainda era comentada e a possibilidade da clonagem humana era debatida, e a questão da. Após analisarmos o tema, eu passava filme *Mar Adentro* (2004), que retratava a luta de Ramon Sampedro, tetraplégico em virtude de um acidente na praia, com a sociedade pelo direito de morrer. (Figura 38)

**Política:** A origem grega do termo, como funcionava na Grécia e como chegamos ao modelo atual. (Figura 41).

**Religião:** Uma preocupação era como abordar esse tema, muito caro para mim, por estudar essa forma que o homem tem de buscar uma relação com o divino. A importância da alteridade se fazia presente: quem era aquele outro que professa uma religião diferente da minha? Da mesma forma que os outros temas, iniciei pela origem da palavra, e caminhei para as conceituações de religiões na história, panteístas, politeístas, monoteístas e ateístas. Buscando passar uma compreensão racional das origens com a finalidade de que houvesse menos preconceito entre as diversas denominações existente na sala de aula. (Figura 42).

**Cultura e Cultura Brasileira:** Significados e leituras filosóficas, antropológicas e sociológicas e um breve apanhado do que é a cultura brasileira. Nesse tema, tive um primeiro retorno imediato quando um aluno, ao compreender a questão do etnocentrismo, fez uma música e me apresentou, perguntando-me se a leitura que ele fizera estava correta. Estava. (Figuras 43 e 44).

**Sociedade:** Sempre trabalhando com a semântica, buscava mostrar para os alunos que as palavras não surgiam por geração espontânea, mas que elas tinham um significado que, às vezes, se perdia no tempo. Sociedade era uma delas. Basicamente, ela traduzia a junção de vários “sócios” para um “empreendimento”, no caso um bairro, uma sociedade, um país. (Figura 45).

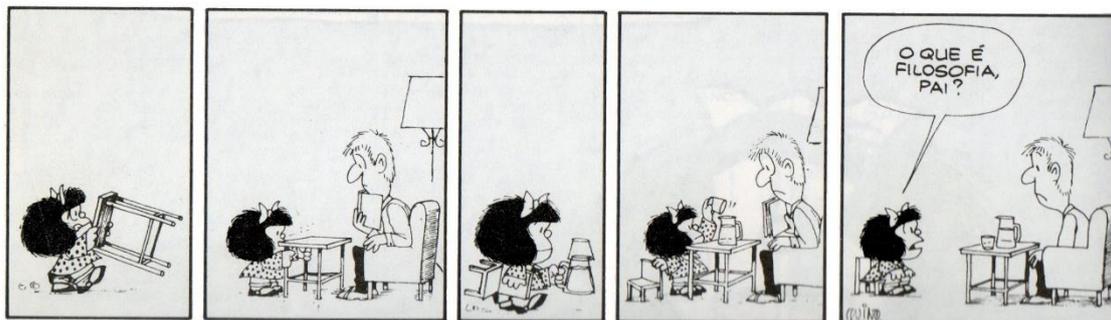
**A “outra” história – História em Quadrinho de Bira Dantas:** A Lei nº 10.639/03 tornava obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira. Uma forma que encontrei de provocar uma conversação entre as disciplinas foi colocar essa HQ do Bira Dantas; solicitei e ele aquiesceu. A história começa dentro da sala de aula, quando Cocada questiona a “bondade” da princesa Isabel para com os negros, e as outras indagações que a professora não consegue responder, isso leva o Cocada e o Alemão à direção, ganhando suspensão. Eles encontram o Preto Véio que os ensina a não aceitar tudo como verdade e aprendem a questionar. (Figura 47).

**Como escrever bem uma redação:** Encerrava os temas com dicas para uma boa redação, para que os alunos soubessem a estrutura e como ela funciona na estrutura do texto a ser produzido. (Figura 48).

Na contracapa, encerrando a apostila, um ditado e poesias de Bertolt Brecht. O ditado *Estamos de passagem* alertava sobre a nossa finitude, para pensarmos sobre como levamos a nossa vida e o que é importante para nós. Os poemas *Precisamos de você* é um chamado a se tornarem sujeitos da própria história, agentes ativos nas mudanças sociais, e *Acredite apenas* os provocava a crerem e a não crerem em seus sentidos, a buscarem a

verdade sobretudo. A apostila visava instigar a curiosidade para o estar ali, e para o que acontecia na sala de aula e na vida. (Figura 49).

Figura 35 – Charge Quino, apostila de filosofia (detalhe)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 36 – Apostila de filosofia

**Todo Mundo Explica (Raul Seixas)**

Não me pergunte por que  
 Quem-Como-Onde-Qual-Quando-O Que?  
 Deus, Buda, O tudo, O nada, O ocaso, O cosmo  
 Como o cosmonauta busca o nada, o nada  
 Seja lá o que for, já é

Não me obrigue a comer  
 O seu escreveu não leu  
 Papai nos deu a cabeça  
 Do Dr. Sugismundo  
 Porque sem querer cantou de galo  
 Cada cabeça é um mundo Gismundo  
 Antes de ler o livro que o guru lhe deu  
 Você tem que escrever o seu

Chega um ponto que eu sinto que eu pressinto  
 Lá dentro, não do corpo, mas lá dentro-fora  
 No coração e no sol, no meu peito eu sinto  
 Na estrela, na testa, eu farejo em todo o universo  
 Que eu to vivo  
 Que eu to vivo  
 Que eu to vivo, vivo, vivo como uma rocha  
 E eu não pergunto  
 Porque já sei que a vida não é uma resposta  
 E se eu aconteço aqui se deve ao fato de eu  
 simplesmente ser  
 Se deve ao fato de eu simplesmente

Mas todo mundo explica  
 Explica, Freud, o padre explica, Krishnamurti tá  
 vendendo  
 A explicação na livraria, que lhe faz a prestação  
 Que tem Platão que explica, que explica tudo tão bem vai lá que  
 Todo mundo explica  
 protestante, o auto-falante, o zen-budismo,  
 Brahma, Skol  
 Capitalismo oculta um cofre de fã, fê, fi, finalismo  
 Hare Krishna, e dando a dica enquanto aquele  
 papagaio  
 Curupaca e implica  
 Com o carimbo positivo da ciência que aprova  
 e classifica

O que é que a ciência tem?  
 Tem lápis de calcular  
 Que é mais que a ciência tem?  
 Borracha prá depois apagar  
 Você já foi ao espelho, nego?  
 Não?  
 Então vá!



**APOSTILA  
 DE FILOSOFIA  
 E. E. Guido Rosolem**



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 37 – Apostila de filosofia

## Ética, esse remédio tão amargo

Todos nós, juízes, defendemos o princípio da legalidade. A legalidade é o símbolo da certeza, do que se pode esperar, das regras do jogo.

Talvez por isso seja tão grande a nossa indignação quando sabemos de falcatruas, do mau uso do dinheiro público, dos desvios de verbas, da burla às leis. A nossa indignação é com o desrespeito às regras, como se as ordens não existissem para serem cumpridas, mas também é indignação com a quebra do acordo, com a adoção de um comportamento não previsto, com a quebra do pacto inicial. Na lógica do pensamento judicial não há a justificativa dos meios pelos fins escolhidos. Esse é o nosso modo de pensar.

Por detrás desse raciocínio há uma ética, que é a razão democrática, o respeito pelo que foi acordado pela maioria e aceito no início do processo (qualquer processo) decisório.

A questão ética, no entanto, pressupõe um engajamento pessoal. Não há defesa de nenhuma idéia se não se acredita nela. E se se acredita na idéia, não há motivo para que não seja ela aplicada sempre, em qualquer situação da vida. Isso é ética, isso é crer e isso é estar comprometido com um papel de defesa de direitos.

Será que nós, juízes, assumimos esse compromisso? Será que levamos a questão ética a sério o suficiente para determinarmos nosso comportamento?

Essa é uma questão relevante agora. E relevante não só por causa dos recentes acontecimentos de repercussão nacional, mas porque (e sobretudo porque) é preciso saber se nós somos éticos na nossa conduta pessoal e na nossa carreira.

Os ares da democracia não fazem bem a estruturas antigas em que não se respeitam as regras do jogo.

Vamos nos olhar no espelho e avaliar se nós estamos prontos para enfrentar a nossa realidade. Nós devemos ou não aceitar que os atos administrativos não sejam fundamentados? Nós devemos nos calar quando somos favorecidos por esses atos? Nós devemos nos calar quando esses atos favorecem uma posição que entendemos mais correta? Em suma, nós devemos acreditar que aqueles princípios (que nós defendemos todos os dias), da moralidade, da legalidade, da motivação, são apenas para os outros?

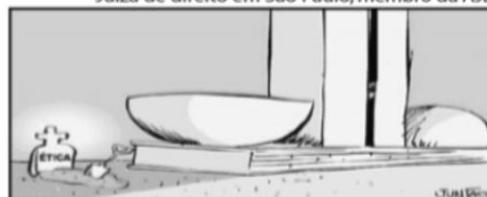
Não se pode reduzir a resposta a situações pessoais; o problema tem uma dimensão ainda maior, que é a de dar transparência ao Judiciário. Se os objetivos que perseguimos são bons, porque não hão de ser os meios para atingir esses objetivos? Por que não explicitar as razões de todos os atos administrativos? Por que não deixar evidentes os motivos pelos quais se escolhe este e não aquele caminho?

É por esses motivos que a falta de indicação de critérios para aferição de merecimento é anacrônica e antidemocrática. Isso, para não se falar na não observância de ordem de antiguidade, na falta de motivação de preterição ou de escolha de nomes. Repensar essas questões é crucial. Ou isso, ou nos calamos diante de todas as não-explicações da política.

Se não temos noção do que é correto para nós, não podemos aferir o que é incorreto para os outros.

Ética é remédio amargo, mas todos têm que tomá-lo.

Maria Fernanda de Toledo R. Podval  
Juíza de direito em São Paulo, membro da AJD



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 38 – Apostila de filosofia

## Bioética

**Bioética** é o estudo interdisciplinar entre biologia, medicina e filosofia (dessa, especialmente as disciplinas da ética, da moral e da metafísica), que investiga todas as condições necessárias para uma administração responsável da vida humana (em geral) e da pessoa (em particular).

Considera, portanto, a responsabilidade moral de cientistas em suas pesquisas, bem como de suas aplicações. São temas dessa área, questões delicadas como a fertilização in vitro, o aborto, a clonagem, a eutanásia, e os transgênicos.

As diretrizes filosóficas dessa área começaram a surgir após a tragédia do holocausto da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo ocidental, chocado com as práticas abusivas de médicos nazistas em nome da Ciência, criam um código para que se limitem os estudos relacionados. Formula-se também a idéia que a ciência não é mais importante que o homem.

O progresso técnico deve ser controlado e acompanhar a consciência da humanidade sobre os efeitos que eles podem ter no mundo e na sociedade para que as novas descobertas e suas aplicações não fiquem sujeitas a todo tipo de interesse.

O Direito, com o surgimento desse ramo da ética, precisou se adaptar (e continua se adaptando constantemente

te tamanha os progressos da ciência não regulados em lei nesse campo) à essa nova realidade e criou o “biodireito”.

## Aborto

**Abortamento** ou **interrupção da gravidez** é a morte (espontânea ou provocada) de um embrião ou de um feto antes do final do seu desenvolvimento normal. O processo é também chamado **aborto**, embora em termos científicos esta palavra designe apenas o resultado da acção, isto é: o embrião ou feto expulso do ventre materno. A palavra provém do latim *ab-ortus*, ou seja, “privação do nascimento”.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), abortamento é a morte do embrião ou feto antes que seu peso ultrapasse 500g. Este peso é atingido em torno de 20-22 semanas de gravidez. Observar que pode ter havido ou não a expulsão do produto da concepção do organismo materno, mas havendo a morte do produto da concepção nesta fase da gestação houve um “abortamento”. Pode ser espontâneo, provocado ou induzido, “retido” (quando há morte do concepto, mas não a sua expulsão dentro de 4 semanas), infectado etc.

O abortamento que acontece antes de 4 semanas de gestação é denominado subclínico, entre 4 e 12 semanas precoce e após 12 semanas tardio. O abortamento, pela sua frequência no

Figura 39 – Apostila de filosofia

# Clonagem

## Clonagem Humana *Como funciona? E deverá ela ser permitida?*

A clonagem de seres vivos tem sido um vasto campo de experimentos científicos há várias décadas, porém o tempo só chegou ao público em 1997 quando foi anunciada a primeira clonagem bem sucedida de um mamífero – a ovelha Dolly. Desde então, vários cientistas expressaram o objetivo de clonar um ser humano. Alguns países sancionaram leis proibindo a clonagem de seres humanos. Porém para os cientistas quaisquer leis não são um impeditivo. Portanto há pouca chance de se impedir legalmente a clonagem de seres humanos.

Os custos de uma clonagem são bastante elevados, porém recursos financeiros não faltam para o desenvolvimento desta tecnologia para obter fama e uma possível fortuna, ou por razões emocionais: o desejo de duplicar uma pessoa querida que está doente ou que já faleceu.

Aqueles que se opõem à clonagem humana afirmam que a raça humana está tomando um caminho bastante perigoso e possivelmente irreversível que pode trazer graves consequências ao mundo. Eles lembram que a tecnologia de clonagem é ainda bastante pobre. A média de sucesso em experiências de clonagem é de apenas 3%. Muitos clones nascem defeituosos e morrem pouco após seu nascimento. Além disso, a duplicação de seres humanos implica em questões éticas e morais.

Neste artigo, explicaremos o processo de clonagem. Vamos também analisar alguns prós e contras da prática. Tentaremos ser objetivos e não defendermos qualquer ponto de vista – apenas apresentaremos argumentos sobre os possíveis benefícios e malefícios da clonagem humana. Você é quem deve decidir

se a clonagem de seres humanos deve ou não ser permitida.

### A Tecnologia de Clonagem

Em janeiro de 2001, um seletivo grupo de cientistas comandado por Panayiotis Zavos, ex-professor da Universidade de Kentucky e por um pesquisador italiano, Severino Antinori, anunciaram o objetivo de clonar um ser humano. Eles e quaisquer outros cientistas que desejem clonar seres humanos provavelmente utilizarão o mesmo procedimento que foi usado para criar a ovelha Dolly. Esta técnica de clonagem é chamada de transferência nuclear da célula somática.

A transferência nuclear da célula somática tem início quando o médico tira o óvulo de uma doadora e remove o núcleo do óvulo. Fazendo isso, ele cria um óvulo desprovido de núcleo. Uma célula contendo DNA é então retirada da pessoa que está sendo clonada. Por meio de eletricidade, o óvulo desprovido de um núcleo é fundido com a célula contendo o DNA do ser humano que está sendo clonado. Forma-se então um embrião, que é implantado na mãe de aluguel, aquela que forneceu o óvulo. Caso o procedimento seja bem-sucedido, a mãe de aluguel dará à luz à uma cópia exata da pessoa clonada (de quem foi retirado a célula com DNA) ao fim de um período normal de gestação.

Este mesmo procedimento foi usado para criar a ovelha Dolly em 1997. Ian Wilmut e seus colegas no Instituto Roslin em Edimburgo, na Escócia, transplantaram o núcleo de uma glândula mamária de uma ovelha Finn Dorsett num óvulo desprovido de núcleo de uma ovelha blackface escocesa. A fusão do núcleo ao óvulo foi realizada por meio de eletricidade que também resultou numa divisão celular. A nova célula, agora dividida, foi implantada no útero de uma ovelha blackface. Alguns meses depois nasceu a ovelha Dolly. Ela é geneticamente idêntica à ovelha Finn Dorsett e não à blackface, que serviu como sua mãe de aluguel. A clonagem foi bem sucedida, mas foram necessárias

Figura 40 – Apostila de filosofia

continuação da vida daqueles que já se foram.

Porém, deve-se lembrar que clonagem humana não significa ressurreição. Um clone pode ser idêntico a um ser humano clonado, mas isto não significa que são a mesma pessoa. Irmãos gêmeos, por exemplo, são duas pessoas diferentes. Se um gêmeo morresse, nenhum pai ficaria intocado porque uma pessoa fisicamente idêntica permanece viva.

Sempre há uma questão religiosa relativa à clonagem de seres humanos. Muitos acreditam que a criação de vida é assunto exclusivo do Criador. Eles acreditam que a vida é uma dádiva Divina, que deveria estar além dos poderes humanos. A Igreja acredita que a alma é criada no momento da concepção, e por isto o embrião merece proteção. Para aqueles que concordam com a Igreja, a tecnologia não-aperfeiçoada da clonagem significa assassinato em massa.

Quando a possibilidade de duplicar seres humanos foi anunciada, muitos temeram que vilões de nossa história seriam trazidos de volta à vida. Mas, a não ser que acreditemos que o mal está presente no gene de uma pessoa, isto não é um motivo de preocupação. Como discutimos acima, a clonagem somente duplica o corpo, não necessariamente o caráter ou personalidade de uma pessoa. A mesma pessoa não voltaria ao mundo, e sim alguém fisicamente idêntico seria

criado.

A clonagem de seres humanos pode causar graves efeitos em nossos relacionamentos familiares. Um pai pode ter um filho idêntico a ele, e estar feliz com o fato, mas como isso afetará a relação entre filho e mãe? Ele crescerá e ficará igual a seu pai – o homem pelo qual ela se apaixonou e com quem se casou. O mesmo também vale para uma filha que nasceria fisicamente idêntica à sua mãe. Como isso afetaria o seu relacionamento com o seu pai? Ao analisar os prós e contras da clonagem humana, temos que pensar como isto afetaria outras pessoas em nossa sociedade. Um outro exemplo: um casal tem um filho clonado igual ao pai, e o casal eventualmente se divorcia. A esposa agora odeia seu ex-marido, mas seu filho é fisicamente idêntico ao homem que ela menospreza. Como isso influirá em seu relacionamento?

#### **Conclusão**

Neste artigo tentamos abordar o processo de clonagem humana. Também apresentamos alguns argumentos a favor e contra o processo. Existem muitos outros aspectos – científicos, morais e religiosos – a serem analisados. O núcleo da questão é se seres humanos estão preparados para lidar com esta nova tecnologia que pode ser uma grande fonte de benefícios ou malefícios para a humanidade. Todos nós devemos analisar as possíveis conseqüências

## **Eutanásia**

**Eutanásia** (do grego *eu* “bom”, *thanos* “morte”) é a prática pela qual se abrevia, sem dor ou sofrimento, a vida de um enfermo incurável. A eutanásia representa atualmente uma questão de ética, pois algumas pessoas acham errado matar uma pessoa, mesmo que essa pessoa esteja passando por um terrível sofrimento e queira morrer por vontade própria.

Independentemente da forma de Eutanásia praticada, seja ela legalizada ou não, é considerada como um assunto controverso, existindo sempre prós e contras – teorias even-

tualmente mutáveis com o tempo e a evolução da sociedade, tendo sempre em conta o valor de uma vida humana. Sendo eutanásia um conceito muito vasto, distinguem-se aqui os vários tipos e valores intrinsecamente associados: *eutanásia*, *distanásia*, *ortotanásia*, a própria *morte* e a *dignidade humana*.

#### **Conceito**

Antes de mais, é importante referir que se podem “classificar” dois tipos de eutanásia, a “eutanásia ativa” e a “eutanásia passiva”. Embora existam duas “classificações” possíveis,

Figura 41 – Apostila de filosofia

# POLÍTICA



O termo **política** é derivado do grego antigo (*politeia*), que indicava todos os procedimentos relativos à *pólis*, ou cidade-Estado. Por extensão, poderia significar tanto Estado quanto sociedade, comunidade, coletividade e outras definições referentes à vida urbana.

Em cinco acepções, senão mais, é entendido e empregado o termo *política*.

- No uso trivial, vago e às vezes um tanto pejorativo, política, como substantivo ou adjetivo, compreende as ações, comportamentos, intuições, manobras, entendimentos e desentendimentos dos homens (os políticos) para conquistar o poder, ou uma parcela dele, ou um lugar nele: eleições, campanhas eleitorais, comícios, lutas de partidos etc.;
- Conceituação erudita, no fundo síntese da anterior, considera política a arte de conquistar, manter e exercer o poder, o governo. É a noção dada por Nicolau Maquiavel, em *O Príncipe*;
- Política denomina-se a orientação ou a atitude de um governo em relação a certos assuntos e problemas de interesse público: política financeira, política educacional, política social, política do café etc.;
- Para muitos pensadores, política é a ciência moral normativa do governo da sociedade civil. (Alceu Amoroso Lima – *Política*, 4ª edição, pág. 136);

· Outros a definem como conhecimento ou estudo “das relações de regularidade e concordância dos fatos com os motivos que inspiram as lutas em torno do poder do Estado e entre os Estados”. (Eckardt – *Fundamentos de la Política*, pág. 14);

· Atualmente, a maioria dos tratadistas e escritores se dividem em duas correntes. Para uns, política é a ciência do Estado. Para outros, é a ciência do poder:

### PODERES

- **Executivo** é um dos poderes governamentais, segundo a teoria da separação dos poderes, cuja responsabilidade é de implementar, ou *executar*, as leis e a agenda diária do governo ou do estado. O poder executivo pode ser representado, em nível nacional, por apenas um órgão (presidência da república, no caso de um presidencialismo), ou pode ser dividido (parlamento e coroa real, no caso de monarquia constitucional)
- **Legislativo** é o poder de legislar, criar leis. No sistema de três poderes proposto por Montesquieu, o poder legislativo é representado pelos legisladores, homens que devem elaborar as leis que regulam o Estado. Entre as funções elementares do poder legislativo está a de fiscalizar o poder executivo, votar leis orçamentárias, e, em situações específicas, julgar determinadas pessoas, como o Presidente da República ou os próprios membros da assembléia.
- **Judiciário** ou **Poder judicial** é um dos três poderes do Estado moderno na divisão preconizada por Montesquieu em sua teoria da separação dos poderes. Ele possui a capacidade de julgar, de acordo com as leis criadas pelo poder legislativo e de acordo com as regras constitucionais em determinado país.

### ALGUMAS FORMAS DE GOVERNO

- **República** é uma forma de governo onde um representante, normalmente chamado presidente, é escolhido pelo povo para ser o chefe de estado,

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 42 – Apostila de filosofia

## RELIGIÃO

A **Religião** pode ser definida como um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino e sagrado, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.

A palavra portuguesa *religião* deriva da palavra latina *religio*, mas desconhece-se ao certo que relações estabelece *religio* com outros vocábulos. Aparentemente no mundo latino anterior ao nascimento do cristianismo, *religio* referia-se a um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão.

A palavra “religião” foi usada durante séculos no contexto cultural da Europa, marcado pela presença do cristianismo que se apropriou do termo latino *religio*. Em outras civilizações não existe uma palavra equivalente. O hinduísmo antigo utilizava a palavra *rita* que apontava para a ordem cósmica do mundo, com a qual todos os seres deveriam estar harmonizados e que também se referia à correcta execução dos ritos pelos brâmanes. Mais tarde, o termo foi substituído por *dharma*, termo que actualmente é também usado pelo budismo e que exprime a ideia de uma lei divina e eterna.

Historicamente foram propostas várias etimologias para a origem de *religio*. Cícero, na sua obra *De natura deorum*, (45 a.C.) afirma que o termo se refere a *relegere*, reler, sendo característico das pessoas religiosas prestarem

muita atenção a tudo o que se relacionava com os deuses, relendo as escrituras. Esta proposta etimológica sublinha o carácter repetitivo do fenómeno religioso, bem como o aspecto intelectual. Mais tarde, Lactâncio (século III e IV d.C.) rejeita a interpretação de Cícero e afirma que o termo vem de *religare*, religar, argumentando que a religião é um laço de piedade que serve para religar os seres humanos a Deus.

No livro “A Cidade de Deus” Agostinho de Hipona (século IV d.C.) afirma que *religio* deriva de *religere*, “reeleger”. Através da religião a humanidade reelegia de novo a Deus, do qual se tinha separado. Mais tarde, na obra *De vera religione* Agostinho retoma a interpretação de Lactâncio, que via em *religio* uma relação com “religar”.

Macróbio (século V d.C.) considera que *religio* deriva de *relinquere*, algo que nos foi deixado pelos antepassados.

Independente da origem, o termo é adotado para designar qualquer conjunto de crenças e valores que compõem a fé de determinada pessoa ou conjunto de pessoas. Cada religião inspira certas normas e motiva certas práticas.

### Conceito de “religião”

Não existe uma concordância universal a respeito do significado da palavra **religião**. Seria o comunismo uma religião? O nazismo? O fascismo? Há gente que pensa que sim. Tanto assim que esses sistemas de crenças tiveram os seus

Figura 43 – Apostila de filosofia

## CULTURA

**Cultura** (do latim *cultura*, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade.

Segundo a filosofia é o conjunto de manifestações humanas que contrastam com a natureza ou comportamento natural. Por seu turno, em biologia uma cultura é normalmente uma criação especial de organismos (em geral microscópicos) para fins determinados (por exemplo: estudo de modos de vida bacterianos, estudos microecológicos, etc). No dia-a-dia das sociedades civilizadas (especialmente a sociedade ocidental) e no vulgo costuma ser associada à aquisição de conhecimentos e práticas de vida reconhecidas como melhores, superiores, ou seja, erudição; este sentido normalmente se associa ao que é também descrito como “alta cultura”, e é empregado apenas no singular (não existem *culturas*, apenas uma *cultura* ideal, à qual os homens indistintamente devem se enquadrar).

A antropologia encara a cultura como o total de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano. Segundo a definição pioneira de Edward Burnett Tylor, sob a etnologia (ciência relativa especificamente do estudo da cultura) a cultura seria “o complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”

Portanto corresponde, neste último sentido, às formas de organização de um povo, seus costumes e tradições transmitidas de geração para geração que, a partir de uma vivência e tradição comum, se apresentam como a identidade desse povo.

O uso de abstração é uma característica do que é cultura: os elementos culturais

só existem na mente das pessoas, em seus símbolos tais como padrões artísticos e mitos. Entretanto fala-se também em cultura material (por analogia a cultura simbólica) quando do estudo de produtos culturais concretos (obras de arte, escritos, ferramentas, etc). Essa forma de cultura (material) é preservada no tempo com mais facilidade, uma vez que a cultura simbólica é extremamente frágil.

### Vantagens da cultura

A principal vantagem da cultura é o chamado **mecanismo adaptativo**: a capacidade de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais rápida do que uma possível evolução biológica. O homem não precisou, por exemplo, desenvolver longa pelagem e grossas camadas de gordura sob a pele para viver em ambientes mais frios – ele simplesmente adaptou-se com o uso de roupas, do fogo e de habitações. A evolução cultural é mais rápida do que a biológica. No entanto, ao rejeitar a evolução biológica, o homem torna-se dependente da cultura, pois esta age em substituição a elementos que constituiriam o ser humano; a falta de um destes elementos (i.e., a supressão de um aspecto da cultura) causaria o mesmo efeito de uma amputação ou defeito físico, talvez ainda pior.

Além disso a cultura é também um **mecanismo cumulativo**. As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo o esforço das novas gerações.

Um exemplo de vantagem obtida através da cultura é o desenvolvimento do cultivo do solo, a agricultura. Com ela o homem pôde ter maior controle sobre o

Figura 44 – Apostila de filosofia

## CULTURA BRASILEIRA

A **cultura brasileira** reflete os vários povos que constituem a demografia do gigante sul-americano: indígenas, europeus, africanos, asiáticos, árabes etc. Como resultado da intensa miscigenação de povos, surgiu uma realidade cultural peculiar, que sintetiza as várias culturas e se revela, especialmente, nos grandes centros urbanos. Em cada uma das regiões desse vasto país, é possível encontrar, porém, manifestações culturais próprias de cada um desses grupos étnicos, particularmente nos pequenos municípios e comunidades rurais.

No nordeste, nomeadamente na Bahia e no Maranhão, são comuns as festas, os ritos e os ritmos da tradição africana; no norte do País, o folclore e a culinária indígenas; no sul, as tradições européias, das quais merecem destaque a alemã e a italiana, havendo, mesmo, algumas delas

que, tendo já desaparecido em seus países de origem, só subsistem no Brasil.

A tensão entre o que seria considerado uma cultura popular e uma erudita sempre foi bastante problemática no país. Durante um longo período da história, desde o Descobrimento até meados dos séculos XIX e XX, a distância entre a cultura erudita e a popular era bastante grande: enquanto a primeira buscava ser uma cópia fiel dos cânones e estilos europeus, a segunda era formada pela adaptação das culturas dos diferentes povos que formaram o povo brasileiro em um conjunto de valores, estéticas e hábitos rejeitado e desprezado pelas elites. Grande parte do projeto estético modernista foi justamente o de resgatar nos campos considerados “nobres” da Cultura (nas artes em geral, na literatura, na música, etc) e até mesmo nos hábitos cotidianos a vertente popular, considerando-a como a legítima

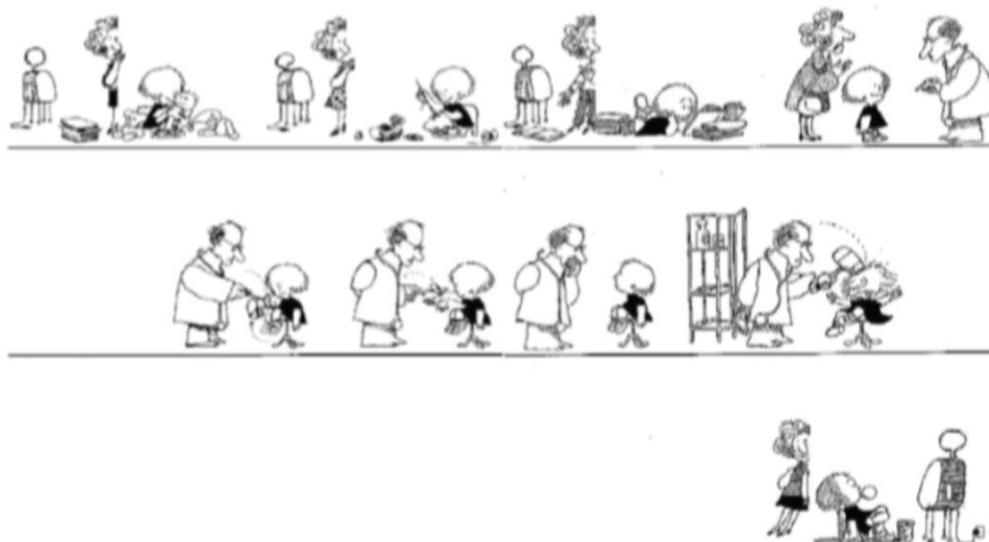


Figura 45 – Apostila de filosofia

## SOCIEDADE

Em sociologia, uma **sociedade** é o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade. A sociedade é o objeto de estudo das ciências sociais, especialmente da sociologia.

Em biologia, **sociedade** é um grupo de animais que vivem em conjunto, tendo algum tipo de organização e divisão de tarefas. É objeto de estudo da sociobiologia.

Também se chama de **sociedade** ou associação o agrupamento de pessoas para a realização de atividades privadas, geralmente comerciais. Os seus membros são denominados **sócios**.

Uma **sociedade** é um grupo de indivíduos que formam um sistema semi-aberto, no qual a maior parte das interações é feita com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo. Uma sociedade é uma rede de relacionamentos entre pessoas. Uma sociedade é uma comunidade interdependente. O significado geral de *sociedade* refere-se simplesmente a um grupo de pessoas vivendo juntas numa comunidade organizada.

A origem da palavra **Sociedade** vem do Latim *societas*, uma “associação amistosa com outros”. *Societas* é derivado de *socius*, que significa “companheiro”, e assim o significado de sociedade é intimamente relacionado àquilo que é **social**. Está implícito no significado de sociedade que seus membros compartilham interesse ou preocupação mútuas sobre um objetivo comum.

Como tal, sociedade é muitas vezes usado como sinônimo para o coletivo de cidadãos de um país governados por instituições nacionais que lidam com o bem-estar cívico.

Pessoas de várias nações unidas por tradições, crenças ou valores políticos e

culturais comuns, em certas ocasiões também são chamadas de sociedades (por exemplo, Judaico-Cristã, Oriental, Ocidental etc.).

Quando usado nesse contexto, o termo age como meio de comparar duas ou mais “sociedades” cujos membros representativos representam visões de mundo alternativas, competidoras e conflitantes.

Também, alguns grupos aplicam o título “sociedade” a eles mesmos, como a “Sociedade Americana de Matemática”. Nos Estados Unidos, isto é mais comum no comércio, em que uma parceria entre investidores para iniciar um negócio é usualmente chamada de uma “sociedade”. No Reino Unido, parcerias não são chamadas de sociedade, mas cooperativas.

Margaret Thatcher não foi a única a dizer que não existe sociedade. Ainda há um debate em andamento nos círculos antropológicos e sociológicos sobre se realmente existe uma entidade que poderíamos chamar de sociedade. Teóricos marxistas como Louis Althusser, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek argumentam que a sociedade nada mais é do que um efeito da ideologia dominante e não deveria ser usada como um conceito sociológico.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 46 – Apostila de filosofia

## Bertold Brecht

### PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO QUE LÊ.

Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
 Nos livros vem o nome dos reis,  
 Mas foram os reis que transportaram as  
 pedras?  
 Babilônia, tantas vezes destruída,  
 Quem outras tantas a reconstruiu?  
 Em que casas  
 Da Lima Dourada moravam seus  
 obreiros?  
 No dia em que ficou pronta a Muralha da  
 China para onde  
 Foram os seus pedreiros? A grande Roma  
 Está cheia de arcos de triunfo. Quem os  
 ergueu? Sobre quem  
 Triunfaram os Césares? A tão cantada  
 Bizâncio  
 Sò tinha palácios  
 Para os seus habitantes? Até a legendária  
 Atlântida  
 Na noite em que o mar a engoliu  
 Viu afogados gritar por seus escravos.  
 O jovem Alexandre conquistou as Índias  
 Sòzinho?  
 César venceu os gauleses.  
 Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu  
 serviço?  
 Quando a sua armada se afundou Filipe  
 de Espanha  
 Chorou. E ninguém mais?  
 Frederico II ganhou a guerra dos sete anos  
 Quem mais a ganhou?  
 Em cada página uma vitória.  
 Quem cozinhava os festins?  
 Em cada década um grande homem.  
 Quem pagava as despesas?  
 Tantas histórias  
 Quantas perguntas

### O ANALFABETO POLÍTICO

“O pior analfabeto é o analfabeto político.  
 Ele não ouve, não fala, nem participa dos  
 acontecimentos políticos.  
 Ele não sabe que o custo de vida, o preço do  
 feijão,  
 do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e  
 do remédio  
 dependem das decisões políticas.  
 O analfabeto político é tão burro que se  
 orgulha e estufa o peito dizendo que odeia  
 a política. Não sabe o imbecil que da sua  
 ignorância política nasce a prostituta,  
 o menor abandonado, e o pior de todos os  
 bandidos que é o político vigarista,  
 pilantra, o corrupto e lacaio dos  
 exploradores do povo.”  
 Nada é impossível de Mudar  
 “Desconfiai do mais trivial, na aparência  
 singelo.  
 E examinai, sobretudo, o que parece  
 habitual.  
 Suplicamos expressamente: não aceiteis o  
 que é de  
 hábito como coisa natural, pois em tempo de  
 desordem  
 sangrenta, de confusão organizada, de  
 arbitrariedade consciente,  
 de humanidade desumanizada, nada deve  
 parecer natural  
 nada deve parecer impossível de mudar.”  
 Privatizado  
 “Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua  
 hora de amar e seu direito de pensar.  
 É da empresa privada o seu passo em frente,  
 seu pão e seu salário. E agora não contente  
 querem  
 privatizar o conhecimento, a sabedoria,  
 o pensamento, que só à humanidade  
 pertence.”

Figura 47 – Apostila de filosofia



Fonte: arquivo pessoal.

## “Como Escrever Bem uma Redação”

Por: Paulo Sergio Rodrigues

Os grandes escritores possuem tal convívio e domínio da linguagem escrita como maneira de mani-festação que não se preocupam mais em determinar as partes do texto que estão produzindo. A lógica da estruturação do texto vai determi-nando, simultaneamente, a distribui-ção das partes do texto, que deve conter começo, meio e fim.

O aluno, todavia, não possui muito domínio das palavras ou orações; portanto, torna-se fundamental um cuidado especial para compor a redação em partes fundamentais.

Alguns professores costumam determinar em seus manuais de redação outra nomenclatura para as três partes vitais de um texto escrito. Ao invés de começo, meio e fim, elas recebem os nomes de introdução, desenvolvimento e conclusão ou, ainda, início, desenvolvimento e fecho. Todos esses nomes referem-se aos mesmos elementos. Parece-nos que irrelevante o nome que cada pessoa atribui. O importante é que as pessoas saibam que elas devem existir em sua redação.

Vejamos, sucintamente, cada uma delas.

### A. INTRODUÇÃO (iní-

cio, começo)

Podemos começar uma redação fazendo uma afirmação, uma declaração, uma descrição, uma pergunta, e de muitas outras maneiras.

O que se deve guardar é que uma introdução serve para lançar o assunto, delimitar o assunto, chamar a atenção do leitor para o assunto que vamos desenvolver.

Uma introdução não deve ser muito longa para não desmotivar o leitor. Se a redação dever ter trinta linhas, aconselha-se a que o aluno use de quatro a seis para a parte introdutória.



Figura 49 – Apostila de filosofia

### ESTAMOS DE PASSAGEM

Conta-se que no século passado, um turista americano foi à cidade do Cairo, no Egito. Seu objetivo era visitar um famoso sábio.

O turista ficou surpreso ao ver que o sábio morava num quartinho muito simples e cheio de livros. As únicas peças de mobília eram uma cama, uma mesa e um banco.

- Onde estão os seus móveis? - perguntou o turista.

E o sábio, bem depressa, perguntou também:

- Onde estão os seus?

- Os meus? - supreeendeu-se o turista - Mas eu estou aqui de passagem!?

- Eu também! - concluiu o sábio.

(Autoria desconhecida)

#### PRECISAMOS DE VOCÊ.

Aprende - lê nos olhos,  
lê nos olhos - aprende  
a ler jornais, aprende:  
a verdade pensa  
com tua cabeça.

Faça perguntas sem medo  
não te convenças sozinho  
mas veja com teus olhos.

Se não descobriu por si  
na verdade não descobriu.

Confere tudo ponto  
por ponto - afinal  
você faz parte de tudo,  
também vai no barco,  
"aí pagar o pato, vai  
pegar no leme um dia.

Aponte o dedo, pergunta  
que é isso? Como foi  
parar aí? Por que?

Você faz parte de tudo.

Aprende, não perde nada  
das discussões, do silêncio.

Bertold Brecht

Esteja sempre aprendendo  
por nós e por você.

Você não será ouvinte  
diante da discussão,  
não será cogumelo  
de sombras e bastidores,  
não será cenário  
para nossa ação.

#### ACREDITE APENAS

Acredite apenas no que seus  
olhos vêem e seus ouvidos

Ouvem!

Também não acredite no que  
seus olhos vêem e seus

Ouvidos ouvem!

Saiba também que não crer  
algo significa algo crer!

Em 2012, solicitei transferência para a Escola Estadual Prof. Aníbal de Freitas, em Campinas. Fui recebido pela diretora Roseli Silva, que me apresentou a escola e um álbum de fotografias apresentando o antes e depois. Ou seja, como estava a escola quando ela assumiu, destruída, tomada por gangues etc., e depois de sua intervenção. Ela me falou do trabalho desenvolvido com os alunos para reconhecerem a escola como pertencente a eles. E com o auxílio deles foram recuperando a escola, tornando-a referência na Diretoria de Ensino Leste.

Nesta escola, ao contrário da anterior, onde iniciei no meu magistério, o público ao qual era destinada vinha de várias localidades de Campinas. Enquanto na Guido Rosolen a maioria do alunado era de moradores do bairro, na Aníbal de Freitas, por ela estar numa área chamada de transição, era frequentada por alunos de diversas localidades, inclusive de fora da cidade. O Aníbal, por ser uma escola menor (parte dela foi tomada pela Diretoria de Ensino, reduzindo pela metade seu espaço físico), com apenas dois turnos, no Guido eram três turnos, possibilitando um desenvolvimento melhor de projetos extraclasse.

Um dos pontos que chamou minha atenção na primeira reunião de professores, no início do ano escolar, foi a leitura das Regras Internas da Escola, em que num dos itens o aluno aparecia como um “inimigo”. Diz assim: “Nós (professores) temos de estar unidos, pois eles (alunos) estão”. Este item consta nas Regras até hoje, apesar de já termos mudado de direção – a Diretora Roseli aposentou-se em 2018.

### 2.9.1 Visita de José Pacheco, o idealizador da Escola da Ponte

Em 2016, contamos com a presença do professor José Pacheco, educador português que idealizou e implantou, há 28 anos, a Escola da Ponte, localizada a 30 quilômetros da cidade do Porto, em Aves, Portugal. Ele foi convidado a apresentar seu projeto para o corpo docente da Aníbal de Freitas, proposta que vem revolucionando em Portugal e que implantou na cidade de Cotia/SP. (Volume 2 – pg. 21). Pacheco relatou que, em 1976, encontrou uma escola, em Aves, igual às outras, cada professor em sua sala de aula, repassando conteúdo, os alunos passivos recebendo as informações. E complementou que era uma das piores escolas de Portugal, um depósito de alunos que não se enquadravam. Como se via que a escola não tinha jeito, recebeu carta branca para desenvolver um projeto que visasse recuperar a escola, os alunos, os professores. Começou a dialogar com

os alunos e familiares, envolvendo-os na construção de um sistema de direitos e deveres; acabou com a seriação e extinguiu o processo de avaliação. De certa forma, descentralizava o poder da direção, compartilhando-o com toda a comunidade envolvida. Após ouvirmos e percebermos que, a princípio, Pacheco estava semeando em solo árido, escutei um comentário feito a ele sobre um processo de modernização na Escola Aníbal: a sirene (uma substituta do antigo sinal), que antes era estridente, fora trocada por músicas. Ele deu uma risadinha de lado e disse: “mas o condicionamento continua, apenas mudou-se o som.”

O ano de 2016 foi marcado também pelas ocupações escolares, inspiradas no filme de Carlos Pronzato, *La rebellion pinguina* (2006), com os estudantes secundaristas, reivindicando seus direitos, lutando contra a reforma estrutural educacional implementada pelo governo Alkimin e enfrentando com material escolar o material bélico do Estado. O cineasta, posteriormente, participou de uma roda de conversa no MIS-Campinas e na Uniso, onde apresentou seus filmes *Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile!*, documentário sobre o movimento estudantil paulista, e *A escola toma partido: uma resposta ao projeto de lei Escola Sem Partido*. Na ocasião ele comentou sobre as filmagens do documentário *Ocupa tudo, escolas ocupadas no Paraná*, que se encontrava em fase de edição. Dois anos mais tarde, em 2018, Pronzato participou da Exposição Lama sem Alma, organizada na Escola Aníbal de Freitas com poesias que retratam a tragédia de Brumadinho.

Desde esse período, a possibilidade da interação com alunos, para além do conteúdo formal, vem apresentando resultados surpreendentes. O conteúdo é necessário, mas adequá-lo à realidade vivencial de cada aluno faz com que eles compreendam melhor o conceito abordado. Como ressalta Alves (2003, p. 62),

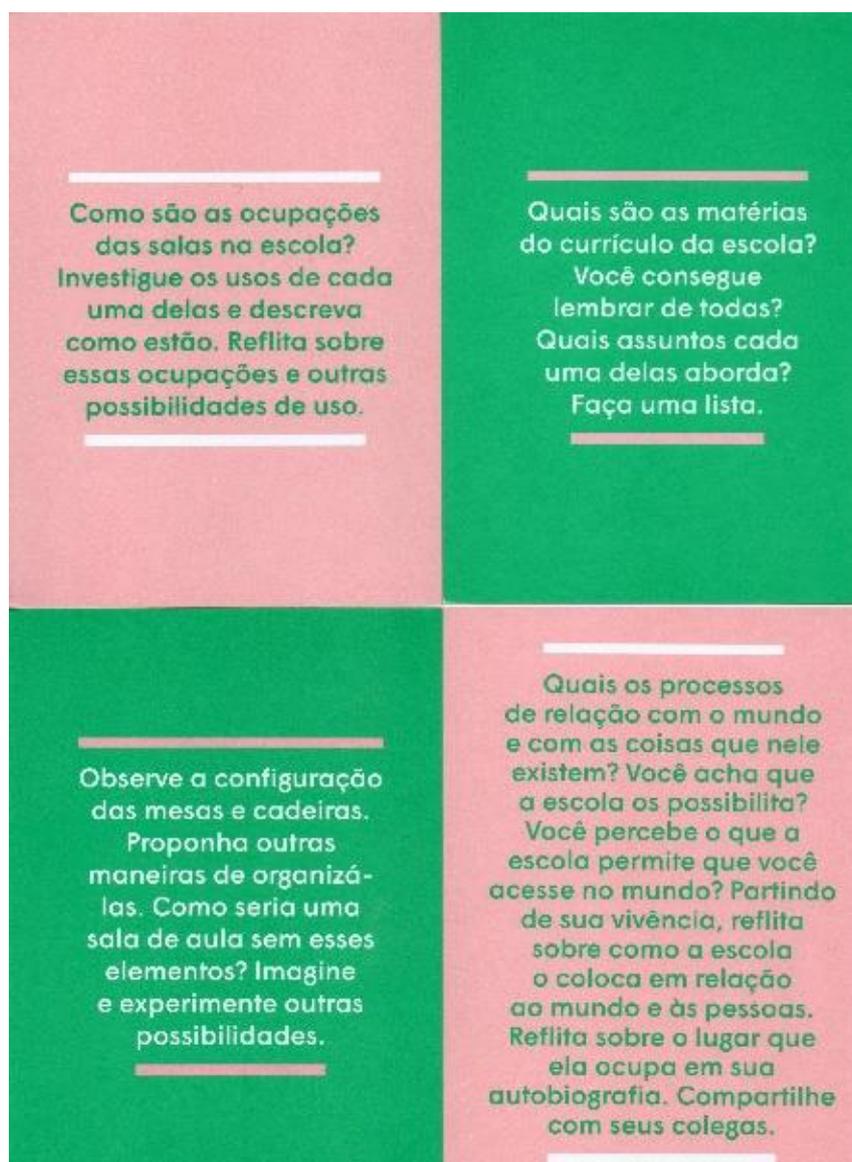
Somos esse acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários. Ele diz, também de forma breve, de nossa permanente e cotidiana descoberta das coisas, o que nos leva a compreender nossa necessidade de diferentes modos de fazer para conseguir com elas viver, conviver e criar.

Com o passar dos anos, comecei a desenvolver com eles trabalhos extraclasse, como as exposições de fotografias e poesias, o PIBID e as Feiras Culturais.

### 2.9.2 A escola imaginada

Tenho levado para dentro da sala de aula coisas apreendidas no doutorado, dentre elas, um presente da Alda Romaguera, *Um guia para imaginação de outras possíveis escolas* do *Projeto Frestas* (2017), produzido pelo SESC. Com ele, faço uma roda de conversa e distribuo fichas com questões para fazerem pensar para além do que lhes é posto. Por exemplo, com essas quatro fichas colocadas na roda de conversa, começo a instigá-los sobre o que acham da escola, o que esperam e o que gostariam que a escola fosse para eles.

Figura 50 – Algumas fichas para pensar a escola



Fonte: arquivo pessoal

Outros aprendizados são utilizados nas exposições feitas, a inspiração suleadora de Manoel de Barros e suas “insignificâncias”; a fotografia como um olhar singular do aluno para o mundo; Paulo Freire e sua dialogicidade e um escutar atento às questões, muitas vezes existenciais que eles trazem.

Essa é a dinâmica que vinha ocorrendo. Com a assunção do Dória ao governo do estado de São Paulo, a situação vem piorando, há mais de duas décadas a política do governo do PSDB vem minando a estrutura da educação pública em favor do ensino particular. As diretrizes chegam da Secretaria de Educação e são transmitidas pelo Coordenador Pedagógico. Entre outros temas, por exemplo, nos foi passada a Taxonomia de Bloom<sup>29</sup>, que visa “classificar metas e objetivos educacionais com a intenção de desenvolver um sistema de classificação para três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor”<sup>30</sup>. Tal proposta visa aplicar de forma indistinta, universal, uma fórmula para a progressão do alunado, como se este fosse um corpo homogêneo, e sabemos que não é; porém, contraditoriamente, ele havia nos encaminhado para o ATPC de 12 de março uma apresentação que constava:

**Título:** A importância de cada aluno em sua turma (grifo meu)

**Itens:** 1) Todo aluno deve ter suas aprendizagens asseguradas por meio da ação docente.

2) O professor e a comunidade escolar devem criar um **ambiente de aprendizagem** em que cada aluno permaneça na relação de ensino e aprendizagem em seu percurso e compreenda a sua importância na escola.

3) O **trabalho conjunto** dos professores e da comunidade escolar contribui para que todos os alunos aprendam, possibilitando a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Ora, uma hora é o foco no aprendizado do sujeito, noutra trabalharmos como se fossem um corpo de pensamento e atitudes únicas em relação ao mundo.

---

<sup>29</sup> Taxionomia (do grego *taxis* – ordenação – e *nomos* – sistema, norma) é todo sistema de classificação. A taxionomia mais famosa e mais usada para formular objetivos é a Taxionomia de Bloom. Desde 1948, um grupo de educadores assumiu a tarefa de classificar metas e objetivos educacionais. Eles se propuseram a desenvolver um sistema de classificação para três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. A ideia central da taxionomia é a de que aquilo que os educadores querem que os alunos saibam (definido em declarações escritas como objetivos educacionais) pode ser arranjado numa hierarquia do menos para o mais complexo. Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/moises/Arquivos/taxionomiaBloomCris.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2019.

<sup>30</sup> Arquivo recebido para a Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) de 19 de março de 2019.

Outra discussão é o MMR – Método de Melhoria de Resultados, da SEE-SP, que, como o próprio nome diz, busca a “melhoria” do desempenho. O curioso é a não participação dos alunos, que tampouco são informados do papel que lhes cabe nesse latifúndio. O MMR desconhece a realidade do aluno e sua singularidade em aprender, apenas exigindo que ele alcance metas colocadas por outros, metas cujo objetivo é usá-lo para que ele obtenha “x” resultado e o Estado possa afirmar que a educação melhorou, quando na realidade foi o condicionamento que funcionou, pois sua “cobaia” soube apertar o botão que se queria que ela apertasse.

Atualmente, foi implementado para o ano de 2019 o projeto Inova Educação, que tem por objetivo

[...] tornar a escola mais conectada com os sonhos e as necessidades dos adolescentes e jovens e os formar para as competências do Século 21. Todos estudantes do ensino fundamental anos finais e do ensino médio terão componentes de Projeto de Vida, Tecnologia e Eletivas. As Eletivas serão escolhidas pelos estudantes, conforme as possibilidades oferecidas pela escola. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2019, Portal).<sup>31</sup>

Num parágrafo o Estado se compromete a tornar a escola conectada com os sonhos e necessidades de seus alunos, contudo isso dependerá das possibilidades oferecidas pela escola.

Ao mesmo tempo, o Coordenador Pedagógico teve que ir às salas de aulas, assistir e fiscalizar as aulas ministradas pelos professores e elaborar um parecer a ser encaminhado para a Secretaria de Educação. Algo semelhante ao regime nazista.<sup>32</sup>

Paulo Freire, ainda e mais uma vez, vem em auxílio, em seu *Pedagogia da Esperança* (1997, p. 6):

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desandereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/1552665/>>.

<sup>32</sup> Conforme relata William Shirer, em *Ascensão e queda do Terceiro Reich*: “A 30 de abril de 1934, Bernhard Rust, [...], membro do Partido Nazista e amigo de Hitler desde o início da década de 1920, foi nomeado ministro da Ciência, Educação e Cultura Popular do Reich. [...] Rust preconizava o evangelho nazista com o ardor de um Goebbels e a confusão de um Rosenberg. Nomeado ministro de Ciência, Arte e Educação da Prússia, em fevereiro de 1933, alardeava que conseguira da noite para o dia “a liquidação da escola como instituição de acrobacia intelectual”. A um homem dessa indigência intelectual confiava-se agora o controle ditatorial da ciência, das escolas públicas, das instituições de altos estudos e das organizações juvenis. [...]. As escolas alemãs, do primeiro grau até as universidades, foram rapidamente nazificadas. Os manuais foram reelaborados precipitadamente, os currículos modificados, *Minha luta* convertida — nas palavras do Der Deutsche Erzieher, órgão oficial dos educadores — em “nossa infalível estrela polar pedagógica”. E os professores que não conseguissem ver a nova luz eram postos na rua.” (SHIRER, 2008, p. 335-336).

E conclui em seu último escrito, “Terceira carta – Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio Pataxó”, em *Pedagogia da indignação* (1997), após ficar estupefato diante do que ele chamou de perversidade intolerável<sup>33</sup>. Indignado não só com a atitude, mas com um contexto social, vaticina: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 1997, p. 31).

Quando um amigo me indicou o professor Marcos para que me orientasse, não esperava que o aprendizado fosse para além do formal orientando-orientador, não conhecia o Marcos. Lia os livros do Paulo Freire, os textos indicados nas disciplinas do doutorado, observava o modo como agia em sala de aula, as narrativas feitas por ele, como conduzia uma leitura, levando a dialogar, a questionar, e, ao questionar, provocando a ação do pensamento e da prática, me veio à mente uma leitura feita da obra *Ação cultural pela liberdade* (1982, p. 17).

Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto.

Paulo Freire não se reproduz, se vivencia, se experimenta, se pratica. Dessa forma, ancorado em Paulo Freire, sigo a docência, doce ciência de dialogar com as alunas e alunos, com esperança de transformar isso que aí está em algo melhor, esperança que se pratica cotidianamente, pois como diz Freire: “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura que vira, assim, espera vã.” (FREIRE, 1992, p. 11).

### 2.9.3 Em cada canto da cidade há um motivo

[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências [...].

(Walter Benjamin, 1994, p. 197)

---

<sup>33</sup> No ano de 1997, cinco adolescentes queimaram Galdino enquanto este dormia na estação de ônibus. Os jovens afirmaram à polícia que estavam brincando de matar índio.

Narrar é contar uma história. Um elo de comunicação entre duas pessoas, entre a pessoa e o mundo. É uma das formas de dizer ao outro o que e como eu vejo as coisas. É como represento para o outro o que percebo. E essa representação que faço, ou seja, falar dessa interseção com o outro/mundo, é sempre uma ficção<sup>34</sup>, visto que assimilo o que é vivido e o interpreto por meio de meus conceitos e o traduzo. Dessa forma, nos deparamos com uma narrativa singular do sujeito que está no mundo, sua interpretação dessa vivência e seu relato.<sup>35</sup>

Um correlato ao explicitado encontra-se nas palavras de Canavarros (2014), este fazendo uma leitura da História como narrativa. Para ele, a História é escrita, mesmo que seja a história oral, portanto, está inserida no gênero literário da narrativa. Literatura e história

[...] envolvem a memória e a ficção<sup>36</sup>, mesmo sendo a memória, contínua, diferente da História, descontínua. É a diferença entre a rememoração e a construção narrativa. Mesmo diferentes, a memória foi a motivação da História, para salvar do olvido os grandes feitos, e constituiu sua matéria prima fundamental. Sem memória, não há conhecimento, em geral. (CANAVARROS, 2014, p. 9).

Isso me remete a 2001, quando estive assistindo a defesa da tese de doutorado de Antônio Vidal sobre os pressupostos filosóficos e pedagógicos de Rubem Alves, na Universidade de São Paulo (USP). Inquirido pela banca sobre o por que, na tese, não ter um Rubem Alves dialogando com os autores contemporâneos, o próprio Rubem Alves, que lá se encontrava, pediu licença à banca e justificou essa “ausência” em virtude de ter coisas mais importantes a fazer na vida, como conviver com seus netos, apreciar a vida. Essa liberdade de expressão é adquirida após Rubem defender sua livre docência.<sup>37</sup> Tal

<sup>34</sup> Apesar de o termo *ficção* constar no dicionário como ato de fingir, ato de simular uma intenção ou um sentimento, uma falsidade (HOLANDA, 2014), em sua origem etimológica, do latim  *fingere*, tem um significado mais apropriado ao nosso trabalho: modelar, criar, inventar. (CUNHA, 1997).

<sup>35</sup> Em uma conversa com o psicanalista Claudio Fernandes, este me disse acreditar que “a representação do eu é uma ficção. Porque tem algo que permanece e algo que se altera na relação com o mundo”.

<sup>36</sup> Para Canavarros, a ficção é fruto da faculdade de imaginação criadora da mente. Essa faculdade, voltada ao passado, cria mitos. Para o presente, cria ideologias e para o futuro, utopias, projetos, horizontes de expectativas. Não há História ou Literatura sem mitos, ideologias ou utopias. Elas são produtos dos mais importantes do imaginário humano. (CANAVARROS, 2014, p. 9).

<sup>37</sup> “Tudo mudou após a chegada da filha çaçula.” Segundo Raquel, já na sala da maternidade, ele começou a repensar seu trabalho. “Ele percebeu que tudo o que ele produzia era muito duro e ligado ao academicismo. Então, ali, ele decidiu que escreveria apenas o que o coração pedisse”, explica. Raquel ressalta ainda que quando ela tinha 5 anos, o pai defendeu sua livre docência em filosofia política na Unicamp e que, a partir disso, se sentiu mais livre para tratar de diferentes assuntos. “Isso deu a segurança de que ele não seria demitido. Ele tinha mais liberdade para falar o que quisesse”. (EDITORIA. Ele escrevia para melhorar a vida..., *Portal G1*, 14/09/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/09/ele-escrevia-para-melhorar-vida-diz-filha-sobre-obra-de-rubem-alves.html>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

relato me remeteu a uma fala do professor Peluso na sala de aula do curso de pós-graduação em filosofia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), onde discorreu sobre a forma de condicionar o aluno para as normas da escrita, principalmente a acadêmica; primeiro, por meio dos trabalhos e monografia na graduação; depois, dos artigos e dissertação no mestrado, e quando se chega ao doutorado, quando presumidamente terá a liberdade da escrita, já está formatado e não consegue escrever para além do que foi condicionado. A produção não é sua, é feita conforme lhe é imposta pelas normas, perdendo a singularidade. Perde-se a memória, a história. Condiciona-se ao que o outro quer ler.

As narrativas, são portanto, um meio de atravessar a aridez acadêmica que foi apresentada em minha formação, de reencontrar a singularidade da escrita, acrescentando-se à minha formação a especialização em Filosofia Clínica, na qual um dos conceitos fundamentais para sua prática é a escuta e análise da história do partilhante<sup>38</sup> contada por ele próprio, com uma interferência mínima de quem o escuta. Mas, a partir do momento em que estou a ouvir aquela história de si, muitas vezes em formato oral, busco uma “neutralidade” diante daquela narrativa. Posição neutra, uma exigência impossível por parte de quem escuta. Percebo a necessidade de contextualizar o relato – de onde existencialmente ela fala, com quem e com o que ela interage, o que a movimenta e em direção a que, por que razão ela me procurou – para obter uma melhor compreensão do narrado por ela.

Na sala de aula, durante os exercícios fotopoéticos, onde solicito dos estudantes uma percepção de como o mundo e o outro lhes chegam, tais movimentos educacionais têm demonstrado uma vivacidade em relatos, e percebo, em alguns que se manifestam, a necessidade dessa fala de si, da percepção que fazem do mundo. Aproximando-me da leitura de Souza (2012) quanto à aplicabilidade das narrativas na educação, o autor dirá que

As narrativas têm se configurado no campo educacional, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como possibilidade teórico-metodológica de pesquisas que buscam apreender modos como os sujeitos narram suas histórias individuais ou coletivas. Constituímo-nos como sujeitos históricos pela forma como experimentamos, significamos e vivemos no/com o mundo. (SOUZA, 2012, p. 61).

---

<sup>38</sup> Partilhante é como se denomina a pessoa que procura os serviços do filósofo clínico. Porque “partilhar em Filosofia Clínica é a forma que estabelecemos para estar-com o outro, este que nos procura e se disponibiliza para a caminhada conjunta. Assim, aquele que vem para uma abertura no espaço da Filosofia Clínica nós o denominamos de partilhante. Estamos neste processo juntos, a com-partilhar vida, andar lado a lado, a dividir historicidade em vias de narração integrada, a ser acompanhada passo a passo no respeito às diferenças proferidas e em serem ouvidas pelo filósofo clínico” (HACK; SILVA, 2014, p. 66).

Essas narrativas, além de serem provenientes de uma experiência subjetiva, são, mesmo que orais, a materialização dessa vivência única feita pelo narrador. E nesta relação que estabeleço com ele (narrador), ele aluno de uma escola pública, me surpreendo com a atualidade de um texto de Walter Benjamin ([1936]1994), *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, publicado originalmente em 1936, e que nos fala das vias de extinção da arte de narrar, em virtude das experiências estarem em baixa, experiência esta retirada das relações e relatos trocados entre as pessoas. Como explica o autor,

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1994, p. 203).

A narrativa, condutora das experiências, se vê então empobrecida diante da “banalização das informações e da criação de dispositivos tácitos construídos como mecanismos de controle da mente e das ações humanas”, como afirma Souza (2012), afetando expressivamente a relação entre experiência e narrativa.

Para uma possível superação desse fatalismo da narrativa, tratado de forma universal por Benjamim, percorro os escritos de Reigota (2003), Carvalho (2003) e Galvão (2005) e noto a aproximação, guardada as devidas particularidades, com a colheita realizada no processo terapêutico filosófico<sup>39</sup>, em que a narrativa diz de um momento do sujeito. Do singular. Único.

Aproximando-se da questão ficcional apresentada anteriormente, como resultado de uma leitura e narrativa singular, Reigota (2003) nos esclarece sobre a narrativa ficcional que não se trata de algo inventado ou falso<sup>40</sup>, mas do modo como o vivenciado, o rememorado é narrado pela pessoa.

Nesse sentido, as narrativas se caracterizam pela “memória disponível sobre os eventos e as suas repercussões, portanto estão próximas da ficção. Isso não significa que a narrativa, ao se aproximar da ficção corre o risco de

---

<sup>39</sup> Em 2017, apresentei no XIX Encontro Nacional de Filosofia Clínica a palestra “Narrativa, bio:grafia e historicidade – dialogando com Marcos Reigota e Lúcio Packter”, na qual busquei traçar uma aproximação entre os termos trabalhados pelos autores, demonstrando suas proximidades e distanciamentos, exemplificando com um depoimento de parte da história de vida de meu pai através de seu depoimento filmado, relacionando a sua narrativa com fotos que lhe apresentava.

<sup>40</sup> “As narrativas (escrita, oral, visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa (depressiva, alegre, positiva, negativa, pessimista, otimista, nostálgica, saudosista, futurista, realista, surrealista, impressionista, fragmentada, barroca, minimalista, redundante, clássica, erudita, pop etc.) de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas.” (REIGOTA, 2003, p. 80).

necessariamente expressar de forma incorreta e deturpada os fatos, mas sim, a disposição como esses fatos são interpretados, recebidos, vivenciados e “sequenciados” por cada pessoa. (REIGOTA, 2003, p. 79).

Galvão (2005), por sua vez, ressalta esta percepção única da realidade e da elaboração e re-elaboração desse conteúdo percebido, que permite a apropriação desta realidade com intuito de um transitar com e sobre as situações vivenciadas.

A realidade cotidiana é percebida por cada um de nós de um modo muito particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social a que pertencemos. As representações nos permitem decodificar e interpretar as situações que vivemos. [...] Os nossos filtros interpretativos nos permitem apropriarmo-nos dessa realidade e agirmos sobre ela utilizando, por vezes, modelos que antecipam o comportamento dos outros. E assim vamos construindo um percurso individual feito de cruzamentos de histórias que vivemos ou que ouvimos contar. (GALVÃO, 2005, p. 328).

Há um destaque importante feito por Galvão para a investigação narrativa: são muitas as possibilidades de elaborá-las [as narrativas], seja como “biografias, autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, etnobiografias, etnografias e memórias populares” (GALVÃO, 2005, p. 39), até mesmo, ressalta, eventos únicos, integrados a determinado contexto, são passíveis de análise. O autor argumenta que a narrativa tem como característica carregar *um caráter social que explica algo pessoal ou próprio de uma época, vivenciado por quem relata*.

Acrescento o alerta feito por Canavarros ao afirmar que “Mesmo uma escrita de si, autobiográfica, não o é para si, mas para outrem. A escrita demanda leituras, que demanda juízos. Nenhuma leitura é neutra, nenhum juízo é vazio de significados”. (CANAVARROS, 2014, p. 10).

Assim, nenhuma fala e escuta, escrita e leitura, imagem e visão são neutros. Uma preocupação e cuidado com relação às questões teórico-metodológicas levantadas por Alves, em seu artigo *A narrativa como método na história do cotidiano escolar* (2000), veem justamente reforçar não uma neutralidade, mas uma percepção do agir-pesquisador:

Ao trazer a narrativa para o centro da discussão, não deixo de ter preocupação com as questões teórico-metodológicas centrais de toda a pesquisa histórica, melhor seria dizer, daqueles que trabalham com metodologias qualitativas em história, em especial a história oral: a validade do relato como fonte; as questões éticas ligadas à identificação daqueles com quem conversamos bem como à utilização do conteúdo de suas falas; a necessária relação do que é dito com outras fontes e depoimentos; a utilização da análise dos processos subjetivos de memória, bem como, das múltiplas relações entre memória,

narrativa e identidade; as contradições existentes entre memória individual e memória coletiva; a importância de confronto entre fonte oral e fonte escrita; a importância do momento e dos processos de afloramento da memória; a influência do entrevistador durante todo o processo – da decisão de com quem e como conversar aos métodos de análise e aos processos de síntese. (ALVES, 2000, p. 1).

Essas preocupações visam também compreender, da melhor maneira possível, os significados subjetivos contidos nas experiências e na relação entre memória subjetiva e memória coletiva.

Destaca Alves que a narrativa não é um relato descritivo como a historicidade clássica exige, não há a necessidade dessa “‘obrigação’ de aproximação com a ‘realidade’, mas sim um espaço de ficção, dizendo ‘era uma vez...’” (ALVES, 2000, p. 3). O narrador é, portanto, aquele que pratica os relatos que chegam até ele, neles inserindo sua percepção e o próprio fio condutor do narrar.

Como diz a autora, narrar não é unicamente contar um fato oralmente, mas transcrevê-lo de uma determinada maneira. “Tem a ver, assim, tanto com a linguagem oral que conta como com a linguagem escrita que re-conta” (ALVES, 2000, p. 4). Por isso, afirma Alves, narrar histórias é uma vasta experiência humana.

### 3 EXERCITANDO A ALTERIDADE

#### 3.1 Meus olhos, teu mundo. Teus olhos, meu mundo

Dê importância às coisas desimportantes. Esse é o recado do Manoel de Barros. Poeta que me foi melhor apresentado por Marcos Reigota durante uma de suas aulas, e que me levou a buscar e encontrar um documentário sobre ele, *Só dez por cento é mentira*, de Pedro Cezar. Está lá, como epígrafe filmica: “Há várias maneiras sérias de se não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira”. Este será o mote deste trabalho.

Essas coisinhas que não reparamos em nosso caminhar. Um cisco de vida, uma poeira de existência, uma pedrinha que delineia uma sombra para um caracol se refugiar. Tantas e tantas coisas nos passam despercebidas em virtude de uma dinâmica de vida que nos é imposta, que só aí compreendemos aquela frase do Lennon: “a vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos<sup>41</sup>” (LENNON, 1980).

Desta forma iniciei minha aventura com a poesia e com meus alunos na escola. No início sem pretensões, ao organizar o *Sê-los* (2014) convidei um casal de alunos: Isadora Gomes e Daniel Leão, que, ao final do ano de 2013 haviam me mostrado suas produções poéticas. Éramos seis poetas, com eles. Convidei também algumas alunas e aluno para ilustrar e traduzirem.

Em 2016, um projeto envolvendo um novo casal de alunos, Gabriela Furquim e Joseph Costa, baseado em umas fotografias que eu havia feito de alguns olhos no ano anterior, Gabriela começou a fotografar colegas e depois focou nos olhos. Uma conversa. Um poema. E eis mais um projeto vindo à luz. Primeiro como uma exposição, e sem seguida, a intenção de publicar um livro.

No ano seguinte, fundamentado nas experiências anteriores, apresentei o projeto *Como vejo o mundo*. Fui buscar na Filosofia Clínica, em um dos tópicos constituintes da análise da Estrutura de Pensamento (EP), a ferramenta para poder realizar um procedimento com mais acuidade no material que me chegava às mãos.

A Filosofia Clínica, um procedimento terapêutico, tem uma estrutura de análise do sujeito formada por 30 tópicos que auxilia o filósofo clínico a compreender como a pessoa, em relação com o mundo, se estruturou; seu primeiro tópico, “O mundo como me parece”, sintetiza esse princípio dos filósofos, o homem mede tudo com as réguas que

---

<sup>41</sup> No original “Life is what happens to you /While you're busy making other plans”.

adquiriu em sua relação com o mundo, baseado nos filósofos Protágoras de Abdera (sec. V a.C.) e Arthur Schopenhauer (1788-1860), os quais, a seu modo, nos alertavam que o que nos era transmitido ou o que falávamos era a nossa representação do que vivenciávamos e não a realidade tal qual ela é. Por exemplo, não adianta o esforço do pescador para descrever o tamanho do peixe que perdeu, este peixe terá no máximo o tamanho de seus braços estendidos.

Enquanto em 2017 a viagem era ao mundo interior, uma visita intimista e descrição deste passeio, no ano seguinte, instigado pela aluna Gabrielle Feniman, a visita foi ao mundo do outro. Utilizando os mesmos autores, acrescido de outros dois pensadores que trabalharam a questão da alteridade, o lituano Emanuel Levinas (1906-1995) e o brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que nos ensinaram a perceber o outro, como ele se mostra, e não como eu o interpreto. Pedi que os alunos seguissem esse roteiro: converse com alguém; peça que ele lhe conte como vê o mundo; tente mostrar, por meio de uma poesia e fotografia, essa representação de mundo, tentando ser o mais fidedigno ao relato do outro. O projeto foi denominado *Visitando o mundo do outro – VOMDO*.

### 3.2 Sê-los (2014)

Uma pré-história, se é que existe uma história antes da história sem ser história, do meu envolver os alunos em produções artísticas começou com esse livro-cartão-postal-fotopoético. (Figura 51).

A história da feitura, todo processo me cativa mais do que a obra concluída, iniciou-se com uma conversa entre Maíra Sampaio e eu. Conheci Maíra quando ela tinha 15 anos e eu 35, trabalhava na assessoria parlamentar de um vereador, em Campinas; ela, filha de militantes históricos do Partido dos Trabalhadores. Apresentei-lhe o poeta Eduardo Alves da Costa, seu famoso poema *No Caminho com Maiakovski*, por meio de um pequeno artigo meu, publicado em 03/02/1999 no site [www.filosofiaclinica.com.br](http://www.filosofiaclinica.com.br).<sup>42</sup> E em seguida o livro homônimo, publicado pelo Círculo do Livro em 1987.

---

<sup>42</sup> Atualmente este texto encontra-se fora do ar.

A seguir replico o texto:

**NO CAMINHO COM MAIAKÓVSKI OU  
(DE COMO UMA “MULESTA” ASSOLOU O BRASIL)**

“Na primeira noite ele se aproximam  
e roubam uma flor  
do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na Segunda noite, já não se escondem:  
Pisam as flores,  
Matam o nosso cão,  
E não dizemos nada.  
Até que um dia,  
O mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a luz, e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada.”

Quem não conhece este pequeno trecho de poema? Quem saberia dizer quem o escreveu? Poucos, creio eu. Porém, tento neste espaço destinado a todos destacar o nome de um poeta que “espera ansioso o momento de lutar pelo proletariado mas não compreende como se resolverá o problema de acomodar os milhões de traseiros num único trono”.

Nos idos da ditadura militar, Roberto Freire, o psicanalista não o político, publicou o livro *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu*, colocando este trecho do poema como epígrafe do livro, atribuindo a autoria ao poeta russo Maiakóvski (*Para nós, /a rima / é um barril. / Barril de dinamite. / O verso, um estopim. / A linha se incendieia / e quando chega ao fim / explode / e a cidade em estrofe / voa em mil.*)

Em verdade, Maiakóvski, naquele poema, é apenas personagem. Já ocorreu até a petulância de um jornalista de Brasília (nada contra a classe) transcrever este mesmo trecho e, com a maior cara de pau, colocar seu próprio nome como tradutor. E em campanha salariais de sindicatos, vira e mexe, é repetido o erro.

Esse poema, na verdade, é de autoria de um brasileiro chamado Eduardo Alves da Costa, nascido em Niterói/RJ, vindo para São Paulo aos dois meses de idade. Em 1962, formou-se em Direito pelo Mackenzie. Publicou *O tocador de atabaque*, livro de poesia, em 1969, e teve poemas incluídos em duas antologias: *Poesia viva* (1969) e *Poetas novos*

*do Brasil* (1969); publicou ainda o romance *Chongas* (1974), a peça de teatro *As campanhas*, 1º lugar no prêmio Anchieta de 1978 para peças inéditas e *Os hóspedes estão amanhecendo*, inédita, além de contos, *Cem gramas de Buda*, e crônicas publicadas no jornal *Última Hora* (São Paulo), reunidas no volume inédito *Uma lebre na moita do destino*.

Este é o nosso Maiakóvski.

Dando prosseguimento ao descobrimento ou desbravamento do poema “No caminho, com Maiakóvski”, reproduzimos a íntegra dele. Apreciem, devorem-no, antropofagiem-no. Cometam o “crime” da poesia.

Márcio José Andrade da Silva

## NO CAMINHO COM MAIAKÓVSKI

Eduardo Alves da Costa

Assim como a criança  
humildemente afaga  
a imagem do herói,  
assim me aproximo de ti, Maiakóvski.  
Não importa o que me possa acontecer  
por andar ombro a ombro  
com um poeta soviético.  
Lendo teus versos,  
aprendi a ter coragem.

Tu sabes,  
conheces melhor do que eu  
a velha história.  
Na primeira noite eles se aproximam  
e roubam uma flor  
do nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite, já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.  
Até que um dia,  
o mais frágil deles  
entra sozinho em nossa casa,

rouba-nos a luz, e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz da garganta.  
E já não podemos dizer nada.

Nos dias que correm  
a ninguém é dado  
repousar a cabeça  
alheia ao terror.  
Os humildes baixam a cerviz;  
e nós, que não temos pacto algum  
com os senhores do mundo,  
por temor nos calamos.  
No silêncio de meu quarto  
a ousadia me afogueia as faces  
e eu fantasio um levante;  
mas amanhã,  
diante do juiz,  
talvez meus lábios  
calem a verdade  
como um foco de germes  
capaz de me destruir.

Olho ao redor  
e o que vejo  
e acabo por repetir  
são mentiras.  
Mal sabe a criança dizer *mãe*  
e a propaganda lhe destrói a consciência.  
A mim, quase me arrastam  
pela gola do paletó  
à porta do templo  
e me pedem que aguarde  
até que a Democracia  
se digne aparecer no balcão.  
Mas eu sei,  
porque não estou amedrontado  
a ponto de cegar, que ela tem uma espada  
a lhe espetar as costelas  
e o riso que nos mostra  
é uma tênue cortina  
lançada sobre os arsenais.

Vamos ao campo  
e não os vemos ao nosso lado,  
no plantio.  
Mas ao tempo da colheita

lá estão  
 e acabam por nos roubar  
 até o último grão de trigo.  
 Dizem-nos que é preciso  
 defender nossos lares  
 mas se nos rebelamos contra a opressão  
 é sobre nós que marcham os soldados.

E por temor eu me calo,  
 por temor aceito a condição  
 de falso democrata  
 e rotulo meus gestos  
 com a palavra liberdade,  
 procurando, num sorriso,  
 esconder minha dor  
 diante de meus superiores.  
 Mas dentro de mim,  
 com a potência de um milhão de vozes,  
 o coração grita – MENTIRA!

Por volta de 2013, eu e Maíra, numa conversa em uma mesa de bar, resolvemos: “vamos fazer um livro de poesia”. Iniciativa tomada, conta paga, cada um vai para sua casa. Falamos sobre a poesia, de como Maíra a criava, brincando, ela me disse que precisava beijar para que a poesia surgisse. Chegando em casa, ao conectar-me à internet, pergunto: “E aí conseguiu a poesia?” Ela me respondeu: “A poesia me escapou, mesmo tendo beijado”. Foi o mote para eu concluir a quadra: “Ela estava na ponta da língua, beijei e ela foi para outros lábios”. Pronto! Tínhamos a primeira poesia. A ideia do beijo derivou para outras leituras e releituras e viagens semânticas. O Beijo (selo), transformou-se em selo (estampa postal), Sê-lo (sermos, existirmos como poetas).

Imaginar a forma como a poesia seria apresentada foi nosso segundo passo. Certa feita, recebi um pacote com pequenos cadernos de cordel dentro. Lembrei-me dos cartões postais que minha mãe adorava comprar e ganhar – pedia que, quando viajássemos, trouxéssemos para ela (se possível acompanhado de alguma xicarazinha de café de algum estabelecimento); vinha à memória o formato dos antigos envelopes de carta coloridos. Juntando tudo, cheguei à ideia para o formato do livro *Sê-los*. Uma caixa contendo todos os cartões postais dos poetas, com imagens, desenhos, fotos, por eles escolhidos. Para produzir essa obra, além da Maíra, que queria escrever um livro comigo; convidei Isadora e Daniel, alunos cujas produções poéticas conheci no final do 3º ano do Ensino Médio; meu pai, sempre presente nas minhas aventuras literárias, tanto nesta como numa anterior,

*Projeto Clareando* (1988) e meu irmão caçula, para completar esse exército de Brancaléone. Todos devidamente transformados em selos e estampados na capa-caixa.

Figura 51 – *Sê-los*



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.1 Mundo, vasto mundo

Durante os preparativos editoriais, Vinícius Freitas, um ex-aluno, retornou da Rússia e me trouxe de presente um busto de Lênin e selos da antiga União Soviética. Os selos soviéticos entraram para a abertura do livro. Esteticamente lindo. Didaticamente necessário. Uma tentativa de definição do projeto, mas ficando mais como um convite, uma provocação: Venha conhecer e sê-lo!

Figuras 52 – Convite Frente



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 53 – Convite Verso



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.2 O motor inicial do livro

Da pergunta sobre a poesia à criação da própria poesia. Estava feita a que nominou a obra. Para ilustrá-la, convidei um colega e professor de artes da escola, Fábio Risk.

Faça uma arte de como a poesia te tocar. Foi o pedido feito. Apenas as palavras, e seus significados, que tocassem a alma do artista e este produzisse uma tradução plástica.

Assim, um livro de poesia não é feito só pelos poetas. Existe todo um movimentar de relações. Cultivo essa premissa. As pessoas que conhecia ou iam entrando em contato comigo, e eu percebendo alguma fagulha de qualquer coisa, eram convidadas a participar. Solicitei aos poetas participantes que convidassem seus amigos. Uma página desses coautores foi criada, “tintas e luzes por esses artistas” e aos tradutores, “tradução, uma outra forma de arte”. (Figura 55). A arte do agradecimento, feito pelo Douglas Garzo.

Figura 54 – Agradecimento I – Arte de Douglas Garzo



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 55 – Agradecimento II

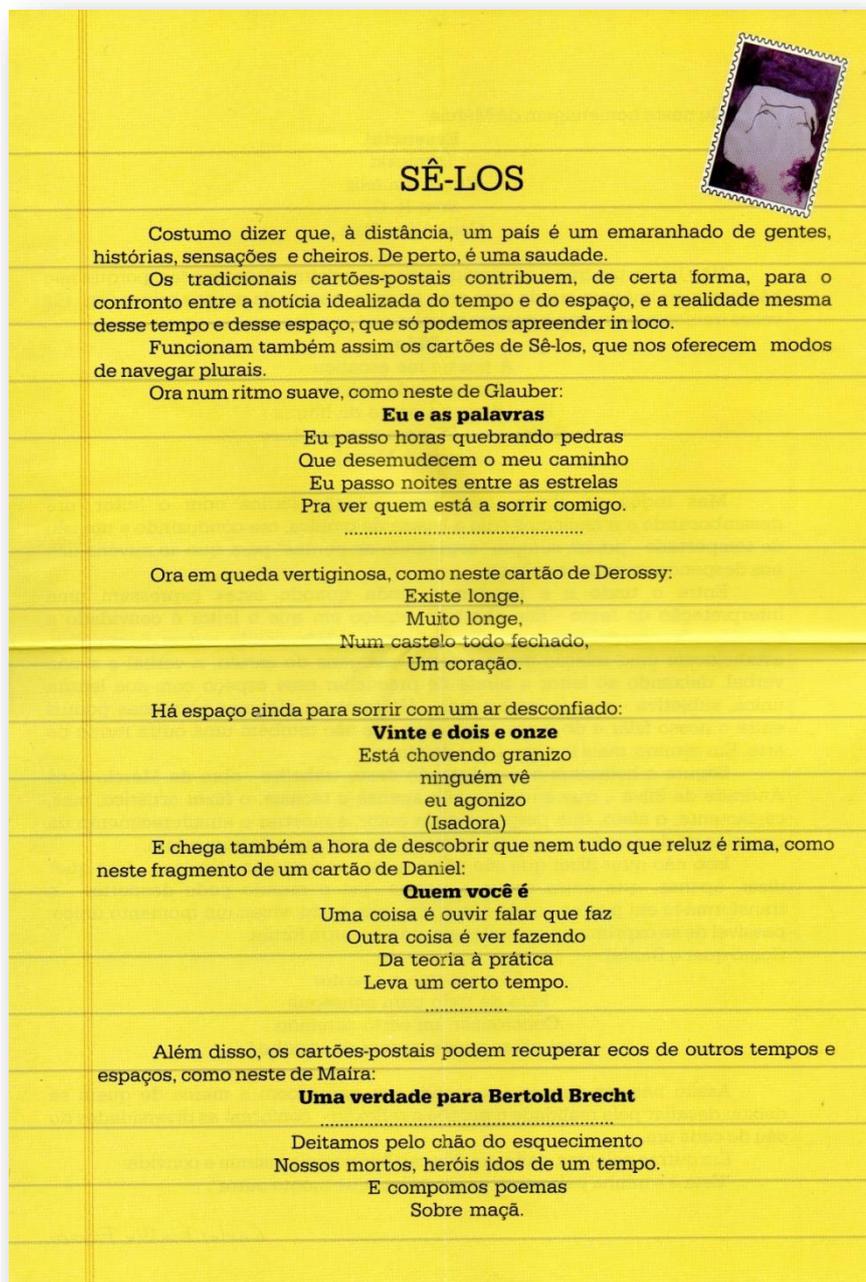


Fonte: arquivo pessoal.

Desta relação de colaboradores, um terço tinha um envolvimento com a escola. Ou como alunos, ou como estagiário, ou como professores. Os dois terços vinham pela amizade, não que o terço anterior não fossem amigos.

### Um poeta a apresentar poetas

Figura 56 – Carta de apresentação de Carlos Emílio Faraco



Fonte: arquivo pessoal

Figura 57 - Carta de apresentação de Carlos Emílio Faraco

Ou nesta homenagem de Márcio:

**Essencial**

Leminski  
É que era feliz  
Sem R. G.  
Com Alice Ruiz

Não há cartão que nos convide a rir a bandeiras despregadas, porque não há poema ou imagem criada com essa intenção, apesar de muitos brincarem (às vezes ironicamente) com a própria poesia:

**Sê-los**

A poesia me escapou  
Mesmo tendo beijado  
Ela estava na ponta da língua  
Beije e ela foi para outros lábios  
(Márcio e Maira)

Mas todos se abrem para uma relação lúdica com o leitor, ora desembocando em realismos com a leveza da crônica, ora conduzindo a um céu de tempestade - porém sempre "segurando as pontas" para que as nuvens não nos despenquem sobre a cabeça.

Entre o texto e a imagem - ainda quando estas expressam uma interpretação do texto - fica aberto o espaço em que o leitor é convidado a transitar de acordo com seu olhar e ritmo. Não sendo meras ilustrações, estabelecem uma relação entre as duas margens do cartão, a verbal e a não verbal, deixando ao leitor a tarefa de preencher esse espaço com sua leitura única, subjetiva - a mais importante. Há também algumas pequenas pontes entre o nosso falar e do outro, traduções que são também uma outra forma de arte. Em resumo: mais instigam que decifram.

Segura e belíssima a coordenação deste trabalho - obra de Márcio José Andrade da Silva -, que envolveu não apenas a técnica, o fazer artístico, mas, certamente, o afeto, que perpassa cada autor, a mostrar o amadurecimento da consciência de deixar sua marca na realidade, por meio da linguagem.

Isso não quer dizer que são poemas que se tornarão clássicos. Isso quer dizer, apenas, que entre sentir a poesia que o mundo pode despertar e transformá-la em poema, cada autor, em cada texto, viveu um momento único, passível de se exprimir pela linguagem, não de outra forma.

Como quer o Daniel:

"É claro que o escritor  
Fará de tudo para conseguir  
Concretizar um certo caminho  
Sem olhar para a grama do vizinho."

Assim nascem os poemas e cada um nasce com a marca de quem se deixou desafiar pela realidade e propõe a reflexão - conforme as diversidades do céu de cada um.

Em outras palavras, cada um dos cartões-postais insinua e convida:  
"Esta é a minha paisagem; quem quiser que monte outra".

*Carlos Emílio Faraco*

Percorrendo a rede virtual, balançando de lá para cá, encontrei o poeta Carlos Emílio Faraco, o ano é 2013. Trocamos algumas mensagens, enviei-lhe meu livro *Projeto Clareando* (1988), e, quando estava a preparar o *Sê-los*, o convidei para nos apresentar ao mundo. Uma carta de recomendação poética. Ele aceitou com a condição de ler todas as poesias antes. Condição aceita. Uma verdadeira carta de apresentação, onde ele inicia apresentando a função dos cartões postais, eles: “contribuem, de certa forma, para o confronto entre a notícia idealizada do tempo e do espaço, e a realidade mesma desse tempo e desse espaço, que só podemos aprender *in loco*”, passa, em seguida, a descrever a singularidade encontrada em cada poeta, em cada imagem a ilustrar o cartão postal, Faraco completa que essa arte literária e plástica permitem, ao leitor, com sua subjetividade – a mais importante, destaca – preencher o espaço existente entre o texto e a imagem.

#### Poetas, poesias e a escola

Apresento agora alguns poemas para retratar o que chamei de encontro com a alteridade, o cotidiano e o cotidiano escolar – apesar de ambos não serem estanques, são as representações de mundo de cada poeta. Algumas das ilustrações e traduções apresentadas têm a participação de alunas do ensino médio da escola Aníbal de Freitas.

Em *Domínio próprio*, Daniel Leão nos provoca a saímos de nossa zona de conforto e ter consciência desse movimento. O mundo do trabalho está retratado em *Hora de trabalhar*, a busca cobrada por uma inserção social. As ilustrações ficaram a cargo da Andréa Ranieri, colega de classe de Daniel e Isadora.

Há um poema de Derossy Araújo, que nos fala sobre o ir e vir dos sonhos. Da esperança que os nutre. A imagem foi retirada de seus arquivos de fotos, a praia que existia próxima à Fortaleza de São José de Macapá. (Volume 2 – pg. 22). A tradução para o francês foi realizada pela minha aluna Rafaela Druet.

Glauber Júlio nos questiona *Pra que estudar??* Apenas por estarmos no mundo? Se a natureza faz a sua parte sem a educação formal, o que cabe ao humano? Viver sem interferir, ou desaparecer com as pegadas humanas? Um questionar sobre nossa existência.

Isadora foi a aluna convidada a participar com suas poesias, colega de classe do Daniel, com quem trocava poesias e conversava. Aqui um olhar sobre o mundo e a impermanência deste diante de nossa presença nele.

Neste meu poema solicitei ao meu aluno Vinícius Freitas, que estivera na Rússia, a tradução para a língua russa. Conversamos bastante para que essa tradução se efetivasse, sem que o sentido da poesia se perdesse.

*Sebastião*, me veio após ouvir o avô da minha amiga Aline, ao entrar na cozinha de seu escritório, exclamar: “*Uhhmm!!! Que cheiro de pão! Pão tem que ter cheiro de pão!*” Daí para a poesia foi uma fornada. Luana Leal, foi a aluna convidada a ilustrar. (Volume 2 – pg. 22).

Foram mais de 70 visões de mundo transpostas para texto e imagens.

### **3.3 Olhos d’Alma (2016)**

Um projeto que surgiu de forma quase espontânea. No ano anterior, 2015, havia fotografado os olhos de algumas alunas que tinham cores e formas que me chamavam a atenção. Em 2016, durante a feira de ciência, Gabriela Furquim pediu minha máquina fotográfica emprestada e saiu fotografando outros olhares, não sei se inspirada pelas minhas fotos.

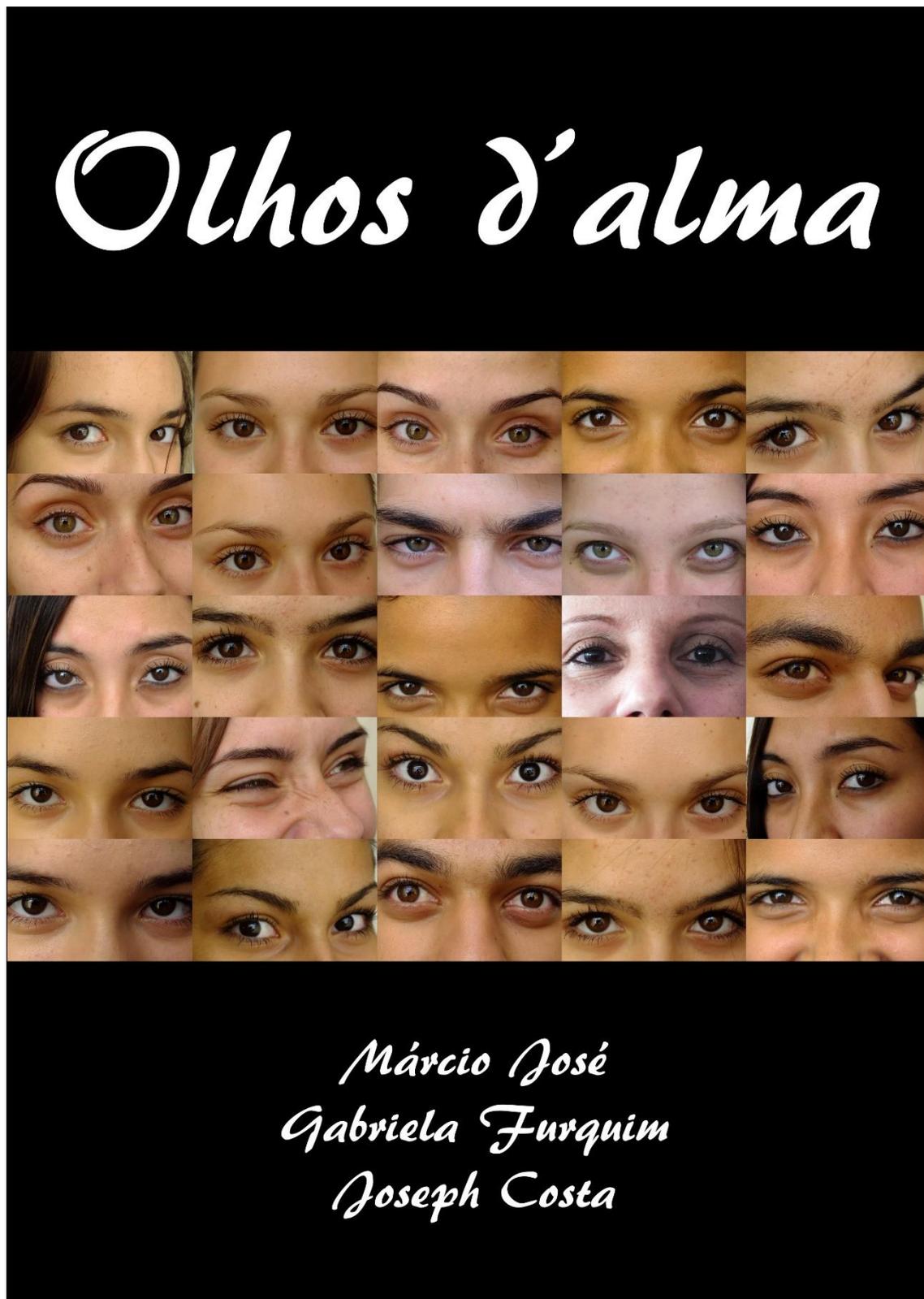
Junto com Joseph Costa, colega da Gabriela e meu aluno, resolvemos juntar os olhos fotografados aos nossos olhares poéticos. O resultado foi a exposição na escola e um livro ainda não publicado. (Figura 58)

O olho me fascina. É pelo olhar que muito dizemos quando calados. Ao elaborar esse projeto, que inclui a publicação da exposição como livro, convidei um oftalmologista, Henrique Packter, para que, com seus olhos, treinados cientificamente, pudesse alçar as almas dos poetas. Ler como o outro afetara a cada um com seu olhar. Henrique não foi uma escolha aleatória, já o conhecia de outras publicações, e sabia que sua leitura, seu olhar não seria científico, como de fato não foi. Também chamou a si a lembrança de olhos queridos aos quais já não mais tinha acesso.

A exposição contou com 17 folhas tamanho A3. A ideia era destacar os olhos e os poemas, sem que um sobrepujasse o outro, para tanto buscou-se dividir a folha em três partes: a primeira uma faixa preta, a segunda os olhos e a terceira o poema em um fundo

preto para atingir o objetivo de realçar os olhos e buscar, naquela expressão a inspiração da poesia. (Algumas imagens da exposição no Volume 2 – pg. 23).

Figura 58 – Capa Olhos d'Alma



Fonte: arquivo pessoal

### 3.4 Como vejo o mundo (2017)

Já havia sido aprovado para o doutorado na Uniso com a projeto de estudar a proposta educacional do MST, buscando nela identificar aspectos da pedagogia de Paulo Freire, sendo o foco de meu projeto saber se, e como, os alunos “leem o mundo” e se percebiam a si mesmos como “sujeitos de sua história”, utilizando-me de expressões do educador.

Para tanto, optei em utilizar-me de uma das ferramentas da Filosofia Clínica, o tópico “Como vejo o mundo”<sup>43</sup>, constituinte da leitura da Estrutura de Pensamento<sup>44</sup> da pessoa.

Este tópico fundamenta-se nas ideias basilares de dois filósofos; Protágoras de Abdera (486 a.C. – 411 a. C.), para quem “o homem é a medida de todas as coisas”, ou seja, o ser humano só é capaz de mensurar o mundo em que está a partir do conhecimento que adquiriu; e Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), “o mundo é minha representação”, onde confirma a ideia de Protágoras e acrescenta que todo o mundo que descrevo é minha representação deste.

A estes dois filósofos acrescentei o poeta Manoel de Barros (1916-2014), que nos convidava a conhecer as coisas miúdas, as coisas *desimportantes*. Demonstrando que as coisas, consideradas desimportantes, importam para quem vê, com olhos de poesia

Da junção destes três pensadores, e subjacente a Paulo Freire, solicitei aos alunos que fizessem um relato de suas percepções do mundo por meio da poesia e fotografia.

Como os alunos olham o mundo? Como eles o representam? Trabalhando um tópico da Filosofia Clínica, *Como eu vejo o mundo (fenomenologicamente)*, que busca, no relato da pessoa, compreender sua visão de mundo, como este a afeta.

---

<sup>43</sup> COMO O MUNDO ME PARECE (FENOMENOLOGICAMENTE) é o primeiro tópico delimitado nos estudos da Estrutura de Pensamento (EP) em Filosofia Clínica. “A representação do mundo é construção pessoal numa relação com os fenômenos que a faz única, pois a pessoa vê o mundo com os elementos de sua vida e história” (CARVALHO, 2008, p. 26) in HACK, Olga e SILVA, Márcio José Andrade da Silva, *Filosofia Clínica e Cinema* (2014, p. 30).

<sup>44</sup> ESTRUTURA DE PENSAMENTO, na Filosofia Clínica “é o instrumental resultante da colheita da historicidade, utilizado pela Filosofia Clínica para compreender o modo como a pessoa possa estar existencialmente. É a maneira como toda sua vivência se associou à pessoa”. HACK, Olga e SILVA, Márcio José Andrade da Silva, *Filosofia Clínica e Cinema* (2014, p. 30).

Figura 59 – Apresentação da exposição *Como vejo o mundo*

**COMO VEJO O MUNDO**

Projeto FILOSOFIA

E S C O L A  
E S T A D U A L  
P R O F E S S O R  
A N Í B A L D E F R E I T A S 

*Baseado nos princípios de dois filósofos e um poeta  
Protágoras (486 a.C. - 411 a.C.)  
- o homem é a medida de todas as coisas -  
Arthur Schopenhauer (1788-186)  
- o mundo é minha representação -  
e, com o auxílio de  
Manoel de Barros (1916-2014)  
- poeta das coisas desimportantes -  
Buscamos despertar nos participantes a  
exposição de seus olhares singulares,  
únicos, de como veem o mundo  
que lhes cerca, no qual estão inseridos,  
na forma de poesia.  
Poesia, uma forma de olhar o mundo com seus  
olhos e fazer com que outros possam acessar  
essa visão descrita pelos poetas*



  
Prof. Márcio José Andrade da Silva

Figura 60 – Estudante Amitabhad<sup>45</sup>

Fonte: arquivo pessoal

Desta forma Amitabhad realizou um vice-conceito<sup>46</sup>, uma analogia do mundo com um congelador, sendo A um cubo de gelo ciente de que ir para a vida será se modificar. E o dilema: ir para a vida valerá a pena?

<sup>45</sup> Todos os nomes são fictícios.

<sup>46</sup> VICE-CONCEITO, em Filosofia Clínica, é a denominação do submodo (modo de agir subordinado à estrutura de pensamento) que é utilizado para se dizer algo de uma forma diferente, utilizando-se às vezes outras figuras de linguagem que não aquelas expressas pela pessoa.

Figura 61 – Estudante Darwine

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ANÍBAL DE FREITAS

COMO VEJO O MUNDO

Projeto FILOSOFIA

*O mundo nas redes sociais*

*Hoje tudo é postado  
E quando viraliza é comentado  
por milhares que já estão viciados*

*Tudo se resue em likes  
Muitos esquecem da realidade  
e do mundo feito de verdade*

*A felicidade real foi esquecida  
por todos aqueles que vivem conectados  
E deixam de ver os mais belos momentos da vida.*



Estudante D- 1°C

Fonte: arquivo pessoal.

Darwine vai abordar uma demanda atual: as redes sociais e o mundo virtual. A importância dada ao imaterial, os sentimentos que são promovidos e provocados naquele campo de representação. Centrar os olhos, o foco, na tela, na leitura de Darwine, perde-se os mais belos momentos da vida.

Figura 62 – Estudante Emmanuely



Fonte: arquivo pessoal

Emmanuely realiza uma interessante comparação em uma quadra, o mundo e o ballet. Ambos são lindos, mas trazem, dentro de si, uma dor que, muitas vezes, torna difícil permanecer em pé.

Figura 63 – Estudante Beauvoire



ESCOLA  
ESTADUAL  
PROFESSOR  
ANÍBAL DE FREITAS

# COMO VEJO O MUNDO

Projeto FILOSOFIA

**NEGRA**

*Eu sou uma NEGRA autêntica!  
Tenho cabelo duro e black  
Sangue africano corre em minhas veias  
Tenho muita melanina e alegria para dar e vender.*

*Sou uma NEGRA com estilo  
Exagero nas cores  
Por outro lado tenho meus momentos simples  
Mas nunca perdendo o estilo*

*Sou uma NEGRA justa  
Que odeia racismo, proconcenti, intolerância religiosa,  
Até machismos! Lógico!*

*Sou aquela NEGRA  
Que adora botar terras na Cas Grande  
Quando a de meus companheiros são escoraçados  
Ou até mesmo queimadas.*

*Sou uma NEGRA Anastácia  
que ajudava seus escravos quando castigados  
Sou uma NEGRA Zeferina  
Que confrontos fazia aos capitães com arcos e flechas  
Sou uma NEGRA Maria Firmino dos Reis  
NEGRA, brasileira, romancista, nos representa mais uma vez  
Sou uma NEGRA Eva Maria do Bonsucesso  
Que agredida foi pelo branco  
Mas no final teve progresso*



*Sou todas as mulheres NEGRAS  
Que se colocaram em frente a mira de uma arma  
Para protestar e salvar  
Nossa comunidade PRETA  
Sou linda!  
Sou Mulher!  
Sou NEGRA!*

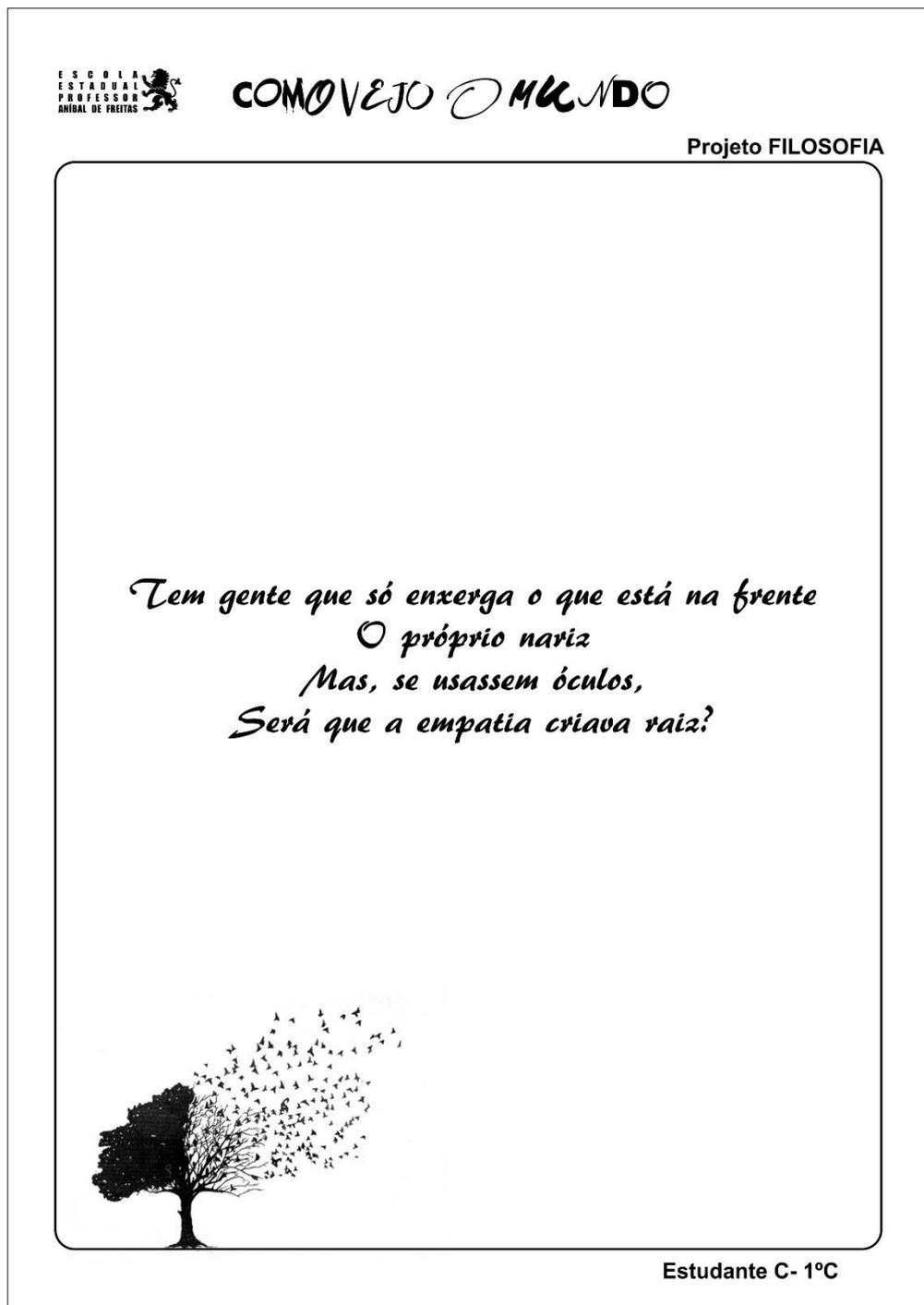
**Estudante B- 1ºC**

Fonte: arquivo pessoal

Enquanto Beauvoire, mais do que descrever a percepção do mundo, ela descreve uma percepção de si no mundo. Um posicionar-se no mundo. Este mundo que a aceite

como ela é. Chama para si a representatividade, as referências de sua negritude. As mulheres negras. Beauvoire finaliza afirmando: “sou todas as mulheres negras”.

Figura 64 – Estudante Cixousse



Fonte: arquivo pessoal.

Cixousse faz um trocadilho interessante. Sintetiza de forma hábil e sarcástica. O que a pessoa enxerga, para ela, só vai até o nariz. O enxergar-se apenas a si. Por que não

usar óculos, eliminando desta forma a miopia existencial! Há muito mais para além de si. Cixousse nos convida a enxergar o outro e, desta forma, criar a empatia. Questiona. Uma solução para a ausência de alteridade, os óculos da empatia. Existiremos a partir do momento em que reconhecemos o outro.

### Descrição em palavras de imagens de *como vejo o mundo*

Outra parte da exposição foi feita exclusivamente com imagens. Há um ditado que diz que uma imagem vale mais que mil palavras – por isso um álbum acompanha esta tese. (Algumas imagens desse exercício podem ser vistas no Volume 2 – págs. 24 e 25).

Esta primeira exposição na escola, abarcando todos os estudantes que quisessem participar, contou, na parte da exposição *Como Vejo o Mundo*, com leituras de mundo explicitadas apenas por meio de imagem.

Uma imagem, apresentada por Frantzy, traz uma inscrição feita nas costas de um banco do ônibus circular, alertando os passageiros desavisados que “a vida é curta”.

Outra imagem apresentada, bem no estilo Cartie-Bresson, fotógrafo francês que era famoso por capturar o cotidiano, eternizando na fotografia o momento, foi uma foto feita por Gautamas. de um sol no horizonte, o céu, prédios, uma praia com alguns banhistas, tudo refletido, levando-nos a pensar sobre o que é real e o que não é, confundindo o real com sua a imagem reflexa, tal como Bresson.

Uma catedral, fotografada por Hypátya, de forma inclinada fornece uma perspectiva na qual os arcanjos anunciam a tempestade que se forma. Essa apresentação me remete a dois momentos, um na Espanha, quando Packter, conversando, perguntou-me a razão de eu retratar os prédios inclinados, não lhe respondi, não tinha resposta. Mas fiquei com a indagação, até o momento em que me lembrei das dicas de fotografia dadas por meu pai, uma delas era inclinar a máquina fotográfica, de forma que, por exemplo, a igreja com sua torre alta pudesse caber na foto, assim como Hypátya fez.

As duas fotos são interessantes de serem observadas juntas. Na primeira, Ibsina foca sua mirada em uma flor. Ora, esta flor está em um jardim, num bairro de uma cidade, e a cidade é o objeto retratado por Junghe o “micro” e o “macro”. Cada um em seu momento, retrata para nós a sua visão de mundo.

A representação do mundo é subjetiva, intransferível percepção, mas, ao ser mostrada, nos brinda com imagens de outras perspectivas do mundo. Sarcásticas,

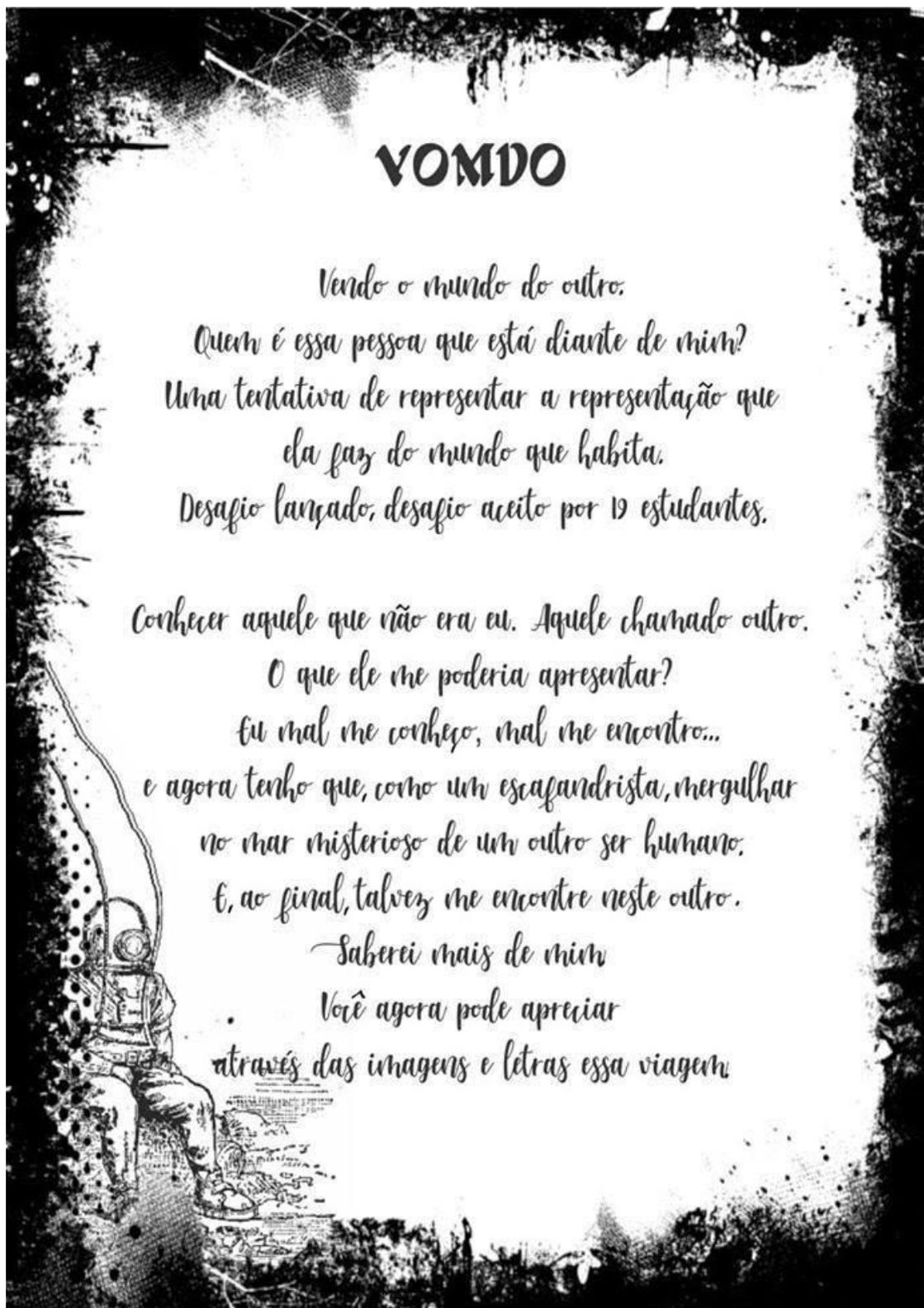
antagônicas, filosóficas. E oferece aos leitores uma nova representação das representações dadas.

### **3.5 Visitando o mundo do Outro (2018)**

O segundo projeto surgiu antes da data por mim planejada. A ideia é sempre fazê-lo no segundo semestre do ano, apresentando-o como um trabalho de conclusão do ano letivo. No entanto, Gabrielle Feniman, aluna do terceiro ano do ensino médio, chegou, logo no início do ano, perguntando se iria ter a exposição como no ano anterior. Acordamos ser possível realizar no meio do ano, mas pedi auxílio a ela, a nomeei curadora do evento, em seguida, chamou mais colegas e passaram nas salas convidando outros estudantes a participarem. (Alguma imagens e poesias desse exercício podem ser vistas no Volume 2 – págs. 26 e 27).

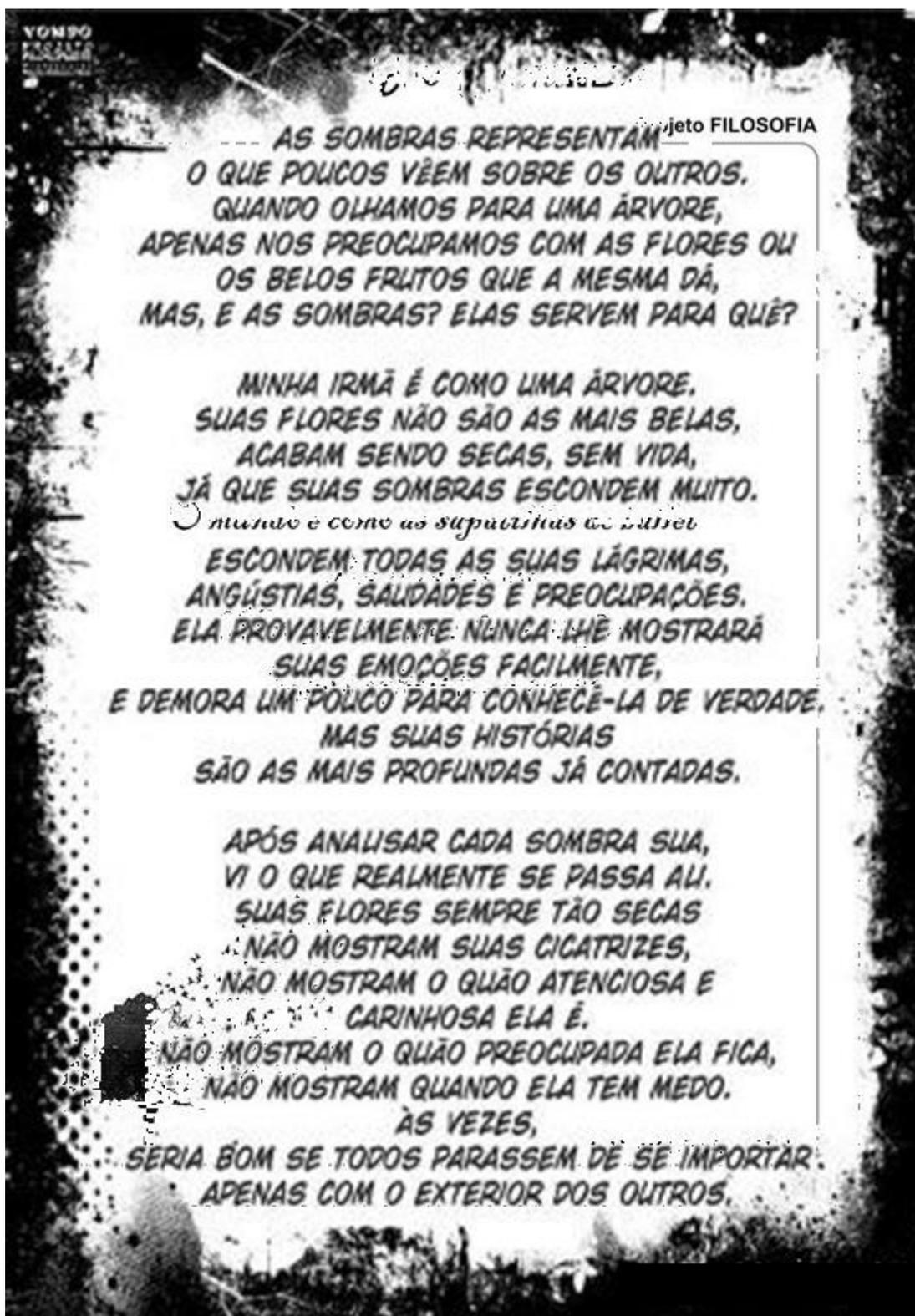
A ideia agora era visitar o mundo do outro, ouvi-lo, tentar traduzir essa escuta em uma foto e poema. Desta forma, representar a representação que o outro faz do mundo, buscando uma interferência mínima de quem escuta o relato. Daí a figura do escafandrista. Um mergulhador do mar desconhecido que é o outro.

Figura 65 – Apresentação Exposição VOMDO



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 66 – Estudante Karly

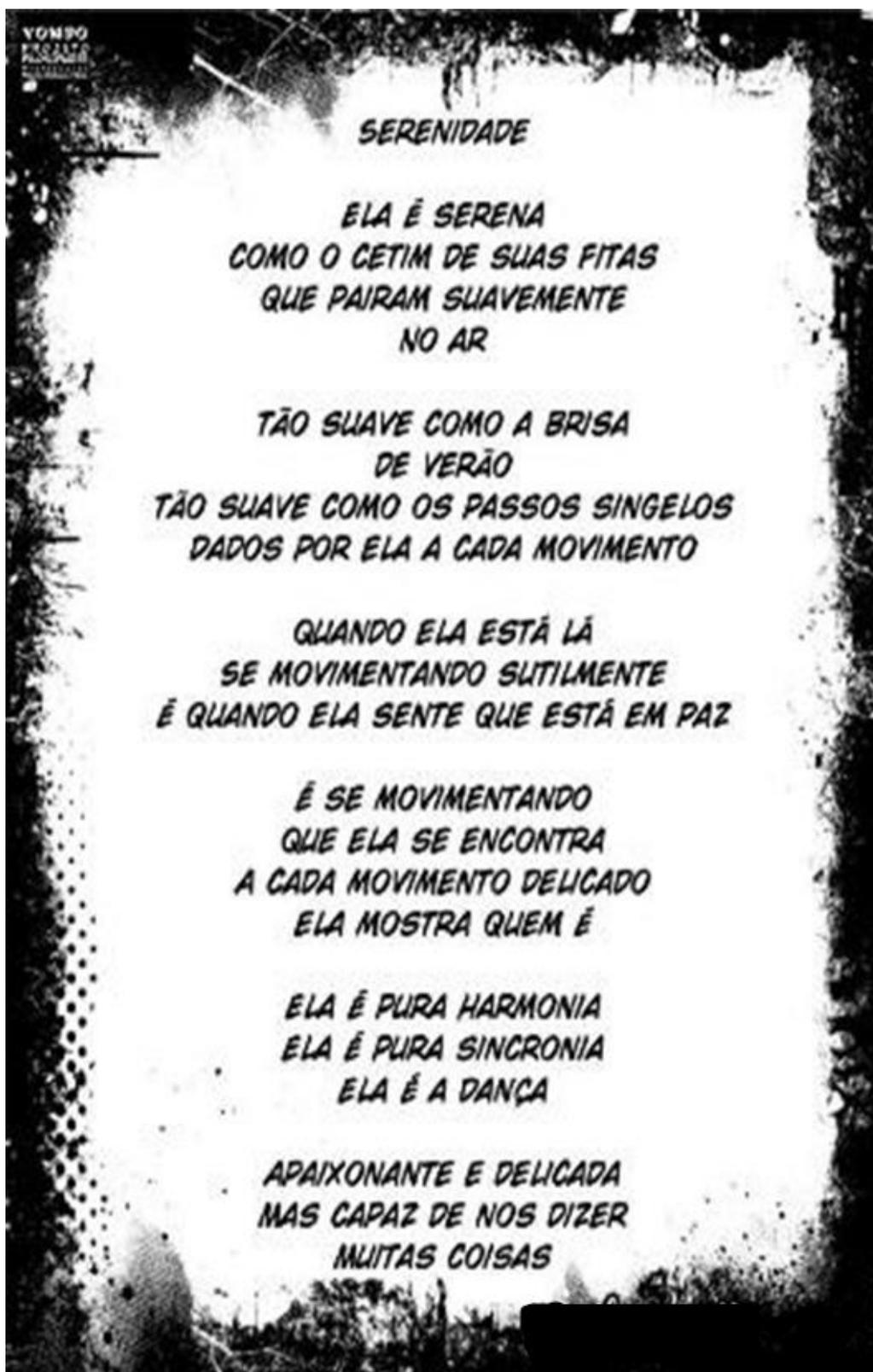




Fonte: arquivo pessoal.

Karly nos retrata a viagem e a percepção que teve ao visitar o mundo da irmã, fazendo uma analogia da irmã com uma árvore que, com sua sombra, tende a esconder muito de si, pouco se expõe ao outro, ficando ensimesmada.

Figura 67 – Estudante Llully



Fonte: arquivo pessoal.



Fonte: arquivo pessoal.

Llully aprecia a outra pessoa; a descreve poeticamente e, no entanto, não se dirige ao mundo dela, mas nos diz como a outra pessoa transforma o seu mundo.

Figura 68 – Márcio José

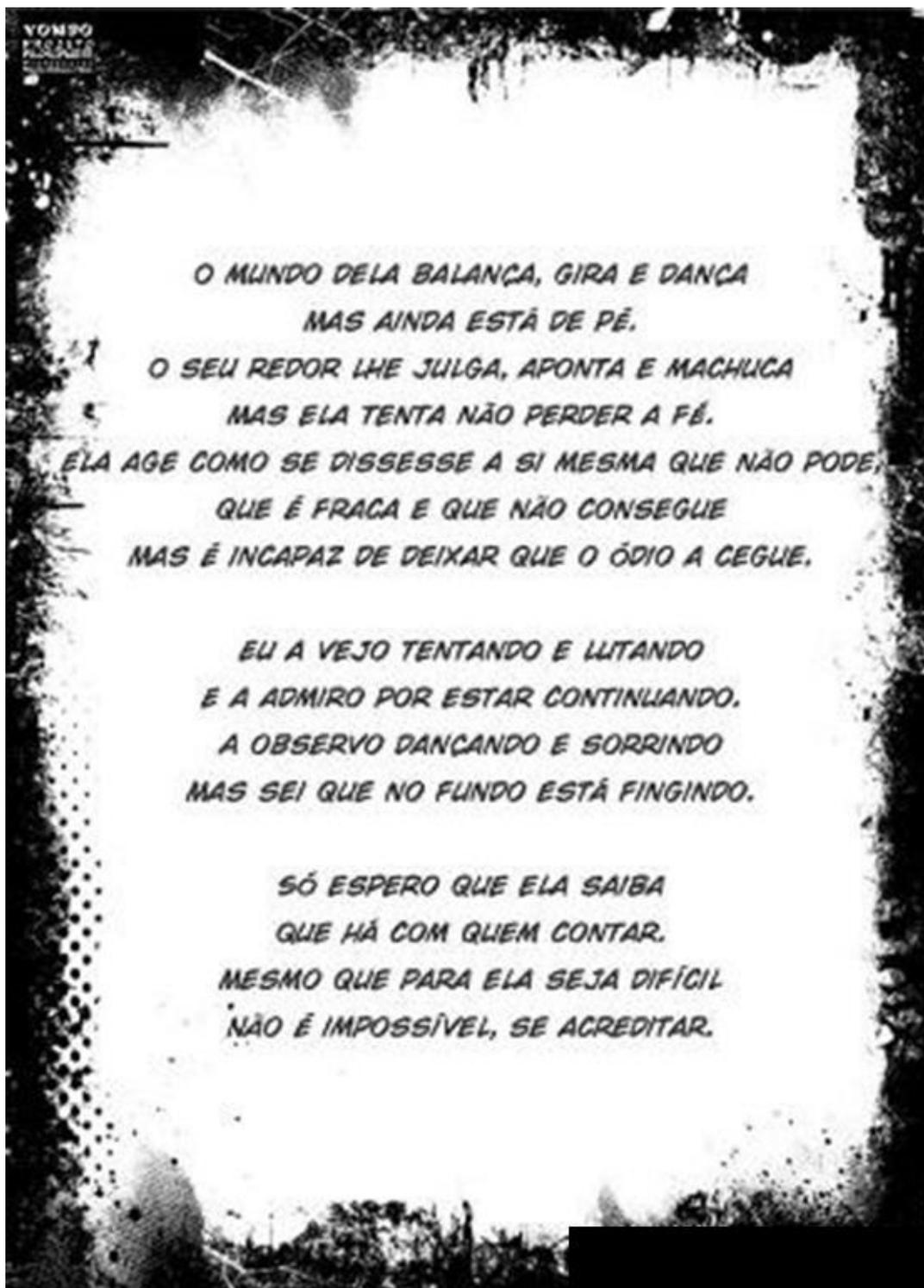




Fonte: arquivo pessoal.

Por conhecer um pouco Midgleys e por ter gostado de uma fotografia a que fôra apresentado, solicitei que me enviasse para participar da exposição. Fiz um poema sobre como eu via seu mundo. Os caminhos postos não são os seus. Midgleys carrega uma busca para além do que lhe é projetado. Recentemente, foi aprovada em um curso superior de fotografia, sua estrada é mais.

Figura 69 – Estudante Cixousse



Fonte: arquivo pessoal.

Cixousse descreve o embate entre a pessoa visitada e o mundo que a cerca, mas vai além, sem interferir, mas sempre alerta para com o outro, Cixousse deixa-se à disposição desta pessoa.

### 3.6 Exposição Fotopoética 3 em 1

Após a exposição *VOMDO*, fui ao CIS/Guanabara, espaço cultural da Unicamp localizado na região central de Campinas, solicitar um período para exposição dos trabalhos desenvolvidos na escola pelos alunos, Levei *Olhos d'alma* e convidei para a curadoria Mayu Butturi e Daniel Cordeiro que foram os curadores da *Como vejo meu mundo* e Gabrielle Fenimann, curadora do *VOMDO*. Nesse ínterim, entre a solicitação e o aceite do CIS/Guanabara, meu pai veio a falecer, o que emocionalmente afetou a montagem. Mas como ele me ensinou, o compromisso assumido tem de ser cumprido. Reunindo forças, a exposição foi realizada. (Algumas imagens da exposição com a curadoria podem ser vistas no Volume 2 – pg. 28). E, segundo relatos, foi muito visitada. A escola saindo para a cidade, a cidade conhecendo a escola.

Figura 70 – Apresentação da Exposição Fotopoética 3 em 1



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.7 Lama Sem Alma – Brumadinho (2019)

O ano de 2019 iniciou com um dos maiores desastres industriais e ambientais do mundo. O rompimento da barragem de rejeitos de mineração da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho/MG, que matou, até a época da exposição foram contadas 236 pessoas<sup>47</sup>, e um número não quantificado de animais e plantas, contaminando o rio Paraoepeba, um dos afluentes do rio São Francisco. Nessa época, mal havíamos nos recuperado (se é que há recuperação) do desastre de Mariana, ocorrido em 2015...

O cartunista Jal José Alberto Lovetro lançou uma convocatória aos chargistas, cartunistas etc. para expressarem seu protesto. Mais de sessenta atenderam a convocatória, entre eles, eu, apresentei uma bandeira de Minas enlameada.

Figura 71 – Márcio José



Fonte: arquivo pessoal.

<sup>47</sup> Em 06/05/2019, já havia sido contabilizados 236 mortos e 34 desaparecidos. Fonte: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/06/chega-a-236-o-numero-de-mortos-identificados-no-rompimento-da-barragem-da-vale-em-brumadinho.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

A exposição virtual<sup>48</sup> tinha o seguinte texto de apresentação feito pela Associação de Cartunista do Brasil (ACQ):

Mais de 60 cartunistas reunidos para o protesto sobre os acontecimentos em Mariana e Brumadinho, cidades que estão sendo mortas junto com seus rios por conta da ganância desenfreada de pessoas que só conseguem ver números na frente. Números que agora são de mortos.  
Assim as redes sociais foram também invadidas por desenhos mostrando esse descaso que se repete verginhosamente.  
Cartunistas transformando seu inconformismo em arte. Essa lama não tem alma! (ASSOCIAÇÃO DOS CARTUNISTAS DO BRASIL).

A partir dessa exposição, levei a ideia de a materializarmos na escola. Em contato com os colegas professores, a transformamos em uma exposição transdisciplinar, envolvendo filosofia, artes, química, geografia, cujos professores abordaram o tema em suas aulas, ficando a professora de artes, Débora Sabino, e eu responsáveis pela concretização. Trabalhamos com os estudantes na leitura e tradução para o papel do que eles haviam abstraído. (Algumas imagens dessa exposição podem ser vistas no Volume 2 – págs. 29 a 31).

O cartaz foi adaptado a partir daquele feito pelo Jal para a exposição virtual. Acrescido dos organizadores: Associação dos Cartunista do Brasil, Troféu HQMix e o site Filosofia e Cinema e do Apoio: Escola Estadual Aníbal de Freitas, La Mestiza vídeos e Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manoel Zink.

Figura 72 – Cartaz da exposição *Lama sem Alma*



Fonte: arquivo pessoal

<sup>48</sup> A exposição *Lama sem Alma* está hospedada no endereço <<https://blog.hqmix.com.br/exposicao/exposicao-brumadinho-lama-sem-alma/>>

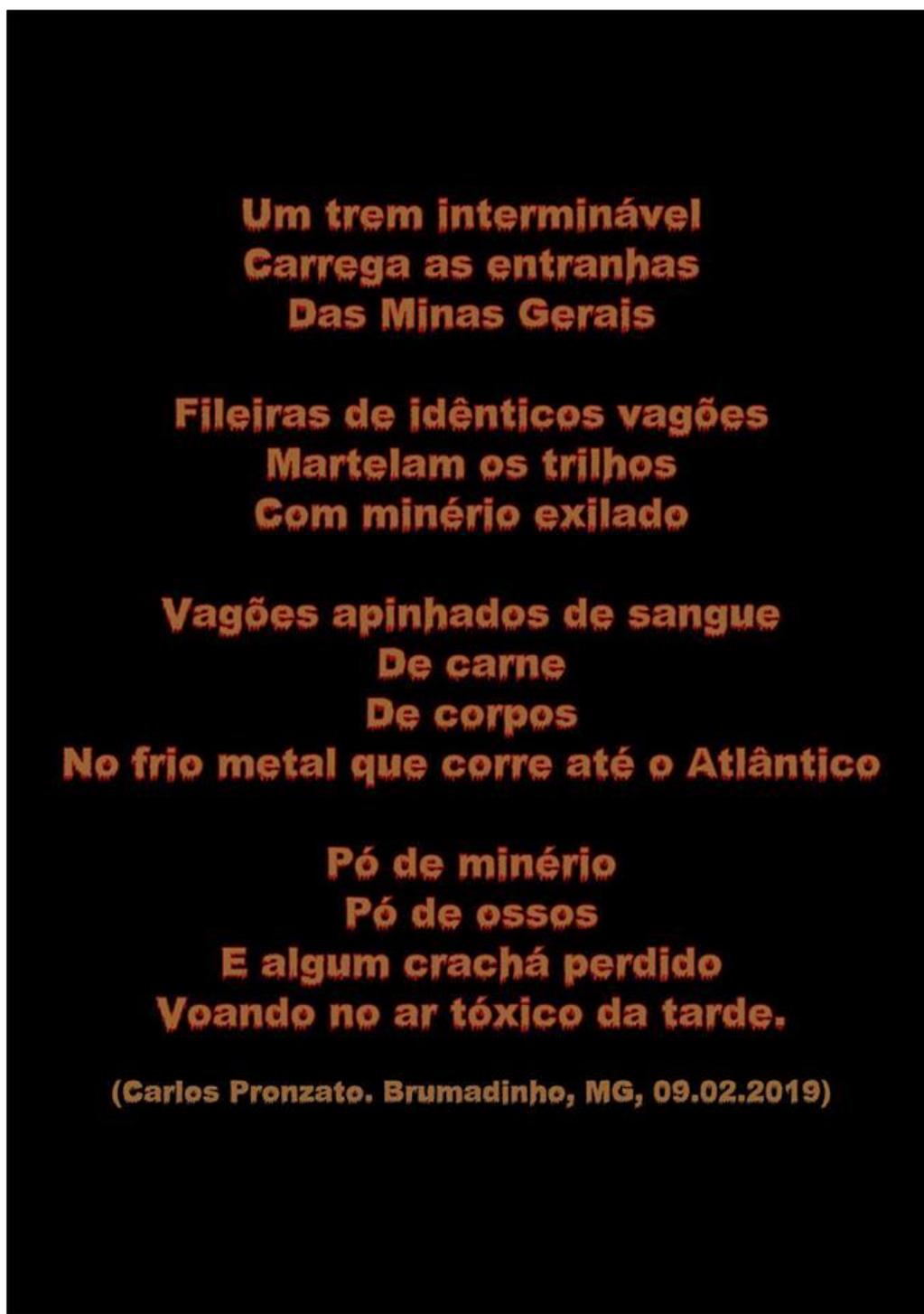
Figura 73 - Poesia de Carlos Pronzato

**De um helicóptero do corpo de bombeiros  
Pende um corpo numa bolsa derramando lama  
Voar entre o Paraopeba e o acampamento no  
Córrego do Feijão  
Deixou seu último suspiro embaixo da barragem  
Agora oscila no ar intoxicado de minério  
Pronto será uma ação da Vale num Banco qualquer.**

**(Carlos Pronzato, 02.02.19, Brumadinho.)**

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 74 - Poesia de Carlos Pronzato



Fonte: arquivo pessoal.

Carlos Pronzato, com quem já havia mantido contato para a apresentação de seus documentários na Uniso, estava, no período da montagem da Exposição Lama sem Alma, em Brumadinho, filmando o que restara da tragédia e, também como é característica de

sua obra, dando voz aos anônimos, vítimas da tragédia. Toda essa vivência o inspirou a escrever poemas, que ele permitiu que fossem utilizados na nossa exposição.

Figura 75 - Charge feita por Estudante Nirodhas



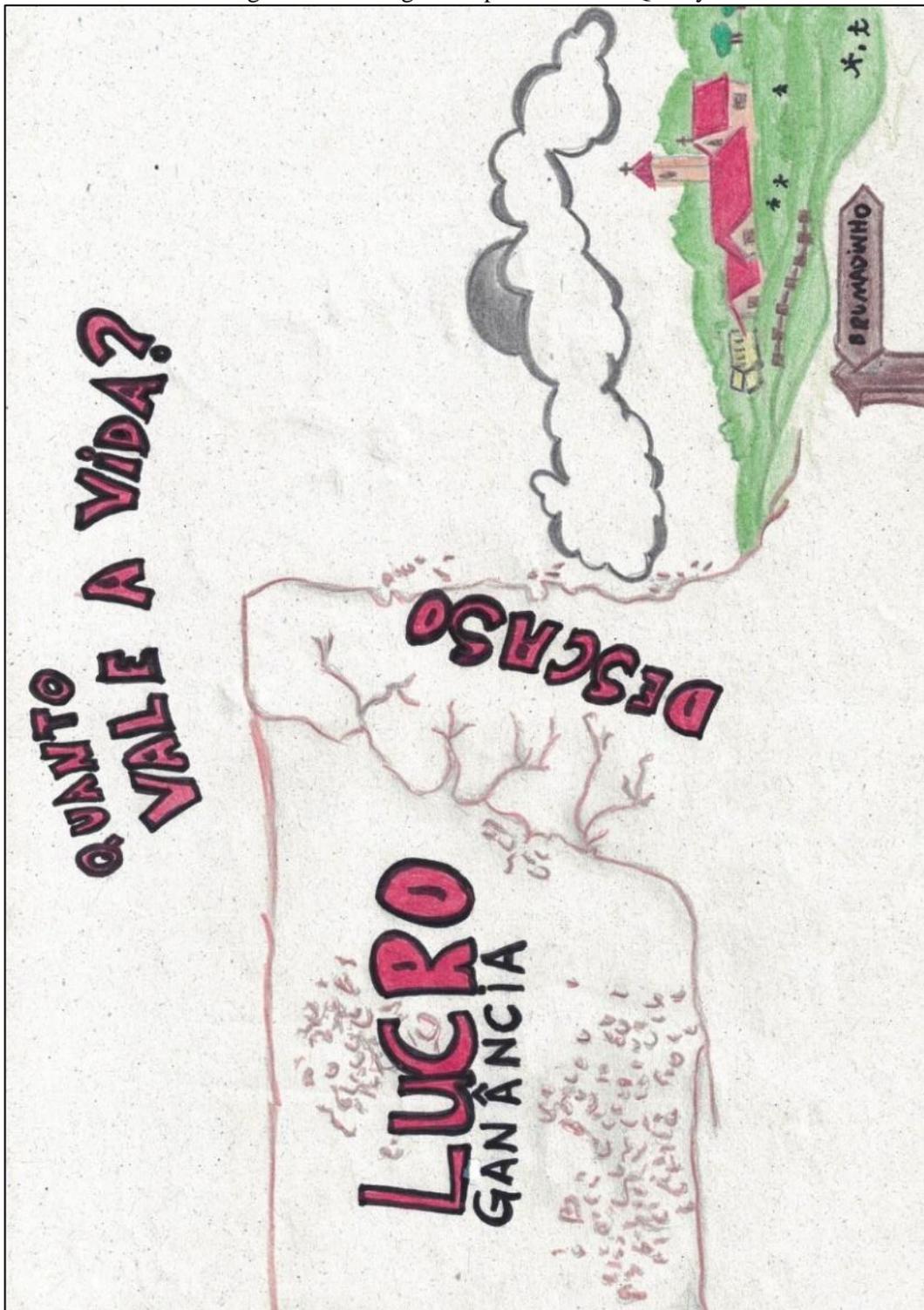
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 76 - Charge feita pelos Estudantes Orukay e Poppery



Fonte: arquivo pessoal

Figura 77 – Charge feita por Estudante Quiney



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.8 Olho d'água (2019)

O projeto de filosofia e artes trabalhado em 2019 foi *Olho d'água*. Por que olho d'água? Fui questionado. A proposta, utilizando as mesmas ferramentas de expressão, poesia e fotografia, era que viesse à tona o que buscavam. Não aquela pergunta que massacra o estudante: “o que você vai fazer quando se formar?” Mas, sim, o que eles buscam para si.

Para direcionar, sem dirigir, busquei na Filosofia Clínica a definição de Busca. *Busca* é um tópico da Estrutura de Pensamento.

Busca é como se denomina o devir, a esperança, o projeto pessoal, o para onde queremos ir, qual a procura imediata e a mais remota, o sonho guardado (confesso ou não). Algo pequeno ou grande, mas sempre significativa a quem o possui. (PACKTER, 2013, p. 5).

Lançado o projeto, a adesão foi muito boa, ao contrário do primeiro projeto – *Como vejo o mundo* (2017) –, onde havia, explicitamente, a permuta do trabalho por nota. Agora, participava quem se sentisse motivado pelo tema.

Convidei Luana Mizuki, minha aluna do Ensino Médio, para fazer a arte do cartaz. Rascunhei a ideia e ela, uma artista de mão cheia, captou a intenção. Acrescentou um reflexo na pupila que é a busca, o futuro de quem olha. Dividi a coordenação do projeto com a professora de artes, Debora Sabino, na curadoria ficou Louie Ferreira e Luana Mantovani, sem as quais o projeto não viria à luz. Com a colaboração de Samwell Woods, no registro fotográfico, tudo ficou muito mais ágil. (Algumas imagens e poesias dessa exposição podem ser vistas no Volume 2 – págs. 32 e 33).

A seguir, algumas fotos e poesias dos estudantes. Na primeira, de Renés, uma mão acaricia uma flor, e na sequência o poema nos interpela: não somos eternos, para que nos importarmos com as coisas? A resposta surpreende. (Figuras 79 e 80). Em seguida, uma bela foto em silhueta com o sol poente, o poema que acompanha dá o mote: busco-me. Dessa forma, Sidartae reflete-consigo mesmo o que busca, e partilha com o leitor suas questões. (Figuras 81 e 82). O seguinte par de foto e poesia, de Teana, traz a busca pela tranquilidade aparente na vida de um cão. (Figuras 83 e 84). O conjunto fotopoético subsequente tem uma personagem, a Lua, com quem Unamunos dialoga, partindo de uma desconfiança e chegando a uma cumplicidade. (Figuras 85 e 86). A foto de Vitae traz um poente, uma saudade de sua terra de origem, (Figura 87); o poema de Wangy é instigante, uma busca que não obterá resultado, a relação do mundo virtual com o vivido é inevitável.

(Figura 88). Esta foi uma mostra selecionada para ilustrar a participação do corpo discente da escola.

Figura 78 – Cartaz-convite para a Exposição – Arte Luana Mizuki



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 79 – Estudante Renés



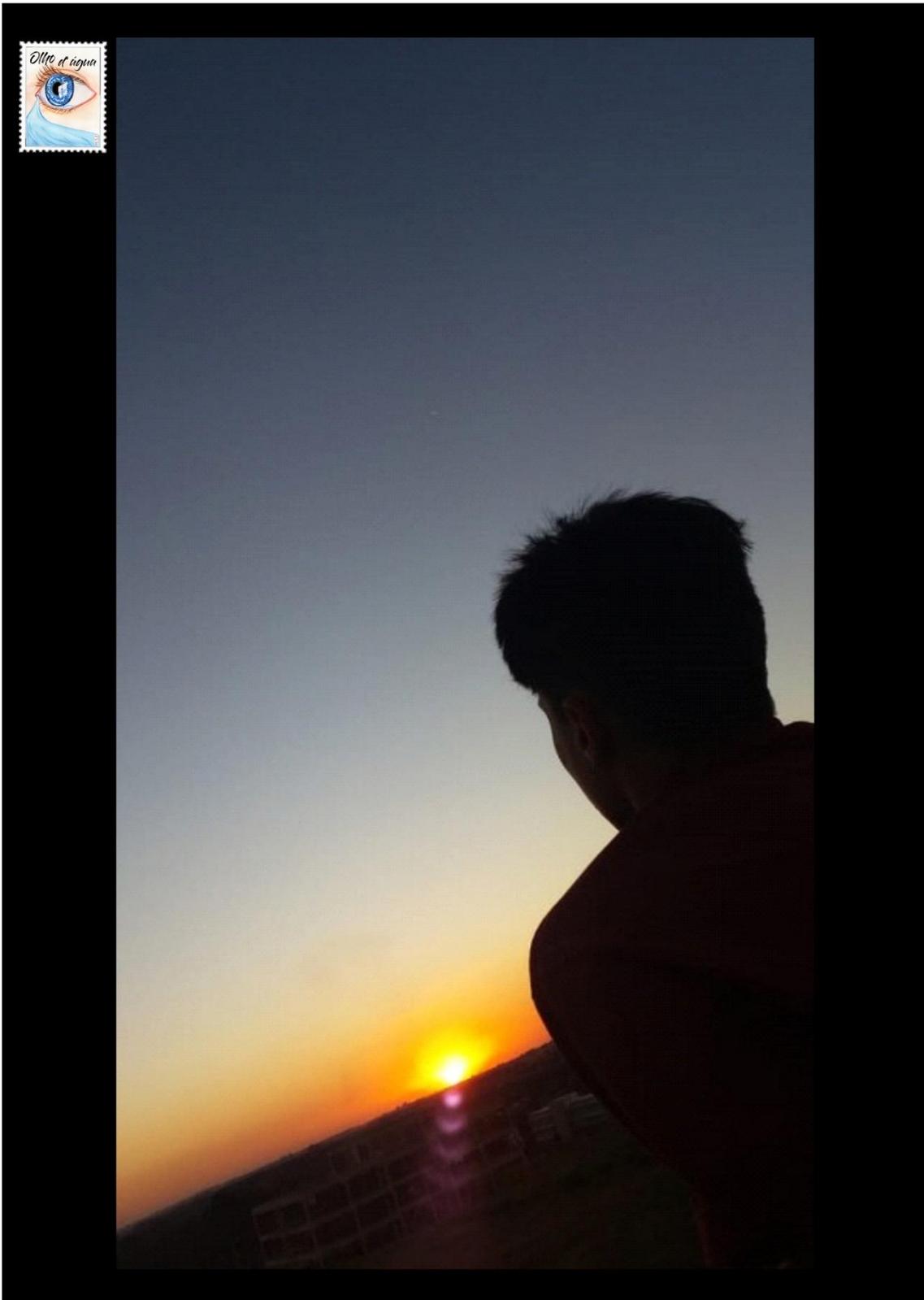
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 80 – Estudante Renés



*Se pararmos para pensar  
Não tem motivo para vivermos  
Já que uma hora o universo vai acabar  
Mas toda vida continua  
As estrelas continuam a brilhar  
Mesmo que não sirva para nada  
Os buracos negros continuam a engolir  
Toda luz  
Mesmo que nada mude  
A vida é teimosa  
Mas graças a essa teimosia  
Podemos aproveitar cada instante*

Figura 81 – Estudante Sidartae



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 82 – Estudante Sidartae



## *BUSCO-ME!*

*-Busco várias coisas...*

*Busco ser melhor a cada dia.*

*Quero enxergar as coisas simples da vida.*

*Eu Busco*

*ver além do que meus olhos veem.*

*Me disseram que o que os olhos não veem o coração não sente,  
mas quero sentir coisas novas, e até mesmo sentir as coisas antigas,  
como... Borboletas no estômago.*

*Busco viver!!! Viver bemm!*

*Viver sem ter medo de quebrar a cara,  
não ter medo de me decepcionar com os meus erros.*

*Quero buscar o momento presente,  
me fortalecendo e me conhecendo moral e intelectual,  
quero me explorar para ver até onde eu chego,  
superar a mim mesmo!*

*Eu citei em buscar o momento em que se vive,  
pois esse momento é vivido apenas uma vez,  
e este pode resultar em seu futuro.*

*Quero ter aquela sensação de preenchimento,  
aquele momento de paz e tranquilidade.*

*Descreveria este momento*

*como uma pessoa sentada em meio a natureza refletindo e visando o  
por do sol sentindo aquela paz interior.*

*Busco então achar o equilíbrio para a vida!!*

*Vivendo e buscando!!*

Figura 83 – Estudante Teana



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 84 – Estudante Teana



## Tranquilidade

Busco paz e um lugar seguro,  
quero estar calma no meu mundo  
ficar quieta no meu canto  
e na felicidade poder ir a fundo

Queria ser como meu cachorro,  
poder brincar, ter carinho, comer e  
dormir

sem precisar pedir socorro  
sem ter o porque se deprimir

Quero um lugar para descansar,  
ver a natureza e os animais  
sem ter com o que me preocupar,  
muito menos com coisas banais.

Figura 85 – Estudante Unamunos



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 86 – Estudante Unamunos



## *Lua*

*Me persegue por toda a cidade  
faz com que eu a admire,  
que eu sonhe, que eu me sinta  
de coração aquecido.*

*Lua, por que me persegue?*

*Quem te pediu para me sondar?*

*Por que queres saber por onde ando eu?*

*Ou, talvez, você esteja só perdida*

*- você está perdida, querida?*

*Ninguém te busca?*

*Ninguém te segue?*

*Ninguém percebe que sumiu?*

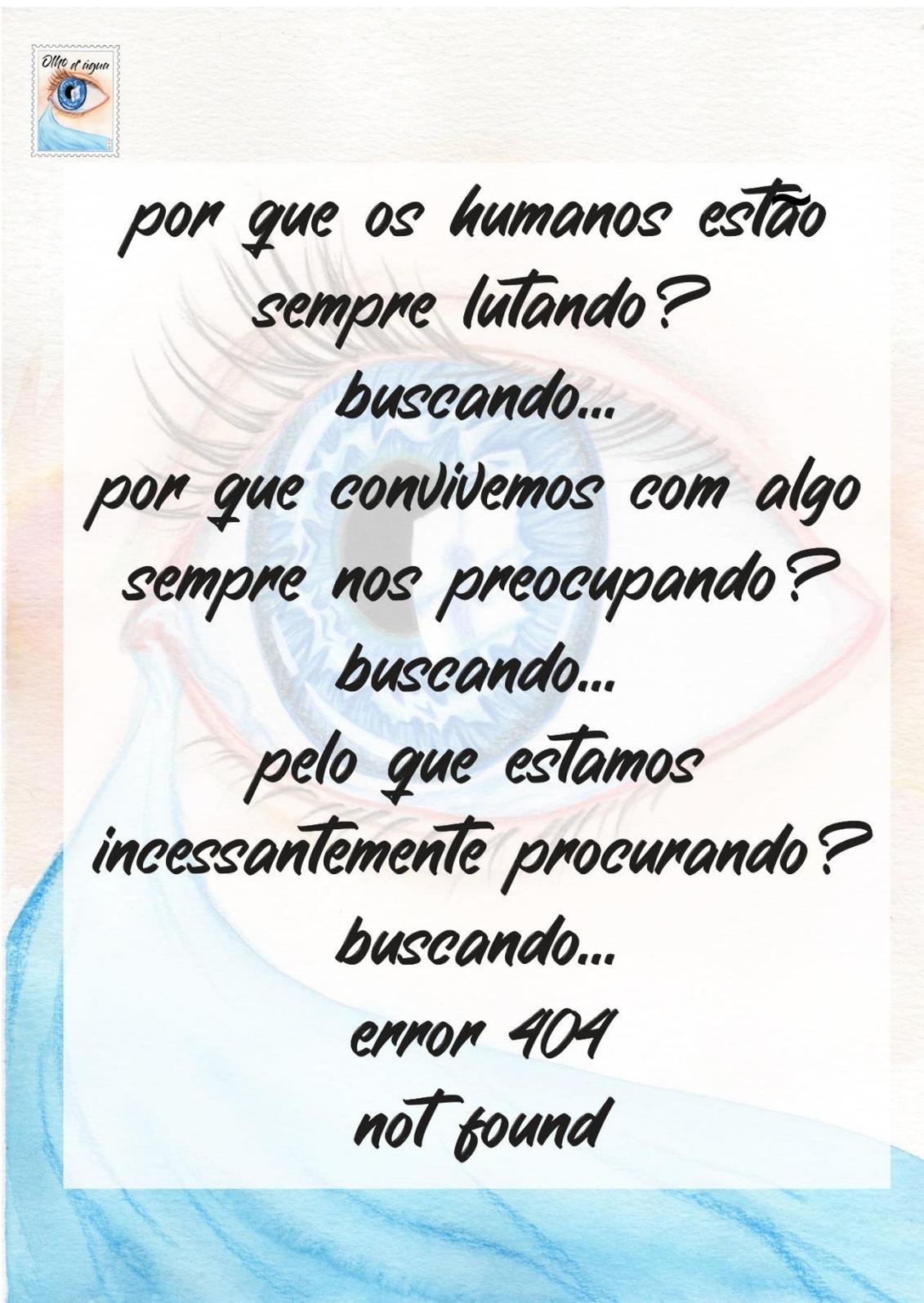
Figura 87 – Estudante Vitae



*Queria olhar eternamente para esse por-do-sol,  
sentir o balanço da água me levar pra lá e pra cá  
- como numa canção de ninar -  
e a brisa que faz meus cabelos emaranhar.*

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 88 – Estudante Wangy



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.9 H.Q. M.A.F.A.L.D.A. (2019)

A professora Laura Freitas foi a responsável pelo desenvolvimento do Projeto M.A.F.A.L.D.A. (Meninas na química, Física e engenharia para Liderar o Desenvolvimento em ciência), uma parceria com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que inclui seus institutos de Física, Química e a Faculdade de Engenharia Elétrica e da Computação e a Escola Estadual Aníbal de Freitas. A proposta é incentivar meninas do final do Ensino Fundamental II ou do início do Ensino Médio a seguirem carreiras nas áreas de ciências exatas, como engenharia, computação, física, química ou matemática.

Essas áreas foram escolhidas por serem dominadas tradicionalmente por homens, com uma mínima participação de mulheres. Foi constatado que, mesmo sendo pequena, a participação feminina tem trazido contribuições importantes para estas áreas. Um dos objetivos é que as alunas percebam a relação entre ciência e tecnologia e suas contribuições para a vida cotidiana.

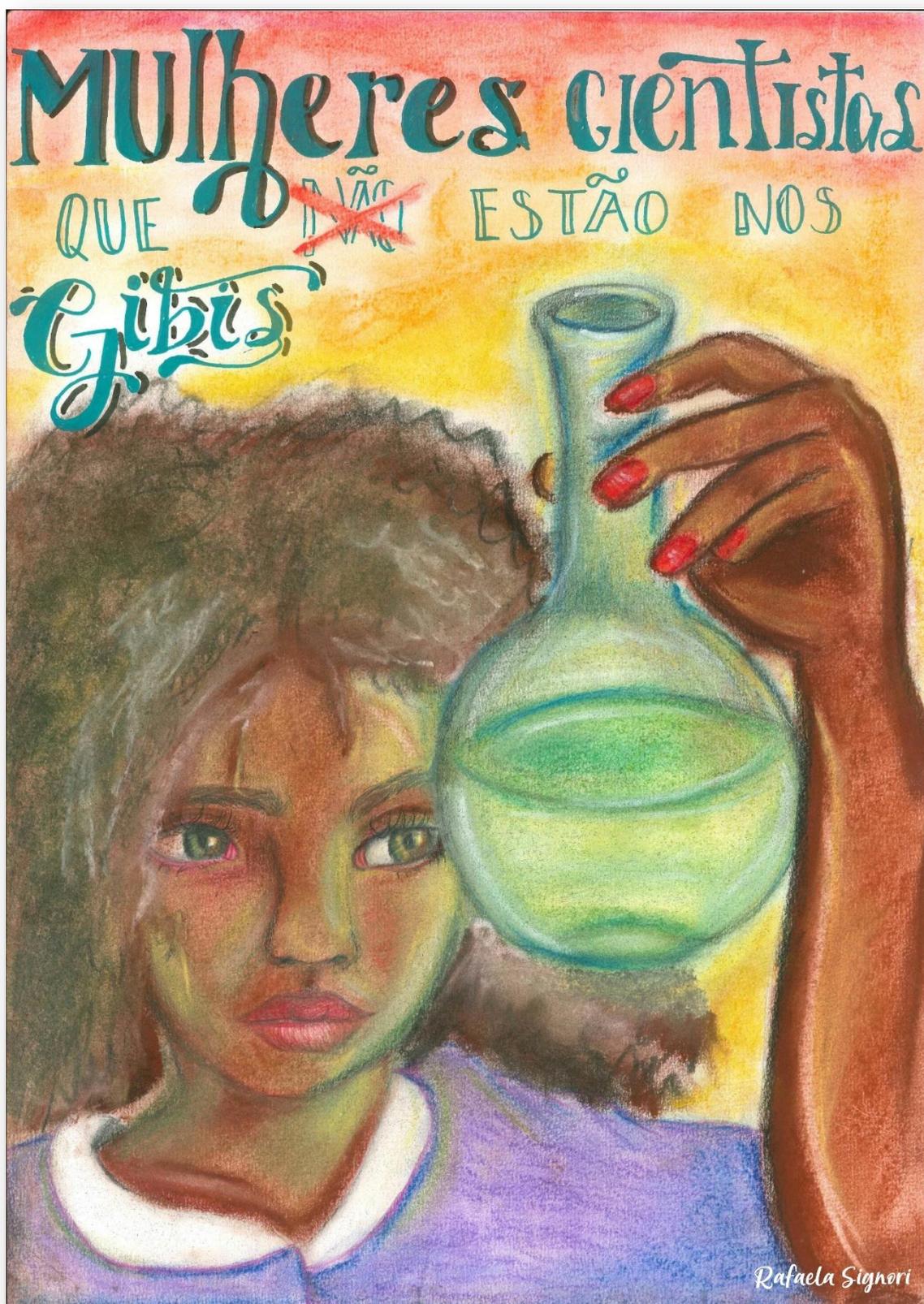
O nome do projeto alude à personagem do cartunista Quino. Os responsáveis justificam assim a escolha do nome: “Em suas histórias, a simpática e inteligente menina sempre deixa os adultos embaraçados com questões a respeito do funcionamento do mundo e do comportamento deles próprios”.<sup>49</sup>

Laura pensou, nesse sentido, que as meninas produzissem quadrinhos contando a história das mulheres cientistas. Por eu estar envolvido e sempre divulgando eventos sobre história em quadrinhos na escola, fui convidado para colaborar com a confecção de um gibi, desenhado pelas meninas da escola, que retratasse as grandes cientistas e suas colaborações para o avanço do conhecimento da humanidade. A seguir, uma pequena mostra da produção. A Capa e a HQ sobre *Vera Rubin* foi desenhada por Rafaela Signori; os quadrinhos sobre *Sau La Wu*, foi obra de Luana Mizuki, e a história em quadrinhos sobre *Mileva Marić* teve os traços de Lívia Brandão. Minha participação nesse trabalho teve um gosto particular, além de quadrinhos ser uma das minhas paixões, este projeto envolve a importância das mulheres na produção de conhecimento, buscando que as meninas se valorizem como produtoras de conhecimento. Para tanto, estaremos com o gibi participando da Exposição sobre Mulheres e HQ, na Gibiteca da Biblioteca Municipal de Campinas “Professor Ernesto Manoel Zink”, em março de 2020.

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://unicampmafalda.wordpress.com/projeto/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

Figura 89 – Estudante Rafaela Signori



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 90 – Estudante Luana Mizuki

*Física de  
Partículas  
Sino-  
americana*

*colaborou na  
descoberta do  
Bóson de  
Higgs*



*Sau Lan We*

*Luana Mizuki*

Figura 91 – Estudante Luana Mizuki

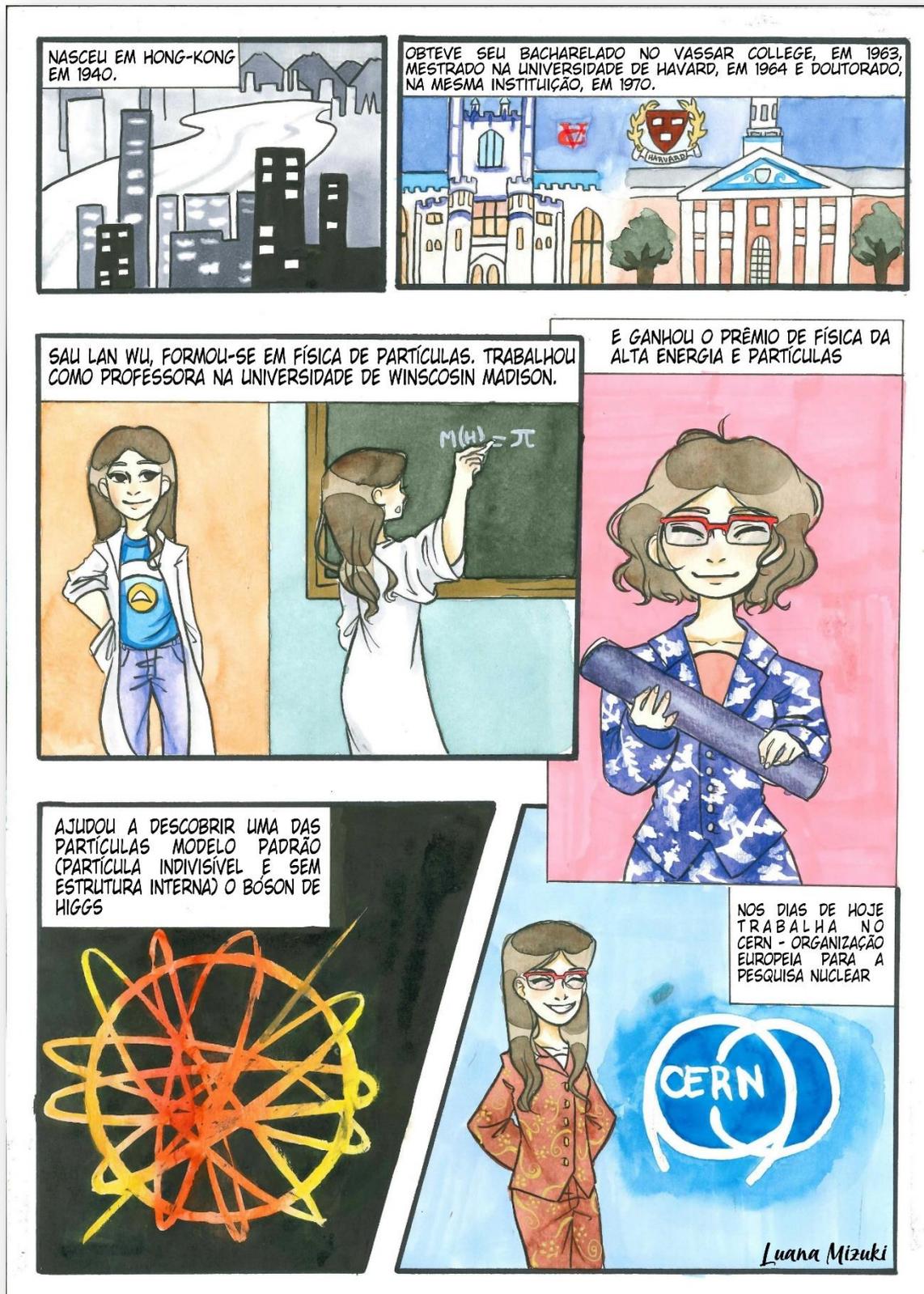


Figura 92 – Estudante Lívia Brandão



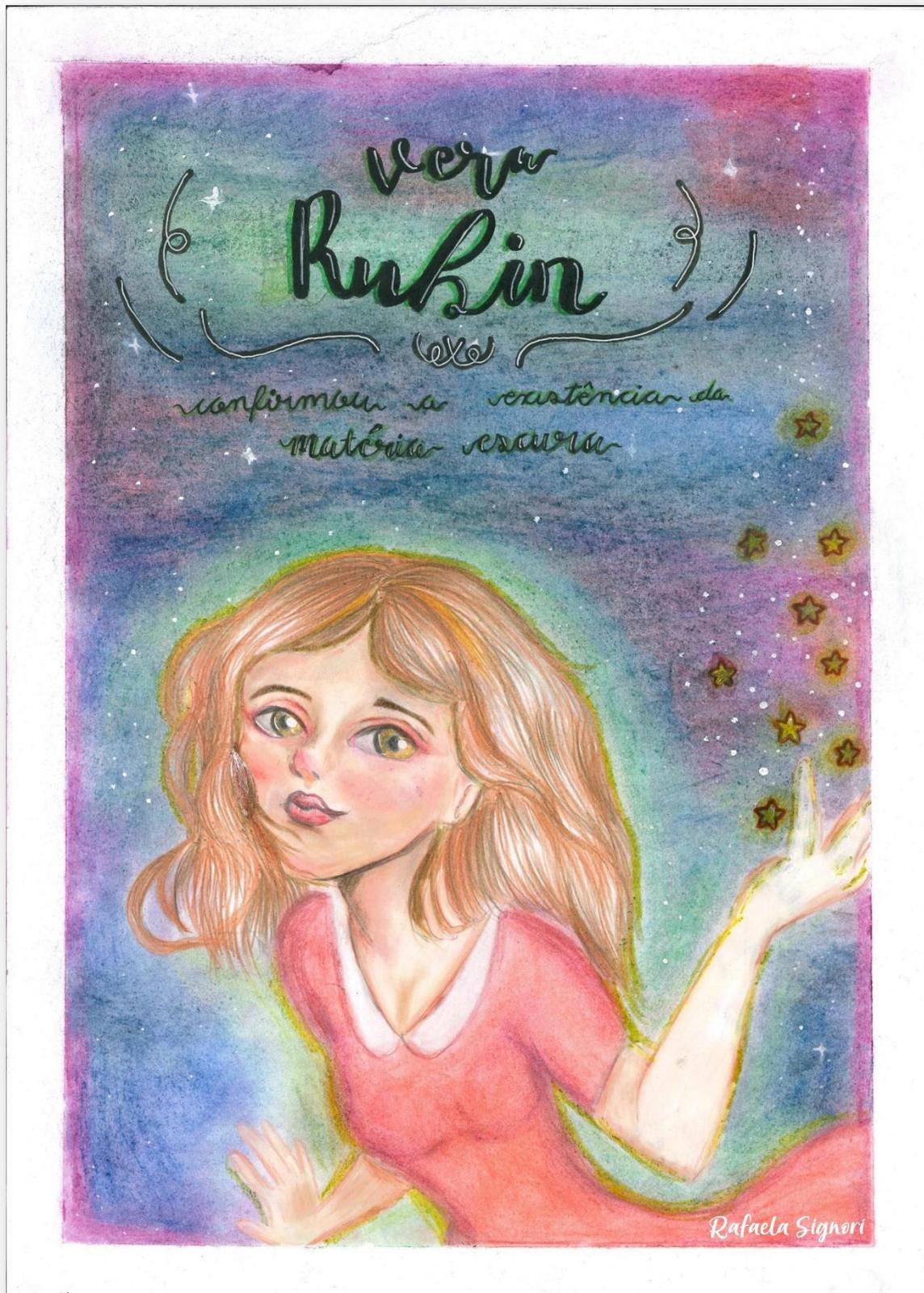
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 93 – Estudante Lívia Brandão



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 94 – Estudante Rafaela Signori



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 95 – Estudante Rafaela Signori



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 96 – Estudante Danielly Saori

*Ginecologista e  
Médica obstetra  
Grego*

*Nasceu na  
cidade de Atenas,  
na Grécia (IV a.C.)*

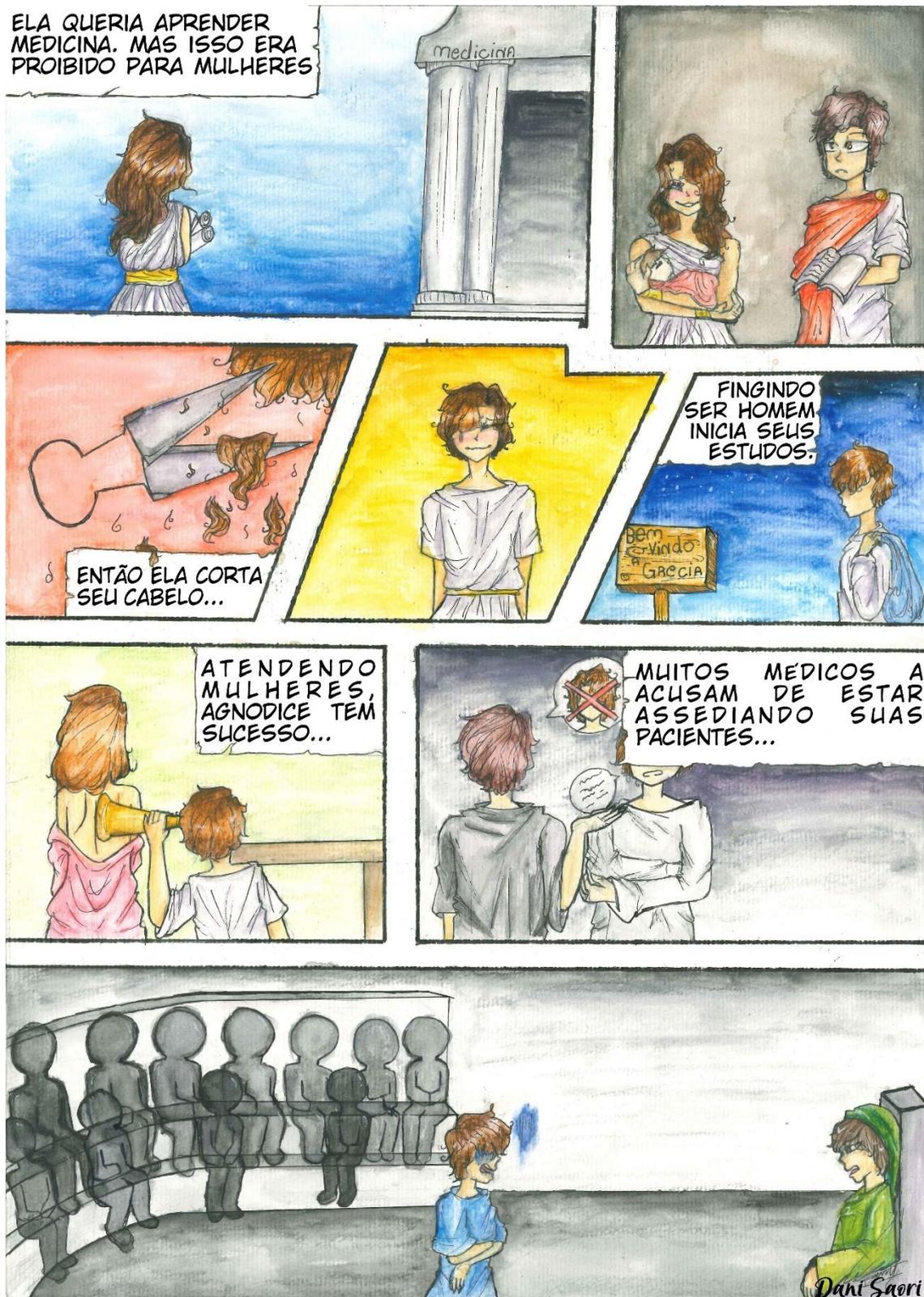
*Foi a primeira  
mulher na história  
a se tornar  
médica*



AGNODICE

Dani Saori

Figura 97 – Estudante Danielly Saori



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 98 – Estudante Danielly Saori



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 99 – Estudante Luana Mizuki

*Nasceu em  
Alexandria por  
volta 355 d. C.*

*Foi filósofa,  
astrônoma e  
matemática. Foi a  
primeira mulher  
matemática da  
história*

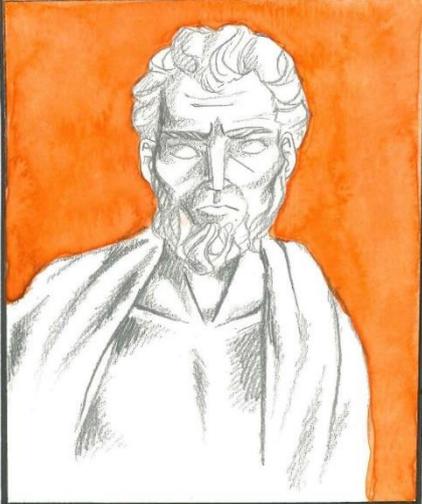


*Hypatia  
de Alexandria*

*Luana Mizuki*

Figura 100 – Estudante Luana Mizuki

HIPÁTIA NASCEU EM ALEXANDRIA, POR VOLTA DE 355 D.C. FILHA DE TEÓN, FILÓSOFO, ASTRÓNOMO E DIRETOR DA BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA.



FREQUENTOU A ACADEMIA DE ALEXANDRIA E MAIS TARDE, UMA ESCOLA NEOPLATÔNICA, EM ATENAS.



FILÓSOFA, ASTRÓNOMA. E CONSIDERADA A PRIMEIRA MULHER MATEMÁTICA DA HISTÓRIA.



NA FÍSICA, CRIOU O PRIMEIRO HIDRÔMETRO



EM MATEMÁTICA, DESENVOLVEU ESTUDOS SOBRE A ARITMÉTICA DE DIOFANTO.



NA ASTRONOMIA, ESCREVEU SOBRE AS SECCÕES CÓSMICAS DE APOLÓNIO E INVENTOU O ASTROLÁBIO.



INFELIZMENTE, MUITO DE SEUS TRABALHOS FORAM DESTRUÍDOS QUANDO ELA FOI MORTA NO INCÊNDIO À BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA.



PORÉM, AINDA ASSIM, HIPÁTIA CONTINUA SENDO UMA DAS CIENTISTAS MAIS IMPORTANTE DA IDADE ANTIGA E SEUS TRABALHOS TIVERAM UM IMPACTO EM CIENTISTAS DE OUTRAS ÉPOCAS E NA CIÊNCIA MODERNA,

Luana Mizuki

Figura 101 – Contracapa

# HISTÓRIA EM QUADRINHOS MULHERES CIENTISTAS QUE NÃO ESTÃO NO GIBI

POR

**DANIELLY SAORI  
JÚLIA ANDREOTI  
LÍVIA BRANDÃO  
LIANA MIZUKI  
RAFAELA SIGNORI**

APRESENTAÇÃO  
**ANA LI**

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO  
**MÁRCIO JOSÉ ANDRADE DA SILVA**

COLABORAÇÃO  
**LAURA FREITAS  
DÉBORA SABINO**



ESTE GIBI É RESULTADO DO PROJETO M.A.F.A.L.D.A. (MENINAS NA QUÍMICA, FÍSICA E ENGENHARIA PARA LIDERAR O DESENVOLVIMENTO EM CIÊNCIA). EM REALIZAÇÃO, EM 2019, DA UNICAMP EM PARCERIA COM A ESCOLA ESTADUAL ANÍBAL DE FREITAS, SOB A COORDENAÇÃO DA PROFESSORA DE FÍSICA, LAURA DE FREITAS.

## 4 VIZINHANÇAS COM O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST

### 4.1 Preâmbulo

Como relatado anteriormente, em virtude de meu engajamento partidário-sindical-estudantil, os movimentos sociais sempre estiveram presentes em minha trajetória. Em particular o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que, com sua mística<sup>50</sup>, nos envolvia e fascinava. A mística aqui expressa pode ser entendida em seu sentido filosófico e de valorização cultural, como relata Bogo, em seu artigo *A mística: parte da vida e da luta* (2010, s/p):

[...] é a própria existência. Nasce da vida, das formas de trabalhar, se organizar, conviver, lutar etc. Cada grupo social tem as suas manifestações culturais; uns são mais alegres, outros são mais contidos, mas todos vivem a memória de seus antepassados; desenvolvem valores e acreditam na continuidade da vida, por isso preservam o ambiente como o berço de todos os nascimentos. Os movimentos sociais resgataram este sentido da mística e o trouxeram para a prática política. A luta de classes tornou-se um lugar de convivência, admiração e esforço coletivo. Lutar faz parte da existência como o trabalho ou a festa. [...] Encenar os problemas da vida e imaginar soluções, faz parte da capacidade misteriosa de cada ser humano, onde cada qual demonstra os sentimentos e as habilidades de seu jeito. [...] De qualquer forma, a mística é esta força calorosa que temos dentro de nós. [...] A motivação é a vontade de viver outro momento fora do qual vivemos. Viver para além de si. Viver outro tempo. Queremos sempre fazer parte do futuro, mesmo que pareça tão distante. [...] a mística é esperança. [...] a esperança é mais do que um sentimento é uma causa a ser construída.<sup>51</sup>

Naquela época, era o nosso referencial de luta, perspectiva de uma sociedade justa.

Minha característica nunca é ficar embaixo dos holofotes, gosto de trabalhar nos bastidores. Assim foi no Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (1990-1995), no Diretório Central dos Estudantes da PUC Campinas (1991-1993) e na assessoria do vereador do PT em Campinas (2004-2006). Nessas entidades, o contato com pessoas dos mais diversos movimentos sociais solicitando apoio era inevitável. Vejo como uma troca

---

<sup>50</sup> Em seu artigo “*A mística: parte da vida e da luta*”, Ademar Bogo busca explicitar o significado do termo, sua origem etimológica grega, e nos deixa diante do inefável “podemos explicar o fato, mas não conseguimos explicar a motivação que levou alguém a realizá-lo”, desta forma nos apresenta diferentes interpretações para *Mística*: 1) Sentido religioso; 2) Sentido das ciências políticas e o 3) Sentido filosófico e da valorização cultural, que utilizamos no artigo. Disponível em: <<http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>>. Acesso em: 1 abr. 19.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>>. Acesso em: 1 abr. 19.

de apoio, uma rede de solidariedade. As entidades com condições apoiavam as entidades mais necessitadas, desde que fosse uma luta em comum ou consensual. No DCE, por volta de 1991/92, apoiamos, por meio da aquisição da coleção de fotografias do Sebastião Salgado, a construção do que viria a ser a Escola Nacional Florestan Fernandes.

De forma particular ocorreram três momentos, nesse período de atuação militante, que posso considerar como uma participação mais ativa, próxima ao MST: um primeiro momento com o poeta-militante Elias Elliot; um segundo nas duas prisões, a de Deolinda e a de Marcio Barreto, e o terceiro participando da Rede dos Advogados Populares.

#### 4.2 Elias Elliot

Conhecemo-nos por volta de 2002, ele tinha 51 anos quando foi ao gabinete de vereador, no qual eu trabalhava, solicitar apoio ao seu trabalho. Poeta, ele desejava publicar seu livro. Acontece que a ordem no gabinete era só auxiliar quem fosse próximo ou tivesse algo em troca para oferecer ao mandato. Não era o caso dele. O informei e ele agradeceu, afirmando que havia gostado da atitude de ser direto, e não ser como os outros gabinetes que o ficavam enrolando com um “volte outra hora”, “vamos analisar sua proposta e lhe damos um retorno” etc. Afirmei que o gabinete não poderia auxiliá-lo, mas que eu gostaria de ajudá-lo de alguma forma. Dessa forma, adquirei seu livro *Mazelas*, tempos depois ele apareceu vendendo um CD caseiro, *A Arte de Elliot*. Neste ele fez a seguinte dedicatória:

Ao Amigo Márcio  
Os dias voltaram, estão “conosco”, inundando de luz as esperanças que  
morrerão depois de nós.  
Com toda luz e energia, rumo ao mundo legal.  
Do autor  
Ellias Elliot<sup>52</sup>  
Campinas 05.08.03

Encontramo-nos outras vezes, conversamos umas tantas outras. Mas o tempo acabou nos distanciando. Antes desse afastamento, ele havia me informado que iria para o norte do estado do Espírito Santo, “divisa com Minas”, me situou geograficamente, tinha uma terrinha lá e ia tentar a vida.

---

<sup>52</sup> Na dedicatória ele grafou *Ellias*, apesar de constar na capa do CD e nos artigos, Elias.

Ao pesquisar mais dados do Elias para uma atualização de informações, vi que ele foi citado em dois artigos, posteriores ao nosso último encontro. O primeiro, publicado no Cadernos de Letras da Universidade de Federal Fluminense (UFF), traz o título *Tradicionalidade, direitos humanos e sem-terridade: narrativas escritas e visuais no MST*, de Malcolm McNee (University of Colorado at Boulder). Por meio dele conheci um pouco mais Elias que “Nasceu no interior de Minas Gerais e de criança migrou com a família para o Rio de Janeiro. Morou nesta e em outras cidades até os 48 anos, quando se filiou ao MST e foi para um acampamento no interior de São Paulo.” (MCNEE, 2007, p. 109). Um sujeito criado na cidade e que bem mais tarde aderiu ao Movimento Sem Terra. Por ser poeta, ou por se sentir tocado pela nova existência, descreve o “novo” mundo que vivencia. Assim, encontraremos a descrição de um acampamento com suas barracas, onde encontrou a paz e o amor, em oposição à guerra vivenciada no mundo urbano.

Ao longe avisto mil barracas/ De longe me chega o rumor/ De um lugar sereno e calmo/ Onde a poesia se fez alma/ E o ódio se fez amor/ Há roupas coloridas nos varais/ Lindas moças em madrigais/ Uma saudade incerta e boa/ Natural, tudo tão natural/ Na canção que o povo entoava/ Foi meu tempo de bonança/ E eu, uma velha criança/ Cavava com os dedos a terra/ Deixara a cidade com a guerra/ Mergulhara calmo nessa terra. (ELLIOT, 2000, p. 47).

Ainda descrevendo o mundo em que se encontrava, Elias nos fala do cotidiano do acampamento e da felicidade em poder cultivar o solo, solo que não existe mais na cidade.

Estamos divididos em grupos (núcleos)/ Somos vinte e uma equipes de vinte famílias/ Somando um total de mais de mil pessoas/ E saímos para o trabalho toda manhã/ Temos nossas hortas em sistema coletivo/ Cultivamos o solo com muita felicidade/ Que morrerá quando ainda na cidade. (ELLIOT, 2000, p. 19).

A cidade, túmulo de sua poesia, assim descreve Elias ao novamente destacar, no poema, o júbilo provocado pela vivência no meio rural.

Estamos num acampamento Sem-Terra/ O surdo baque do machado sobre a lenha/ A alegria dos cantos desentoados do Joel/ Traz pra minh'alma grande alegria/ Arrisco cantar uma cantiga antiga[...]/ Longe dos infortúnios da cidade/ Resgatei a poesia que jazia/ Num canto escuro da consciência/ Hoje enfeitei de novo a minha existência. (ELLIOT, 2000, p. 17).

Em outro trabalho reencontro Elias, ou melhor, encontro outro Elias. Se antes era um itinerante, sem terra, agora aparecia como um sem casa, vivendo, conforme a oscilação dos preços, cada dia em uma pensão na região central de Campinas.

Elias Elliot, 57 anos, há 11 anos transita entre as pensões da área central. Perdeu as contas de em quantas já morou, e justifica a transitoriedade pelo

preço cobrado pela vaga (procura aproveitar a melhor oferta do dia) e às dificuldades de convivência. É filósofo e escritor. Tem dez livros publicados, em geral, romances e poemas que retratam a vida e as situações que tem observado em favelas e cortiços. Daí seu motivo para ter abandonado esposa e sete filhos no Espírito Santo: “a causa!” Primeiramente pertenceu ao Movimento Sem Terra e hoje diz viver “a situação que eu (ele) próprio criara”. Sobrevive vendendo seus livros pelas ruas e executando trabalhos em gráficas e editoras. Escolheu Campinas, pois considera ser “uma metrópole que apresenta boas oportunidades, dado o grande número de universidades e o próprio parque tecnológico”. Mas diz já ter sentido os “golpes da cidade. A cidade é inclemente. A cidade é fria, objetiva... você tem que ter o que ela quer senão.... (CAMARGO, 2008, p. 98).

Desconheço se Elias tinha a posse de alguma propriedade. Mas este pequeno trecho, no qual cita a “filiação ao MST” aos 48 anos, me remeteu a uma observação feita por Marcos Reigota, quando da leitura do livro de Eduardo Scolese, *Pioneiros do MST* (2008), de que a primeira direção do Movimento Sem Terra, em sua maioria, tinha uma origem rural, de pequenos agricultores.

Eduardo Scolese, jornalista, autor de *A reforma agrária* (publifolha) e *Viagens com o presidente* (Record), juntamente com o fotógrafo Sérgio Lima, buscou localizar e entrevistar a primeira direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ao encontrar o *Jornal Sem Terra*, edição de 1985, “no canto direito de uma página amarelada pelo tempo, a lista com os 20 integrantes da primeira direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), eleita em janeiro daquele ano, no primeiro congresso nacional do movimento” (SCOLESE, 2008, p. 11). Surpreso por encontrar toda a direção ali relacionada, nome e sobrenome, estado que representava, em pleno período da ditadura militar, coisa que, atualmente não é de fácil acesso, se indagou como estariam esses militantes. Em um trabalho investigativo, consegue localizar e entrevistar grande parte deles. Dos 20 membros, localizou 17, sendo 2 deles já mortos, destes 15 vivos apenas 1 se recusou a ser entrevistado, justificando que sua família “ainda sofre com os traumas deixados pelos anos de repressão, vividos na disputa pela terra antes mesmo de ter chegado ao MST.” (SCOLESE, 2008, p. 13).

O destaque feito por Reigota, após leitura da obra de Scolese, foi que grande parte dos entrevistados pelo autor possuíam, de alguma forma, uma propriedade, não sendo totalmente despossuídos. O que levou tantos, no caso as lideranças abordadas no livro, a deixarem suas famílias, pequenas propriedades, foi a necessidade de uma melhoria de vida, não apenas sua, mas de uma coletividade. Como disse Elliot: “A causa”.

### **4.3 Márcio Barreto e Diolinda Alves de Souza no Carandiru**

No ano de 1995, durante ida ao escritório do Greenhalgh, advogado que cuidava do meu processo contra a Unicamp, estávamos voltando para Campinas, Claudia, eu e motorista do sindicato, quando Aton Fon, um advogado do escritório, solicitou uma carona até o Carandiru, pois haviam sido presas duas lideranças do MST. As lideranças presas eram Diolinda Alves de Souza e Marcio Barreto;

Ao nos dirigirmos para o presídio feminino para encontramos Diolinda, nos deparamos com a caravana do senador Eduardo Suplicy (PT/SP) saindo e se dirigindo ao presídio masculino. Nos juntamos à caravana e fomos ao encontro do Márcio Barreto. A primeira parada foi no gabinete da direção do presídio, cargo ocupado na época por uma mulher. Na sala, Suplicy pergunta onde havia uma tomada, pois precisava carregar seu celular (vale lembrar que esses aparelhos, e outros utensílios, não podem adentrar no presídio), após a diretora indicar, ele coloca seu celular para carregar, enquanto conversava com ela, ficamos ali no gabinete aguardando a liberação para conversarmos com Márcio Barreto; chegada a autorização, nos dirigimos à cela na qual ele se encontrava. Na mesma hora Suplicy saca seu celular e coloca Márcio a conversar com a reportagem da TV Cultura. Ao sairmos, Claudia deixa, furtivamente, algumas balas com Márcio.

Em seguida, já separados da caravana, seguimos para o presídio feminino. Lá, a revista, sem a presença do senador, foi mais rigorosa. Aguardamos um pouco e trouxeram Diolinda para conversar com seu advogado e conosco. Uma pessoa baixa, franzina, mas inabalável, contrastando com a imensidão da sala que nos fora destinada para o encontro. Aton conversou com ela por algum tempo e nos despedimos. Deolinda e Marcio foram soltos tempos depois.

No ano seguinte, em 1º de março de 1996, seguimos, Angelo, diretor do STU, Mário Camargo, jornalista do STU, o motorista do sindicato e eu, em direção ao Pontal do Paranapanema, no extremo oeste do estado de São Paulo, para a cidade de Teodoro Sampaio. Diolinda havia sido presa novamente e inúmeros sindicalistas se dirigiram para lá para prestar solidariedade e pressionar por sua liberdade, dela e de outras lideranças do MST. Dessa vez não foi permitido a ela receber visita. A estrada, ao nos aproximarmos da cidade, estava repleta das indefectíveis barracas de plástico preto; o jornalista do sindicato que nos acompanhava, Mário Camargo, fez algumas fotografias e registrou esse momento, mais tarde, defronte da delegacia onde Diolinda estava presa, eu, incorporando

um repórter, me infiltrei no meio da turba jornalística para entrevistar o Lula, que lá se encontrava.

#### **4.4 Registros de Teodoro Sampaio/SP**

Alguns momentos da viagem à Teodoro Sampaio ficaram registrados pela lente do Mário Camargo. Como a chegada da mãe de Diolinda, segurando uma sacola plástica, provavelmente para entregar à filha, vinha acompanhada de parentes que a seguravam pelo braço. O momento em que as lideranças do MST, através da pequena janela da delegacia, davam entrevista a um amontoado de microfones e gravadores. Outras fotos foram do acampamento, um caminhão sendo carregado de alimentos ao entardecer; um ônibus circular parando no acampamento; um jovem acampado e uma criança completavam a sequência de imagens capturadas no acampamento. (Imagens dessa visita podem ser vistas no Volume 2 – págs. 35 e 36).

#### **4.5 Outras experiências com o MST**

##### **4.5.1 Rede dos Advogados Populares – proteção jurídica do povo da terra**

O ano era 1999. Odara, nosso grupo sindical, que buscava mais uma prática sindical do que desenvolver teorias para a conquista do poder institucional, estava muito envolvido com as questões que diziam respeito à saúde do trabalhador e apoio aos movimentos sociais, razão pela qual nos aproximamos do escritório de advocacia de Eduardo Greenhalgh, e dos advogados envolvidos com o MST. Ney Strozake foi quem nos convidou para participar da Rede dos Advogados Populares. Mas tarde soubemos que ele era o primeiro advogado formado oriundo de um assentamento<sup>53</sup>.

Durante todo o ano de 1999, recebemos farta documentação que municiaava os militantes, especificamente na área do direito. E um lembrete em toda correspondência: iria ocorrer o 5º Encontro Nacional da Rede, no período de 15 a 19 de dezembro, na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>53</sup> A Turma do Pronera convida toda comunidade para participar da Aula Inaugural 2016, com o advogado popular Ney Strozake, primeiro filho de assentado Doutor em Direito no Brasil. Ney atua no Setor de Direitos Humanos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra(MST) e na Rede de Advogados e Advogadas Populares (Renap). Disponível em: <<https://allevents.in/curitiba/aula-inaugural-2016-turma-do-pronera-direito-ufprney-strozake/230776910602602>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

Além do constante lembrete sobre o Encontro Nacional, a correspondência tinha caráter informativo: relatórios das reuniões dos articuladores da rede, agenda das reuniões estaduais, indicativos de cursos e bibliografia específica da área da reforma agrária; e era acompanhada de inúmeros documentos, tais como: *Revista Caros Amigos* Especial sobre o julgamento do Massacre dos 17 Sem Terra de Eldorado do Carajás; Censo agropecuário de 1996, uma análise dos 11 anos (governo FHC) de neoliberalismo no campo brasileiro; Manifesto do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil e Fórum em Defesa dos Direitos Indígenas; Documento da Conferência Nacional por Uma Educação do Campo, realizada pela CNBB, MST, Unicef e UnB; Proposta de um Projeto Popular para o Brasil; Relatório sobre a situação sócio-política do Brasil; Levantamento sobre o número de Sem Terra no Brasil; Conjuntura agrária e nacional em 1998; Informe sobre a Exposição de Fotos de Sebastião Salgado para o ano de 2000; Caderno de Formação sobre a Gênese e desenvolvimento do MST.

Do material recebido, destaco dois documentos entregues: o relatório da Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo e o informe sobre a exposição de fotos de Sebastião Salgado.

O primeiro por estar ligado diretamente ao tema do trabalho, no caso a Educação Básica do Campo, no projeto pedagógico desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em diálogo com outras instituições como Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o MST, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Universidade Brasília (UnB). Nele está um decálogo que subsidia algo maior que as entidades pensam, um Projeto Popular para o Brasil, que inclui um desenvolvimento do campo, garantindo que todo o povo tenha acesso à educação. (1998).

O segundo documento destacado tem uma particularidade, ou melhor, várias. Está ligado ao fomento para a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes; é um projeto que se utiliza da fotografia para passar uma mensagem em leitura universal, o olhar; um envolvimento pequeno, particular, de quando estava à frente do Diretório Central dos Estudantes da PUCC; por ser um projeto envolvendo vários sujeitos, é possível ver a construção do que acabou sendo a Exposição “Êxodos” e suas ramificações em exposições paralelas.

#### 4.5.2 Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo

Ocorrida em Luziânia/GO, no período de 27 a 31 de julho de 1998, a conferência reuniu a CNBB, o MST, o Unicef e a UnB. Juntos elaboraram o documento com dez itens de compromissos e desafios:

- 1) Vincular as práticas de Educação Básica do Campo com o processo de construção de um Projeto Popular de Desenvolvimento Nacional;
- 2) Propor e viver novos valores culturais;
- 3) Valorizar as culturas de campo;
- 4) Fazer mobilizações em vista da conquista de políticas públicas pelo direito à Educação Básica de Campo;
- 5) Lutar para que todo o povo tenha acesso à alfabetização;
- 6) Formar Educadoras e Educadores do Campo;
- 7) Produzir uma proposta de Educação Básica do Campo;
- 8) Envolver as Comunidades neste processo;
- 9) Acreditar na nossa capacidade de construir o novo e
- 10) Implementar as propostas de ação desta Conferência.

#### 4.5.3 Informe sobre a exposição de fotos Sebastião Salgado

Em 18 de dezembro de 1998, reuniram-se na sede da editora Companhia das Letras, Sebastião Salgado e representantes de diversas entidades dos movimentos sociais que, em sua maioria, faziam parte das articulações da Semana Social da CNBB e do Grito dos Excluídos.

Sebastião Salgado informou que em 2000 realizará uma exposição mundial de fotos, ainda sem nome<sup>54</sup>. Será a maior exposição de artes que se tem notícia, terá 460 fotos distribuídas em cinco grandes temas abarcando, em sua leitura, os principais problemas da humanidade na virada de milênio: Terra, Refugiados (migrantes), África. As grandes cidades e Crianças. Informou que a exposição irá ocorrer em São Paulo, na

---

<sup>54</sup> A exposição viria a ser denominada *Êxodos*. Com 350 fotos dividida em cinco temas: “Migrantes e Refugiados: o instinto de sobrevivência”, “A tragédia africana: um continente à deriva”, América Latina: Êxodo rural, desordem urbana”, “Ásia: a nova face urbana do mundo” e “Crianças Hoje, Homens e Mulheres do Novo Século”.

Pinacoteca e simultaneamente em Roma, Paris e Estados Unidos (Unicef). Gostaria do engajamento dos movimentos sociais para “transformar a exposição num amplo movimento de massas, em que a população pobre, os que se identificam com os temas, pudessem visitar, e sobretudo debater os problemas com base nas fotos” (MST, 1998).

Foi acordado entre as entidades, Sebastião Salgado e a Companhia de Letras, utilizar as fotos nas atividades que debaterão os 500 anos da descoberta e os desafios do Brasil. Para o comitê organizador da exposição em São Paulo, foram indicados dois representantes das entidades para acertar os detalhes da participação popular na visita à exposição. Também foram viabilizadas exposições paralelas menores a serem apresentadas em bairros, igrejas, colégios, cidades (preferencialmente onde ocorreu o grito dos excluídos, por volta de 1.500 cidades), tais exposições contariam com vinte fotos por tema.

#### 4.5.4 Eleições para prefeitura de Campinas 2004

Em 2000, Antonio Costa Santos, o Toninho, foi eleito prefeito da cidade de Campinas/SP. Depois de 12 anos, o Partido dos Trabalhadores voltaria a governar a cidade. Oito meses após sua posse, Toninho foi assassinado, crime insolúvel até os dias de hoje, e, em seu lugar, assumiu a prefeitura sua vice, Izalene Tiene. Na eleição seguinte, o PT lançou a candidatura do deputado federal Luciano Zica, e fiquei responsável pelo Comitê da região norte da cidade. Nossa função era servir de ponto estratégico para as candidaturas deixarem seu material ou se organizarem para panfletagens e campanhas de casa em casa de forma coletiva. Próximo a esse local ficava o comitê da candidatura de Marcela Moreira à vereadora, oriunda dos movimentos estudantis, era sua primeira eleição ao legislativo. O que me surpreendeu foi a logística, organização e estratégia de atuação de sua equipe formada, em sua maioria, por jovens universitários da Unicamp, que, mais tarde, durante a campanha, vim a saber serem do MST. A candidatura era uma candidatura do Movimento. Existia uma equipe que batizei de “onda vermelha”, eles saíam de madrugada equipados com material de divulgação, escolhiam as ruas em que iriam atuar, afixavam os mini banners nos postes da candidatura da Marcela e do majoritário. Ao olhar para a rua antes e depois, se entendia o porquê “onda vermelha”. Marcela foi eleita.

Esses foram meus envolvimento diretos e indiretos com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dos movimentos sociais dos quais participei, este me pareceu o mais completo; ele busca conhecer a sociedade, seu funcionamento e estruturação, para agir e construir formas de atuação nela.

## 5 PEDAGOGIA DO MST

### 5.1 Origem do MST

Ocupar, resistir e produzir! Há 33 anos ouviu-se o brado pela primeira vez. Eram 1.500 famílias de camponeses despossuídos que ocuparam a fazenda de Annoni no Rio Grande do Sul. Ali via-se o resultado de dois anos de planejamento, sob a guarda da Igreja Católica, mais especificamente com apoio logístico e intelectual da Comissão Pastoral da Terra (CPT), reunir famílias de 33 municípios.

À frente o padre Arnildo, lembra que ocupações ocorridas nos anos de 1970, em Macali, Brilhante e Natalino, realizadas por pequenos agricultores expulsos de terras, foram referências para aquela ocupação.

Um ano antes da ocupação da fazenda Annoni, em 1984, era fundado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Cascavel, Paraná. Uma de suas deliberações era invadir grandes latifúndios improdutivos. Em outubro de 1985, um Baile do Chopp, em Ronda Alta, serviu de cobertura para uma reunião organizativa das primeiras ocupações; a Fazenda Annoni e uma fazenda em Erval Seco. Esta última não foi bem-sucedida pois a mesma era parcialmente produtiva. Desta forma decidiu-se direcionar todo o esforço em Annoni.

No dia 29 de outubro de 1985, a cerca de arame farpado foi cortada, como lembra Isaías: *“Não passava nada pela cabeça. Só queria cortar a cerca de uma vez. Lembro do zunido dos cinco fios de arame sendo cortados, como se fosse o início de uma música”*.

#### 5.1.1 Por uma educação do Movimento

Mas como uma necessidade premente, a conquista da terra para produzir e viver, também resultou em uma preocupação com a educação? No sítio virtual do MST, encontramos que:

Durante os primeiros anos de luta, os Sem Terra reunidos sob a bandeira do MST tinham como prioridade a conquista da terra. Mas eles logo compreenderam que isso não era o bastante. Se a terra representava a possibilidade de trabalhar, produzir e viver dignamente, faltava-lhes um instrumento fundamental para a comunidade de luta. A continuidade a luta exigia conhecimentos tanto para lidar com assuntos práticos, como para entender a conjuntura política econômica e social. Arma de duplo alcance para os Sem Terra, *a educação tornou-se prioridade do Movimento*. (grifo nosso).

Como nos relata Bogo, a questão da educação nos assentamentos vem exigindo muito do Movimento, porque a alfabetização das crianças é algo natural, mas educar transformando é a proposta final.

Extraordinário deve ser a educação do ser humano, incorporando junto com o aprendizado alfabético a noção de todas as coisas que o rodeiam, provocando-o para que crie, invente formas de transformar essa realidade, para que ela sirva melhor ao desenvolvimento da vida humana.” (BOGO, 1999, p. 118).

E complementa o autor, resgatando Paulo Freire:

Extraordinário é desenvolver a educação com a participação democrática dos alunos e dos assentados. Assim como disse nosso velho mestre Paulo Freire: *‘Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integradas com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas e de seus contextos: a da intimidade com eles, a da pesquisa, em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida’*” (BOGO, 1999, p. 118).

Desta forma, para o autor, a formação de um novo ser começa, necessariamente, pela escola. “onde o filho do sem-terra inicia seu aprendizado sobre o universo a partir das coisas que o rodeiam.” Tendo, desta forma uma conduta integrada ao meio em que vive.

#### Proposta pedagógica nas primeiras reuniões

“Sem estudo, não vamos a lugar algum”. Esta frase estava escrita em uma grande faixa que recepcionava os Sem Terra no Encontro Nacional do MST, ocorrido em 1987, na cidade de Piracicaba/SP. Dois anos após a primeira ocupação realizada, a frase antecipa o que viria a ser colocado como um dos princípios organizativos do Movimento: *“estimular e dedicar-se aos estudos de todos os aspectos que dizem respeito às nossas atividades no Movimento. Quem não sabe, é como quem não vê. E quem não sabe, não pode dirigir.”*

No 4º Encontro Nacional de Professores de Assentamentos, ocorrido no início do ano de 1990, três anos após o clamor da faixa em Piracicaba, Edgar Kolling (1991), em nome do Setor de Educação do MST/NE, encaminha ao Setor de Educação, aos professores de assentamentos e às executivas estaduais do MST, uma sugestão de Proposta Pedagógica para o Movimento, a ser discutida com os envolvidos. Desta forma

indica quem deve discutir: “- As executivas estaduais e as instâncias nacionais do Movimento; - O setor de educação, o conjunto de professores e a comunidade assentada; - Outras pessoas engajadas na educação junto aos assentados.” (KOLLING, 1991, p. 1).

E como a discussão deve ser conduzida:

- 1) Alguém do setor de educação explica o assunto e motiva a discussão;
- 2) Leitura e debate de capítulo por capítulo; visando levantar sugestões de acréscimo, de cortes e de novos pontos;
- 3) Enviar relatório com as discussões para a Secretaria Nacional. (KOLLING, 1991, p. 1).

Desta forma o documento foi dividido em cinco capítulos a serem discutidos. O primeiro trata de um histórico da educação nos assentamentos do MST; o segundo aborda a situação da educação nos assentamentos naquele momento; o terceiro relata sobre objetivos do MST em relação às escolas dos assentamentos, quarto versa sobre quais princípios pedagógicos devem orientar a prática educacional do MST e quinto indica quais metas do MST em relação à educação nos assentamentos e acampamentos.

## 5.2 Proposta pedagógica do MST

O primeiro capítulo apresenta aos interessados em discutir a proposta pedagógica, um breve histórico da questão da educação no MST.

O texto inicia com uma palavra de ordem: “A Educação nos Assentamentos não se ganha. Se conquista!”.<sup>55</sup> A preocupação com a educação das crianças, filhas dos acampados, assentados, dos sem terra, já se expressava desde o primeiro assentamento, era uma necessidade premente dos acampados e assentados, no entanto as circunstâncias não permitiam que as crianças frequentassem a escola.

Em seguida nos são apresentados dois momentos em que, guardadas as devidas proporções, são períodos não rígidos, fixos, pois cada assentamento, cada região, estado, possuía características distintas, e até o momento atual este movimento pela educação está em construção. No entanto, esses dois grandes momentos destacados pelo documento estão assim divididos:

Primeiro momento, que abrange o período de 1979 a 1984. Apesar da escolaridade das crianças ser vista como uma necessidade, diante da realidade o que

---

<sup>55</sup> Uma apropriação do lema lançado pela Comissão Pastoral da Terra/MG e MST em meados dos anos 1980: “Terra não se Ganha – Se Conquista!” (CATÁLOGO DO TRABALHADOR RURAL, 1988).

conseguem realizar são algumas atividades educativas/recreativas, desenvolvidas pelos próprios assentados ou por agentes de pastoral voluntários.

Por o MST estar em seus primeiros passos, onde imediata é a luta pela terra, a educação, apesar de uma necessidade, era apenas uma ideia.

O segundo momento abrange o período de 1985 a 1990. A partir do 1º Congresso do MST ocorrido em Curitiba, em fevereiro de 1985, quando o MST se fez conhecer para a sociedade brasileira, alguns representantes dos estados do Rio Grande do Sul e Espírito Santo irão desencadear trabalhos e discussões referentes à questão da Educação no Movimento. No ano seguinte representantes do estado de Santa Catarina irão se juntar aos grupos que debatem a necessidade da educação para as crianças dos assentamentos. É um caminhar moroso, nas palavras de Kolling: “Esse trabalho se manteve e foi avançando a passos lentos graças à teimosia e convicção que as pessoas que compunham a equipe tinham a cerca do importante papel que joga a Educação no processo de consolidação dos assentamentos”. (1991, p. 1)

No ano de 1987 ocorre em São Mateus/ES, o 1º Seminário Nacional de Professores de Assentamentos. O encontro girou em torno das trocas de experiências, como ministrar aulas, quais metodologias eram utilizadas. Nos anos subsequentes foram realizados três encontros nacionais, em 1988, 1989 e 1990. Mantendo-se essa mesma linha e acrescentando algum tema para aprofundamento.

Esse período, destaca Kolling, foi muito produtivo; pontos basilares foram elencados: Conquistada a escola aparece a questão dos professores, do tipo de educação a ser desenvolvida, que material ser utilizado, da participação direta da comunidade assentada, do envolvimento e compromisso das lideranças do MST, da estruturação do Setor de Educação do Movimento e qual a relação a se estabelecer com o Estado.

Em 1990, no mês de outubro, reunidos em São Paulo, um grupo, saído dos encontros nacionais anteriores, elabora as Linhas Básicas da Proposta de Educação do MST Para as Escolas de Acampamentos e Assentamentos. Em 11 de dezembro de 1991 este documento é discutido pelo setor de formação e educação do MST, em Caçador/SC, para em seguida ser colocado em debate por todos os envolvidos na questão da educação no MST.

A situação da educação nos assentamentos – hoje é o título do segundo capítulo.

Nele é realizado uma radiografia da Educação nos acampamentos e assentamentos e identificam quatro estágios diferenciados que o setor vive nos estados:

PRIMEIRO: Estados em que o MST sabe da Necessidade e da Importância da Educação, mas que de concreto tem feito muito pouco para encaminhar soluções. Neste estágio se encontram a maioria dos 19 Estados onde o MST está organizado.

SEGUNDO: Estados em que o setor de Educação vem realizando periodicamente – a cada dois ou três meses – encontros de 3 dias com os professores para trocar experiências, debater sobre os princípios pedagógicos e estudar algum tema de interesse. Esses encontros objetivam desenvolver uma consciência crítica, entrosar os professores fortalecendo uma identidade de professores de assentamentos, como também animar os professores para o trabalho na escola e a participação nas demais lutas dos assentados e da classe trabalhadora.

Nesse estágio se encontram os Estados: Paraná, Piauí e aos poucos também a Bahia, o Ceará e o Maranhão. É possível que algum outro estado já esteja neste estágio ou entrando nele.

TERCEIRO: Estados em que o Setor de Educação vem desenvolvendo atividades de capacitação pedagógica de forma um pouco mais sistemática. É o caso do Espírito Santo, onde há dois anos vem sendo realizado nos períodos de férias – janeiro e julho – cursos de 10 dias, em convênio com a Universidade Federal (UFES), para todos os professores. Em cada etapa é trabalhado um tema específico, como por exemplo: História, Comunicação e expressão, matemática, Sociologia, Psicologia, Metodologia.

Ao final do curso os participantes recebem um certificado. Todavia falta o diploma de habilitação.

QUARTO: Estado em que o MST em conjunto com outras forças: Sindicatos-CUT, Igrejas, Secretarias de Educação dos municípios e outras entidades da região ceieiro, conseguiram uma fundação: FUNDEP – Fundação de Desenvolvimento, ensino e pesquisa que vem avalizando um curso de extensão somente para professores do campo, indicados pelos sindicatos de trabalhadores rurais, pelas secretarias municipais de educação e pelo Movimento Sem Terra. Esse curso é dirigido pelo DER: Departamento de Educação Rural, que funciona num antigo seminário, no município de Braga, no Rio Grande do Sul. É um curso intensivo de férias: janeiro/fevereiro e julho. Ao término de quatro etapas, isto é, dois anos, os professores recebem diploma de magistério e estão habilitados para o trabalho. Dia 11/01/91 se formou a 1ª turma e tem outras em andamento. Também está sendo preparado uma turma de monitores – jovens dos assentamentos – para o trabalho de alfabetização de adultos.

Santa Catarina também estava com uma proposta interessante. Havia feito um convênio com a FUNDESTE: Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste para integrar os professores dos assentamentos nos cursos de férias. Por motivos dos recursos financeiros que não chegaram a tempo, na prática essa alternativa foi desperdiçada. (KOLLING, 1991, p. 2-4).

Diante deste quadro, são identificados alguns problemas de relação existente entre o MST e a questão da Educação. A ausência por parte de grande parte dos assentamentos, da comunidade dos assentados, de assumir a questão da educação como algo deles, e não “de professor”. Percebem que a direção não deu a devida importância à educação e alertam que por meio desta é passada a ideologia que pode, tanto ajudar como bloquear o avanço do MST; a ausência de professores capacitados bem como um grande descompasso nas organizações pedagógicas nas regiões, frente a um Setor da Educação do Movimento frágil.

Apesar destas constatações, afirmam que o MST conseguiu avançar no campo da Educação e apresentaram uma Proposta Pedagógica do Movimento; no entanto ainda há questões pendentes, como aponta Kolling (1991):

- O que o Movimento quer realmente com a educação/escola dos acampamentos e assentamentos?
- Quais princípios educacionais apresentarão diante dos Estados e das entidades com as quais o Movimento se relaciona?
- Quais são as bandeiras nacionais de luta no setor da educação?

Com estas questões levantadas, vem a seguir a proposta de oito princípios pedagógicos que devem orientar a prática na educação:

- 1) Valor educativo fundamental do trabalho e da organização coletiva;
- 2) Para que a escola seja realmente educativa ela deve estar integrada na organização do Assentamento
- 3) A educação envolve a formação integral e sadia da personalidade da criança;
- 4) Nas escolas de Assentamento é fundamental uma ênfase na questão do trabalho;
- 5) A prática da democracia é parte essencial do processo educativo;
- 6) O professor não pode ser visto nesse processo como um indivíduo, independente e isolado;
- 7) Esta escola e esta educação de que estamos falando fazem parte da luta maior que está no horizonte: a transformação global da sociedade capitalista e a construção de um projeto alternativo de vida social;
- 8) A chave metodológica desta proposta pedagógica está na concepção dialética do conhecimento e da educação.

O documento finaliza também com oito metas do MST em relação à educação para os assentamentos e acampamentos:

- 1) Fazer um diagnóstico completo da situação das escolas nos Estados;
- 2) Por em prática os princípios pedagógicos do MST em todas as escolas de assentamentos e acampamentos conquistado no país;
- 3) Garantir junto ao Estado:
  - a. Criação de escolas oficiais de 1º grau em todos os assentamentos;
  - b. Acesso de todas crianças acampadas ao ensino do 1º grau completo;

- c. Legalização das atividades escolares desenvolvidas nos acampamentos;
  - d. Priorizar a contratação de professores para as escolas dos assentamentos oriundos do MST;
  - e. Respeito aos princípios pedagógicos do MST;
  - f. Autonomia dos assentamentos, respeitando a legislação em vigor, quanto a organização e funcionamento das escolas nos assentamentos;
  - g. Inclusão no calendário escolar para atualização e formação pedagógica permanente dos professores dos assentamentos em eventos produzidos pelo Setor de Educação do MST.
- 4) Ampliar e fortalecer a relação entre Escola e Assentamento e entre Escola e MST;
  - 5) Capacitar e titular professores de acordo com os princípios pedagógicos do MST
  - 6) Estabelecer relações com entidades e instituições educacionais próximas ao projeto político e pedagógico do MST;
  - 7) Desenvolver programa de alfabetização de jovens e adultos dentro dos princípios pedagógicos do MST;
  - 8) Organizar fóruns de discussão e sistematização teórica das experiências pedagógicas alternativas, como já vem sendo realizados em alguns assentamentos.

Este era o quadro no qual a Educação do MST se encontrava em 1991.

### 5.3 Escola Nacional Florestan Fernandes -

Apesar de constar como marco de fundação o ano de 2005, a construção deste espaço de formação é algo que vinha sendo arquitetado há um bom tempo.

A educação no MST ocorreu, no início, de forma descompassada. No oeste catarinense, o cotidiano do acampamento é descrito desta forma por Lisboa:

Os acampamentos são sempre formados por famílias de agricultores Sem Terra que chegam a um mesmo local e vão montando seus barracos ordenadamente um ao lado do outro. [...] Os barracos são feitos com suporte de toras de madeiras ou bambus, e coberto por uma lona de plástico preta (usadas para proteger plantações do sol ou da geada). É um material pouco resistente que aos poucos vai se rompendo. [...] Uma vez que a alimentação, que vem com o caminhão do INCRA<sup>56</sup> é insuficiente, principalmente quando a família é numerosa, alguns homens vão trabalhar fora, nas fazendas vizinhas, por dia, por hora ou empreitada. Os que permanecem nos acampamentos trabalham nas lavouras que eles próprios improvisam. Plantam milho, arroz, feijão, e às vezes batatinha. (LISBOA, 1988, p. 95).

Cabendo às mulheres, logo cedo, fazer o fogo para o chimarrão, um hábito diário naquela região, e café. Alimentam as crianças, muitas vezes, com bolinhos, substituindo o pão, ou sequilhos, diante da dificuldade em encontrar ovos para a feitura destes alimentos. Também são responsáveis pelas hortas, das quais cuidam com certa dificuldade, dadas as circunstâncias do acampamento, principalmente em relação à rega do que se cultivava ali. Cabem a elas as tarefas domésticas.

As crianças, em grande número nos acampamentos, “logo se ‘enturmam’, formam amizades com as dos barracos vizinhos. Correm o dia inteiro. Correm o dia inteiro pelo acampamento e improvisam brinquedos com madeiras galhos, folhas, pedras etc.” (LISBOA, 1988, p. 95-96).

Em alguns acampamentos em que existem professores participando daquele movimento, estes colaboram, dando uma espécie de aula para as crianças em idade escolar. “Além da alfabetização eles aprendem músicas com letras sobre o problema da terra e a Reforma Agrária passando a entender melhor porque estão ali.” (LISBOA, 1988, p. 96) Ali, à sombra das árvores, ao ar livre, as crianças vão se educando.

---

<sup>56</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, é uma autarquia federal, cuja missão prioritária é *executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional*. Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, atualmente o Incra está implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Conforme destaca Lisboa, são as crianças as que mais sofrem nos acampamentos, em virtude das precárias condições de saúde, de higiene, alimentação, e submetidas às intempéries.

Vinte e sete anos após o relato apresentado por Teresa Kleba Lisboa, em *A luta dos Sem Terra no oeste catarinense*, Maria Eleusa da Mota traz o relato da Secretaria Nacional do MST: a educação entrou na vida do Movimento ainda na sua gestação. Antes mesmo de existência do MST, em um acampamento em Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, em 1981, os acampados perceberam a necessidade de uma educação para as crianças acampadas. Para eles, a educação é um direito básico e fundamental, tanto quanto a conquista da terra. (MOTA, 2015, p. 45). Dessa forma, quando nasce o MST, em 1984, a educação era, juntamente com a luta pela terra, uma das bases de reivindicação dos Sem Terra, graças, em grande parte, ao esforço de muitos professores do assentamento:

Decidiu-se por organizar e aprofundar o trabalho de educação das novas gerações, e elaborar uma proposta político- pedagógica específica às escolas dos acampamentos e assentamentos. Com isso, em 1987, se formaliza a criação do setor de educação do MST, durante o Encontro Nacional de Professores dos Assentamentos, em São Mateus (ES). Sob o projeto de Reforma Agrária do MST, a luta por escolas públicas dentro das áreas de assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária não ficaria por menos. Tão importante quanto o acesso à terra é o acesso à escola pelos Sem Terra. (MOVIMENTO SEM TERRA, 2014., p. 4).

Conforme nos relata Mota (2015), o 1º Encontro Nacional de Professores de Assentamento, em São Mateus, no Espírito Santo, contou com a participação de professores de sete estados brasileiros. O Setor de Educação veio a ser criado formalmente em 1988, com a reestruturação interna da organização do MST.

Kolling (2014) faz um retrato do que esse movimento pedagógico, no interior do movimento maior, a conquista da terra, tem a apresentar.

Boa parte dos mais de 8 mil educadores e educadoras que atuam nessas escolas foram formadas pelo próprio Movimento. O trabalho de alfabetização desenvolvido nos últimos anos foi responsável por alfabetizar cerca de 50 mil jovens e adultos em todo o país. Sem falar nos mais de 100 cursos de graduação em parceria com universidades públicas, responsável por formar mais de 2.000 educadores. (KOLLING, 2014, p. 4-5).

Mas como se chegou a essa quantidade de professores formados no próprio movimento?

A partir do ano de 1995, vai se concretizando uma prática de formação de lideranças e formadores. Os militantes que atuam nos acampamentos e assentamentos, desenvolvendo uma organicidade dentro do movimento.

Outra característica desse período é uma aproximação maior com as universidades, criando-se cursos de nível superior, principalmente de pedagogia, que tem como característica a proposta pedagógica oriunda da experiência das escolas de assentamentos e acampamentos do MST.

Desse relacionamento com as instituições de nível superior, a proposta pedagógica do MST sofre uma evolução. Vale lembrar que, em meados dos anos de 1980, foram criados no campo urbano-sindical espaços de socialização e formação política vinculados à Central Única dos Trabalhadores – CUT (BASTOS, 2017).

Em 1990, surge, para o MST, a chance de criação de sua Escola Nacional. A partir de um prédio da Igreja Católica, em Caçado, Santa Catarina, é constituído o Centro de Formação e Pesquisa Contestado (Cepatec), considerada a primeira Escola Nacional do MST, semente do que viria a ser a Escola Nacional Florestan Fernandes. O Cepatec foi voltado ao atendimento das necessidades de qualificação dos setores do MST.

Cinco anos mais tarde, em 1995, é criado o Instituto Técnico de Estudos e Pesquisa da Reforma Agrária, o Iterra, na cidade de Veranópolis, no Rio Grande do Sul, voltado para a formação técnico e profissionalizante, sem, no entanto, esquecer da formação teórica e política, característica da linha pedagógica do MST.

Tanto o Cepatec quanto o Iterra foram criados durante os dois governos Fernando Henrique Cardoso como resposta do Movimento à necessidade de formar profissionalmente os militantes para a luta da Reforma Agrária.

O ano de 1996 é marcado pela preocupação em construir uma escola nacional com localização mais central, pois as escolas localizadas no sul do país eram de difícil acesso para os militantes da região Norte e Nordeste. Assim, em 1998, é lançada a campanha, por meio do *Caderno de Formação* nº 29, intitulado “Campanha de Construção da Escola Nacional do MST”, conclamando os militantes a erguerem o que viria ser a Escola Nacional Florestan Fernandes. Em seu texto de apresentação, lembravam a deliberação no VIII Encontro Nacional, acontecido em Salvador, na Bahia, de fazer da proposta do MST um desafio ano a ano. Dessa forma, em 1996, os MST estaduais compraram suas sedes; em 1997, adquiriram a sede da Secretaria Nacional, em São Paulo, e 1998 foi marcado como o início da construção da Escola Nacional, o símbolo de luta pelo estudo e pela escolarização. (BASTOS, 2017, p. 133).

Os governos Lula (a partir de 2003) diante do que Lucena e Netto (ANO) identificam como um arrefecimento das lutas pela Reforma Agrária e das lutas de classes, a Escola Nacional Floresta Fernandes surge como uma “resposta” a este quadro.

Segundo Rosana Fernandes, da Coordenação Político Pedagógica da ENFF:

Nós inauguramos essa escola em 2005, mas o processo de sua construção foi bastante longo, por conta da metodologia e de toda a forma como ela foi construída, desde sua origem arquitetônica até o processo de construção e envolvimento da militância do MST.<sup>57</sup>

### 5.3.1 Visita à Escola Nacional Floresta Fernandes (ENFF) – 27 de abril de 2019 - preparando a viagem

A ida à Escola Nacional Floresta Fernandes não ocorreu apenas no dia 27 de abril de 2019. Era algo já planejado com antecedência, como toda boa viagem; e como toda viagem, estavam presentes a ansiedade do percurso e as possibilidades dos encontros e desencontros, inerentes à vida.

A viagem à ENFF começou a ser traçada pouco depois da apresentação do projeto para o doutorado na Uniso. Em conversa com o professor Marcos Reigota, que aceitou me orientar, ele me colocou as diretrizes para a possibilidade de efetivação da pesquisa. Uma delas era a visita à ENFF, escola de formação de professores ligados aos assentamentos e acampamentos do MST, entre outras funções por ela desempenhadas, como a formação de militantes ligados à esquerda.

Dessa forma, depois de algumas turbulências, também inerentes à vida, em outubro entrei em contato com a Associação de Amigos da Escola Nacional Floresta Fernandes para apresentar o projeto de doutorado. A Associação me encaminhou à Secretaria do ENFF, que depois de marcações e desmarcações, em virtude de reformas no prédio, acertou a ida para o dia 27 de abril, para que pudesse estar presente no Ciclo de Debates intitulado “A conjuntura da luta pela terra e a criminalização dos movimentos populares no Brasil”, que ocorreria naquela data. (Figura 149).

---

<sup>57</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=37&v=xLqqBlAoZd8](https://www.youtube.com/watch?time_continue=37&v=xLqqBlAoZd8)>. Acesso em: 15 maio 2019.

Figura 102 – Flyer do Ciclo de debates



Fonte: arquivo pessoal.

O que me esperava em Guararema? Como seria a Escola? Como seria a recepção? Estou longe dos movimentos sociais há um bom tempo, desde que optei por ficar mais tempos com meus pais, digo afastado no sentido de não me envolver diretamente com os movimentos sociais, mas apoiando-os, dentro das minhas possibilidades.

### 5.3.2 Na Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>58</sup>

Para chegar a Guararema, tive carona; a cidade fica no caminho entre Campinas e Taubaté, onde mora minha tia materna. Desta forma, era só me “jogar” na Escola. Conforme havia recebido as indicações, caso eu fosse de ônibus, ao nos depararmos com a fábrica de chocolate entramos na rua da ENFF. Saímos do asfalto e caímos direto nos paralelepípedos. Quase nenhum movimento. Alguns cachorros corriam por ela, e um morador acororado na calçada observava o “não” movimento. Uma bucolicidade a me lembrar da minha infância em Minas Gerais. Lembrança que se misturava com as últimas notícias de Guararema: a tentativa frustrada de assalto a dois bancos resultando em onze

<sup>58</sup> Toda as duas visitas foram registradas também por imagens que estão no Volume 2, págs. 37 a 65.

assaltantes mortos, tudo registrado pelas câmeras de segurança espalhadas pela cidade; a cidade possui mais de 100 câmeras espalhadas. Esse dado despertou minha curiosidade, sobre um número grande de aparelhos de observação para uma cidade pequena, com uma população girando em torno de 30.000 habitantes, mas que é sede da escola do MST.

Chegando diante da escola por volta das 10h, me dirigi à portaria, uma placa de madeira esculpida identificava Escola Nacional Florestan Fernandes, ao lado uma figura em baixo relevo do sociólogo Florestan Fernandes identificava o local e dava as boas-vindas. (Volume 2, pg. 37). Apresentei-me e perguntaram se eu vinha com algum sindicato ou outro grupo. Informei que havia conversado com a Manoela e que ela solicitara meus dados. Um telefone para localizá-la e em seguida o portão cinza é aberto.

Um alerta que havia recebido era sobre o Movimento ser muito fechado, de difícil acesso. De certa forma, isso ocorre. Para adentrar no espaço dei meu nome e documento de identificação – mais tarde, soube que era para fazerem uma varredura e verificarem quem é a pessoa, pois já tiveram problemas com “infiltrados”. Me coloquei a pensar no que os procedimentos adotados ali se diferenciavam do meio em que vivemos? Somos monitorados pelo celular, pela internet, não temos acesso ao banco sem antes passarmos pelo constrangimento da porta rotatória, que diz: você, antes de cliente, é um ladrão em potencial. Ao tirar qualquer documento, são necessários inúmeros outros que comprovem que você é você. Mexendo nos documentos antigos da família, encontrei um de idoneidade emitido pela delegacia. Então, somos monitorados aqui e por que não para adentrar em uma instituição que é considerada inimiga da sociedade?

Ao descer, não reparando muito para o lado, pois havia sido informado que o evento estava ocorrendo “lá embaixo”, parando algumas pessoas que vinham na direção contrária, foi-me indicado o local. Uma placa sinalizando o estacionamento apontava para a esquerda. Diante de mim, um pequeno vaso com a primeira recepção emocional: Mafalda, do Quino, convida a imaginar um mundo: Orquestras! Se, em vez de tropas, o mundo estivesse cheio de orquestras, seria maravilhoso!<sup>59</sup> (Volume 2, pg. 37).

Continuei minha descida. Por estar atrasado, procurava onde estava ocorrendo o Ciclo de Debate, mas, no caminho havia uma linha do tempo, havia uma linha do tempo no caminho do evento, um varal contendo a história de vida do MST, de sua origem aos dias atuais, com os principais acontecimentos de cada período. Em sua base, estava escrito: “Cultivando a História, Tecendo o Futuro – MST – 35 anos de luta e resistência

---

<sup>59</sup> No original: “¡Orquestras! ¡Si en lugar de tropas el mundo estuviera lleno de orquestras seria una maravilla!”.

ativa”. Os painéis, ano a ano, traziam a história do MST, desde a década de 1980, iniciando mais especificamente em 1984, quando ocorreu o 1º Encontro Nacional em Cascavel/PR, seguindo cronologicamente pelos outros painéis, como, por exemplo: 1985, 1º Congresso Nacional, Ocupação de Anoni/RS, 1ª Assembleia das mulheres; 1990, 2º Congresso Nacional, Reunião Nacional do Coletivo da Educação, MST inicia a Escola Nacional em Caçador/SC; 2001 oficinas regionais de teatro com Augusto Boal; 2002 a criação da Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré; 2016 anunciam a alfabetização de mais de 7.000 pessoas no Maranhão pelo método cubano “Sim, eu posso”, encerrando em 2018 com a Marcha Nacional Lula Livre, Ocupação Marielle Vive (Valinhos/SP), 1º Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília/DF). (Volume 2, pg. 38).

Mas deixemos as elucubrações que borbulhavam na mente. Ao chegar ao auditório, não foi possível adentrar, estava lotado, havia por volta de umas 200 pessoas. Fiquei de longe escutando as falas e apreciando aquele momento, um retorno ao meu passado militante ativo.

Era o Ciclo de Debates “A conjuntura da luta pela terra e a criminalização dos movimentos populares no Brasil” acontecendo no Salão Frida Kahlo. Perdi a fala de Mariana, do Setor de Educação do MST, e cheguei no meio da fala de Patric, do Setor de Direitos Humanos do MST, que abordava a questão da legislação e sua utilização para repressão; em seguida, veio a fala de Paulão, do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, comentando sobre a situação atual do Brasil, sobre como é a manipulação das leis para favorecimento da impunidade da polícia; citou a legislação referente à ação da polícia feita para a Copa, em 2014, em que, durante os jogos, os casos de violência policial não seriam julgados pela justiça comum e sim pela militar, e que a bancada da bala pressionou o Temer para que esta se torna uma legislação por tempo indeterminado. Rosana encerrou o Ciclo convidando todos para o almoço no refeitório da escola. (Volume 2, pg. 39).

### Um grande memorial de lutas, uma escola em cada canto

Ao final do debate, Rosana passou o recado: haveria um bate-bola no Campo de Futebol “Dr. Sócrates Brasileiro”, e convidou-nos para nos dirigirmos ao refeitório, informando que às 14 horas os visitantes assistiriam a uma palestra ministrada por ela sobre a história da escola e do MST.

Ao saímos do auditório, do lado de fora, havia, do lado esquerdo, uma Biblioteca Livre, onde se lia: “pode pegar”, escrito em português e em inglês. Várias obras, entre

elas *A síndrome do palheiro*, de Eliyahu Goldran, *Aqui as provas contra Maluf*, de Walter do Amaral, *Revista Bibliográfica e Cultural, Liberating Life – contemporary approaches to ecological theology*, de Charles Birch (editor), *Anais dos encontros brasileiros de palácios, casas-museus e casas históricas 2007-2010, O que é isso, computador?*, *Folha conta 100 anos de cinema*, entre outros, estavam ali à disposição de leitores. (Volume 2, pg. 39).

Em frente à porta do auditório, um panteão onde tremulavam as bandeiras da Via Campesina<sup>60</sup> e do MST, e aos seus pés uma peneira com algumas plantas e sementes. À direita da saída do auditório, uma bandeira do MST, já gasta pelo tempo, cujo fundo vermelho é uma montagem de diversos momentos da história do Movimento; ao lado, uma placa indicando as datas da escola, início das obras 22/03/2000, inauguração em 23/01/2005. (Volume 2, pg. 40).

Como indicado pela Rosana, o grupo que se encontrava no Ciclo de Debate se dirigiu ao Refeitório Josué de Castro; achei curioso terem nominado o espaço de refeição com o nome de um dos maiores ativistas contra a fome. Em seu livro *Geografia da Fome*, publicado em 1946, Castro vai quebrar alguns argumentos em voga na época de que a fome é resultado do excesso populacional e a falta de recursos naturais. Em seu livro, ele prova que não é aumentar a produção de alimentos ou um controle do número de habitantes que irá extinguir a fome.

A meu ver todo o sistema de fatores negativos que entravam as forças produtivas da região são oriundos da arcaica estrutura agrária aí reinante. Todas as medidas e iniciativas não passarão de paliativos para lutar contra a fome, enquanto não se proceder a uma reforma agrária racional que liberte as suas populações da servidão da terra, pondo a terra a serviço de suas necessidades. (CASTRO, 1984, p. 261).

---

<sup>60</sup> “A Via Campesina é uma articulação mundial dos movimentos camponeses que tem entre seus objetivos: a construção de relações de solidariedade, reconhecendo a diversidade do campesinato no mundo; a construção de um modelo de desenvolvimento da agricultura que garanta a soberania alimentar como direito dos povos de definir suas próprias políticas agrícolas; e a preservação do meio ambiente com a proteção da biodiversidade. Esses objetivos se opõem à padronização das culturas, ao produtivismo, à monocultura e à produção unicamente para exportação, características do modelo de desenvolvimento do agronegócio. Tais movimentos organizam-se a partir de pequenos e médios agricultores e, nesse campo, inserem-se em um movimento internacional, autônomo, pluralista, sem vinculação com partidos, igrejas e governos. Os movimentos camponeses vinculados à Via Campesina atuam em escala regional e nacional, em várias partes do mundo: Europa do Leste, Europa do oeste, nordeste e sudeste da Ásia, América do Norte, Caribe, América Central, América do Sul e África. Os temas políticos defendidos pela Via Campesina são: soberania alimentar e comércio; reforma agrária; paridade de gênero; direitos humanos; agricultura camponesa sustentável; biodiversidade e recursos genéticos; migrações e trabalhadores rurais.” (Trecho do verbete da Enciclopédia Latina, elaborado por Bernardo Mançano Fernandes. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/v/via-campesina>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

A Reforma Agrária, defende Josué de Castro, libertará o trabalhador do campo da exploração do latifúndio, e por meio da produção própria poderá romper com o que ele denominou *arcabouço arcaico da infraestrutura agrária*. Após realizar uma análise das cinco regiões do Brasil, reafirma:

Através desta exposição sucinta da conjuntura econômico-social brasileira, chega-se à evidência de que é indispensável alterar substancialmente os métodos da produção agrícola, o que só é possível reformando as estruturas rurais vigentes. Apresenta-se deste modo a Reforma Agrária como uma necessidade histórica nesta hora de transformação social que atravessamos: como um imperativo nacional. (CASTRO, 1984, p. 300).

Assim, a solução para a problemática da fome, segundo o autor, é a distribuição de recursos e de terra para produzirem, tornando-se uma das referências na luta pela reforma agrária.

No refeitório Josué de Castro estava o resultado da produção dos trabalhadores rurais. Lá nos servimos de arroz, feijão, carne, beterraba, batata doce, chicória e quiabo. Conforme Rosana nos diria depois, tudo produzido pelos assentamentos espalhados pelo Brasil e transportado para lá. Pouca coisa ainda era comprada. O ambiente era ornado com imagens de murais mexicanos nominando seus autores, bandeiras do MST e do Brasil, grandes fotografias de assentados.

E ali estava ele a matar a fome dos militantes. Após o encontro e a homenagem a Josué, comecei a olhar os detalhes daquele grande espaço que era a ENFF.

Na hora do café, após a refeição, deparei-me com o primeiro quadro que me impactou: um casal de camponeses feito com sementes. Uma das visitantes identifica algumas delas e se surpreende ao encontrar a “olho-de-cabra” que a faz lembrar a infância. (Volume 2, pg. 41).

Após a refeição, me dirigi ao banheiro para a higiene bucal, ele fica ao lado do auditório Pagú<sup>61</sup>. Na entrada do auditório, um quadro de pescadores a limpar e destrinchar

<sup>61</sup> Patricia Hehder Galvão (São João da Boa Vista/SP, 1910 - Santos/SP, 1962). “Romancista, tradutora, jornalista e professora. Aos 19 anos, conhece o escritor Oswald de Andrade (1890-1954) e a artista plástica Tarsila do Amaral (1886-1973), envolvidos com o movimento antropofágico, e tem um de seus desenhos publicado na *Revista de Antropofagia*. Em 1930, Pagu, nome criado pelo amigo e escritor Raul Bopp (1898-1984), casa-se com Oswald e realiza o sonho de emancipar-se definitivamente da família. A militância política inicia-se em 1931, quando ingressa no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e afasta-se de casa para seguir as atividades do partido. Com a ajuda financeira de Oswald, publica *Parque Industrial*, em 1933, o primeiro romance brasileiro a ter operários como protagonistas, assinado com o pseudônimo Mara Lobo. Por causa de suas atividades políticas, fica presa de 1935 a 1940, é vítima de torturas e tem problemas de saúde. Ao sair da prisão, separada de Oswald, casa-se com o jornalista e escritor Geraldo Ferraz (1905-1979). Com ele, escreve o romance *A Famosa Revista*, publicado em 1945, e trabalha em diversos jornais, até ambos tomarem a frente do *Suplemento Literário* do *Diário de S. Paulo*, para o qual Pagu realiza

peixes, enquanto um prepara o peixe para assar e outro está a cuidar do forno de tijolos; outra grata surpresa, ao adentrar no banheiro masculino, me deparei com uma mensagem sobre a violência contra a mulher afixada no espelho, um recado, um convite à reflexão – resultado do que Manoela falou sobre a “ocupação feminina” que ocorre uma vez ao ano na Escola. Na imagem, uma mão branca e outra negra se entrelaçam, logo abaixo lemos em espanhol: “Ni una menos”. Ao lado da imagem, o seguinte texto:

A violência contra a mulher não tem espaço definido. Ocorre em barracos e mansões, nas metrópoles e em cidades pacatas do interior. No Brasil rural não é diferente. Mulheres camponesas são violentadas diariamente dentro de casa, ou mesmo nas lutas por direitos.

Atravessando a praça, um dos quadros que me chamou a atenção por sua história: a camiseta do 1º Congresso Nacional, ocorrido em Curitiba, em 1985, doação do ambientalista francês, naturalizado brasileiro, Jean Pierre Leroy<sup>62</sup> (1939-2016), feita em 2009, quando da comemoração dos 25 anos do MST. (Volume 2, pg. 42).

Retornando do refeitório, para o encontro com Rosana, me deparei com uma sequência de redes, um nortista não pode ver essas coisas sem querer deitar. Próximo uma foto em tamanho natural do sociólogo Florestan Fernandes. (Volume 2, pg. 43). Ao me aproximar vejo um cartaz LGBT Sem Terra, com uma citação de Rosa Luxemburgo “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente

---

traduções de autores estrangeiros e escreve crônicas na seção *Cor Local*. A partir de 1952, frequenta aulas na Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD/USP), envolvendo-se profundamente com o teatro. Ao mudar-se com o marido para Santos, em 1954, para trabalharem no jornal *A Tribuna*, inicia um intenso movimento pelo teatro amador na cidade, traduzindo e montando peças, lecionando e até mesmo fazendo campanha para a construção do Teatro Municipal. Morre em 1962 e deixa vários escritos inéditos.” Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa451572/pagu>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>62</sup> Jean Pierre Leroy chegou ao Brasil em 1971 como padre da Ordem dos Oblatos de Maria Imaculada, foi designado para ser vigário no subúrbio da capital paraense, e lá entrou em contato com os pescadores e agricultores familiares. Em 1973, muda-se para Santarém/PA, onde passou a ser educador da Federação de órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE). Seu trabalho junto dos trabalhadores da terra o levou a ser um dos articuladores da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Em 1977, deixou o sacerdócio, dedicando-se, como Coordenador da FASE, ao auxílio das oposições sindicais e à construção da Central Única dos Trabalhadores. Nos anos da década de 1980, participou da criação da rede de Projetos de Tecnologia Alternativa, considerado o embrião do movimento agroecológico no Brasil, e, no ano de 1988, tornou-se um colaborador constante do Movimento pela Sobrevivência na Transamazônica. Na década de 2000 é indicado relator para o Direito Humano ao Meio Ambiente. Participou da fundação da Rede Brasileira de Justiça Ambiental, depois coordenou a realização do *Mapa de Conflitos Ambientais do Estado do Rio de Janeiro*, possibilitando a construção de um instrumento voltado aos grupos sociais atingidos por empreendimentos, denominado *Avaliação de Equidade Ambiental*. Foi um defensor da reforma agrária, estando ao lado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e de muitos outros, defendendo a liberdade de organização. Para ele, a reforma agrária não é só assentamento, “mas um grande projeto de reconstituição do território, da agroecologia, é algo fundamental para as políticas e para a saúde”. Uma camisa com muita história para contar. Disponível em: <https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/morre-no-rio-de-janeiro-o-pesquisador-e-educador-popular-jean-pierre-leroy/> Acesso em: 5 dez. 2019.

livres”, e três documentos sobre cursos em parcerias da ENFF com entidades como a Unesp, Via Campesina, Pronera, Fiocruz, MAM. (Volume 2, pg. 44).

Continuando em direção ao encontro para conhecer a estrutura da ENFF, entre o refeitório e a Biblioteca da Escola, estava exposto um memorial dedicado as vítimas da Chacina de Eldorado de Carajás, onde foram assassinados 17 militantes Sem Terra pela Polícia Militar paraense. Crime que continua há 23 anos impune. (Volume 2, págs. 45 a 47).

Às 14 horas, conforme o combinado, um grupo de alunos e professores da USP/Esalq, professores de Mogi Guaçu, uma pesquisadora espanhola, e eu nos dirigimos ao auditório Patativa do Assaré<sup>63</sup>, um espaço destinado à fala, à comunicação, que traz o nome de, ao meu ver, um dos maiores poetas brasileiro. Passamos pela porta da entrada e nos deparamos com um palco armado à nossa direita, uma foto de Patativa do Assaré, com uma cadeira de descanso bem abaixo da foto, como se esperando o poeta, algumas fotos sobre a arte de barro do Nordeste, e acima duas bandeiras, uma do MST e uma da Via Campesina. Adiante, uma foto grande de um garoto moldando o barro, e três quadros pintados por Cardoso, onde se destacam, para mim, Florestan Fernandes e Paulo Freire, tendo ao fundo de cada quadro a bandeira do Brasil com o dístico “Pátria Livre”. No lado oposto ao palco, quadros das lutas do MST e um pano onde está estampada a figura de Patativa, como se fosse uma xilogravura de Cordel. (Volume 2, págs. 48 e 49).

---

<sup>63</sup> Antônio Gonçalves da Silva (Assaré CE 1909 - Assaré 2002). “Poeta e repentista, cresce entre a lida na roça, as leituras de cordel e os ponteios de viola. Sua única educação formal ocorre aos 12 anos, por seis meses. Aos 16, compra sua primeira viola. Com 20, viaja para o Pará com o parente José Alexandre Montoril. Em Belém, sua poesia cativa o folclorista José Carvalho de Brito, correspondente do jornal *Correio do Ceará*, que contribui para a divulgação inicial de seus trabalhos. Apresentando-o como Patativa, publica alguns de seus poemas nesse jornal e inclui no seu livro *O Caboclo do Pará e o Matuto Cearense* um capítulo sobre o jovem violeiro. Patativa retorna ao interior e incorpora o topônimo Assaré ao nome. Entre 1930 e 1955, se estabelece na Serra de Santana, onde compõe a maior parte de sua obra. Seu parceiro mais habitual é João Alexandre. Outros esporádicos são Anacleto Dias, Miceno Pereira e Andorinha. Os Diários Associados chegam a Crato, Ceará, centro comercial do Cariri, em 1951, e inauguram a Rádio Araripe. Patativa passa a declamar seus poemas na emissora, e é ouvido pelo filólogo José Arraes, que o ajuda publicar *Inspiração Nordestina*, em 1956. Patativa publica *Cante Lá que Eu Canto Cá*, em 1978, adotado como emblema da programação cultural de 1979 do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Torna-se conhecido por intelectuais e universitários, multiplicando-se as iniciativas que tomam como foco sua obra, bem como sua presença em eventos artísticos. Fagner, Chico Buarque e Milton Nascimento musicam o poema *Seca d'Água*, em 1985, em solidariedade aos flagelados das enchentes no Nordeste, um single que traz no outro lado a criação coletiva *Chega de Mágoa*, réplica brasileira de *We Are the World*, canção em prol das vítimas da fome na África. É considerado o poeta popular que melhor representa as mazelas, os desejos e costumes sertanejos. Patativa do Assaré, sem audição e totalmente cego desde o final dos anos 90, faleceu em consequência de falência múltipla dos órgãos, em sua casa, em Assaré, Ceará, no dia 8 de julho de 2002.” Cf. Patativa do Assaré (verbete). In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3743/patativa-do-assare>. Acesso em: 15 dez. 2019.

Naquele lugar, conhecermos a história da Escola Nacional Florestan Fernandes, apresentada por Rosana, da Direção Nacional da ENFF.

Essa recepção é feita a quem vai pela primeira vez à Escola Nacional Florestan Fernandes. Após se apresentar, Rosana passou um vídeo contando a história da construção da ENFF, edificada por brigadas vindas dos diversos acampamentos e assentamentos do MST; muitos dos militantes que vinham ajudar a erguer a Escola eram analfabetos. Como ressaltou mais tarde Manoela em nossa conversa, eles construíram uma escola e fizeram escola.

Mostrou-nos ainda a Ciranda Saci Pererê, uma escola para os sem terrinha, filhos dos militantes que estão estudando no ENFF.

Foi destacada a Pedagogia da Alternância, onde o militante fica um período de aprendizagem na ENFF e outro período em seu local de origem, colocando em prática o que aprendeu.

Uma das parcerias ressaltadas por Rosana é da ENFF com os movimentos sociais urbanos, principalmente os sindicatos, porque ali o curso é feito “com” e não “para” os militantes. Outra parceria destacada é o “Levante”, movimento estudantil universitário de esquerda, mas apartidário.

Falou-nos ainda dos voluntários da ENFF que estão em vários países, destacou a presença em Moçambique de três militantes que estão preparando a chegada de uma brigada enviada pela Escola.

Destacou o curso da realidade brasileira, que abarca os pensadores brasileiros como Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Caio Prado, entre outros, pois, afirmou, é importante para o movimento estudar também quem pensou o Brasil.

Demonstrou a preocupação com o atual governo federal, na questão de parceria com as universidades federais, principalmente com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera)<sup>64</sup>, vinculado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá), que poderá ser extinto por falta de verba – dos 30 milhões de reais necessários para manter o programa, este ano foram destinados 3 milhões, o que não dá para auxiliar as turmas em andamento.

---

<sup>64</sup> O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária atende jovens e adultos de assentamentos criados ou reconhecidos pelo Incra, quilombolas e trabalhadores rurais acampados, cadastrados pelo Instituto, além de beneficiários do Programa Nacional de Crédito Fundiário. Informações disponíveis em: [www.incra.gov.br/educacao-pronera-editais](http://www.incra.gov.br/educacao-pronera-editais). Acesso em: 28 mar. 2019.

Voltando para a prática na ENFF, Rosana falou do cotidiano dos estudantes naquele espaço, que precisam estar envolvidos na manutenção da escola, incluindo a limpeza do espaço. Salientou que estar participando dos cursos acaba criando um respeito pelo outro, no sentido de não querer burlar as regras. A convivência cria essa cobrança de si mesmo, reforçada pelo trabalho, mística e cultura.

Destacou os quatro setores que compõem a escola: o Pedagógico; o da Produção, envolvendo hortaliças, agrofloresta, frutas, o cuidado com a mata ciliar, horta medicinal; o de Serviços, responsável pela manutenção da infraestrutura; e o Administrativo-jurídico, que cuida das fontes de financiamento para a manutenção da Escola.

Para encerrar a apresentação, antes de sairmos para conhecer o espaço físico da ENFF, informou que grande parte dos alimentos servidos no refeitório era proveniente dos assentamentos, arroz, feijão, legumes, café. Contou-nos que o governo Dória havia proibido que a Feira Nacional do MST ocorresse no Parque Água Branca, em São Paulo, como vinha acontecendo há três anos, mas que o MST marcou e a Feira vai acontecer em agosto. Comentou sobre os Armazéns do Campo, as lojas de produtos dos assentamentos que são vendidos em algumas cidades.

A última lembrança da qual nos falou foi sobre a invasão da Polícia Militar (Garra) ocorrida em 2016, que os pegou de surpresa, porque não havia motivo para tanto: a polícia não possuía um mandado para realizar aquela operação, que, conforme nos contou, prejudicou bastante a imagem da PM e desencadeou uma grande onda de solidariedade nacional e internacional.

### 5.3.3 Caminhando pela Escola Nacional Florestan Fernandes

Após a conversa sobre a história da Escola, fizemos uma caminhada para conhecer a estrutura física.

Sáimos do auditório Patativa do Assaré e passamos pelo panteão campesino; ali próximo há uma foto da área ocupada pela ENFF, dois quadros feito com sementes e grãos, um trazendo o patrono da Escola, Florestan Fernandes e o outro trazendo campesinos, tendo no horizonte a figura de um índio se fundindo com as silhuetas das

montanhas, e mais outros dois quadros, um retratando a Rádio Poste Brasil em Movimento<sup>65</sup> e um pôster de Gregório Bezerra<sup>66</sup>. (Volume 2, pg. 50).

Estávamos próximo ao auditório Frida Kahlo, onde ocorrera o Ciclo de Debate, um pequeno círculo com dois bancos de madeira e uma fotografia. Uma homenagem a Antônio Cândido, que inaugurou a Biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>67</sup> e, ao falecer foi homenageado pela escola, com este pequeno espaço e nominando a Biblioteca. (Volume 2, pg. 51).

Ao descer uma escadaria, em direção aos prédios, que são os dormitórios, uma caixa pequena e colorida me chamou a atenção, dentro um pequeno cartaz bilíngue: “Quando precisar leve. Quando puder reponha - Cuando necesitar. Cuando pude reponga”, dentro um envelope contendo uma camisinha feminina. Há tanto simbolismo neste pequeno objeto e mensagem. Seria a Escola tão fechada assim? Como é tratada a questão da sexualidade? Como é tratada as lutas das mulheres? Permitir viver a sexualidade, com responsabilidade estava ali representada nesta pequena caixa. (Volume 2, pg. 42).

Caminhando em direção aos dormitórios; Rosana estava um pouco à frente e não ouvi a descrição sobre aquela construção, percebi que toda ela tinha placas para energia

---

<sup>65</sup> Rádio Poste Brasil em Movimento. “Inaugurada em 5 de junho de 2015, a Rádio Poste Brasil em Movimento é um instrumento de formação e comunicação na ENFF. Sua tarefa central é contribuir na formação de militantes e educandos que passam em cursos pela escola e produzir materiais que ajudem na transformação da sociedade. Rompendo o latifúndio do ar, a Radio Brasil em Movimento comunica para transformar”. Disponível em: <https://soundcloud.com/radiobrasilemmovimentoenff-1/apresentacao-radio-poste-brasil-em-movimento-da-enff>. Acesso em: 28 abr. 2019.

<sup>66</sup> Gregório Lourenço Bezerra (1900-1983). “Analfabeto até os 25 anos de idade, e militante desde as primeiras movimentações de trabalhadores influenciados pela Revolução Russa de 1917, Bezerra teve papel de destaque em importantes momentos políticos da esquerda brasileira. Por conta de sua militância, passou, no total, 23 anos na prisão, em diversos presídios e épocas.[...] Preso por ocasião do golpe militar que depôs o presidente João Goulart, em 1º de abril de 1964, ficou famosa a sua fotografia amarrado pelo pescoço, sendo arrastado pelas ruas do Recife. Em 1967, foi condenado a 19 anos de prisão. Dois anos depois, foi solto em troca do embaixador americano Charles Elbrick, sequestrado por grupos de oposição armada. Ficou cerca de dez anos exilado. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/gregorio-bezerra/>. Acesso em: 28 abr. 2019.

<sup>67</sup> Trecho do discurso de Antônio Cândido quando da inauguração da Biblioteca do ENFF: “Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, ‘tempo é dinheiro’. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo; esse tempo pertence a meus afetos, é para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis: isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: ‘eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize’. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada. Portanto, parabéns ao MST pela abertura desta biblioteca, porque o amor pelo livro nos refina e nos liberta de muitas servidões”. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Antonio-Candido-inaugura-biblioteca-do-MST-e-fala-da-forca-da-instrucao/2/11075>. Acesso em: 28 abr. 2019.

solar. Em seguida fica a lavanderia comunitária, entre os painéis pintados um se destacou para mim, todo pintado em preto e branco com a palavra de ordem em destaque: “Vito Vive!”. Homenagem a Vito Gianotti<sup>68</sup>, militante da comunicação militante, que tive o prazer de conhecer no curso de comunicação sindical ministrado por ele e sua companheira Claudia Santiago, lá pelos idos de 1992. (Volume 2, pg. 52).

Os painéis são feitos pelos grupos que realizam cursos na ENFF, encontrando-se espalhados por toda a escola, só não podem ser feitos nas paredes dos dormitórios.

A primeira leitura é que aquele espaço, além da escola propriamente, é um espaço de homenagem aos que colaboraram com o movimento social, seja de forma teórica ou entregando a própria vida. Assim me deparei/reencontrei com Carlos Marighella<sup>69</sup>, em um jardim a ele dedicado; Patativa do Assaré, repentista, poeta e compositor nordestino; Pagú, artista, escritora e militante política; inúmeras citações ou imagens do pedagogo Paulo Freire espalhados pelos recintos; a vereadora carioca assassinada pelas milícias do Rio de Janeiro, Marielle Franco<sup>70</sup> (Volume 2, pg. 52). e os vários marcos memoriais a ela

---

<sup>68</sup> Vito Giannotti (1943-2015) Comunicador de origem operária teve expressiva militância sindical e foi defensor da linguagem sem muralhas e para todos. “Crítico da estrutura sindical de origem varguista, participou ativamente da Oposição Sindical Metalúrgica, que contrariava o “comando pelego” de interventores da ditadura militar. [...] Em 1974, foi preso pelo regime militar com dezenas de outros metalúrgicos, devidos suas atuações no sindicato, nas assembleias e na distribuição dos boletins. [...] Como intelectual e leitor de Marx, Bordiga, Gramsci, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Lênin, Vito levava esses autores para discussões em reuniões de greves. Transformou publicações em formato de “caderninhos”, que cabiam no bolso do uniforme dos operários, muitas vezes semi-analfabetos. Assim, ajudou a popularizar o marxismo entre os trabalhadores. Um exemplo disso é o livro “História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil”, de 2007, que só foi publicado após passar pelas mãos de um trabalhador com o segundo grau incompleto. Ele marcou as palavras que não compreendia e Vito corrigiu. [...]. Autor de 30 livros, como “O que é jornalismo sindical”, “Muralhas da Linguagem” e “História das Lutas dos Trabalhadores no Brasil”. <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/24/quatro-anos-sem-vito-giannotti-uma-vida-dedicada-a-comunicacao-popular/> consultado em 15/12/2019.

<sup>69</sup> Carlos Marighella (1911-69). “Militante comunista desde a juventude, deputado federal constituinte e fundador do maior grupo armado de oposição à ditadura militar - a Ação Libertadora Nacional”, foi assassinado em uma emboscada por uma equipe policial comandada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. Seu corpo foi encontrado na noite de 4 de novembro de 1969, na Alameda Casa Branca, em São Paulo. Disponível em <https://jornalggn.com.br/historia/a-biografia-de-marighella-por-mario-magalhaes/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>70</sup> Marielle Franco (1979-2018). “Mulher negra, cria da Maré e defensora dos Direitos Humanos.” “Marielle se descrevia desta maneira nas redes sociais, pontuando em primeiro lugar sua cor e gênero; sua origem, nascida e criada no conjunto de favelas do Complexo da Maré, na zona norte do Rio; socióloga e política brasileira. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade, elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para a Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Assassinada na noite de 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>. Acesso em: 15 dez. 2019.

dedicados; Che Guevara<sup>71</sup> e Fidel Castro<sup>72</sup>, que possuem um espaço próprio, onde duas colunas se erguem com imagens de cada um afixadas nelas, (Volume 2, pg. 53); Frida Kahlo<sup>73</sup>, pintora mexicana e ícone do movimento feminista também se fazia presente; Augusto Boal<sup>74</sup>, criador do teatro do oprimido; Faris Odeh<sup>75</sup>, o menino palestino morto pelo exército israelense por jogar pedras em um tanque. (Volume 2, págs. 54 e 55).

Há um espaço, em particular, onde foram depositadas as cinzas de três professores que colaboraram com o MST, lá será construído um memorial no estilo de um jardim oriental, pois dois dos professores eram de origem japonesa. (Volume 2, pg. 56). Para encerrar esse pequeno levantamento, o professor Antônio Cândido<sup>76</sup>, que inaugurou a biblioteca da Escola, ganhou um espaço e nominou a biblioteca; Gregório Bezerra, militante ligado ao Partido Comunista do Brasil (PCB), tinha sua imagem lá colocada;

---

<sup>71</sup> Ernesto “Che” Guevara (1928-1967). “Médico, jornalista, escritor, diplomata e líder revolucionário. Che nasceu em Rosário, na Argentina. Conheceu Fidel e Raúl Castro, outros dois importantes líderes da Revolução Cubana, em julho de 1955, durante o exílio dos irmãos no México. Foi durante esse encontro que se juntou ao *Movimento 26 de Julho* e partiu para Cuba a bordo do iate *Granma* com o objetivo de derrubar o ditador Fulgencio Batista. Em 1967, decidiu liderar uma empreitada revolucionária na Bolívia. No dia 8 de outubro, ao tentar furar o cerco, o grupo de Che foi alvejado pelos militares da Bolívia. Che, Simeón Cuba Sarabia e o peruano Juan Pablo Chang foram capturados, levados a uma escola em La Higuera, interrogados e executados em 9 de outubro”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/09/ha-52-anos-ernesto-che-guevara-era-assassinado-na-bolivia/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>72</sup> Fidel Alejandro Castro Ruz (1926-2016). “Fidel tornou Cuba um importante país do cenário mundial, enquanto sobrevivia às tentativas de assassinato da CIA e embargos econômicos dos EUA. Apesar das controvérsias, foi durante o seu governo que Cuba alcançou índices elevados de desenvolvimento humano e social”. Disponível em: <https://philos.tv/video/fidel-castro/61124/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>73</sup> Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954). “Uma das pintoras mexicanas mais famosas. Ela é conhecida por criar autorretratos intensos e coloridos, nos quais pintava a si mesma sempre séria e muitas vezes expressando dor. Elementos frequentes em suas obras incluem esqueletos, adagas e corações sangrando. Kahlo se inspirava em sua herança mexicana, incorporando em suas pinturas símbolos indígenas e religiosos”. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Frida-Kahlo/481631>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>74</sup> Augusto Pinto Boal (1931-2009). “Foi um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Desde os primórdios de sua carreira, no teatro de Arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, passando pelas Sábóperas, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, uma maneira brasileira de falar, sentir e pensar. Essa preocupação imprime ao seu trabalho uma dimensão política e social, concebendo o teatro como instrumento de transformação alicerçada na temática e na linguagem”. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/vida-e-obra/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>75</sup> Faris Odeh (1985-2000). “Jovem palestino morto pelas Forças de Defesa de Israel perto do posto de fronteira de Karni, na Faixa de Gaza, quando atirava pedras contra os tanques israelenses, no segundo mês da Intifada de Al-Aqsa. Segunda Intifada, conjunto de eventos que marcou a revolta civil palestina contra a ocupação israelense de seu território”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Faris\\_Odeh](https://pt.wikipedia.org/wiki/Faris_Odeh). Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>76</sup> Antonio Cândido de Mello e Souza (1918 - 2017). “Escritor, crítico literário, sociólogo e professor. Exponente da crítica literária brasileira. Suas obras tornam-se base para debate da formação literária nacional, associadas aos estudos de nossa construção sociológica. Inaugurou a Biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes”. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido>. Acesso em: 15 dez. 2019.

Florestan Fernandes<sup>77</sup>, que dá o nome a escola, tem uma imagem sua em tamanho natural, pouco antes do memorial aos Sem Terra assassinados no massacre de Eldorado de Carajás/PA; finalizando, o campo de futebol homenageia ao jogador Sócrates<sup>78</sup>, nele avistamos duas grandes bandeiras vermelhas, uma do MST com a imagem icônica de punho levantado do Dr. Sócrates e outra com a imagem do presidente Lula e a campanha Lula Livre. (Volume 2, pg. 57).

Continuamos nossa caminhada, e, após passarmos pela Casa de Artes “Frida Kahlo”, pela Mandala (um cultivo agrícola em formato espiral), a homenagem à vereadora carioca assassinada Marielle Franco, fomos em direção à Ciranda Saci Pererê, dedicada aos filhos pequenos dos moradores da Escola Nacional, atualmente por volta de 14 crianças. (Volume 2, pg. 58).

Em seguida passamos pela moradia de alguns trabalhadores e militantes da ENFF, vale lembrar que eles buscam empregar, na maioria das funções da escola, moradores das proximidades.

Após a moradia, existe um espaço assinalado por uma bandeira do MST e a foto de dois professores. Ali estão distribuídas as cinzas de Paulo Kageyama<sup>79</sup>, e Mitsue

---

<sup>77</sup> Florestan Fernandes (1920-1995). “Considerado fundador da sociologia crítica no Brasil, Florestan Fernandes foi o mestre de uma geração de cientistas sociais. Tentando conciliar a contribuição teórica de Karl Marx, Max Weber e dos funcionalistas, sua obra expressa uma interpretação original – sob muitos aspectos controversa – de nossa sociedade. Na universidade brasileira, foi o pioneiro no estudo das questões raciais; da escravidão e da abolição; das transformações de classe que esses processos históricos significaram; da revolução burguesa no Brasil; dos processos revolucionários na América Latina. Eleito deputado federal para a Constituinte, em 1986, pelo Partido dos Trabalhadores, foi reeleito em 1990. Algumas de suas obras: *A organização social dos Tupinambá* (1949), *Negros e brancos em São Paulo* (1959), *A sociologia numa era da revolução social* (1962), *A integração do negro na sociedade de classes* (1964), *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968), *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973), *A revolução burguesa no Brasil* (1975), *A Universidade Brasileira: reforma ou revolução?* (1975), *A sociologia no Brasil* (1977), *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana* (1979), *A natureza sociológica da sociologia* (1980), *O que é revolução?* (1981), *A ditadura em questão* (1982)”. Disponível em: [https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/f/fernandes\\_florestan.htm](https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/f/fernandes_florestan.htm). Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>78</sup> Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1954-2011). “Considerado um dos maiores jogadores brasileiros, Sócrates iniciou sua carreira no futebol aos 17 anos, passando por times como o Botafogo de Ribeirão Preto, Corinthians, Seleção Brasileira, entre outros. Nasceu em Belém e, além de artilheiro, foi médico. Nos campos e fora dele, defendia seu futebol e sua ideologia. No ano de 1978, entrou no Corinthians, seu time do coração, onde emplacou 172 gols. Lá foi um dos responsáveis pela chamada “Democracia Corinthiana”, que estabelecia equidade entre as decisões tomadas dentro do time. O jornalista Kfourri caracteriza a homenagem do MST, ao batizar seu campo de futebol com o nome “Dr. Sócrates Brasileiro” como muito mais importante do que qualquer outra, porque define a ideologia de Sócrates, no que ele acreditava”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/21/socrates-brasileiro-o-jogador-de-futebol-que-ousou-sonhar-com-um-mundo-sem-miserias/>. Acesso em: 15 dez. 2019.

<sup>79</sup> Paulo Yoshio Kageyama foi professor do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (USP/ESALQ), membro da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNbio) e consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) [...], foi

Morisawa, autora do livro *A história de luta pela terra e o MST* (2001). Rosana nos informou que será erguido um Memorial em forma de jardim oriental, homenageando os professores que escolheram a escola para deixar suas cinzas.

Após o encerramento, acompanhei Rosana, e aguardando o momento perguntei pela Manoela, meu contato na ENFF, ela estava relaxando um pouco próximo a uma grande bandeira do MST, me apresentei, agradei às dicas e às informações. Presenteei-a com o livro *Sê-los*, entreguei outros para a Biblioteca da Escola, que possui mais de 40.000 livros.

### Portais de lutas

Manoela me levou à lojinha para mostrar-me alguns livros importantes; mostrou-me o *Pedagogia da Terra*, de Roseli Caldart. Falou-me de um curso de formação sobre o pensamento de Marx, Mao e Gramsci, a ocorrer na Semana Santa, mas disse-lhe que estava ouvindo meu orientador falar: “Foco, Márcio, foco!” Também em nossa rápida conversa, falou sobre as três pedagogias que a ENFF adota, Pedagogia Socialista, Freireana e Cubana.

Na lojinha da escola, onde fui levado para ver o material disponível, me chamou a atenção as pinturas feitas nas portas, muitas lutas ali representadas. Cada porta trazia uma luta: a questão da terra, o feminismo, a diversidade, a questão indígena e uma frase de Hugo Chavez “Si yo me callo, gritarían las piedras de los pueblos de América Latina que están dispuestos a ser libres de todo colonialismo después de 500 años de coloniaje”.<sup>80</sup> (Volume 2, págs. 59 e 60).

Apesar dos contratempos, a ida à ENFF rendeu bons frutos. Não houve impedimento de minha entrada, e a recepção a minha proposta, mesmo feita de maneira muito informal, agregou o convite para participar de um curso especificamente sobre Paulo Freire e o tema que busco abarcar na tese, além do convite para ficar depois do curso e discutir com as palestrantes, uma de Pernambuco e outra de São Paulo. Embora não tenha seguido o rumo programado, no sentido de ser o cerne da tese, possibilitou

---

um dos maiores lutadores contra os transgênicos, denunciando a participação dessa tecnologia na destruição da biodiversidade e o envenenamento do meio ambiente e da população. <https://mst.org.br/2016/05/18/em-nota-mst-lamenta-o-falecimento-do-professor-paulo-kageyama/> Acesso em 15 dez. 2019

<sup>80</sup> Uma tradução possível seria: “Se eu me calar, gritariam as pedras dos povos da América Latina que estão dispostos a serem livres de todo o colonialismo depois de 500 anos de colônia.”

perceber a importância de Paulo Freire na educação campestre e na minha prática na escola.

As imagens utilizadas na tese vão para além da ilustração, pois cada uma carrega em si uma narrativa de luta, de posicionamento diante do mundo. Conforme Guimarães relatou ao analisar as imagens de um projeto de tese, cujo intuito era criar uma cartografia do afeto,

Nas imagens trazidas pelas cartografias, inúmeros outros ambientes se abrem, são produzidos, se inventam. Nesse exercício de construção, ao mesmo tempo artístico, político e pedagógico, examinamos algo do que nos afeta, trazemos à tona um pouco daquilo que nos faz ser o que provisoriamente somos – e isso potencializa, acreditamos, a vida, a densidade das nossas relações socioambientais. (GUIMARÃES, 2015, p. 76).

Em seguida, me despedi e retornei para Campinas. Enquanto aguardava a condução para retornar à cidade, registrei outros painéis, feitos no muro exterior da Escola.

Tantas pessoas, tantas memórias, tanta História, muitos ensinamentos.

#### 5.3.4 Segunda visita à ENFF – 25 de maio de 2019 – preparativos

Da viagem anterior, havia me comprometido em conseguir alguns livros de literatura nacional. Manu nos relatou um fato curioso, a Biblioteca da Escola Nacional Florestam Fernandes conta com uns 40.000 volumes, para mais, de livros. A Direção Nacional certa vez procurou a biblioteca em busca de literatura nacional, pois queriam conhecer mais do Brasil, além dos livros teóricos elaborados pelos pensadores do país. E se assustaram por ter poucos naquele espaço, denominado Antônio Cândido, um crítico literário.

Comentei na Escola Estadual Aníbal de Freitas, onde ministrei aulas de filosofia, sobre a viagem, o coordenador Adaor demonstrou interesse e mostrei a ele como fazer os procedimentos para a inscrição no Ciclo de Debates e que estivesse em casa às 7 horas do dia 25 para seguirmos viagem para Guararema/SP.

Como retornaria à ENFF no dia 25, revisei mentalmente minha biblioteca e localizei alguns livros que serviriam para este fim, Manu havia me informado que a Biblioteca da ENFF tinha carência de livros de literatura, desta forma selecionei alguns clássicos da literatura nacional, como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector, Drummond, a coleção *Para gostar de ler*, Sê-los, Projeto Clareando,

Filosofia Clínica e Cinema, a biografia de Anthony Quim e apostilas de cursinhos pré-vestibulares. Aproveitei que estava com a exposição *Lama sem Alma*, reunindo cartuns, charges e poesias sobre a tragédia de Brumadinho/MG, na Gibiteca da Biblioteca Pública Municipal “Prof. Ernesto Manuel Zink” e conversei com a responsável Suze Elias, contei-lhe sobre a ENFF e a necessidade de livros com aquele perfil: literatura. Ela se prontificou em conseguir alguns. Que eu passasse lá no dia 24, uma sexta-feira, para pegar o material. Qual não foi minha surpresa ao me deparar com cinco caixas grandes de livros de literatura. Além da nacional, muitas internacionais, alguns técnicos, romances. Somados à doação de minha irmã, estes mais técnicos, de administração, marketing, acabei lotando o bagageiro do carro e partimos, meu irmão e mãe (que seguiriam viagem para encontrar com minha tia em Taubaté), e o Adaor e eu, que ficaríamos na ENFF.

### Chegada

Ao chegarmos diante dos portões da ENFF, havia uma fila imensa, ônibus e carros para o evento. Lá dentro, ocorria, no auditório Rosa de Luxemburgo, a reunião do CONEN – Coordenação Nacional das Entidades Negras. Enquanto o auditório Patativa do Assaré era preparado para o Ciclo de Debates “Educação como prática de liberdade - as contribuições do pensamento de Paulo Freire para uma pedagogia crítica e popular.” A entrada estava movimentada em virtude do Ciclo de Debates sobre a importância do pensamento de Paulo Freire para uma pedagogia crítica e popular, como está na divulgação.

Dirigimo-nos ao auditório Patativa do Assaré. Anunciando a sala, uma placa esculpida em madeira assinalando o local e a data da inauguração, 22 de setembro de 2007, ao fundo já se avistava o rosto do poeta cearense. O espaço logo ficou lotado. Alunos de Pedagogia do estado de São Paulo, de diversas universidades, e também professores da rede municipal e da rede estadual de ensino, dirigentes, interessados, alguns militantes populares. O palco armado, acima as bandeiras do MST e da Via Campesina, as paredes cheias de quadros homenageando os inspiradores da luta.

Após nos posicionarmos, a mesa foi composta com Marisa, da Direção Nacional do MST, Setor de Educação e Flávio, da Escola Paulo Freire.

Flávio discorreu sobre a biografia de Paulo Freire, de forma bem sucinta, mas sem deixar de destacar alguns pontos na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, principalmente a questão da utilização da educação bancária como forma de opressão e do diálogo como

possibilidade de libertação do oprimido. Em seguida, Marisa, falou do tema do debate. A importância do pensamento de Paulo Freire e sua influência na formação de uma pedagogia crítica e popular.

Comentou sobre o ainda grande número de analfabetos no campo e o programa pedagógico cubano “Si, yo puedo” e como ele tem auxiliado o MST na erradicação do analfabetismo nos acampamentos. (Volume 2, pg. 61).

### Participação Ciclo Debate

Após a abertura para participação do público, no primeiro grupo de cinco questões uma professora se identificou como próxima do grupo indígena Guarani, do interior de São Paulo, e destacou a questão da “amorosidade” na pedagogia guarani, e a questão de o tempo de aprendizagem ser diferente. No momento em que me foi concedida a palavra, num segundo grupo de perguntas, resgatei o termo usado pela professora como algo caro a Paulo Freire, a amorosidade, e que achei interessante um grupo que provavelmente não conhecesse a proposta freireana utilizar-se de um termo também usado por Freire; e perguntei, visto o MST estar utilizando um método de alfabetização cubano, sabendo-se que a proposta de Paulo Freire agora estava sendo vista com mais interesse em Cuba, Marcos que estive lá recentemente, me apresentou alguns artigos que foram publicados naquele país que tratavam sobre a educação popular e Paulo Freire, como *La progression del pensamiento político pedagógico de Paulo Freire*, de Alfonso C. Scocuglia, onde o autor busca, por meio da produção literária de Freire, analisar o progresso do pensamento do educador brasileiro inicialmente voltado para o Brasil e América Latina, em seguida para a África e depois despertando o interesse da Europa e América do Norte e *Freire e Cuba hoy*, de Esther Pérez, que analisa o *Pedagogia da Autonomia* como um texto de fase madura de Freire e lamenta que *Pedagogia do Oprimido* chegara a pouco tempo a Cuba; perguntei o que Marisa conseguia ver de proximidade entre as duas propostas. A resposta foi que Paulo Freire sempre está no referencial pedagógico do MST.

### Conversas com Marisa e Rosana

Depois da palestra, procurei a Marisa, me identifiquei, apresentando resumidamente minha proposta de estudo, ela se prontificou em me auxiliar, perguntando/oferecendo alguns assentamentos onde eu poderia realizar minha pesquisa.

Anotei seus dados e corri atrás da Rosana, que já conhecia da minha ida anterior. Conversei sobre minha proposta e ela se dispôs também a me ajudar, no entanto me informou que estava indo para Moçambique se unir a uma brigada do MST que já se encontrava naquele país auxiliando a população. Perguntei no que, especificamente, o MST auxiliava, ela me disse que na questão da agricultura, no plantio, levando grãos, e também na questão da educação.

#### Animosidades e Apresentação oral da ENFF por Rosana

Uma curiosidade. Antes da apresentação de Rosana, a professora da amorosidade, talvez por eu ter questionado o que era possível identificar de Freire na proposta cubana, se aproximou de mim e da Marisa e começou a criticar o Ciclo de Debate, que havia sido muito raso, que as falas não acrescentaram nada. Quando ela se dirigiu a mim, eu conversava com Rosana sobre os possíveis contatos posteriores para a pesquisa, nisso a professora me perguntou sobre a próxima palestra, se seria boa. Informei que ela abordaria a história e o funcionamento da ENFF. A professora continuou sua crítica dizendo que se fosse como a anterior era melhor ela participar do CONEN, onde estivera e fora chamada sua atenção para que ficasse quieta, e havia gostado disso. Pensei: cadê a amorosidade na visita à casa do outro que te recebe?

Após esse breve e áspero diálogo, fomos ao segundo momento, após o Ciclo de Debate, a tradicional apresentação da história da Escola Nacional Florestan Fernandes teve que ser feita oralmente, pois havia pifado o equipamento de audiovisual.

#### Micro Marcha – Manu Mulheres

Após a fala da Rosana sobre a história da ENFF, o grupo, por ser grande, foi dividido em dois menores. Um ficou com Rosana e outro com Manoela, optei por seguir o grupo da Manoela, pois gostaria de ouvir um outro relato sobre a ENFF, já que na visita anterior escutara a narrativa de Rosana. Além do tradicional sobre a construção, desta vez soube que todo o terreno foi comprado em seis vezes, a primeira gleba é onde está construída toda a parte principal da ENFF, depois as cinco partes restantes foram compradas aos poucos. O que me chamou atenção foi quando comentei sobre a existência, no banheiro masculino, de um recado deixado aos homens sobre a violência contra a mulher. Manu esclareceu que há um período em que só mulheres ficam na ENFF num

curso de formação. Nas palavras da Manu, “elas ocupam a escola e fazem intervenções”, uma dessas intervenções foi no banheiro masculino que, além do adesivo, tinha corpos desenhados no espelho. (Volume 2, pg. 42).

Encerrado a caminhada, o pessoal se dispersou. Retornando para os seus grupos, para seus carros. Cada um retornando ao seu cotidiano. Na saída, fiquei esperando minha carona para voltar à Campinas, fiquei reparando melhor nas pinturas do muro externo, como dentro da escola, ali estavam as marcas da presença de pessoas que estiveram estudando e interagindo. (Volume 2, págs. 62 e 63). Paulo Freire estava lá, nominando a XI turma do Curso de Teoria Política Latino Americana; Chris Hani, militante do Partido Comunista sul-africano deu nome à turma do curso internacional de política. Desta forma encerrava, provisoriamente, minha participação nos cursos promovidos pela Escola Nacional Florestan Fernandes.

## 6 PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS DE EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS

Há um pensamento que reverbera em mim quando me vejo no mundo: “Nenhum homem é uma ilha”, frase que carregava há anos sem saber o autor, ficava a imaginar aquela porção de terra, rodeada de água. Ali, já pensava: uma ilha, apesar de aparentemente isolada, está conectada à terra, ela é apenas o cume de uma montanha submersa. Recentemente me deparei com o autor, John Donne, poeta inglês do final do século XIV.

Nenhum homem é uma ilha, completa em si mesma; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se tivesse perdido um promontório, ou perdido o solar de um amigo teu, ou o teu próprio. A morte de qualquer homem diminui a mim, porque na humanidade me encontro envolvido; por isso, nunca mandes perguntar por quem os sinos doam; eles doam por ti.<sup>81</sup>

Mas o que teria a ver essa metáfora insular com este momento da escrita? Em uma primeira leitura podemos afirmar que ninguém é ou está só nessa caminhada “solitária” rumo à titulação. Nas aulas do doutorado, nas defesas de teses e monografias, há vários interlocutores que veem trazendo/ofertando pedrinhas que nos auxiliam na composição do nosso mosaico. Mostrando que, se às vezes nos sentimos ilhas, é porque não percebemos o arquipélago ao qual pertencemos, uma cadeia de montanhas interligadas que, na superfície, parece ilhas distantes, desconectadas.

Desta forma fui tomando conhecimento, primeiramente com a produção marcante para mim, que estava adentrando neste mundo de novos termos e conceitos. A dissertação de Eder Proença, *Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar* (2009), me apresentava aos conceitos *Narrativas*,

Dessa forma, a construção de narrativas (BOVO, 2004; RIBEIRO, 2004; SILVA, 2004; BONFANTI, 2005; BARCHI, 2006; SILVA, 2006; LIMA, 2007), possibilitaram a criação de novos territórios que vão se estabelecendo e nem sempre reconhecidos, mas são de grande importância, por exemplo, ao desconstruir a ideia de senso comum que reserva para os “caipiras” um lugar na roça, resignificando-a e respeitando-a como uma das possibilidades de vivência e identidade. (2009:18)

E o seu desdobramento no que viria a conhecer melhor no *Educação ambiental: utopia e práxis* (2008), de Reigota, o conceito de *Bio:grafia*, já citado, que difere das ideias de biografia, autobiografia, narrativa etnográfica.

---

<sup>81</sup> John Donne (poeta inglês, 1572-1631) Meditação XVII, do livro *Devotions Upon Emergent Occasions*, 1624. Este poema em prosa inspirou o título do romance “Por quem os sinos doam”, de Ernest Hemingway (1940) (Tradução: José Carlos Ruy). In <http://www.vermelho.org.br/noticia/165821-11>

Interessante perceber o potencial pedagógico destas trajetórias e narrativas, bem como “o seu potencial político para dar visibilidade às práxis cotidianas” (REIGOTA, 2008, p. 123). Ainda de forma titubeante, comecei a pensar em como utilizar essas “ferramentas” no meu cotidiano escolar.

Já frequentando o Programa de Pós-Graduação da Uniso, tive a oportunidade de assistir à defesa da dissertação de Cristiane, cujo tema era *Adolescentes em cumprimento de liberdade assistida no cotidiano escolar* (2017). Paulo Freire veio, como ele mesmo sempre solicitou, sob a forma de releitura:

Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntica a outro contexto (FREIRE, 1982, p. 17).

Dessa forma, Cristiane Vitória trouxe para sua leitura daqueles adolescentes em liberdade assistida em seu cotidiano escolar a preocupação freireana em relação aos adolescentes pobres e a importância de pensar o Brasil e o mundo que queremos. A luta das minorias, dos proibidos, negros e não negros, sua leitura a partir do movimento das minorias, Freire já havia escrito sua *Pedagogia do Oprimido*, onde, nesse sentido, destaca a influência do pensador Frantz Fanon e sua obra *Os condenados da terra* (1968) para uma melhor compreensão da luta de classes. Assim, Cristiane nos convida a uma reflexão sobre a prática docente com aqueles adolescentes em conflito com a lei, os negros, os pobres, os “que trazem na bagagem uma luta cotidiana de sobrevivência e histórias de superação, pessoas cuja esperança é depositada na escola ou na universidade” (VITÓRIO, 2017, p. 59).

A tese de Ariane Diniz, *Cartas para Paulo Freire e sua rede: o cotidiano de extensão em uma universidade comunitária*, fez uma abordagem diferenciada, como se houvesse uma troca de correspondência entre ela e o educador – falecido em 1997, mas que se fazia presente, por conhecer a obra freireana, a correspondência que aparentava ser de caminho única obtinha uma resposta do destinatário.

[...] a resposta vem no meu crescimento, na mudança de atitudes e no saber desenvolvido na pesquisa – arrisco-me em dizer que ele provavelmente gostaria muito desse tipo de troca, pois das pessoas que conviveram com ele, sempre ouvi sobre a sua postura generosa em que havia muito espaço para o diálogo. (DINIZ, 2017, p. 24).

O diálogo ainda se faz presente, mesmo na ausência física do outro.

A tese *Mulheres no congo do Espírito Santo*, de Andréia Ramos, aborda as lutas de mulheres brasileiras e mexicanas, com realidades distintas, mas com

Lutas e afirmação de mulheres que têm vidas diferentes, mas com propósitos de existência e modos de re-existência que se constroem na prática cotidiana. E as ideias de Paulo Freire me ajudaram a perceber a grandeza dessas lutas miúdas. (RAMOS, 2018, p. 15).

Andréia faz um estudo em favor dos menores, os marginalizados, os invisíveis, de suas lutas e as alternativas para superação das adversidades por meio da esperança, da cultura da paz. A luta

[...] dos indígenas, quilombolas, pescadores/as, desfiadeiras de siris, ribeirinhos, caiçaras, negros e negras, congueiros, congueiras, mulheres do congo, mestres de congo, exercitando aproximações com a esperança, a cultura da paz, de modos de existências solidários, por entre conversas amorosas e de alternativas às alternativas de existências no mundo contemporâneo. Estudo contra a opressão, as desigualdades e injustiças sociais, os preconceitos étnicos, de gênero, classe, religião, racismos, homofobias, moralismo, capitalismo, neoliberalismo, fascismo, colonialismo... e outros ismos. Estudo contra o sistema do patriarcado, contra os colonizadores, opressores, as verdades absolutas.. (RAMOS, 2018, p. 60).

Dessa forma, os escritos freireanos nos alertam para um não acomodamento,

para que continuemos a inventar re-existências ecologistas nos cotidianos escolares, com o exercício de práticas pedagógicas ecologistas e libertárias que potencializem autonomias, no sentido de vidas que criam, que se reinventam no exercício da amorosidade, da alegria, dos encontros, desencontros e reencontros de saberes com afetos (2018: 69)

A tese de Carmem Machado, *Cotidiano escolar e arte: uma pedagogia do (des)encontro*, relata como as performances de Marina Abramovic a levaram a refletir sobre o cotidiano como um lugar de acontecimentos, um lugar de (des)encontros. Porque são performances que violam o corpo, causando estranhamentos. *Porque dificilmente estamos acostumados a entrar em contato conosco*. Afirma Carmem:

A pedagogia do (des)encontro vai se alimentando das práticas pedagógicas e se sustenta na pedagogia freireana. São três os conceitos que fazem parte da Pedagogia do (des)encontro: A escuta sensível; o diálogo, e a compreensão do inacabamento. (MACHADO, 2019, p. 16).

## 7. Percorrendo o fio de Ariadne - Considerações

### 7.1 Criação – Meu mundo

Ao me deparar com a finitude, com a morte de meu pai em agosto de 2018, meu primeiro movimento foi deixar tudo para trás, largar o doutorado. Uma pausa se fez necessária. Mas não uma pausa longa, a academia não deixa, o tempo não para! Em novembro, deste mesmo ano, por indicação de meu orientador, procurei um acompanhamento de escrita para me ajudar a retomá-la. Durante o acompanhamento fui instigado a começar a partir desta frase: *Eu vim de lá...* Fui à fonte, Dona Ivone Lara. Três versos da canção *Alguém me avisou* formam os marcos divisórios daquele exercício existencial que me foi proposto. *Eu vim de lá pequenininho* conta meu nascimento em Belém/PA e vida em Macapá/AP; *Alguém me avisou para pisar neste chão devagarinho*, é minha chegada ao sudeste, a descoberta do frio, outra forma de falar a língua portuguesa, a descoberta do *você*, o pão de queijo, o doce *romeu e julieta*, que rapidamente transformei em *dona flor e seus dois maridos*. Foram nove anos de descobertas e amizades, em Poços de Caldas/MG. *Eu estou aqui, o que é que há...* retrata meu momento em Campinas/SP (e no mundo). Curioso perceber que cada mudança de localidade foi motivada pela educação, minha e de meus irmãos; meu pai, sabedor da importância desta, afinal ele conseguira superar sua condição de pobreza através dela, desejava, junto com minha mãe, uma educação sempre melhor para seus filhos, daí as mudanças para centros grandes, mas não populosos. Foi dessa forma, em Campinas, que concluí o ensino médio, me aventurei no ensino superior, no meu posicionamento no mundo como sujeito e cidadão. Foi nessa região que iniciei meu magistério e me descobri professor.

Mas antes, nesse escrever minha historicidade, me deparei com o texto *Somos todos impermanentes*, de Vânia Gomes. Um texto com um pequeno trecho que me dizia: Levanta!

Impossível preparar-se cultivando o desânimo: há muito o que viver e tão pouco tempo!

A manhã deste domingo passou, nunca mais a viveremos. 2018 termina, nunca mais o veremos. Em que momento posso estar atenta? Agora. Em que momento posso amar? Agora. Em que momento posso dar curso aos meus projetos? Agora.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> GOMES, Vânia. Somos todos impermanentes. Postado no Facebook em 31 de dezembro de 2018. <https://www.facebook.com/vania.gomes.11>

Esse texto, confessei à Vânia, de tão tocado por ele, compartilhei com meus alunos do ensino médio. Assim, com uma pequena ajuda dos amigos, retornava ao doutorado.

Esse olhar para mim, para meu relato existencial, para o caminho feito, os rastros deixados, me fez constatar que o trabalho apresentado é quase uma síntese desse percurso. Algo inevitável. Iniciando no ensino médio com o pequeno grupo de proto-poetas, participando do grupo de interessados na preservação da história e do prédio da Escola Estadual Culto à Ciência; da fundação do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, e nele atuando na Comissão de Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente; cursando filosofia na PUCC e atuando no movimento estudantil; posteriormente cursando a especialização em Filosofia Clínica e participando da fundação da Associação Nacional de Filósofos Clínicos – ANFIC; a entrada no mestrado em filosofia na PUCC e a conclusão do mesmo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e finalizando, agora, o doutorado em educação na Uniso.

Iniciei minha caminhada no doutorado com um mapa que havia rascunhado. A fundamentação filosófica do pensamento de Paulo Freire, conhecia um pouco da obra do educador, e trazia uma bagagem acadêmica na área da filosofia. Mas, o caminho se faz ao caminhar, desta forma, diante das novas circunstâncias vivenciadas uma nova proposta se fez presente.

Coletar narrativas e fotografias produzidas pelas crianças dos assentamentos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, ao analisá-las, verificar nesses relatos a possibilidade de identificar a visão de mundo e como elas se viam.

## **7.2 Luta – Olhar para o mundo do outro**

Não é possível compartimentar a vida. As vivências em salas de aula, seja como estudante em Sorocaba, seja como professor em Campinas, se mesclam, assim como esses papéis existenciais. E em cada endereço dialogo com o outro. A questão da alteridade é o escopo do pensamento de Paulo Freire, não há como realizar qualquer movimento sem ter como premissa o outro, o respeito ao outro.

Dessa forma, um primeiro movimento que percebi aconteceu ao elaborar o projeto da Biblioteca Popular Paulo Freire. Sem conhecer a região onde ela seria instalada, me dirigi à pessoa que estaria à frente, que propusera instalar uma biblioteca no bairro. Genésio foi me detalhando como era o bairro Santa Rosa, como funcionava a Associação de Bairro e a relação desta com a Biblioteca, o que esperava e projetava para ela.

Outro exercício de alteridade realizamos, eu e José Gabriel – na época professores do curso de Pedagogia –, com o filme *Olhos Azuis* (1996), no qual a professora norte-americana Jane Elliot ministra uma oficina sobre preconceito. Elliot separa as pessoas pela cor dos olhos, sendo que os de cor azul serão os que sofrerão as discriminações dos outros olhos. Assim solicitávamos às nossas alunas que falassem de como o vídeo as afetara e como a ausência, ou presença do olhar o outro se manifestava na sala de aula.

Se existir uma história prévia do dialogar com os alunos sobre a alteridade, esta prévia ocorreu com a obra *Sê-los* (2014) e a exposição *Olhos d'alma* (2016). Em *Sê-los*, um livro de poesia, reuni uma amiga, Maíra; meu pai Derossy e meu irmão caçula, Glauber Júlio; dois estudantes que haviam acabado de se formar no ensino médio, Daniel Leão e Isadora Gomes. Solicitei a colaboração de outros estudantes meus para ilustrarem e traduzirem para o russo, francês e japonês algumas poesias. Sem direcionar a arte, interessava-me como as poesias tocavam os artistas e a transposição para a imagem que estampa, o livro tem o formato de “cartão-postal”. Já para a exposição *Olhos d'alma*, eu e dois estudantes, Joseph Costa e Gabriela Furquim, fotografamos alguns olhos de alunos e alunas e colocamos nossa poesia.

A partir desses trabalhos, iniciei um outro, envolvendo, agora, todos meus alunos e alunas, primeiramente pedindo que retratassem seu mundo (2017), ou melhor, a percepção que tinham do mundo, como este os afetava e como essa relação era percebida por eles, através da poesia e fotografia. No ano seguinte, o caminho foi diferente: ir ao mundo do outro e, tentando ser o mais fiel possível ao outro, relatar esse diálogo, também em palavras e imagens.

No início de 2019, enquanto elaborava a exposição *Olho d'água*, ocorreu a tragédia com a barragem de rejeitos de Brumadinho, e o cartunista Jal Lovetro lançou um apelo aos cartunistas que produzissem desenhos para a exposição virtual *Lama sem Alma*; participei e levei a ideia para a escola. Por que não envolvemos nossos estudantes? indaguei. Desta feita, com o trabalho entre as disciplinas, trouxemos para este mundo a exposição *Lama sem Alma – poesias e charges*, com a participação do cineasta Carlos Pronzato que estava filmando a tragédia e permitiu que utilizássemos suas poesias. Nos dois últimos meses do ano passado, a Exposição percorreu os campi da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Enquanto organizava esses trabalhos junto com os estudantes, realizava o levantamento de material histórico e pedagógico do MST, pois tinha uma visita

confirmada à Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) para apresentar a proposta de trabalho e verificar a viabilidade da pesquisa nos assentamentos.

Esse primeiro contato se desdobrou em mais uma visita, onde, atendendo um pedido da secretaria da ENFF, levei doações de livros conseguidos com a Biblioteca Municipal.

Diante de algumas dificuldades com as quais me deparei, a visita às escolas dos acampamentos foi inviabilizada. O acampamento indicado ficava muito longe de Campinas, na divisa com o estado do Paraná. No entanto, ao elaborar esta tese, me dei conta, e os colegas já haviam indicado, que o trabalho com meus estudantes trazia os conceitos com os quais desejava realizar a pesquisa.

### 7.3 Conceitos

Os caminhos percorridos foram realizados com uma variedade de calçados. Mas há um principal, um que está a sulear<sup>83</sup> o percurso. É a questão da **alteridade**, em virtude da minha formação terapêutica em Filosofia Clínica. Ir em direção ao mundo do outro é uma premissa. Saber ir em direção ao mundo do outro, um aprendizado.

Um primeiro contato com esse termo/exercício foi através do professor Lúcio Packter, que destaca dois importantes pensadores, Martin Buber e Emanuel Levinas, durante o curso de formação em Filosofia Clínica. Segundo ele, Buber, em sua obra *Eu-Tu* fará a seguinte distinção: a relação *Eu-Tu* chama as reflexões sobre humanismo, coisificação, experiência, enquanto que a relação *Eu-Iso* leva à coisificação do outro.

Levinas é outro filósofo da alteridade indicado por Packter; basicamente ele irá nos falar da importância do outro, que existimos a partir da existência do outro, fala ainda

---

<sup>83</sup> Em 1991, o físico brasileiro Marcio D'Olne Campos publicou o texto "A Arte de sulear-se" [trecho] ORIENTAÇÃO, NORTEAMENTO OU SULEAMENTO ? QUAL É MAIS NOSSO? Depende dos nossos referenciais locais ou um pouco mais amplos como no nosso caso: estar no hemisfério sul e, ao contrário de Portugal, não ver a Estrela Polar ou Polaris que alguns índios chamam de "a estrela que nunca se move". Essa denominação se deve ao fato de que essa estrela está situada para a visão a partir da Terra, no ponto em que o eixo polar terrestre "fura" o céu a partir do polo norte. Para nós do hemisfério sul, não existe estrela no ponto em que o eixo polar "fura" o céu, esse ponto é chamado de polo sul celeste (PSC). Em função do movimento de rotação da terra em torno do eixo polar, nós vemos do nosso referencial terrestre e durante a noite, a constelação do Cruzeiro do Sul (Cruxis) circular em torno do PSC. [...] Quando aprendemos a nos ORIENTar, gerações e gerações são ensinadas a colocar o braço direito para o lado do ORIENTE. O problema é que desse jeito estamos olhando para o NORTE. Os habitantes do hemisfério NORTE continuam NORTEados por essa regra prática da mão direita, para nós ela nos desNORTEia. Por que não instituir a regra que para nós é prática: colocar a mão esquerda apontando o lado do nascente ou oriente para estarmos olhando para o SUL no ato de "SULear". Com isso integramos esquema corporal e lateralidade de uma forma coerente entre o Céu e a Terra, PERCEBENDO o nosso horizonte, o nosso ambiente. (1991)

da responsabilidade para com este. No entanto, um dos empecilhos para de fatos irmos ao mundo do outro é a linguagem. Conseguimos conhecer uma parte desta pessoa através do que ela expressa, “mas ela é muito mais do que isso, ela é muito maior”

Ao ler Paulo Freire, percebi que, para que seu método de alfabetização tivesse êxito, era necessário ao alfabetizador ir ao mundo do outro. Conhecer a sua linguagem, seu contexto existencial, seu lugar no mundo, suas relações. Para, desta forma, existir o diálogo. O educador aprende a linguagem do educando. Não realiza o depósito de conteúdo. Como devolutiva, a alfabetização ultrapassa as letras, trata-se de o outro perceber-se sujeito no mundo e sujeito da própria história.

Outro calçado que faz par com a alteridade, é o **diálogo**. Dialogar é algo fundamental para Paulo Freire. Em sua obra, *Educação para a liberdade* (1967), nas dedicatórias, ele agradece a seus pais, com quem aprendeu muito cedo o diálogo. E agradece a sua esposa Elza e seus filhos com quem continua o diálogo aprendido com seus pais.

Ao analisar a história do Brasil, Freire explica que a falta de diálogo é responsável pelas condições negativas das experiências democráticas. Resgata Padre Antônio Vieira, em *Sermões*, ao citar: “O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. “Doente.” Sem fala autêntica.” (VIEIRA, 1959: 330, apud FREIRE, 1967:67).

Não é possível o diálogo com uma estrutura do grande domínio, com um tipo de economia autárquica. Para o diálogo, é necessária uma mentalidade que não floresce em lugares opressores, absolutistas. Lugares herméticos são propícios ao antidiálogo, conclui Freire.

Para que haja diálogo, é necessário espaço democrático, e para que haja espaço democrático, é imprescindível o diálogo.

Outros calçados foram sendo agregados conforme a caminhada avançava. São calçados que, apesar de estarem em caixas distintas, estão intrinsecamente entrelaçados.

Um dos calçados com os quais cheguei aqui foi a **historicidade**, que é, para nós terapeutas, a história de vida da pessoa contada por ela mesma, com interferência mínima do filósofo clínico. Na terapia, evitamos que essa narrativa seja feita de forma aleatória – chamamos de salto lógicos, uma mudança de assunto – procurando manter o relato em uma forma cronológica, da lembrança mais remota até o momento atual. Dessa forma, reunimos os dados das situações vivenciadas por ela, permitindo que compreendamos o

contexto, de maneira que as vivências terão uma identidade compreensível, encadeada na história da pessoa.

Durante o doutorado, à *historicidade* vieram complementar os conceitos de *narrativa* e *bio:grafia*. O primeiro se define como uma forma de conhecimento que faz a diferença entre os sujeitos e os diferenciam na interpretação e ação que têm da e na história, desestruturando a hierarquia referenciada no conhecimento científico; e o segundo diz respeito a nossa maneira de narrar nossa presença no mundo e nossas relações existenciais, profissionais e políticas, que permite nos autoidentificarmos como sujeitos de história.

A proposta é que percebamos as formas de abordagens das histórias de vida que nos são relatadas. Essa perspectiva e cuidado está presente nos trabalhos realizados na escola, exemplificados nas exposições de fotografia e poesia.

As imagens e palavras utilizadas remetem aos ensinamentos da Nilda Alves, é trazer esses agentes do cotidiano escolar, com suas imagens de origens diversas, impregnadas da impossibilidade de generalização. Ao analisarmos as mostras ftopoéticas, nelas percebemos as “marcas” das aulas deixadas, o que permitimos e o que aprendemos e o que transmitimos.

#### 7.4 Últimas exposições

O ano escolar de 2019 se encerrou com duas exposições: *Olho d'água* (fotografias e poesias) e *Mulheres cientistas que estão no gibi* (biografias em HQ).

O primeiro é sequência das outras exposições, *Como mundo me parece* (2017) e *Visitando O Mundo Do Outro* (2018), presentes no volume. Para *Olhos d'água usei como tema Buscas* e foi elaborado de uma forma para que não ficasse restrito às perguntas comumente ouvida pelos estudantes *que faculdade você vai fazer? Ou, O que você vai fazer quando terminar o ensino médio?* Essa busca imediata e geralmente cobrada, questão constante na vida dos educandos, principalmente para os que se encontram no último ano do ensino médio. Para esta exposição, utilizei-me da definição elaborada pelo Lucio Packter para o tópico Busca

“Busca é como se denomina devir, a esperança, o projeto pessoal, o para onde queremos ir, qual a procura imediata e mais remota, o sonho guardado (confesso ou não). Algo pequeno ou grande, mas sempre significativa a quem o possui”.<sup>84</sup>

<sup>84</sup> PACKTER, Lucio. *Caderno C*. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997. P. 133.

Busca é um dos componentes de análise da Estrutura de Pensamento, que é a forma como a pessoa se estrutura ao se relacionar com o mundo em que se encontra, para a Filosofia Clínica.

Por que *Olho d'água*? Quando fui indagado por Louie Ferreira, ex-aluna e agora curador da exposição, por que desse título para a exposição, expliquei que: Todo rio inicia em um olho d'água, que a ideia era essa. A turma que participava da exposição estava iniciando seus passos na vida, tinham um curso todo pela frente até o mar. O que brotava ali no nascedouro? Isso é o que interessava.

A segunda exposição, denominada *Mulheres Cientistas que estão no gibi*, é resultado de uma parceria da Unicamp com a Escola Estadual Aníbal de Freitas, denominado *Projeto M.A.F.A.L.D.A.* (Meninas na química, Física e engenharia para Liderar o Desenvolvimento em ciência). A finalidade do projeto é incentivar as meninas da escola, do Ensino Médio, a seguirem carreiras nas áreas de ciências exatas, como engenharias, computação, física, química ou matemática.<sup>85</sup>

A escolha dessas áreas, segundo o projeto, é por serem elas predominantemente dominadas por homens, tendo uma pequena participação feminina. A história vem demonstrando uma crescente participação das mulheres nestes campos da ciência. E a colaboração delas, durante grande parte da história da humanidade, vem sendo ofuscada.

A professora de física da Escola Aníbal de Freitas, Laura Ramos de Freitas, me convidou para, junto com as alunas, produzirmos uma revista de história em quadrinhos, relatando as histórias de vida das cientistas e suas importâncias para o desenvolvimento da ciência.

Agora, em 2020, fomos convidados para expor na Gibiteca da Biblioteca Pública Municipal de Campinas “Professor Emanuel Zink”, no mês de março, em comemoração à luta das mulheres.

### **7.5 No doutorado (caminhando, cantando e seguindo a canção)**

“De repente, me vi imerso em minha história de vida”.

Essa é a frase com a qual início a seção sobre o doutorado na tese. E essa é realmente a sensação que tive nos primeiros contatos com as aulas na pós-graduação em

---

<sup>85</sup> <https://unicampmafalda.wordpress.com/projeto/> consultada em 28/10/2019.

educação na Uniso, pelos idos de 2016. A cada aula assistida, percebia que algumas peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. Era como se cada aula resgatasse um pouco de mim, de minha caminhada até o momento atual e, o que considero o mais fantástico, descortinou um horizonte de possibilidades.

Um primeiro momento, antes do início dos estudos, foi o do dilema: trabalhar ou estudar. Encontrava-me em pleno trabalho na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, atuando como supervisor do PIBID na Escola Estadual Aníbal de Freitas, em Campinas/SP, onde ministrou a disciplina de Filosofia para o Ensino Médio. A disciplina *Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar II*, na Uniso, acontecia exatamente no mesmo dia do PIBID, às terças-feiras. Optei pela disciplina, pois os estudos, para mim, têm prioridade máxima, talvez por influência de meus pais, que sempre incentivaram seus filhos, e a eles próprios, que tivessem sempre um acesso maior ao conhecimento. Assim o dilema foi rapidamente sanado.

Um reencontro com minhas raízes foi a leitura do livro de Marcos Reigota, *Educação ambiental: utopia e práxis* (2008), no qual as narrativas das histórias de vida dos mestrandos em Desenvolvimento Sustentável na Universidade Federal do Amapá (UniFAP) são portadoras de sua vivência única, de venturas e desventuras na construção de si com sua original subjetividade. Foi instigante ler os relatos dos diversos autores, contando-nos suas trajetórias, contextos sociais e singulares vivenciados. Particularmente, foi, para mim, um retorno às minhas origens, minha infância na cidade de Macapá-AP. Ou seja, era inevitável não fazer uma (re)leitura do que vivenciei e de como esta vivência influenciou na minha construção como sujeito, e, como sujeito, me perceber na minha história.

Guardar lembranças, imagens, documentos que, no momento em que estavam sendo produzidos, não tinham a importância que ganharam com o transcorrer do tempo. Esse perceber da história que fazíamos e a dinâmica dos movimentos vão nos impelindo às próximas ações. Dessa forma, conservar documentos, rascunhos, foi e ainda é algo instintivo, ali há mais coisas do que um amontoado de palavras prontas a confundir dirigentes incautos, como fotos em álbum, tudo carrega uma história subjacente que, sem um sujeito, permanece oculta, esquecida, perdida.

## 7.6 O fio de Ariadne – Considerações Finais?

Durante o período de elaboração da tese, ao apresentar a evolução do trabalho aos colegas, no Grupo Perspectiva Ecologista de Educação, levei a proposta original que me conduziu à Uniso: pesquisar com as crianças dos acampamentos do MST as suas representações de mundo, narradas por meio de imagens.

Questões sobre como me aproximar do MST, como abordar as lideranças, os professores dos acampamentos, as crianças, se eu possuía uma vivência de movimento dentro do MST, qual era a relação entre o MST e Paulo Freire, as questões éticas que uma pesquisa desse porte envolve, como era a relação com a Escola Nacional Florestan Fernandes, como estava a relação entre a Igreja Católica e o MST, foram então colocadas.

Apresentei os trabalhos desenvolvidos na escola onde ministrei aulas de filosofia, como uma das possibilidades do que poderia ser trabalhado nos assentamentos.

A cada novo encontro com a classe, com o material que apresentava, a pesquisa ia tomando um rumo em direção ao que eu já trabalhava em sala de aula. As narrativas por meio de imagens e poesias estavam postas.

E ao ler Ginzburg ele conta que

Os gregos contam que Teseu recebeu de presente de Ariadne um fio. Com esse fio Teseu se orientou no labirinto, encontrou o Minotauro e o matou. Dos rastros que Teseu deixou ao vagar pelo labirinto, o mito não fala. O que une os capítulos deste livro, dedicados a temas muitos heterogêneos, é a relação entre o fio – o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade – e os rastros. (GINZBURG, 2007, p. 7).

Comecei a perceber as conexões entre os vários relatos, alguns aparentemente díspares, unidos pelo fio guia a me conduzir pelos labirintos do relatado, do vivido; percebo, ao escrever, que vou deixando os rastros do caminho feito ao caminhar. Ao iniciar com minha historicidade, percebi que a comparação dos conceitos que apresentei em 2017, no Encontro Nacional de Filosofia Clínica, ocorrido em Fortaleza/CE, sob o título de *Narrativa, bio:grafia e historicidade – dialogando com Marcos Reigota e Lúcio Packter*, estavam se explicitando cada vez mais. Dos meus (des)encontros com Paulo Freire ao exercício da alteridade com os estudantes e minha relação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, estavam todos naquela linha de Ariadne, com sua ponta inicial na região Norte do Brasil (Belém e Macapá). Ao retornar desse labirinto de realidade, acompanhando o fio estendido, pude (re)vivenciar todos aqueles momentos, e outros tantos que, como pedrinhas, se tornaram o mosaico chamado vida.

O doutorado, próximo passo após o mestrado, era algo desejado. Na graduação trabalhei com a leitura de mundo de Adoniran Barbosa, no mestrado com a psicologia transcendental de Farias Brito. Mas, para o doutorado, não havia algo que me houvesse motivado à pesquisa. Ao ministrar aulas no curso de Pedagogia, foi consenso entre os professores: adotar o livro *Pedagogia da autonomia* como leitura interdisciplinar. Rever Paulo Freire e expô-lo ao alunado me despertou para o exercício de alteridade que o método de alfabetização de Paulo Freire pede, exige do alfabetizador: ir ao mundo do outro, perceber e aprender a linguagem do outro. Eis aí o pensador a ser inquirido, investigado, digerido e antropofogizado. Paulo Freire está no nosso dia a dia, se assim o quisermos. No início desse ano, estava em uma reunião da Rádio Comunitária Noroeste FM, onde ouvi de Jerry de Oliveira, um militante pela democracia dos meios de comunicação, que o diferencial da Noroeste é que ela é voltada e conta com a participação da comunidade da Vila Boa Vista e região próxima, em Campinas. Ao comentar sobre essa característica freireana. Jerry me contou a seguinte história:

"Márcio, certo dia tava eu debatendo rádio comunitária na Faculdade de educação da Unicamp. E aí a gente tava dizendo o seguinte: nós não colocamos rádios comunitárias no ar para jornalista falar. Nós colocamos rádios no ar para que o povo fale. O açougueiro, o vigilante, a dona de casa, e por aí vai... E que o processo era o seguinte: criar novos atores. Que era você dizer o seguinte: aquele que ouve também pode falar e aquele que fala também tem que ouvir. Pronto! Tinha um velhinho, quase oitenta anos ali, esse velhinho tava louco pra falar. Tava ali na plateia como quem não quer nada. Aí ele levanta, pede a palavra. Pá! Paulo Freire! "Paulo Freire tinha medo da comunicação massiva porque aquele que falava, só falava. E, aquele que ouvia só ouvia. Faz falta, esse debate devia ter acontecido lá atrás... depois eu vi uma manchete no jornal que tinha morrido um grande educador, um grande pedagogo, tal, quando eu vejo era aquele velhinho, o nome dele: Rubem Alves.

Penso que Paulo Freire não se reproduz, se vivencia, se experimenta, se pratica. Por isso, essa dialética Vida-Tese-Vida.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, I. Educação no Brasil: história e historiografia. Rio de Janeiro **Anais...** Rio de Janeiro/Campinas: CBHE, 2000. Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/124\\_nilda\\_alves.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/124_nilda_alves.pdf)>. Acesso em: 11 jul. 2019

\_\_\_\_\_. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003. Rio de Janeiro: ANPed. 2003.

BARCHI, Rodrigo. Educação e meio ambiente entre a biopolítica e a biopotência. **REU - Revista de Estudos Universitários**, v. 37, n. 1, p. 167-179, 11.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas** – a infância. São Paulo: Planeta. 2003.

BASTOS, Paulo Nabarrete. MST e Escola Nacional Florestan Fernandes: formação, comunicação e socialização política. **Revista Intercom-RBCC**, São Paulo, p. 129-142, 2017

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*; tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. O pedagogo da esperança e da liberdade. In: **Paulo Freire Vive!** Hoje, dez anos depois... Publicação da Câmara dos Deputados, Gabinete do Deputado Federal Ivan Valente PSOL/SP. Brasília: Câmara Federal, 2007.

\_\_\_\_\_. A mística: parte da vida e da luta. **Revista Diálogos, propostas, histórias para uma Cidadania Mundial**, Dossiê Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. França: Ritimo, 2010.

BORGES, Jorge Luis. **Atlas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. Brasília: Inep, 2015

BRITO, Farias. **A verdade como regra das ações**. Brasília: Senado Federal, 2005.

\_\_\_\_\_. **O mundo interior**. Brasília: Senado Federal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A base física do espírito**. Brasília: Senado Federal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A finalidade do mundo – Tomo I**. Brasília: Senado Federal, 2012a.

\_\_\_\_\_. **A finalidade do mundo – Tomo II**. Brasília: Senado Federal, 2012b.

\_\_\_\_\_. **A finalidade do mundo – Tomo III**. Brasília: Senado Federal, 2012c.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas Newton Aquiles von Zuben, São Paulo: Editora Moraes, s/d.

CALDART, Roseli Salete. A Escola do Campo em Movimento. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n. 1, p. 60-81, jan./jun. 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAMARGO, Camila Moreno de. Habitação coletiva popular na área central de campinas (1980-2007): formas, usos e conflitos. **Oculum Ensaios**, Campinas, n. 7-8, 2008, p. 90-109, 2008.

CAMARGO, Maria Silvia; ISIDORO, Cristiana. **Mulher & Trabalho - 32 histórias**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CANAVARROS, Otávio. Considerações sobre a história: a construção historiográfica. **Revista Eletrônica Documento Monumento**, Cuiabá, v.11, n.1, p. 8-14, 2014.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome** (o dilema brasileiro: pão ou aço). 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CHALITA, Gabriel. **Vivendo a filosofia**. 2. ed. ampliada. São Paulo: Ática, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, MST, Unicef e UnB. **Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo – Compromissos e desafios**. (Documento). 1998.

CORRÊA, G.; PREVE, A. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. **REU - Revista de Estudos Universitários**, v. 37, n. 2, p. p. 181-202, 11.

CENTRO PASTORAL VERGUEIRO - CPV. **Catálogo do Trabalhador Rural**. São Paulo: CPV, 1988.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DUARTE, Rosina. Registro do olhar das crianças sem terra - entrevista com Leonardo Melgarejo. **Revista Sem Terra**, São Paulo, ano III, nº 10 jan/fev/mar 2000.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

ELLIOT, Elias. **Para haver amanhã**. Campinas: Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, 2000.

FRANCO, Dalva de Souza. A gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989 – 1991) e suas consequências. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3 (75), p. 103-121, set./dez. 2014

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Partir da infância – diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Lições de casa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora (org.). **Fazer escola conhecendo a vida**. Campinas, Papirus, 1986.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – O cotidiano do professor**. São Paulo: Paz & Terra, 1997.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da Solidariedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1983a.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983b.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FONTELES, Bené. **Ágora: Oca Tapera Terreiro – 32ª Bienal de São Paulo**. Catálogo Virtual. [Arquivo pessoal]. São Paulo, 2016

GALVÃO, Cecília. Narrativa em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

GINZBURG, Carlos. **O fio e os rastros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso e PEREIRA, Juliana Cristina. Os ambientes da imagem: pedagogia em foco. **Educação**. Porto Alegre: PUCRS, 2015.

HACK, Olga; SILVA, Márcio José Andrade da. **Filosofia Clínica e Cinema** – uma compreensão teórico e prática através dos filmes. Campinas: Lince, 2014.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2014.

INSTITUTO PICHON-RIVIÈRE DE SÃO PAULO. **O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOLLING, Edgar Jorge. **Proposta Pedagógica do MST para as Escolas de Assentamentos**. Documento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Maceió, 1991.

KRELLING, A. Quando a poesia de Manoel Barros e a fotografia se encontram: o olhar infantil sobre o ambiente. **REU - Revista de Estudos Universitários**, v. 39, n. 2, p. p. 463-479, 11.

LISBOA, Teresa Kleba. **A luta dos sem terra no oeste catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC e MST, 1988.

MACHADO, Carmem Silva. **Cotidiano escolar e arte: uma pedagogia do (des)encontro**. 2019. 287p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019.

MCNEE, Malcolm. Tradicionalidade, direitos humanos e sem-terridade: narrativas escritas e visuais no MST. **Caderno de Letras da UFF**, Niterói, p. 105-121, 2007.

MORENO, Elizandra. **Educação Popular: a presença de Paulo Freire na UNIMEP**. 2012. 123p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2012.

MOTA, Maria Eleusa. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e Escola Nacional Florestan Fernandes – ENFF**. Dissertação (Mestrado) – Universidade federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Informe sobre a exposição de fotos Sebastião Salgado ano 2000**. (Documento). 1998.

\_\_\_\_\_. **Revista Sem Terra**. Da educação infantil a universidade: A luta protagonizada pelos Sem Terra busca ressignificar a função social da educação. (edição especial em educação em formato PDF para o Coletivo de Educação, coordenação, escolas do MST), s/n., 2014,

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO (MR-8). In: FGV CPDOC, Alzira Alves de Abreu e Lícia Mascarenhas. Verbete. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-revolucionario-8-de-outubro-mr-8>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

NAVARRO, Matheu. Pornografia Impressa: uma análise dos catecismos de Carlos Zéfiro. **Anagrama**, São Paulo, ano 4, n. 3, p. 1-6, março-maio 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35521/38240>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

PACKTER, Lucio. *Cadernos*, Porto Alegre: Instituto Packter, 1998-2002.

\_\_\_\_\_. **A filosofia dialógica de Martin Buber e a Filosofia Clínica**. [mensagem ao grupo de estudos] recebida em 2017

PAGU . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Verbetes da Enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa451572/pagu>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

PATATIVA do Assaré. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Verbetes da Enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3743/patativa-do-assare>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

PODVAL, Maria Fernanda de Toledo R. Ética, esse remédio tão amargo. **Juízes Para a Democracia**, ano 10, n. 36, p. 3, dez. 2005 / fev. 2006.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar**. 2009. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

QUINO, [Joaquim Salvador Lavado]. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RAMOS, Andreia. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de reexistência ecologista com os cotidianos escolares**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

\_\_\_\_\_. A educação ambiental para além dela mesma. **Revista Ambiente e Educação**, v. 13, p. 11-22, Rio Grande: FURG, 2008.

\_\_\_\_\_. A contribuição pedagógica e política dos que vêm das margens. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 1-6, jan./abr. 2010.

\_\_\_\_\_. A devastação ecológica em cinzas do norte de Milton Hatoum. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 707-715, 2014.



SILVA, Márcio José Andrade da; OLIVATTI, Alice Elias Daniel; SANTOS, Fernando Assis dos. **Apropriação de espaços e a cultura escolar contemporânea – uma mirada sobre as ocupações escolares.** In: I Congresso Internacional de Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2016 Disponível em: <https://uniso.br/publicacoes/anais-internacional-de-educacao/anais-congresso-educacao-05-10.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SILVA, Roberta Maria Lobo. **A dialética do trabalho no MST: a construção da Escola Nacional Florestan Fernandes.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade federal Fluminense, Niterói, 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino. Outras formas de dizer: diálogos sobre pesquisa narrativa em/com Nilda Alvez. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 29, p. 61-72, 2012.

SPINK, Mary Jane Paris (Organizadora). **Prática discursiva e produção dos sentidos no cotidiano.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013 (publicação virtual).

SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (organizadoras). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014 (publicação virtual).

TIEPOLO, Elisiani Vitória. **Paulo Freire e a luta pela educação no MST.** Encontro NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII., Rio Grande do Sul, 2015.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire.** São Paulo: Loyola, 1979.

VITÓRIO, Cristiane dos Santos de Souza. **Adolescentes em cumprimento de liberdade assistida no cotidiano escolar.** 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

## Filmografia

LA REBELIÓN pingüina. Direção de Carlos Pronzato. Produção de Carlos Pronzato, 2006, 1 DVD (40 min).

ACABOU a paz, isto aqui vai virar o chile! Direção de Carlos Pronzato. Produção de Carlos Pronzato, 2014, 1 DVD (67 min).

A ESCOLA toma partido! Direção de Carlos Pronzato. Produção de Carlos Pronzato, 2016, 1 DVD (50 min).

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção Pedro Cezar. 2009, 1 DVD (81 min).

UMA BREVE historicidade – Derossy Araújo da Silva. Direção Márcio José Andrade da Silva. Produção Márcio José Andrade da Silva. Campinas, 2017 [documentário] 6’42’’

NÃO ME APRESSE. Direção Márcio José Andrade da Silva. Produção Márcio José Andrade da Silva. Campinas, 2020 [curta] 3'26''

### **Discografia**

DONA IVONE LARA. **Sorriso negro**. [Rio de Janeiro]: Warner, p.1982. 1 LP

EDNARDO. **O romance do pavão misterioso**. [Rio de Janeiro]: RCA, p.1974. 1 LP

FONSECA, Wilson. Não me apresse. **Projeto Uirapurú**. [Belém]: SeCult/PA, p.1995. Faixa 10. 1 CD.

LENNON, John; ONO, Yoko. Beautiful Boy (Darling Boy). **Double Fantasy**. [Nova Iorque]: Geffen Record, p.1980. Faixa 7. Disco de vinil.

### **Exposições**

OLHOS D'ALMA. Curadoria Márcio José Andrade da Silva. Local Escola Estadual Aníbal de Freitas. Campinas/SP, 2016

COMO VEJO MEU MUNDO. Curadoria: Márcio José Andrade da Silva, Mayumi Butturi e Daniel Cordeiro, Curadoria das Fotos Gabrielle Ferreira. Local: Escola Estadual Aníbal de Freitas. Campinas/SP, 2017

VISITANDO O MUNDO DO OUTRO – VOMDO. Curadoria: Gabrielle Ferreira. Local Escola Estadual Aníbal de Freitas. Campinas/SP, 2018.

FOTOPOÉTICA 3 EM 1. Curadoria Márcio José Andrade da Silva, Mayu Butturi, Daniel Cordeiro e Gabrielle Ferreira. Local CIS-Guanabara. Campinas/SP, 2018.

LAMA SEM ALMA BRUMADINHO. Curadoria Jal José Alberto Lovetro. Disponível em: <https://blog.hqmix.com.br/exposicao/exposicao-brumadinho-lama-sem-alma/>, 2019.

LAMA SEM ALMA BRUMADINHO. Curadoria: Márcio José Andrade da Silva e Débora Sabino. Locais: Escola Estadual Aníbal de Freitas, Biblioteca Pública Municipal Prof. Ernesto Manoel Zink", Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas/SP, 2019.

OLHO D'ÁGUA. Curadoria Louie Ferreira. Colaboradores: Luana Mantovani, Luana Mizuki, Samwell Wood. Local Escola Estadual Aníbal de Freitas. Campinas/SP, 2019.

QUADRINHOS DO PROJETO M.A.F.A.L.D.A. Curadoria: Laura Freitas, Márcio José Andrade da Silva e Luana Mizuki. Campinas/SP, 2019

### **Programa de Rádio**

PACKTER, Lúcio. Uma leitura em Levinas. **Conversa com Lúcio Packter**. [Programa de Rádio]. Criciúma: Radio Soma Maior Premium. 22 de janeiro de 2009.

## ANEXO

**NÃO ME APRESSE<sup>86</sup> #9**

(Márcio José Andrade da Silva)

Não,  
 Não me apresse.  
 Eu indo sei que vou chegar  
 Aonde quero ir.

Dentro  
 do prazo estabelecido  
 nas normas, regras e boa conduta;  
 Nevando, faça sol ou caindo  
 aquele baita temporal.

Eu digo não,  
 Não me apresse.  
 Eu indo sei que vou chegar  
 Aonde quero ir.

No prazo  
 que foi estabelecido nas normas,  
 regras e abenetês da vida;  
 Fazendo sol  
 ou caindo baita temporal.

Venho correndo  
 Tropeçando nas pernas,  
 tropeçando na lida,  
 tropeçando naquele velho amor.  
 Nesta corrida contra o tempo,  
 A gente até esquece o que é vida,  
 Esquece até o que é uma flor.

Venho correndo  
 Tropeçando nas pernas,  
 tropeçando nos livros,  
 tropeçando naquele velho autor.  
 Nesta corrida contra o tempo,  
 Quem não cita, se trumbica  
 Ou se defende e qualifica

E se depois de tudo isso  
 Que já narrei,  
 Se ainda quiseres me apressar,  
 Acabarei indo bem mais cedo,  
 Muito antes que imaginava,  
 Antes mesmo de apresentar o tececê.

E se depois de tudo isso  
 Que já narrei,  
 Se ainda quiseres me apressar,  
 Acabarei indo bem mais cedo,  
 Muito antes que imaginava,  
 Antes mesmo de nascer.

---

<sup>86</sup> Baseada na música homônima do maestro Wilson Fonseca (1912-2002).